

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Eder Rodrigues Proença

**PEDAGOGIA DO SUBTERRÂNEO:
NARRATIVAS TRANS, ÉTICAS, ESTÉTICAS E POLÍTICAS DOS E NOS
COTIDIANOS ESCOLARES**



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

**Sorocaba – SP
2017**

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Eder Rodrigues Proença

**PEDAGOGIA DO SUBTERRÂNEO:
NARRATIVAS TRANS, ÉTICAS, ESTÉTICAS E POLÍTICAS DOS E NOS
COTIDIANOS ESCOLARES**

**Sorocaba – SP
2017**

Eder Rodrigues Proença

**PEDAGOGIA DO SUBTERRÂNEO:
narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos
cotidianos escolares**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, da Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar.

Orientador: Prof. Doutor Marcos Antonio dos Santos Reigota.

Sorocaba – SP

2017

Ficha Catalográfica

P957p Proença, Eder Rodrigues.
Pedagogia do subterrâneo : narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares / Eder Rodrigues Proença. -- Sorocaba, 2017.
343f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Identidade de gênero na educação. 3. Igualdade na educação. 4. Prática de ensino. 5. Pedro Lemebel. I. Reigota, Marcos Antonio dos Santos, orient. II. Título. III. Narrativas trans, éticas, estéticas e políticas nos e dos cotidianos escolares. IV. Universidade de Sorocaba.

Eder Rodrigues Proença

**PEDAGOGIA DO SUBTERRÂNEO:
narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos
cotidianos escolares**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Educação no
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 13 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba

1º Exam. Prof. Dr. Lupicinio Iñiguez-Rueda
Universidad Autónoma de Barcelona

2º Exam. Prof. Dr. Murilo dos Santos Moscheta
Universidade Estadual de Maringá

3º Exam. Profª. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de Sorocaba

4º Exam. Profª. Dra. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Ao meu avô Tobias (em memória), que me permitia atrapalhá-lo no intuito de ajudá-lo e, pertinho do seu fim, me ensinou a ver o mato crescer, sem pressa e sem medo.

A minha avó Aparecida (em memória), que me chamava “doutorzinho” quando ao me levantar pela manhã, me “aprontava” rapidinho para ir à escola.

Ao Pedro e a Cleide que me deram a honra de tê-los como pais.

A minhas irmãs e irmãos que me presentearam com sobrinhos lindos. Amor incondicional e intensidades repartidas: sobrinhos netos Manu, Isa, João e em breve Laura, que me trazem alegria e diversão.

Aos cotidianos escolares, intensos em aprendizagens, sorrisos, abraços e descobertas.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão àqueles e àquelas que comigo estiveram nessas idas e vindas que resultou a construção desta tese:

Professor Marcos Reigota com seu olhar afetivo, que acreditou mais uma vez em mim, me acolheu e deu suporte para desenvolver o trabalho;

Professor Lupicinio Iñiguez-Rueda que me recebeu e me orientou em Barcelona e que me honra estando aqui, na Uniso, para a qualificação e defesa;

Professor Murilo Moscheta, que nos deixou em suspenso com sua apresentação no I Simpósio da Rede de Pesquisa em Narrativas, Gênero e Política, em Belo Horizonte/MG e que aceitou fazer parte da banca de defesa;

Querida professora Alda Romaguera por me incentivar a adentrar as poéticas dos cotidianos escolares e da vida, obrigado pelos afetos estéticos, pela força política e pedagógica, pelo carinho e olhar materno;

Professora Eliete Jussara Nogueira, por ter aceitado ser suplente na qualificação e fazer parte da banca de defesa;

Professor e companheiro de luta Rodrigo Barchi que me permitiu realizar o estágio de Ensino Superior em suas disciplinas e por ter contribuído com importantes reflexões na banca de qualificação;

Professora e amiga Marta Catunda, que com sua sensibilidade me encanta e faz querer ser pássaro, por ter aceitado ser suplente da banca;

Família, pai e mãe, Mar, Clau, Li e Edinho, irmãos amados, Andréia, cunhada mais querida, porque é a única, Flávio, Júlio e agora Hélio, cunhados do bem, todos os sobrinhos e sobrinhas que são quase meus filhos também, e agora as gostosuras dos sobrinhos-netos. Obrigado pelo apoio incondicional e por acreditar em mim, mais que eu mesmo. Agora vou poder estar mais presente! O amor, o respeito, a admiração e a confiança são recíprocos;

Bené Fonteles, o artista que me ajudou a reencontrar a essência do que eu sou. Seus afetos em oferecer material e inspiração, observar dados e atenção foram primordiais;

Amigos: Rafa Garcia, Dri Zorzenone, Cris Barduchi, Luzia e Osvaldo Zorzenone (pais postigos de Sorocaba), Andréia Oliveira (irmã nega), Amanda

Arruda (altas risadas), Paulinha Bianco (sensibilidade), Karen Pretel (cumplicidade profissional), Vivi Schubert (sonhos de escola), Elaine Perez (poesia e doçura), que de perto ou de longe estiveram torcendo e acreditando para que a pesquisa se tornasse reverberante para minha existência;

Pedro Gomes e Sílvia Lobo (Uruguai!), parceiros de cinemas, shows e teatros, além de muito bom papo e devaneios – muito bom tê-los comigo;

Colegas que foram chegando nessa trajetória de pesquisa e se tornaram amigos e incentivadores: Ariane Diniz, André Yang, Andréia Ramos, Soler Gonzalez, Cristiane Souza, Márcio Andrade, Venâncio, Laura de Aro.

Ritmos do Pensamento e Butecus, criação e fruição que reverberaram em produções, parcerias e vida: Kátia Regina Pereira, Carmem Machado, Leandro Jesus, Thereza Utsunomiya, Leonardo Santos, Mauro Tanaka, Verônica Hoffmann, Rosana Faustino, Ana Cristina Baladelli, Adriana Lima, Edson Elídio, Cinthia Pacheco. Por mais encontros na universidade e nos botecos!

Estagiárias, professoras, diretoras, estudantes e demais pessoas trans do Brasil, que enfrentam adversidades de todas as ordens para se manterem e existirem.

Professores da Espanha e Portugal – Teresa Cabruja, Conceição Nogueira, João Manuel de Oliveira, Gerard Coll-Planas, Lucas Platero, que compartilharam suas trajetórias, trabalhos e experiências;

Lindas amigas que dividiram suas vidas por alguns meses comigo em Barcelona, Silvania Rubert, Andressa Bortoti e Catiane Pelissari, saudades da casita da Llança, 27, bajos A.

Equipe do CEI 20 “Victória Salus Lara, no Bairro Árvore Grande, Sorocaba/SP, onde pude iniciar essa aventura de ser diretor de escola, em 2010, pelo acolhimento e abertura para ensinar e aprender em grupo – pá da alegria!

Educadores e educandos de cada uma das escolas que trabalhei, e principalmente à equipe da E.M. “Prof^a. Maria Domingas Tótora de Góes”, que desenvolve um belo trabalho e que diversas vezes, mesmo sem entender direito minhas intenções, abraçaram e contribuíram para que as propostas fossem levadas a cabo – muitas delas estão presentes neste trabalho;

Ex-alunos e equipes das E.E. “João Rodrigues Bueno” e E.E. “Profª. Rosemary de Mello Moreira Pereira”, onde aprendi muito junto, fiz bons amigos e que tenho orgulho de rever pelas andanças e descobrir que estão felizes e realizados nas escolhas realizadas;

Queridas Sandra Ferraz e Carminha Martins (gosto de vocês igual gosto do bolo de milho cremoso do Tauste), parceiras do cotidiano escolar, que me ouvem, me ouvem, me ouvem... e pelo apoio de sempre. Obrigado por poder contar sempre com a beleza de vocês em meu cotidiano;

Professora Jane Soares Almeida pelo carinho e pela atenção, sinto falta do seu abraço quando passo pelo corredor do PPGE/Uniso.

Ana Godoy, minha xamã, por me acompanhar na escrita desta tese, propondo exercícios de escrita e cuidando para que tudo caminhasse bem comigo;

Clenio Barbosa por me ajudar na feitura das caixas e na correria por concluir todo o material em tempo;

Camila Fontenele que com sensibilidade captou a ideia do trabalho e fez as fotos que abrem cada caderno;

Elisete Silva e suas filhas que me deram uma força com a revelação das fotos que compõem a tese e tantas outras fotos;

Fátima costureira que confeccionou as sacolas para a OcaCaixaTese;

Maria Luisa Laiate, amiga e sempre estimada, que cuida mesmo de longe e prepara meus abstracts;

Fabiana Sampaio, por me ajudar a despertar para o que sou e lidar com os meus fantasmas;

Capes, pelas bolsas recebidas – Prosuc/Capes e a Bolsa do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior/Capes (BEX 2661/15-2).

Dicen

Francisco, El Hombre

Dicen que el rey ya no debe reinar
¿Debe reinar o no debe reinar?
Dicen que el tiempo no puede olvidar
¿Puede olvidar o no puede olvidar?
Dicen que el tiempo no puede curar
¿Puede curar o no puede curar?

Dicen que el hombre no debe llorar
¿Debe llorar o no debe llorar?
Dicen que sangre se debe secar
¿Debe secar o no debe secar?

Viene bailando la horda de milicos, quieren que
todos se porten bonitos
Caminen igual y vistanse igual
Y aqui les enseñan a ser normal
Dicen que el hombre se debe callar
Pero aqui les decimos que deben gritar!

Basta, llegó nuestra vez de hablar
Porque las manos en el bolsillo no se van a
quedar
Entonces sin perdonarlos, huevón!
Ni olvidarlos, huevón!
Que así las cosas no se van a quedar!

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o conceito de pedagogia do subterrâneo, criado a partir das leituras realizadas ao longo da trajetória de pesquisa e das vivências nos e dos cotidianos escolares. O recurso metodológico construído foi o das narrativas trans, a partir das conversas no cotidiano e do uso das narrativas, cujas bases teóricas são Peter Spink, Marcos Reigota, Luciana Kind, Rosineide Cordeiro, entre outros. A reflexão sobre o panorama político atual; o diálogo com jovens pesquisadores, interlocutores do grupo de pesquisa Perspectiva Ecológica em Educação, da Universidade de Sorocaba; o ativismo de Bené Fonteles e o radicalismo da produção literária do autor chileno Pedro Lemebel, são atravessados pelas idas e vindas do pesquisador, no Brasil no exterior, e foram fundamentais para a discussão e o embasamento do conceito. Finalmente, apresenta-se um conjunto de trajetórias e narrativas trans que apontam a pedagogia do subterrâneo acontecendo no cotidiano escolar. Tal pedagogia não se conforma às macropolíticas, ela acontece nas relações cotidianas mais imediatas, considerando os sujeitos e suas diferenças.

Palavras-Chave: Pedagogia do Subterrâneo. Pedro Lemebel. Cotidiano Escolar. Narrativas Trans. Atravessamentos.

ABSTRACT

UNDERNEATH PEDAGOGY: crossing, ethical, aesthetic and political narratives from the and in the school life everyday

This thesis aims to present the concept of underneath pedagogy formulated of the readings done throughout the research trajectory and the experiences in the and of the school life everyday. The methodological approach developed in this research has been the crossing narratives from the daily talks and from the use of the narratives, whose theoretical bases are Peter Spink, Marcos Reigota, Luciana Kind, Rosineide Cordeiro, among others. The reflection on the current political landscape; the dialogue with young researchers, interlocutors of the Ecological Approach to Education Research Group of the University of Sorocaba (Sorocaba, state of São Paulo, Brazil); the activism of Bené Fonteles and the radicalism of the literary production of the Chilean author Pedro Lemebel are crossed by the comings and goings of the researcher of this thesis in Brazil and abroad, were fundamental for the discussion and the basis of the concept. Finally, it has been present a set of trajectories and crossing narratives that points to the underneath pedagogy happening in school life everyday. Such pedagogy does not submit to the macro-politics, it happens in the most immediate daily relationships, considering the subjects and their differences.

Key-words: Underneath Pedagogy. Pedro Lemebel. School Life Everyday. Crossing Narratives. Crossing.

MANUAL DE INSTRUÇÕES



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Conteúdo do Agora: OcaCaixaTese

- 1 sacola para as idas e vindas;
- 1 caixa aglutinadora;
- 1 CD com músicas para ativar o pensamento;
- 30 fotos com diversas facetas;
- 1 caleidoscópio, que pode ser usado de acordo com a sua criatividade; com ou sem o compartimento na base, abuse dele para olhar o mundo por outras perspectivas;
- 11 cadernos, a saber:
 1. Introdução: atravessamentos para adiar o fim do mundo.
 2. Esboço de uma bio:grafia ou “eu não nasci pra ser muro em branco não”.
 3. Narrativas trans: das margens ao subterrâneo e vice-versa. Considerações Metodológicas.
 4. Miradas de uma viagem: experiências transnacionais.
 5. Outras viagens: idas e vindas do pesquisador no cotidiano.
 6. Pedro Lemebel: uma leitura das margens.
 7. Diálogos atravessadores I: do panorama político brasileiro às perspectivas marginais.
 8. Diálogos atravessadores II: estéticas e poéticas outras para alargar as margens e fazer emergir os subterrâneos.
 9. Narrativas trans: pedagogia do subterrâneo dos e nos cotidianos escolares.
 10. Considerações finais.
 11. Referências.

Instruções de uso

Abra a caixa e explore a vontade!

Indicações

Indicado para todos aqueles e aquelas que não têm medo de ousar, de pensar nas questões contemporâneas e inventar saídas micropolíticas que se inscrevem em nossos cotidianos escolares.

Contra indicações

Não aconselhável para os canônicos demais. Pode ter implicações cardíacas.

Observação

Prezado leitor, infelizmente esta versão eletrônica perde as características descritas acima para atender as normas Capes e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso.

Boas afetações!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: atravessamentos para adiar o fim do mundo	17
Agora: OcaCaixaTese como reverberação da Ágora: OcaTaperaterreiro	20
Exercícios para a escrita	23
Imagens como força do conceito	26
Um caleidoscópio como exercício para transver o mundo	29
2 ESBOÇO DE UMA BIO:GRAFIA ou “eu não nasci pra ser muro em branco não”	32
Uma pedra que teima em rolar	33
Notas de um diretor	37
Pesquisar no cotidiano escolar: ver e ouvir o que está nas margens	43
3 NARRATIVAS TRANS: das margens ao subterrâneo e vice-versa. Considerações Metodológicas	47
Construir pesquisa no cotidiano	48
Conversas no cotidiano	50
Diário de bordo como parceiro de pesquisa	53
Narrativas dos/nos cotidianos	55
Aproximação com a literatura: a força de uma escrita que vem das margens	59
Narrativas trans	61
4 MIRADAS DE UMA VIAGEM: experiências transnacionais	63
Antes de partir	64
Sobre cartas, registros e o olhar viajante	65
Barcelona à vista: primeiros deslocamentos	66
“La bestia y el soberano” – o Museu de Arte Contemporânea	68
2015 como uma possibilidade	70
Caminhos e descaminhos	72
Conceição, política, feminismo e educação	74
Teresa, uma questão de gênero	81
João Manuel, teoria <i>queer</i> , arte e subversão	85

5 OUTRAS VIAGENS: idas e vindas do pesquisador no cotidiano	91
Latitude 19° 48' 57" S – Longitude 43° 57' 15" O	94
Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política	94
Um panorama geral da programação do Simpósio	96
A apresentação do trabalho, reverberações no grupo híbrido	98
Inhotim – a experiência no jardim-museu	100
A poesia	102
A viagem de volta	102
Latitude 08° 03' 15" S – Longitude 34° 52' 53" O	105
As escolhas ou minhas apostas no Colóquio	106
Panorama do Colóquio	108
Cine-Debate – documentário <i>“Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”</i>	109
Inquietações provocadas pelos trabalhos apresentados	110
Apresentação e reverberações no grupo Masculinidades, Educação e Trabalho	114
Algumas considerações da viagem	117
Latitude 29° 55' 23" S – Longitude 46° 23' 15" O	119
Bené Fonteles	119
Latitude 23° 32' 56" S – Longitude 46° 38' 20" O	124
Um mergulho na infância em Riversul	127
(Des)caminhos de pedra	128
Latitude 23° 30' 22" S – Longitude 47° 27' 21" O	130
6 PEDRO LEMEBEL: uma leitura das margens	139
Um encontro com Pedro	140
Lemebel, uma bio:grafia	143
Las Yeguas del Apocalipsis	149
El Cancionero: crônicas radiais	153
Lemebel, um coquetel molotov ou como desmontar o poder da mídia televisiva	156
Pedro Lemebel, uma voz, um corpo, um manifesto	158
Lemebel, um caleidoscópio dos subterrâneos	163
La Loca del Frente	168
Lemebel e as margens	174
Um breve diálogo entre Pedro Lemebel e a construção da pedagogia do subterrâneo	177
7 DIÁLOGOS ATRAVESSADORES I: do panorama político brasileiro às perspectivas marginais	184
Milton Hatoum e a barbárie anunciada	187

O contexto neoliberal	190
As novas direitas	193
Repensar a esquerda	195
Movimentos outros: ocupações pelos secundaristas e um novo jeito de conceber política	199
Criolo e as vozes da favela	202
Encontros com os quatro cavaleiros: diálogos marginais	206
Primeiro encontro: Rodrigo Barchi, minoridades e resistência	208
Segundo encontro: Murilo Moscheta, compromisso ético e político entramas que tecem amanhã	211
Terceiro encontro: Eduardo Silveira, um corpo múltiplo	215
Quarto encontro: Thiago Ranniery, <i>queerizar</i> o currículo e <i>dar pinta</i> no cotidiano escolar	218

8 DIÁLOGOS ATRAVESSADORES II: estéticas e poéticas

outras para alargar as margens e fazer emergir os

subterrâneos 223

O evangelho segundo Jesus, rainha do céu	225
Performances políticas na Parada LGBT: denúncia da violência dos que vêm das margens	228
Reverberações da peça, lembranças de vivências religiosas em RiversuL/SP	229
Agreste	230
Bispo	236
Mulheres trans na música, literatura e internet	239

9 NARRATIVAS TRANS: pedagogia do subterrâneo dos

e nos cotidianos escolares 246

A diretora eleita na rede estadual do Paraná	248
Uma estagiária chega à escola	251
A professora na periferia de São Paulo	255
Narrativas subterrâneas do cotidiano escolar	258
A gincana e a lição de Ciências	259
Os passarinhos	262
Para que servem as filas?	264
Problematizar as identidades	265
O quintal de nossa escola é maior do que o mundo	266
Está chovendo histórias	268
Produção de aromas infantis	270
Escola não é prisão!	271

O melhor momento do dia é a aula de geografia!	273
Mulheres da e na educação	274
As abelhinhas	276
Reigota e as crianças	278
Um banquete de imagens	279
Os cinco sentidos como maravilhas do mundo	281
Uma aventura por São Paulo com os estudantes da EJA	282
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	284
Por uma pedagogia do subterrâneo	285
REFERÊNCIAS	295
APÊNDICE A: imagens das idas e vindas da trajetória de pesquisa e do pesquisador	312
Imagem 01. Escola não é prisão	313
Imagem 02. Pedro Lemebel e Marcos Reigota	314
Imagem 03. Cotidiano de um diretor de escola	315
Imagem 04. Nero	316
Imagem 05. Museu de Arte Contemporânea de Barcelona – Espanha	317
Imagem 06. Com o professor João Manuel de Oliveira	318
Imagem 07. Projeto “O quintal de nossa escola é maior do que o mundo I”	319
Imagem 08. Projeto “O quintal de nossa escola é maior do que o mundo II”	320
Imagem 09. Instituto Inhotim I	321
Imagem 10. Instituto Inhotim II	322
Imagem 11. Instituto Inhotim III	323
Imagem 12. Ritmos de Pensamento na 32ª Bienal de São Paulo	324
Imagem 13. Professor Lupicínio Iñiguez-Rueda no I Congresso Internacional de Educação da Uniso	325
Imagem 14. Sessão de conversa Minoridades no cotidiano escolar: experiências transnacionais no I Congresso Internacional de Educação da Uniso	326
Imagem 15. Coruja pelo caminho	327
Imagem 16. Rodrigo Barchi	328
Imagem 17. Marcos Reigota, Bené Fonteles e Leandro Belinaso Guimarães	329
Imagem 18. Um olhar de criança no Quilombo Cafundó – Salto de	

Pirapora	330
Imagem 19. Cartaz da banda argentina Boom Boom Kid	331
Imagem 20. Experimentações caleidoscópicas	332
Imagem 21. Linn da Quebrada na revista Vogue Brasil	333
Imagem 22. Projeto “Parque da Paz”	334
ANEXO A: outras imagens	335
Imagem 01. Pedro Lemebel Manifesto <i>Hablo por mi diferencia</i>	336
Imagem 02. Pedro Lemebel em São Paulo	337
Imagem 03. <i>Las Yeguas del Apocalipsis</i>	338
Imagem 04. OcaTaperaterreiro	339
Imagem 05. Bené Fonteles na OcaTaperaterreiro	340
Imagem 06. Professora Laysa Carolina	341
Imagem 07. Professora Herbe de Souza	342
Imagem 08. Estagiária Giuliana Iuliano	343

1 INTRODUÇÃO: atravessamentos para adiar o fim do mundo



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Na obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), Eduardo Viveiros de Castro, ao escrever o prefácio, nos antecipa sobre a preciosidade da escrita conjunta do xamã yanomami e do antropólogo francês, e chama atenção para o que ali se anuncia, a partir do olhar de um representante dos povos das florestas. Escreve:

A queda do céu é um acontecimento científico incontestável, que levará, suspeito, alguns anos para ser devidamente assimilado pela comunidade antropológica. Mas espero que todos os seus leitores saibam identificar de imediato o acontecimento político e espiritual muito mais amplo, e de muito mais grave significação, que ele representa (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 15).

A escrita de Viveiros de Castro me afetou de uma tal maneira que necessitava compartilhar aqui, pois se conecta com a proposta desta tese que, longe de ter a pretensão de ser uma obra como *A queda do céu*, apresenta a necessidade política e também pedagógica de levar a sério e ouvir o cotidiano escolar e suas complexidades. A escola pulsa e aponta horizontes para que o seu desmonte não seja levado a cabo.

Segundo Viveiros de Castro, com o livro,

[...] aprendemos algo de essencial sobre o estatuto ontológico e 'antropológico' dessa maioria¹ – são espectros canibais que esqueceram suas origens e sua cultura –, onde ela vive – em altas e cintilantes casas de pedra amontoadas sobre um chão nu e estéril, em uma terra fria e chuvosa sob um céu em chamas –, e com o que ela sonha, assombrada por um desejo sem limites – sonha com suas mercadorias venenosas e suas vãs palavras traçadas em peles de papel (p. 12-13).

Ora, o quanto a escola está preocupada em desfazer essas construções tão apregoadas em nossa cultura consumista por esse mercado que engole a tudo e a todos? Vejo que o cotidiano escolar pode muito mais do que apenas aquilo que ditam os currículos prescritivos pelos órgãos oficiais de educação.

Enquanto lia o prefácio do livro, relembrava um dos seus mitos, lido anteriormente por sugestão de Ana Godoy, *O ouro caniba*² (KOPENAWA; ALBERT,

¹ Brancos "napë", como chama Davi Kopenawa.

² No mito, Kopenawa relata como a exploração das riquezas minerais da terra, tiradas à exaustão pelos brancos, para a produção de milhares de produtos, energia, armas, pensando apenas em sua gananciosa necessidade de enriquecimento, está, ao mesmo tempo, produzindo a destruição das

2015, p. 356), e *flashes* de minha infância, na zona rural de Riversul/SP, passavam pela memória – o rio onde a gente se refrescava, como será que está hoje? As árvores que nos davam frutas e a possibilidade de brincar de tudo o que podíamos imaginar. Os cheiros, os chás, a espiritualidade que já não encontro por aqui.

Pois passamos tempo demais com o espírito voltado para nós mesmos, embrutecidos pelos mesmos velhos sonhos de cobiça e conquista e império vindos nas caravelas, com a cabeça cada vez mais “cheia de esquecimento”, imersa em um tenebroso vazio existencial, só de raro em raro iluminado, ao longo de nossa pouca luminosa história, por lampejos de lucidez política e poética (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 15).

Meu desejo é de que esta tese seja um pequeno lampejo de lucidez política e poética para os leitores e que possa lançar luz sobre os cotidianos, em específico, os cotidianos escolares. Que possa nos trazer alguma inspiração, ou melhor, apontar alguns possíveis caminhos para nossas práticas pedagógicas nos cotidianos escolares, cuidando para que nossos sonhos sejam para além de nós mesmos, provocando uma inversão ao que diz Kopenawa (2015, p. 390), “os brancos não sonham tão longe como nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos”. É preciso sonhar além de nós mesmos, para assim adiar o fim do mundo, o fim da escola, o fim da possibilidade de aprender ao conviver com o outro, aprender com e nas diferenças.

Seguindo esta força que transcende os conhecimentos acadêmicos, organizei esse trabalho como uma OcaCaixaTese, fazendo alusão à exposição elaborada por Bené Fonteles.

condições de vida na terra, ou seja, está se autodestruindo, sem se dar conta disso. As epidemias, causadas pela fumaça dessa exploração desenfreada irá provocar a morte de tudo, dos entes protetores das florestas e dos povos da floresta, das árvores, dos animais, e, no final, nem os brancos sairão ilesos. “Escavando tanto, os brancos vão acabar até arrancando as raízes do céu, que também são sustentadas pelo metal de Omama. Então ele vai se romper novamente e seremos aniquilados até o último” (KOPENAWA, 2015, p. 361).

Agora: OcaCaixaTese como reverberação da Agora: OcaTaperaTerreiro

O contato com o artista Bené Fonteles, a partir de outubro de 2016, na 32ª Bienal de Arte de São Paulo – que tive o privilégio de visitar em três diferentes ocasiões –, contribuiu para pensar esta composição que lhes apresento: uma OcaCaixaTese.

Se para Fonteles a OcaTaperaTerreiro era um espaço para os visitantes e seus convidados especiais entrarem em conexão com a dimensão atemporal, transcendendo sensorial e poeticamente, em comunhão com todos os sentidos, a OcaCaixaTese quer convidar professores³ e outros profissionais da educação para adentrar no seu próprio cotidiano escolar e ativar os sentidos para ações que se passam entre uma aula e outra, nos intervalos, nas festas, nas reuniões pedagógicas e explorá-las como ricas possibilidades de construir outros sentidos, outros currículos – que alargam os oficiais – que contribuam para que conhecimentos mais significativos atravessem a formação dos estudantes .

Assim como na OcaTaperaTerreiro, em que Bené Fonteles apresentava seu mundo, ou parte dele – cada cerâmica, imagem, fotografia, livro, obra de arte e instalação, estava ali para dar conta de uma proposta, para que quem adentrasse pudesse pensar as justaposições de ideias e contradições que transcendem conceitos, materiais, artes e, enfim, a existência – o arcaico e o contemporâneo, a tecnologia e a vida sustentável, o erudito e o popular, “privilegiando o ecumenismo poético, ecletismo estético e sincretismos simbólicos, nada na contracorrente da intolerância religiosa que afronta e desune” (FONTELES, 2016a, p. 2); também apresento a OcaCaixaTese como uma composição de materiais que adentraram no espaço dessa escrita de acordo com os afetos que reverberaram em mim e que podem provocar e reverberar cada leitor.

³ Faço a opção por manter as palavras no plural apenas no masculino, respeitando a norma da Língua Portuguesa, sem, contudo, deixar de contemplar o feminino e sua força para a educação e para a constituição histórica, política e social. Tal opção se baseia no respeito àqueles que uma letra “x” colocada para borrar o gênero, pode borrar sua leitura e compreensão. Acredito que as possibilidades de problematizar as questões de gênero podem ser mais significativas que apenas adotando essas alternativas na escrita.

Ou seja, uma junção de objetos, músicas, imagens e textos compõem os fragmentos de minhas idas e vindas, deslocamentos pelos lugares, por pensamentos e produções que pude experimentar nesses últimos anos e que me auxiliam numa possível compreensão do que venho chamando de pedagogia do subterrâneo.

É importante que o leitor saiba o lugar da minha escrita: sou diretor de uma escola pública municipal, na cidade de Sorocaba/SP. Essa escola conta, neste ano de 2017, com cerca de 750 estudantes, na faixa etária que vai dos 3 aos 11 anos, ou seja, atendemos a Educação Infantil – Pré I e II, e o Ensino Fundamental I – 1º ao 5º ano; são 28 turmas, distribuídas nos períodos da manhã e da tarde.

É importante, ainda, evidenciar que o leitor encontrará, ao longo dos blocos de textos, fragmentos da minha trajetória, iniciada no Bairro dos Bernardos, município de Riversul/SP, e que vem desde então movimentando-se incessantemente pelos cotidianos escolares e outros espaços, em busca de novas aprendizagens e da ampliação da rede de conhecimentos. Esses fragmentos, chamados por Reigota e Prado (2008) de bio:grafias, podem ser entendidos como registros da existência e experiência singular como cidadão local e global, dotado de potencial político, pedagógico e mais uma variedade de características (relações profissionais, éticas e estéticas no cotidiano) que não são do âmbito da história pessoal apenas, pois, uma vez expostos no espaço público, ganham significado e pertinência ao buscar a efetivação de uma cidadania ampliada e o trabalho de aprofundamento teórico e metodológico que ressignifique as práticas pedagógicas nos e dos cotidianos escolares.

A OcaCaixaTese contém:

Uma caixa aglutinadora de objetos, ideias, atravessamentos, sons e imagens;

Um CD com músicas para ativar o pensamento, as letras abrem cada um dos cadernos ou se encontram em diálogo nos textos – busquei referências musicais que fazem parte do meu repertório e outras que me chegaram pelas leituras e/ou indicação de amigos;

Trinta fotos com diferentes facetas que podem ser observadas entre uma leitura e outra ou acompanhando leituras, a partir de suas necessidades;

Um caleidoscópio confeccionado para o leitor brincar, criando outras imagens para a tese e para si mesmo e, finalmente;

Onze cadernos que contemplam a escrita da tese, a saber: *Introdução: atravessamentos para adiar o fim do mundo* – que se encontra em suas mãos e traz algumas pistas da tese. *Esboço de uma bio:grafia ou “eu não nasci pra ser muro em branco não”* – onde reúno o texto manifesto *Uma pedra que teima em rolar*, uma bio:grafia sintetizada, feita para denunciar os desmandos de uma educação que não ousa pensar além, e outros textos resultado de minhas reflexões como diretor de escola. *Narrativas trans: das margens ao subterrâneo e vice-versa. Considerações metodológicas* – onde apresento os referenciais teóricos que busquei para poder responder aos meus anseios de pesquisa. Como integrante da Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar, busquei nas conversas do cotidiano (SPINK, 2008) elementos para compor narrativas (REIGOTA, 1999, 2013, 2016; KIND, CORDEIRO, 2016; SPINK, 2014) dos e nos cotidianos escolares atravessados pela pedagogia do subterrâneo e sua força mobilizadora. *Miradas de uma viagem: experiências transnacionais* reúne os relatos da experiência do estágio de doutorado realizado entre abril e setembro de 2015, na Universidad Autònoma de Barcelona, Espanha. Os movimentos realizados, desde a chegada em um lugar que não reconhecia como meu, os caminhos pela cidade e outros países e os encontros possibilitados pelo professor Lupicinio Iñiguez-Rueda, tiveram fortes influências na composição do trabalho. *Outras viagens: idas e vindas do pesquisador no cotidiano* – é composto por um conjunto de deslocamentos por congressos, visitas à exposições, vivências artísticas e encontros afetivos, nos quais pude recolher materiais significativos para a pesquisa e, ainda, aglutinar contribuições, conceitos e outros olhares para os campos de meu interesse como a escola, as práticas pedagógicas, as sexualidades, as questões de gênero e as singularidades das narrativas na pesquisa acadêmica. *Já Pedro Lemebel: uma leitura das margens* aponta o mergulho que realizei na vida e em algumas produções desse escritor chileno que possibilitou a elaboração do conceito de pedagogia do subterrâneo. Longe de esgotar as possibilidades dessa força que se mostra Lemebel, trouxe um olhar recortado para minhas urgências momentâneas. Em *Diálogos atravessadores I: do panorama político brasileiro às perspectivas marginais*, proponho pensar os rumos políticos do país e as

alternativas que podemos vislumbrar para alterar esse estágio de barbárie que enfrentamos. Convido para a interlocução autores como Alvaro Bianchi, Ruy Braga, Ruy Fausto, Peter Pál Pelbart, entre outros, e também jovens pesquisadores como Moscheta (2011), Silveira (2014), Barchi (2016), Ranniery (2016), que se encontram nos cotidianos de universidades e do Instituto Federal de Educação e que propõem alternativas radicais, marginais e criativas para enfrentar o contemporâneo, resistindo com ética, poética e politicamente. *Diálogos atravessadores II: estéticas e poéticas outras para alargar as margens e fazer emergir os subterrâneos* apresenta aproximações realizadas com produções teatrais, musicais e literárias que favorecem outras compreensões e outros olhares para a complexidade da vida e dos cotidianos. Convidam-nos a pensar de forma singular o corpo, a sexualidade, as relações, os arranjos da vida e, assim, a atuar também respeitando essas singularidades e diferenças no campo profissional e social. *Narrativas trans: pedagogia do subterrâneo nos e dos cotidianos escolares* é composto pelas trajetórias de duas professoras e de uma estagiária trans que, a partir de suas presenças nos cotidianos escolares, escreveram ou escrevem histórias de luta e resistência contra os poderes normativos. Na sequência, trago quinze *Narrativas subterrâneas do cotidiano escolar*, que evidenciam como a pedagogia do subterrâneo povoa o cotidiano escolar e requer nosso compromisso ético, estético e político para com a educação. Por fim, em *Considerações: por uma pedagogia do subterrâneo*, trago algumas reflexões elaboradas a partir dos diálogos atravessadores e das narrativas trans, apresentando, enfim, o conceito de pedagogia do subterrâneo, sem contudo esgotá-lo. No último caderno, intitulado *Referências*, reuni todas as referências presentes nos demais cadernos, atendendo as normas acadêmicas que as consideram elemento pós-textual de um volume.

Exercícios para a escrita

Assim como um atleta treina à exaustão antes da prova para alcançar o melhor resultado possível, e um cantor faz anos seguidos de aulas para o empostamento da voz, de maneira a aproveitar o máximo da sua ressonância corporal, sem causar problemas futuros, um pesquisador prestes a escrever sobre

sua pesquisa também necessita exercitar-se para, com a escrita, abrir caminho, sem se perder em meio ao leque de possibilidades que surgem no campo do trabalho, cuidando para que o leitor tenha uma experiência rica e prazerosa, e igualmente não se perca pelos caminhos do texto.

Para tanto, venho realizando, desde meados de 2016, uma série de ações sugeridas por Ana Godoy, e que têm sido ricos experimentos para provocar minha abertura aos atravessamentos cotidianos e à sua descrição de maneira intensa e poética, e que expresse minha relação com o entorno.

Já fazia parte das minhas atividades cotidianas caminhar com o meu cachorro, o Nero, que no momento tem três anos, porém, algumas observações feitas pela Ana bastaram para essas caminhadas diárias ganharem outro sentido. Se antes saía com ele pelas ruas próximas da minha casa, para que ele pudesse gastar energia – pois é de grande porte e ficar confinado o dia todo ao espaço do quintal não é a melhor opção para ele –, agora, o prazer das caminhadas tem outro sabor, tanto que, se algum dia, por algum motivo, eu não consiga ir, nós dois sentimos falta. Esse é um momento em que eu presto mais atenção aos movimentos, tanto dele, Nero, como também de todas as outras coisas que se passam a nossa volta.

Caminhando, passei a ser mais atento às fases da Lua, e como ela se apresenta para nós, a cada noite, assim como também fiquei mais atento às nuances do céu, das nuvens e ao espetacular pôr do Sol a cada tarde.

Em cada caminhada/passeio, registro na memória situações bastante sutis, como a coreografia das folhas que se atiram das árvores quando estamos passando e traçam um balé com a ajuda do vento, até deitarem-se no mato, no meio do caminho ou no riacho que corre com um sopro de vida, apesar da poluição que o afeta. Outro dia, flagrei uma coruja atacando um gavião para defender a sua prole. Assim como também posso contemplar uma família de corujas buraqueiras, são cinco ao todo, no barranco do campo de futebol, onde a gente passa quase sempre. Ali eu gosto de parar e perco um tempo olhando-as nos olharem, elas devem pensar: “qual é a desse cara com esse cachorro de olho na gente?” Divirto-me ao vê-las girando o pescoço e dividirem, às vezes até três delas, o mesmo galho fino de uma árvore desfolhada.

Nos meses de julho e agosto, ainda nas margens do riacho, as andorinhas dão voos rasantes, exibindo seus movimentos precisos ao desviarem de transeuntes, árvores e outras andorinhas que encontram pela frente.

Vejo pessoas de todos os tipos. Algumas também com seus bichos de estimação. Outras apressadas. Algumas me cumprimentam. E outras passam compenetradas em seus pensamentos ou manuseando seus telefones portáteis, e eu tento adivinhar o que lhes passa. Há as que ficam com medo do Nero, e muitas vezes eu tento tranquilizá-las dizendo que ele não morde, “mas o tamanho assusta!”, é a resposta que ouço.

Gosto de observar as árvores, a época em que abrem em floradas impressionantes. Hoje mesmo namorei um ipê branco que mais parecia uma noiva prestes a casar. Gosto de pensar qual é a história delas. Será que alguém as plantou ou são como a grande maioria das exóticas invasoras que atrapalham outras de crescerem? Quantos anos têm as paineiras gigantes que cruzo pelo caminho? Quantas histórias já presenciaram naquelas redondezas?

Há duas nascentes por onde passo, numa delas, o Nero entra, às vezes, mais por força do hábito que sede, na outra, que é maior e mais funda, ele tem medo e há vários peixes, mas eles somem durante um tempo. Acredito que os vizinhos os levam para a panela.

Nessas caminhadas, também acontecem histórias que me chateiam, como no domingo em que, passando pelo canteiro central da avenida do bairro, um pai, que estava no supermercado com a filha pequena, também para no mesmo canteiro para entregar algum chocolate que ela insistia em lhe pedir. Enquanto eu me aproximava, ele entregou para a pequena o doce e deixou cair, como se não fosse nada, a embalagem. Como já estava bem próximo e vendo que ele não iria recolher o lixo, eu gentilmente abaixei, peguei o plástico e disse, em tom amigável “é bom jogar o lixo no lixo”. O senhor ficou incomodado e me lançou uma série de insultos. Após ter me afastado, ao olhar para trás, lá estava ele, me chamando para tirar satisfação. Voltei-me para frente e tratei de ir logo para a casa.

Também fui estimulado pela Ana a prestar mais atenção nos lugares para onde a escrita me levava, assim como as leituras. Parei de cobrar de mim mesmo leituras que respondessem às questões e inquietudes que iam me surgindo e passei

a fazê-las de maneira mais solta, deixando que o texto me falasse aquilo que era essencial. Obviamente que algumas leituras foram mais intensas e demoradas e exigiram novas leituras e outras pesquisas. Mas a leveza de não se cobrar à exaustão trouxe mais qualidade para a compreensão e o uso dessas leituras, bem como reverberaram na escrita.

Outra prática que experimentei nesse tempo foi o desafio de fazer aulas de circo. Apesar de já praticar musculação há um bom tempo e o corpo, de certa forma, estar bastante treinado e acostumado com tais atividades, o esforço numa atividade nova parecia ser importante para sentir o corpo, treinar a respiração e, quem sabe, ver o mundo de outro ângulo, oportunizando novos sentidos. Foi um período de desafio e diversão, mas também de esforço e dores fortíssimas nos braços, pois eu sempre ia além dos meus limites. No fim, acabei optando, nesse momento, por ficar com a musculação e as boas caminhadas com o Nero. Preciso trabalhar mais meu inconsciente no sentido de que não preciso ser o melhor em tudo o faço.

Essas experiências de voltar a atenção para o meu entorno, de pensar o que de mais importante me acontece a cada dia, ouvir os sons, sentir os cheiros, olhar para o que se passa com o Nero e comigo mesmo, foram importantes para a composição dessa tese e foi possível pelo cuidadoso trabalho de Ana Godoy.

Imagens como força do conceito

A ideia de acrescentar imagens no trabalho foi ativada pela sugestão do orientador Marcos Reigota, quando lhe apresentei o texto sobre a viagem para Belo Horizonte/MG, em setembro de 2016, para participar do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política. A viagem foi tão rica, como poderão verificar no corpo do caderno *Outras viagens: idas e vindas do pesquisador no cotidiano*, que extrapolou o evento e nos possibilitou a experiência no Instituto Inhotim e um almoço no simpático restaurante Casa Azul, em homenagem a Frida Kahlo, em Tiradentes/MG.

A partir daí, comecei a pensar as fotos que caberiam na proposta desta OcaCaixaTese e, para descolar a ideia de fotografias como ilustração, decidi que elas estariam soltas na caixa, para que cada leitor as utilize no momento em que

elas os chamar e que componham diferentes leituras, além daquela por mim registrada.

Propositalmente, as 30 fotografias que compõem a OcaCaixaTese não estão referidas (linkadas) no texto, para que se despregue a ideia de ilustração das narrativas criadas e, assim, cada um pode criar outras possibilidades de leitura e compreensão, bem como fazer outros usos, com o caleidoscópio, por exemplo, criando imagens menos inteligíveis e que atravessam, compõem, borram, brincam umas com as outras e de acordo com a criatividade do leitor.

Além dessas imagens, passei a pensar em outras possibilidades imagéticas para a tese. O caleidoscópio me pareceu interessante pelas perspectivas que se pode criar a partir de seu movimento, além de aparecer, em algum texto que li sobre o escritor Pedro Lemebel, que é uma figura extremamente fotográfica, ou melhor, as fotos com as quais tive contato são belíssimas imagens, pois carregam consigo a força de um conceito, Lemebel contestador, emblemático, sofisticado, criativo, marginal, subterrâneo.

Essas imagens de Lemebel me levaram a pensar em criar outras imagens, fluídas, embassadas, misturadas, e isso me fez chegar até a Camila Fontelene de Miranda, minha ex-aluna do primeiro ano do Ensino Médio, da E.E. Prof^a. Rosemary de Mello Moreira Pereira, localizada no Parque Vitória Régia, Sorocaba/SP, onde lecionei por cinco anos, antes de assumir o cargo de diretor de escola da rede municipal, também em Sorocaba.

Camila Fontelene se formou em Publicidade na Universidade de Sorocaba (Uniso) e fez pós-graduação em Cinema, TV e Vídeo no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Ingressou na fotografia a partir de um workshop em 2007, e, em 2012, entrou de vez para o mundo da fotografia, criando o projeto *Todos podem ser Frida*⁴. A exposição já viajou para vários lugares do Brasil e, inclusive, fora dele,

⁴ O projeto *Todos podem ser Frida* consiste em fotografar modelos do sexo masculino vestidos de Frida Kahlo, com o objetivo de mostrar a imagem de Frida presente nas várias nuances do ser humano, por isso a inversão dos papéis e gênero. O que também se liga aos rumores da possível bissexualidade da artista mexicana.

O projeto ganhou outro rumo depois do sucesso das exposições e Camila Fontelene passou a realizar intervenções fotográficas nas quais qualquer pessoa poderia se caracterizar e fazer uma foto como Frida Kahlo. Em sua página na web, Fontelene escreve: “As *intervenções fotográficas surgiram na possibilidade de agregar mais uma vertente ao projeto, que seria composto apenas de cinco ensaios, elas atuam como desdobramento de personalidade e identidade do público a ser fotografado. Essa interferência leva em consideração os reais objetivos de aproximar o público da*

como em Caserta, na Itália, onde a fotógrafa ficou por três meses. Também teve suas obras expostas em Londres, na Inglaterra e em Léon, no México.

Camila Fontenele já havia realizado, em 2014, uma pequena oficina de fotografia com alunos da escola onde trabalho e não foi difícil acessá-la para propor pensar comigo as imagens para a tese.

Em nosso primeiro encontro, e após lhe explicar do que se tratava o trabalho e o que eu estava buscando, ela me propôs realizar uma sessão de fotografias onde colocaria uma série de fios ligando duas extremidades e eu deveria posicionar meu corpo ou parte dele entre esses fios, dando a ideia dos atravessamentos que o texto apresenta. Ela me escreve, após entregar as fotos:

Vejo as linhas como forma de atravessamento das coisas: pessoas, fronteiras, etnia, enfim da vida. Interessante como a parede acaba dialogando, pois atravessar nos mostra que o perfeito não existe e, mesmo assim, existe algo de bonito nessa imperfeição - melhor do que ficar parado (FONTENELE, 2017, informação online).

As fotos feitas por Camila compõem as capas de cada um dos onze cadernos da versão impressa e treze cadernos da versão eletrônica (incluindo Apêndice e Anexo), exatamente para evidenciar os fios que são tecidos e que atravessam outros fios para provocar constantemente novas paisagens, imagens e composições.

O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos.
 O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos, o atravessar.
 O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos, o atravessar, o encontro com o outro.
 O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos, o atravessar, o encontro com o outro, a bagagem.
 O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos, o atravessar, o encontro com o outro, a bagagem, um questionário:

Qual é seu nome?
 Qual é a sua história?
 Seu signo?
 Seu orixá?
 Seu partido?

O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos, o atravessar, o encontro com o outro, a bagagem, um questionário, uma carta:

Prezado outro,

Sei que você pode ser gente, objeto, lugar, ou até mesmo algo que eu só consigo sentir pelas pontas dos dedos quando fecho os meus olhos. Creio que o atravessar é isso. A gente segue um ritmo, a linha, as metáforas, as teorias e chega ali no desconhecido.

Tem gente que acha o caminho com bússola, mapas, informações na casa de turismo. Eu... Eu atravesso utilizando um prisma, alguns fragmentos de luz, a cor, o preto e o branco.

O barbante, a parede cinza com estrias brancas, as mãos, o atravessar, o encontro com o outro, a bagagem, um questionário, uma carta, uma placa:

ATRAVESSIAMO!

(FONTENELE, 2017, informação online)

Um caleidoscópio como exercício para transver o mundo

O caleidoscópio é um objeto que sempre me remeteu ao enigma. Suas imagens são construídas aleatoriamente, sem obedecer à lógica de quem o está manuseando. As peças que compõem a sua base – geralmente miçangas coloridas – se movem ao girarmos o objeto, criando novas imagens que não podemos prever, muito menos estabelecer suas formas.

É um instrumento sobre o qual se pode demorar e, de acordo com a criatividade, pode ser usado de diversas maneiras, formando milhares de novas imagens a cada momento, que não se repetem, e podem lembrar ou fazer referência a outras que já foram formadas. A simetria, a forma e a complexidade são indescritíveis.

Lévi-Strauss (1989, p. 52) escreveu o seguinte sobre o caleidoscópio:

Instrumento que também contém sobras e pedaços por meio dos quais se realizam arranjos estruturais. Os fragmentos são obtidos num processo de quebra e destruição, em si mesmo contingente, mas sob a condição de que seus produtos ofereçam entre si certas homologias: de tamanho, de vivacidade de cor, de transparência. Eles não têm mais um ser próprio em relação aos objetos manufaturados que falavam uma “linguagem” da qual se tornaram os restos indefiníveis; mas sob um outro aspecto, devem tê-lo suficientemente para participar de maneira útil da formação de um ser de tipo novo: este consiste em arranjos nos quais, por um jogo de espelhos, os reflexos equivalem a objetos, vale dizer, nos quais signos assumem o lugar de coisas significadas.

Que significados você dá às imagens que observa no caleidoscópio?

Em um artigo publicado na *Revista Brasileiro de Ensino de Física*, cujo título é *200 anos de caleidoscópio*, de Rebeca Saldanha de Araújo Omelczuck, Diogo Soga e Mikiya Muramatsu, pode-se encontrar informações sobre a criação do caleidocópio que, neste ano de 2017, está completando 200 anos do registro de sua patente pelo inglês David Brewster, que o criou em 1816, registrando-o no ano seguinte.

No artigo, os autores trazem a etimologia da palavra caleidoscópio, qual seja, “a origem do nome vem da palavra grega *kalos*, que significa belo/bonito; *eidōs*, que representa imagem e *scopeo*, que significa olhar” (OMELCZUCK, et al., 2017, p. 1), assim caleidoscópio significa olhar belas imagens. Eles ressaltam ainda a importância das descobertas de Brewster, principalmente em relação à física, e do caleidoscópio como instrumento possível de ser incluído em aulas de matemática, ciências e arte.

Os autores afirmam, ainda, que, ao longo do tempo, o instrumento perdeu seu valor e caiu em desuso, tanto que, ao mostrar para algumas pessoas do meu círculo de convívio, várias disseram nunca ter visto um caleidoscópio. Quando eu lhes oferecia o que havia construído, era de deslumbrar-se com a alegria do outro pela descoberta operada.

Meu primeiro intuito era trazer imagens caleidoscópicas como parte da OcaCaixaTese – intuito que se deve, principalmente, às leituras de diversas entrevistas concedidas por Pedro Lemebel, além de suas crônicas que me remetiam à ideia de imagens que se autorrefletem e que, a medida que você avança, vão sofrendo alterações, mas, em sua essência, continuam sendo os mesmos elementos que as compõem.

Em uma entrevista concedida por Pedro Lemebel a Álvaro Matus, da *Revista de Libros* (12/08/2005), por ocasião do lançamento de *Adiós mariquita linda*, ao responder uma questão sobre a mudança do foco de sua escrita, Lemebel nos diz que antes ela era mais centrada em aspectos sociais, a crítica política era mais aguda e a raiva estava mais evidente, mas agora, com o novo livro, o investimento passa a ser apresentar “*um trazado erógeno a través de geografías físicas sociales y humanas*” (LEMEBEL, 2005, informação online),

Sobre o livro *La esquina es mi corazón* (lançado em 1995), Lemebel diz:

En *La esquina es mi corazón*, por ejemplo, aparecía el bloque donde vivía, pero tenía una lectura social más que íntima; aunque esa palabra yo la pongo bien entre comillas, porque es difícil para los pobres tener intimidad. Yo colgaba los calzones y todos se enteraban de lo que me había pasado la noche anterior. No en vano, el primer título de *La esquina es mi corazón* era “Ojo gótico, ciudad paranoia”, porque tenía esa ojeada caleidoscópica del panóptico de Foucault, de nervioso y temeroso observar.

Um vislumbre de imagens, pelo qual você pode observar todos os lados, refletidos a exaustão e, muitas vezes, não consegue entender aquilo que observa. Imagens que se transpassam, se transdimensionam e se confundem.

Assim, fui buscar informações para confeccionar um caleidoscópio e criar imagens para a tese, e o efeito aparece logo na capa da tese, onde faço um experimento de imagem caleidoscópica com fotos da Camila Fontenele. Este efeito me mobilizou de tal maneira que decidi que o caleidoscópio deveria fazer parte da CaixaOcaTese e possibilitar ao leitor experiências múltiplas⁵ de criar suas próprias imagens e de diversas formas.

O caleidoscópio construído tem a base móvel para diversificar as experimentações.

Na base, onde geralmente são utilizadas miçangas coloridas e translúcidas, coloquei algumas imagens, fragmentos e palavras caras para a tese, esperando provocar efeitos estéticos e poéticos que afetem os sentidos do leitor.

⁵ A aposta é que o caleidoscópio possa surtir efeitos como provocou na professora Alda Romaguera (2017), que, ao fazer sua arguição, no momento da qualificação da pesquisa, disse: “do caleidoscópio resgato o prazer infantil de explorar outros jeitos de ver, pois *é preciso trans-ver o mundo*, nos ensina Manoel de Barros. Não vejo de duas maneiras, mas de todas que consigo tentar... dá pra tirar e pôr a tampinha, dá pra virar e ver por bolinhas, e dá pra fazer dos ângulos espelhados, a sua multiplicação. Revisito uma anotação de caderno e encontro o pensamento anônimo de que ‘a transgressão na escrita não está na forma: está em fazer funcionar a imagem que pulsa no texto’”.

2 ESBOÇO DE UMA BIO:GRAFIA ou “eu não nasci pra ser muro em branco não”



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Muro Em Branco

Francisco, El Hombre

Esse vento que leva a gente
 Querendo ir em frente, ta indo pra trás
 Tipo o cheiro de cebola frita
 Que esconde a marmitta de meses atrás
 Sou eu que enlouqueço só de respirar?
 Sinto um cheiro de podre no ar

Cigarro que vira catarro
 De tanto pigarro não quero fumar
 É gosto de rua cinzenta
 Hoje tão violenta, só penso em gritar
 Sou eu que enlouqueço só de respirar?
 Sinto um cheiro de podre no ar

Esses tempos que levam a gente
 Querendo ir em frente, tô indo pra trás. (É tanto pigarro)
 É gosto de gente violenta
 E rua cinzenta, só penso em gritar: (É tanto pigarro)
 Sou eu?

Eu não nasci pra ser muro em branco não

Sou eu que enlouqueço só de respirar?
 Esse cheiro de podre no ar

Uma pedra que teima em rolar⁶

Há quinze anos, um mês e poucos dias, eis que um “caipira” cheio de medos e sonhos deixava a cidadezinha do interior para se aventurar nas bandas da terra rasgada. Havia sido promovido em um concurso público da rede municipal do estado de São Paulo. Professor de geografia, recém-formado, foi encorajado por colegas de escola a não ficar lá, “aqui é muito pequeno para você”, diziam as professoras mais experientes. “Você deve alçar outros vãos, continuar os estudos”, outras vozes se faziam ouvir.

Nascido praticamente no sítio, cresceu com simplicidade, em meio ao trabalho simples de “apartar” as vacas para garantir o leite do dia seguinte e uma novena ao santo padroeiro pedindo chuva para a lavoura. Iniciou os estudos na

⁶ Esse texto foi escrito no dia 15 de março de 2015, logo após receber a negativa ao pedido a licença sem remuneração da Secretaria de Educação de Sorocaba.

escola rural, que contava com duas salas, professoras polivalentes e turma multiseriada. Destacava-se pela altivez, tanto que a avó paterna sempre o chamara de doutorzinho. Era diferente do irmão mais velho que se aventurava nos trabalhos da roça. Não, definitivamente ele não tinha nascido para aquilo, ele sempre achara que se ia à escola para se tornar professor, e era com isso que sonhava.

Quando completou dez anos, os pais, pensando no futuro da prole, revolveram que era hora de ir para a cidade. Uma nova escola, muito maior que a do sítio, sala de uma única turma, muito mais alunos, um professor. E assim a pedra começa a rolar. Nem tudo era tão simples como antes. Era preciso arrumar trabalho, arcar com algumas responsabilidades. Trabalhou por um curto período de tempo no mercadinho da rua onde morava, depois foi balconista em uma papelaria e ainda fazia trabalhos escolares para colegas, cartazes para professores.

Chegada a hora de escolher entre o colegial e o magistério, a pedra titubeia, mas no fim das contas, rola para a educação – foi o único aluno do sexo masculino a concluir o antigo curso normal (que formava professores primários), sempre se destacando nas atividades e avaliações. Em seguida escolheu a graduação em geografia pela admiração que tinha por seu antigo professor da disciplina, e também pela distância da faculdade particular, que iria pagar com seu trabalho no escritório de engenharia e, mais tarde com o salário das aulas como substituto. A pedra rolava, mas com mais dificuldades agora; até o lanche na hora de voltar para casa era quase sempre dividido. Mas a cada novo dia, cada vez que o ônibus quebrava, cada noite muito mal dormida, valeu o esforço.

O jovem mal se formara e já conseguira passar no primeiro concurso público prestado e, ainda por cima, junto aquele professor que tanto o encantou na sala de aula. Nosso personagem faz com que a pedra role para bem mais longe dessa vez: chega à Sorocaba e se dá muito bem, apesar da distância da família e da solidão que sentia.

De professor, passou a coordenador pedagógico. Voltou aos estudos e fez complementação em pedagogia. Foi conquistando seu espaço, criando laços de amizades sinceras e deixando sua marca de empenho e dedicação no trabalho realizado nas escolas.

Apesar de mais acomodada, a pedra teima em rolar mais um pouco e, graças a uma bolsa da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, chega ao mestrado em educação. Um novo tempo começa e, com ele, quantas novas descobertas. Encontros ressonantes com suas crenças, com suas perspectivas políticas e pedagógicas. Um mundo de outras literaturas, outros autores e autoras que, diferente da maioria canônica, davam voz e vez àqueles e àquilo que, até então, não era importante. Ali, uma pedra pode e deve rolar quantas vezes quiser e para onde quiser, pode falar, pode cantar e, por que não? – dançar. Ela pode dizer de si, e isso tem fundamentação política e pedagógica. E assim, passou a acreditar cada vez mais em si mesmo e no seu potencial mobilizador, e a colocar suas ideias com maior propriedade. Foi convidado para falar com professores e professora e funcionários e funcionárias nas escolas locais e das cidades vizinhas.

Aos trabalhadores da educação, chama todos “educadores”, sem desmerecer ninguém, muito pelo contrário: diversas vezes chamou as merendeiras e faxineiras para também participarem das festas como personagens protagonistas, agora como diretor de escola. A pedra rolou e rolou... Passou no concurso da Secretaria de Educação de Sorocaba e iniciou sua carreira como diretor numa escola de Educação Infantil. Logo, uma amiga preocupada com seu êxito, o aconselhou: “você sabe a fama que essa secretaria tem em exonerar os funcionários, tome cuidado, não se apegue às crianças, não fique carregando-as muito, pois um conhecido meu sofreu um processo por abuso de menor”. Justo para ele que é apaixonado por crianças? Não houve jeito, mal chegou à escola e estava lá no meio delas, correndo e abraçando-as sem distinção. E é assim até hoje.

“Eita menino porreta”, diria uma tia sua, por consideração, ou “esse menino carrega água com peneira” como sempre diz uma amiga, colega de trabalho, fazendo alusão à poesia de Manoel de Barros que tanto os encanta.

Sonhou em continuar rolando e chegou ao doutorado em educação. A pedra é teimosa, não para. Interessa a ele a educação como possibilidade de ampliar o sentido de cidadania. A ideia da pesquisa, na época, era fuçar o que está nas margens da educação, que ninguém dá valor, ou sequer olha e ouve.

Mas quer ir mais longe: uma bolsa de estudos de seis meses no exterior. Seria possível? Sim, com o apoio de seu orientador que o coloca em contato com

um professor da Universidade Autônoma de Barcelona. E o nosso personagem corre atrás, se informa, escreve, pede ajuda e conquista o benefício.

Rolar é preciso: oxigena as ideias, aguça os sentidos, possibilita novas criações. Porém, quando tudo está pronto para sua partida, a burocracia, aquela que mais atrapalha do que ajuda, resolve que não é a hora. A Promotoria da Justiça orienta que não sejam mais contratados substitutos para os cargos vagos.

O diretor não desiste, era uma licença sem remuneração pois como fica o que está anunciado nas diretrizes do Plano Nacional de Educação, em que as metas preveem aperfeiçoamento e titulação aos profissionais do ensino? E a diretriz técnica e política da gestão atual da Secretaria de Educação do município que também prevê valorização dos profissionais da educação, com objetivos de ampliação de programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação?

Então, a pedra deve estacionar, é o que querem seus superiores que não conseguem vislumbrar que o ganho desse movimento não é apenas individual? Trata-se de uma conquista coletiva, fruto de um processo construído cotidianamente no chão da escola, com esforço, diálogo, estudo e trabalho. Aquilo que mais deveria importar escapava ao olhar.

Tudo parecia levar a que a pedra se tornasse imóvel...

Mas continua a se movimentar, alçando voos a partir das vozes daqueles primeiros colegas das escolas “Lázaro Soares”, de Riversul e “Epitácio Pessoa”, de Itaporanga, assim como das inúmeras que nele ressoam, vindas da família, dos corredores da escola onde trabalha, das redes sociais. Em abril, a pedra rolará e, dessa vez, atravessará um oceano, vencendo com teimosia as muitas tentativas de imobilizá-la.

Ela rolará sim, seja com a permissão ou não da burocracia enfadonha e que tanto tolhe sonhos, possibilidades e as oportunidades de crescimento, amadurecimento e realização.

Notas de um diretor

Todo final de ano, na escola, é uma agitação total; os alunos, em clima de férias, correm para entregar trabalhos, fechar as notas e organizar a festinha de confraternização, quase sempre marcada com a brincadeira do amigo secreto ou amigo chocolate.

Para os professores, é hora de organizar os armários, fazendo aquela faxina, completar os diários de classe e toda a papelada exigida pelo sistema para o encerramento do ano letivo. É hora também de se preocupar com a turma que irá pegar no próximo ano e, enfim, descansar, cumprir horário e jogar conversa fora até não querer mais; no final, festa também.

Para nós da direção, a burocracia é bastante exigente; além de estar à frente de toda a organização do fechamento do ano letivo, como presidir o conselho de classe final, elaborar, assinar e encaminhar toda a documentação dos resultados do ano letivo, entregar prestação de contas da arrecadação e gastos da Associação de Pais e Mestres, da verba do governo federal, formaturas, festa da equipe, ainda é preciso preparar todo o encaminhamento para o próximo ano, elaborando e discutindo com os superiores da Secretaria de Educação sobre a projeção, pensar a organização das turmas, distribuição das salas e otimização dos espaços da escola, além de todos os formulários que são enviados, quase que diariamente, com prazos mínimos para preenchimento e devolução. É um período de estresse.

Na formatura da Educação Infantil, realizada no dia 14 de dezembro de 2016, após o cerimonial, muitos familiares das crianças se dirigiram a mim para agradecer pelo trabalho realizado. Tirei muitas fotos com as crianças e seus familiares. No meio de tantas pessoas, reencontrei Nicéia, uma ex-secretária da escola estadual Senador Luiz Nogueira Martins, onde eu assumi o cargo de professor de Educação Básica, após prestar o concurso público no ano de 1998. Fiquei surpreso em vê-la, e soube por ela que seu neto estava se formando também, conversamos rapidamente. Ela e seu esposo me parabenizaram pela escola e pela cerimônia e, no final, disse que eu falava frequentemente que um dia eu seria diretor de escola, e que estava muito feliz por eu estar ali, naquele momento. Essa fala da Nicéia tem reverberado em minha cabeça desde então.

Não me recordava disso, mas creio que dizia mesmo, pois, em seguida do meu ingresso como professor de geografia, a escola realizou um processo para escolher o professor coordenador pedagógico e eu me candidatei, tendo sido selecionado pelo Conselho de Escola. A experiência foi rica e de muito aprendizado, porém, na prática cotidiana, era frustrante. A diretora da escola descartava todas as ações propostas que desenvolvia junto com o outro coordenador, professores e vice-diretora. Talvez isso justifique a minha fala para a Nicéia. Era um desejo de poder fazer, criar, desenvolver ações e projetos que fariam sentido para a vida dos alunos e da comunidade na qual a escola está inserida.

Assumi o cargo de diretor de Educação Básica em abril de 2010, no Centro de Educação Infantil nº 20, localizado entre o bairro Árvore Grande e Vila Haro, na Zona Leste de Sorocaba. Foi um episódio interessante, pois, quando saiu o edital para seleção, eu seria o terceiro na ordem de classificação e só havia duas vagas, uma era em uma escola de Ensino Fundamental e, a outra, no CEI 20. No final de semana que antecedeu a sessão de escolha, eu fui até a vila Haro fazer uma visita a uma amiga e resolvi passar para ver a cara do CEI 20. Fiquei surpreso por ser uma escola recém-construída, e desejei estar naquele lugar, tanto que a noite sonhei que entrava com o carro na garagem da escola. No dia da escolha, porém, o primeiro na ordem de classificação escolheu o CEI 20 e a seguinte, a outra vaga. Foi decepcionante, mas, no fundo, também estava confiante por saber que na próxima chamada, seria a minha vez.

E ela chegou duas semanas mais tarde, e o CEI 20 viria a ser minha primeira experiência como diretor de escola, pois o professor que havia escolhido antes acabou não assumindo o cargo.

No início, o medo de não conseguir dar conta do trabalho esteve muito presente. Era uma modalidade de ensino com a qual eu havia trabalhado pouco, quando ainda fazia o magistério em Riversul. Estar à frente de uma equipe formada só por mulheres foi um desafio e tanto. Saber lidar com tantas diferenças e com uma série de problemas interpessoais não foi fácil.

Contei com a colaboração de colegas diretores que me acolheram e se dispuseram a me ajudar na adaptação, assim como os superiores da SEDU. Desenvolvi um ótimo relacionamento com os familiares das crianças e com as

crianças, principalmente. Aprendi com elas, as crianças, que a resposta aos nossos investimentos é muito mais rápida, elas se lançam com empatia ao menor gesto de carinho que lhes oferecemos e isso é algo que me faz gostar do trabalho.

Mas aos poucos, fui me fundindo entre o ser diretor e ser a própria escola. Comprei grandes embates com alguns profissionais. Trabalhei vários sábados para satisfazer a minha necessidade de ter uma escola bonita, bem organizada, agradável para as crianças, funcionários e comunidade.

Em 2011, a SEDU lançou o concurso de remoção e como eu era quadro dois, ou seja, havia escolhido uma vaga provisoriamente, até que houvesse o tal concurso, era obrigado a me inscrever e, assim, fui removido para a escola onde estou atualmente, Escola Municipal “Prof^a. Maria Domingas Tótora de Góes”, localizada na vila Carol, Zona Norte da cidade, que atende a Educação Infantil e os anos iniciais da Educação Básica.

Diferente do CEI 20, que tinha apenas oito turmas entre os períodos da manhã e da tarde, na nova escola trabalharia com 28 turmas, sendo 14 em cada período. Um desafio e tanto. Porém, teria uma vice-diretora, que também estava chegando e uma orientadora pedagógica da unidade, diferente do CEI 20, onde a orientadora se dividia entre duas escolas.

À primeira vista, não gostei nenhum pouco da escola. A cor, a organização e a forma como alguns profissionais se apresentaram me causou mal-estar. Colocaram-me numa saleta com menos de 3X2 metros, após a sala da vice-diretora e da orientadora pedagógica. Não via ninguém. Senti-me excluído e sabia que, como na outra escola, teria que ir conquistando espaço aos poucos, conhecer as pessoas, ganhar a confiança, mostrar trabalho e me firmar como diretor. Afinal, estava ocupando o espaço de uma diretora que havia se aposentado, depois de muitos anos a frente da escola, e que deixou muitas marcas, tanto positiva quanto negativamente.

Uma boa estratégia apontada pela vice-diretora foi utilizar a avaliação realizada no ano anterior para organizarmos as ações do início do ano, e isso foi um ganho importante e que se tornou uma prática consolidada da escola.

Outro desafio era organizar melhor os espaços da escola para o atendimento do projeto da Oficina do Saber, escola em tempo integral, da rede municipal de

Sorocaba, pois não havia sequer sala disponível para as atividades desse projeto que contava com oficinas de teatro, dança, xadrez, música, circo, capoeira, entre outras.

Como no CEI 20, fui engolido pelos afazeres da escola. Grande parte do tempo era utilizada para vencer a parte burocrática, o tempo restante era usado para responder à demanda própria do cotidiano, como atender pais, responsáveis, aconselhar as crianças pelas confusões aprontadas no intervalo e os próprios funcionários e professores da escola, além da energia gasta para pensar e propor projetos, ações, decoração da escola para festas e eventos.

Tornei-me uma extensão da escola. Inúmeras vezes cheguei antes do meu horário e/ou fiquei após o término. Aos finais de semana abri a escola para que prestadores de serviços resolvessem problemas de ordem física e, também, para concluir a parte burocrática de projetos que tinham prazo para entrega, visando angariar verbas para a escola. Passei várias noites elaborando reuniões, textos, ações e projetos para a escola, além de guloseimas para as reuniões.

Minha cabeça funcionava em proveito do meu trabalho como diretor de escola, tanto que resolvi tirar a licença sem remuneração do cargo de professor da rede estadual. Não me desligava sequer nas horas de lazer e descanso; assistindo a um filme, tinha *insights* do que realizar na escola. Minha ideia era agradar a todos e ser reconhecido por isso.

Hoje, pensando sobre a minha prática como diretor, creio ter me tornado aquilo que eu mais criticava no diretor da escola estadual onde trabalhava. Passei a viver para a escola e, sem me dar conta, acabei deixando tudo o que estava relacionado com a minha vida particular, principalmente a minha casa, de lado.

Fiquei pelo menos três anos vivendo num espaço sem ao menos uma cozinha montada, com tudo bem improvisado, enquanto isso, na escola, brigava com os prestadores por não realizarem o serviço da maneira que havia pedido.

Havia ainda o doutorado, que eu tanto desejara, e que exigia meu tempo, minha atenção. Era preciso participar de congressos, escrever artigos, desenvolver a pesquisa.

No início de 2016, voltei a dar aulas na rede estadual, com uma carga mínima – 10 aulas semanais. Naquele momento pensava que após as ocupações pelos

secundaristas, contra as ações de reorganização do governo seriam muito produtivas as aulas de Geografia com a garotada do Ensino Médio. Porém, a realidade me chocou. Muito poucos dos alunos das turmas que eu comecei a lecionar haviam participado das ações e, em sua grande maioria, quando abordei o assunto, eram contrários as ações dos estudantes. Alegavam que a reorganização não iria afetá-los, pois continuariam naquela escola. Quando argumentava em favor dos que iriam ser prejudicados, os alunos simplesmente diziam que isso não era problema deles. Um sentimento egocêntrico parecia arraigado naqueles adolescentes e jovens.

Preocupava-me em preparar as aulas com temas que considerava do interesse dos alunos, porém, quando chegava na sala e distribuía os textos ou chamava a atenção para um vídeoclip para iniciar um debate sobre as questões políticas ou de meio ambiente, era ignorado pela grande maioria deles.

Uma das atividades que propus aos alunos foi a partir da música “Passarinhos” do Emicida. A ideia era fazer uma discussão após a apresentação do vídeoclip e da letra da música, na qual cada um deveria apresentar o que mais lhe chamou a atenção. Houve alguma participação e eu explorei ao máximo, naquela aula, desde questões políticas, passando pela massificação das subjetividades pela mídia e consumo, até questões ambientais e o uso abusivo dos antidepressivos. Ao final, solicitei que cada um deles produzisse um novo texto apresentando os sentidos daquela atividade para si, os deixei livres para escolher o formato e gênero de escrita, inclusive disse que poderiam desenhar ou escrever uma paródia se fosse o caso. De uma turma de 35 alunos, no máximo 6 entregaram a atividade, em sua maioria, havia desenho de uma árvore e passarinhos em seus galhos.

Meu incômodo crescia à medida que as semanas seguiam. Nas reuniões pedagógicas com os colegas professores, ao invés de dialogarmos sobre as reais necessidades da escola e dos alunos, eram oferecidas leituras descontextualizadas. Foi um choque quando um grupo levantou a questão, no início do ano, sobre ter ou não festa junina e como fazer para que fosse melhor que no ano anterior.

Em uma das aulas, tentei dialogar sobre o que era a escola para os alunos e se estavam satisfeitos nela. Utilizei as normas de boa convivência colocada em cada sala e que a direção fez e pediu que nós professores trabalhássemos com os

alunos. Minhas questões para os alunos foram: vocês se vêm nessas normas colocadas na sala de aula? Alguma vez o diretor dialogou com vocês sobre a não utilização dos celulares no percurso das aulas? Vocês ajudam a construir as normas de boa convivência da escola? Mais uma vez, poucos alunos participaram das discussões. Percebia que a maioria deles entendia o professor como inimigo, como alguém que está ali para passar textos na lousa, vistar seus cadernos, dar provas e notas. Sempre querendo prejudicar os alunos. E não adiantava eu argumentar que a escola pode e deve ser diferente.

Minhas férias da direção de escola estavam chegando e eu marquei uma viagem para Barcelona, na Venezuela, iria visitar amigos feitos em minha estadia em Barcelona, na Espanha. Assim, avisei a escola em que era professor que faltaria nas duas próximas semanas e, quando regressei da viagem, em abril de 2016, pedi exoneração do cargo de professor de geografia na rede estadual de São Paulo.

A meta era desacelerar. Permitir que o trabalho na direção de escola tenha um outro fluxo. Que cada um tome a responsabilidade por aquilo que lhe cabe e eu, enfim, parar de querer fazer tudo e, principalmente, fazer o que outros deveriam fazer. Tenho que ser o facilitador, aquele que possibilita que os projetos e ações sejam executados, mas não o executor de tudo. Necessito de tempo livre, espaço para ler, ouvir, refletir e escrever sobre a pesquisa do doutorado.

Necessito exercitar que as ideias que tenho sejam postas em prática pelo grupo, que pode não se reconhecer nelas e isso deve ser compreendido. Porém, o que o grupo não pode se esquivar é da função maior da escola, pensada e consolidada por todos⁷, e como diretor posso problematizar as ações de professores e demais profissionais quando se afastam do que é mais importante, uma escola

⁷ Anualmente, em reuniões de equipe e planejamento revemos o Projeto Político Pedagógico da escola, atualizando, conforme a necessidade o Marco Situacional (a escola que temos) e o Marco Operacional (a escola que queremos). De acordo com o documento a escola que temos: 1. Tem objetivos voltados para os/as alunos/as; 2 Possui uma equipe comprometida com o trabalho; 3. É organizada; 4. Possui um ambiente agradável e acolhedor; 5. É divertida e desafiadora; 6. É democrática; 7. É aberta á comunidade; 8. Tem um trabalho efetivo com a inclusão; 9. É reconhecida e referenciada na cidade e pela comunidade; 10. Organiza os espaços para melhor desenvolvimento das atividades pedagógicas e lúdicas. A escola que queremos: I. Priorizar a formação de sujeitos críticos e reflexivos; II. Melhorar o uso das diferentes mídias como ferramentas para o desenvolvimento das crianças; III. Utilizar diferentes estratégias de ensino e aprendizagem; IV. Buscar melhoria da Sala de Leitura; V. Criar estratégias para que as famílias dos alunos com maiores dificuldades se comprometam com seu desenvolvimento; VI. Preencher o quadro de funcionários; VII. Olhar para as avaliações internas e externas para planejar as ações.

para todos, que tenha o seu olhar para cada criança e suas necessidades particulares, e que possamos contribuir para o seu amplo desenvolvimento e não apenas dentro do previsto nos diferentes campos do conhecimento.

Alguns passos já foram dados. No final de 2016, em diversos momentos, utilizei o que havia acumulado no banco de horas para poder participar de congressos e outros eventos importantes, como a Bienal de Arte de São Paulo, e também para viajar, ficar mais com minha família e amigos. Afinal, a escola vai continuar existindo e no mesmo lugar, mesmo se eu ficar uma semana sem aparecer por lá.

Pesquisar no cotidiano escolar: ver e ouvir o que está nas margens

Decidi me lançar nos caminhos da pesquisa do doutorado em educação por causa de uma experiência enquanto era professor de Geografia do Ensino Médio, na rede estadual de educação de São Paulo

Minhas aulas eram espaços onde os alunos podiam propor assuntos que lhes chamavam atenção para que conversássemos no grupo, e, vez ou outra o tema sexualidade aparecia, com muitos questionamentos e ideias do senso comum.

Foi em uma das aulas no terceiro ano que Ricardo comentou sobre o filme *Transamérica* (2005), dirigido por Duncan Tucker, que narra a trajetória de Bree, uma transexual estadunidense prestes a realizar o sonho da cirurgia de redesignação sexual e que, nas vésperas, recebe a informação de que teve um filho em sua juventude, alterando toda sua situação.

A turma, curiosa, propôs que víssemos o filme em sala de aula, o que foi possibilitado com a colaboração de uma colega professora de Língua Portuguesa.

Essa simples atividade despertou uma série de questionamentos nos alunos e em pelo menos outras duas aulas, debatemos a obra fílmica. Mas não parou por aí, pelo menos não para mim.

Havia concluído a dissertação de mestrado em educação, período em que pesquisei as conversas sobre homossexualidades no cotidiano escolar e novas indagações passaram a fazer parte de minhas reflexões, merecendo maior aproximação: como os alunos poderiam ultrapassar em seus saberes do senso

comum em relação à sexualidade, homossexualidade, transexualidade e preconceito? A utilização do cinema poderia ser uma ferramenta eficiente para a desconstrução das verdades que carregavam consigo? O que se passa no cotidiano escolar de jovens transexuais? São vistos ou simplesmente apagados em sua existência naquele espaço? Os alunos são preconceituosos ou reproduzem os saberes massivamente reforçados por uma maquinaria de constituição dos corpos e dos sujeitos? Como possibilitar outro olhar para aqueles que consideramos estranhos em nosso cotidiano escolar?

Na medida em que avançava na pesquisa, novas leituras eram sugeridas, ora pelo orientador, ora por colegas que conheciam a temática de investigação, sempre com o objetivo de alargar os horizontes de possibilidades.

Assim passaram a ganhar importância na pesquisa, não as últimas produções acadêmicas dos *experts* da temática observada, mas sim as produções, narrativas e ou experiências pautadas na vida real, no cotidiano de corpos estranhos que enfrentam preconceitos, violências – muitas vezes letais – e falta de oportunidades.

Em relação às últimas produções lidas e aos eventos acadêmicos que participei nos últimos anos, caberia perguntar: quando esses autores trazem reflexões sobre educação, de qual escola estão falando? Quais são os referenciais teóricos que embasam essas falas? Os interessados, ou seja, aqueles que estão no cotidiano escolar, seja professores, seja alunos, seja pais, são ouvidos ou são apenas objetos de pesquisa?

Passei a buscar outras referências, narrativas marginais e de personagens que poderiam iluminar o cotidiano escolar, e venho também me esforçando para produzir narrativas próprias, frutos de minhas experiências na/da escola, como aluno, professor e, hoje, diretor. Tais narrativas desvelam o que passa despercebido ao nosso olhar, habituado, quase sempre, com os fazeres mecânicos ditados pelos órgãos oficiais e que emperram uma educação mais cidadã, libertária e democrática.

Interessa-me pensar a pedagogia subterrânea, ou seja, aquilo que se passa no cotidiano escolar e não é percebido ou é considerado desimportante não merecendo a possibilidade de reflexão, como a curiosidade que a criança tem pelo corpo umas das outras; as marcas de gênero no ato de se organizar em filas de meninos e de meninas pela escola; os efeitos que podem produzir os conteúdos do

livro didático de história ao abordar o tema identidade; a violência e posicionamento homofóbico de um jovem aluno do Ensino Médio; a potência de uma trans na direção de uma escola, ou de outra como professora numa escola periférica da Grande São Paulo, ou ainda outra, como estagiária de uma turma de alfabetização na escola em que trabalho. Interessa-me pensar a emergência da pedagogia subterrânea e, a partir do vivido no cotidiano escolar, construí-la conceitualmente.

Romaria⁸

Renato Teixeira

É de sonho e de pó, o destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó, de gibeira o jiló
Dessa vida cumprida a sol

Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

O meu pai foi peão, minha mãe, solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
Em busca de aventuras
Descasei, joguei, investi, desisti
Se há sorte eu não sei, nunca vi

Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

Me disseram, porém, que eu viesse aqui
Pra pedir em romaria e prece
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar

Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida

⁸ Em homenagem ao meu avô Tobias Bueno, falecido em dezembro de 2016, devoto de Nossa Senhora Aparecida e as minhas raízes rurais.

Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida
Sou caipira, Pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

3 NARRATIVAS TRANS: das margens ao subterrâneo e vice-versa. Considerações Metodológicas



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Androginismo Almôndegas

Quem é esse rapaz que tanto androginiza?
Que tanto me convida pra carnavalizar
Que tanto se requebra do céu de um salto alto
E usa anéis e plumas pra lantejoulizar
Que acena e manda beijos pra todos seus amores
E vive sempre a cores pra escandalizar

A minha mãe falou que é um tipo perigoso
Que vive sorridente fazendo quá, quá, quá
O meu pai me contou que um dia viu o cara
Num cabaré da zona dançando tchá, tchá, tchá

Quem é esse rapaz que tanto androginiza?
Que tudo anarquiza pra dissocializar
Com mil e um veados puxando seu foguete
Que lembra um sorvete pra refrescalizar

Cuidado aí vem ele, é um circo, é um cometa
Abana, abana, abana, que é o Papai Noel

Cuidado aí vem ele, é um circo, é um cometa
Abana, abana, abana, que é o Papai Noel

Eu pensei que todo mundo fosse filho de papai
Noel...

Construir pesquisa no cotidiano

Em 2010, fui selecionado para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a orientação do professor Joaquim Brasil Fontes Júnior, no Grupo de Estudos Interdisciplinares em Sexualidades Humanas. No mesmo ano, havia assumido o cargo de diretor de escola, em um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Sorocaba/SP.

Diante da questão, considerei que seria bastante complicado driblar as imposições que a Secretaria de Educação fazia aos recém-admitidos e cumprir o currículo do programa de doutorado. Mas, graças ao *Seminário Avançado I*, oferecido pelo professor Milton José de Almeida, pude efetivar o meu início de estudos no doutorado em Educação da Unicamp, em 2011, pois as aulas dessa disciplina aconteciam no período noturno.

Da mesma forma, a professora Corinta Geraldi, que já estava em processo de aposentadoria, ofereceu uma última disciplina, *Conhecimento, Ensino e Pesquisa*,

concentrada em módulos, os quais, ao invés de seguirem a organização tradicional, com encontros semanais, foram agrupados em quatro semanas distribuídas no semestre, também no período noturno.

Consegui ainda cumprir os créditos das disciplinas *Filosofia da Educação*, oferecida pelo professor Sílvio Gallo e *Leitura e ensino*, oferecida pelo professor Joaquim.

Porém, com as dificuldades aumentando, em decorrência até de denúncias em relação a estar fazendo o doutorado na Unicamp, e por já não ter mais a opção de frequentar disciplinas e outras atividades fora do meu horário de trabalho e, ainda, considerando a recomendação do meu orientador para que eu buscasse um co-orientador para a pesquisa – um professor que estivesse mais próximo das pesquisas no cotidiano escolar – acabei desistindo de continuar o doutorado.

Em 2013, procurei o professor Marcos Reigota e, conversando sobre o ocorrido, decidi me inscrever como aluno especial na sua disciplina, no segundo semestre daquele ano, participando do processo seletivo para 2014, sendo selecionado.

A intenção inicial da pesquisa era escrever sobre a importância do uso do cinema em sala de aula, com estudantes do Ensino Médio, discutindo se esse recurso poderia ou não contribuir para desconstruções das ideias de gênero e sexualidade heteronormativa como verdades absolutas e imutáveis. Para isso, seguiria um procedimento metodológico que consistiria em utilizar algumas produções fílmicas com os estudantes e, na sequência, capturar, em conversas no cotidiano, as práticas discursivas produzidas.

Porém, a cada encontro com o professor Marcos Reigota, novos elementos eram postos em cena e, aos poucos, os caminhos preestabelecidos iam se alterando e novas rotas eram traçadas ou mostravam-se mais interessantes de percorrer.

O texto de Peter Spink (2008), *O pesquisador conversador no cotidiano*, tornou-se importante para o delineamento dessa nova perspectiva que tomou a pesquisa. No artigo, Spink discute o sentido de cotidiano e a noção de microlugares, a ideia de campo-tema e do pesquisador como parte da pesquisa e não como mero observador que precisa se distanciar de seu campo para produzir, imparcialmente,

os resultados. Ou seja, o texto descrevia o que o grupo de orientandos do professor Marcos Reigota tem desenvolvido nas últimas duas décadas na Universidade de Sorocaba, basta verificar algumas das pesquisas elaboradas, como Prado (2004), Ribeiro (2004), Pereira (2005), Barchi (2006), Vieira (2009), Proença (2009) e Monteiro (2013), por exemplo.

Passei a ler algumas produções dos integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), principalmente as presentes no livro *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*, organizado por Mary Jane Spink et al. (2014).

Conversas no cotidiano

O que é cotidiano? Será que a expressão se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, separada e distinta dos acontecimentos importantes ou, ao contrário, o cotidiano é tudo que temos? (SPINK, P., 2008, p. 70).

Pensar o cotidiano escolar, seja o da escola formal, seja outras possibilidades de educação que ocorrem na informalidade de nossas ações e, ainda, as relações com a cultura educacional, o disciplinamento, as resistências, a interdisciplinariedade, as aproximações com a educação ambiental e os embates enfrentados na contemporaneidade, tem sido o enfoque daqueles que, como eu, fazem parte da Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Estar nesse grupo e ser orientado pelo professor Marcos Reigota é ter ciência da relevância de poder desenvolver uma pesquisa embasada nas conversas do cotidiano e nas narrativas ficcionais que, ao longo dos últimos anos, se consolidaram como metodologias pertinentes teórica e politicamente conquistando reconhecimento acadêmico.

Peter Spink (2008), ao defender a postura de pesquisador conversador no cotidiano, pontua que a vida se dá no cotidiano, seja a de “presidentes, prefeitos,

reis e rainhas, chefes, escriturários, moradores de rua ou qualquer um de nós” (SPINK, P., 2008, p. 70). O autor assinala que a vida se dá em acontecimentos em microlugares, em que o pesquisador se coloca no mesmo horizonte com o seu campo-tema de pesquisa, ou seja, ele não é mais apenas alguém de fora observando um determinado objeto para a produção de conhecimento, ele é parte da pesquisa que desenvolve.

Sobre não considerar o cotidiano, Spink (2008) escreve:

Virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais; uma inserção ordinária e corriqueira – diferente da daquela do especialista e do observador imparcial. O apelo figurativo para os microlugares é um apelo para a importância dos pesquisadores se conectarem com os fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos, de assumir-se também *actante* (Latour, 2004), parte de um processo contínuo de negociação, resistência e imposição de sentidos coletivos (SPINK, P., 2008, p. 71).

A partir das conversas no cotidiano, tanto com os personagens da educação quanto com outros que encontramos pelos caminhos, pode-se compreender as negociações, as resistências, as imposições para os sentidos daquilo que passa ou perpassa a escola. Assim, estar atento aos acontecimentos dos microlugares na e da escola pode nos fornecer pistas para perceber o que está em jogo, por exemplo, para uma professora de Ciências quando cobra a resolução de um questionário numa semana em que os estudantes estão respirando uma gincana que mobiliza a pequena cidade do interior e, por não ter realizado a dita lição, um estudante é marcado como vagabundo, preguiçoso e irresponsável com seus afazeres.

As conversas no cotidiano são, para esta pesquisa, uma importante ferramenta metodológica. “Ser pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados” (SPINK, P., 2008, p. 72).

A escolha por essa metodologia de pesquisa está atrelada ao que escreve o professor Lupicinio Iñiguez-Rueda (2014), no prefácio do livro *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*.

[...] la renuncia a una concepción representacionista de la realidad en beneficio de una concepción construccionista, la realidad se construye en las prácticas cotidianas, y la investigación es una de ellas. Por eso la

investigación debe verse también como una actividad de construcción de lo social (IÑIGUEZ, 2008, p. 8).

O autor comenta que esta e pelos menos outras três características definem o estilo teórico metodológico que o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, liderado pela professora Mary Jane Spink, e que, de certa forma, são apresentados no referido livro: o discurso, a imersão no cotidiano e a dimensão política da pesquisa, ou sua finalidade.

A partir das conversas e compartilhamentos de instantes vividos nos cotidianos escolares, passei a construir a pedagogia do subterrâneo como parte dos discursos e práticas de personagens que compõem a escola, reproduzindo e compartilhando processos impostos pelas instâncias burocráticas e as políticas para a educação, mas também provocando resistências, novas apostas e a busca de outras práticas pedagógicas que, para um ou outro, parecessem mais pertinentes e significativas, por contribuir com uma vida mais vivível, como escreve Iñiguez (2008).

Sobre o campo-tema, Spink argumenta que os pesquisadores não chegam ao acaso à temática que irão pesquisar e sim por questões que os mobilizam a entrar no campo-tema e, portanto, isso passa a fazer parte do seu cotidiano. “Ao se inserir no campo-tema, sustenta-se o campo-tema, mantendo-o socialmente presente na agenda das questões diárias” (SPINK, P., 2008, p. 73).

Se estamos dentro do campo-tema, o tempo todo estamos inseridos na pesquisa, ela cola na gente e a gente cola nela e o acaso de nossas relações nos microlugares, os encontros informais que não planejamos, as conversas triviais que travamos nos espaços mais improváveis e as reverberações de ações propostas podem contribuir para compor a pesquisa.

Spink chama a atenção para que não nos tornemos os senhores do campo-tema que elegemos para nossas pesquisas, pois existem outras pessoas dentro do mesmo campo-tema de nosso interesse. A diferença é que estes podem estar inseridos e posicionados de maneiras diferentes, por motivos diferentes, mas com o objetivo de “contribuir para o bem coletivo, assumindo, cada um, a sua parte numa comunidade moral mais ampla” (SPINK, P., 2008, p. 74).

Se o argumento é verdadeiro, o autor propõe uma reflexão para pensarmos sobre os rigores das nossas pesquisas, e questiona: “por que então, a preocupação

excessiva [...] hoje em dia com objetivos, métodos, questionários e consentimento informado, ao ponto de desconectar-se do cotidiano, de se distanciar do outro e de tornar a ação de investigação algo especial?” (SPINK, P., 2008, p. 75). Com isso, chama-nos a atenção para que não façamos de nossas pesquisas a dona da verdade e mais importante que as demais e sim que estejamos engajados em desenvolver uma pesquisa horizontalmente, “porque não há nenhuma grande verdade mantendo quentes as nossas costas; nenhum instrumento de inquisição que podemos mostrar para garantir obediência às nossas ideias. Só podemos arguir e discutir, tal como os demais” (SPINK, P., 2008, p. 76).

Afinal, “somos somente uma parte de uma ecologia de saberes, cada uma das quais partindo de um ponto distinto e pensando que tem algo a contribuir” (SPINK, P., 2008, p. 76).

Diário de bordo como parceiro de pesquisa

Em *Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas*, Medrado, Spink, M. e Mélo (2016) fazem uma discussão sobre o uso do diário de campo e importantes estratégias para o tratamento das informações produzidas nesses registros para a pesquisa. Apresentam um breve histórico sobre o uso dos diários de campo e suas distintas modalidades, desde o gênero confessional e mais íntimo, passando pela técnica do diário de bordo, nas navegações e chegando às trocas de correspondência que podem fornecer informações preciosas para a compreensão de aspectos históricos, políticos e teóricos sobre seus autores em uma determinada época.

A antropologia é citada como a área que formalizou a discussão dos diários de campo como metodologia de pesquisa etnográfica.

Até o final do século XIX havia muito conhecimento acumulado sobre populações entre as quais viviam missionários, administradores e viajantes ocasionais. Essas informações eram transmitidas para pessoas dos países de origem, incluindo, entre elas, pesquisadores eruditos. Porém, a etnografia propriamente dita só teve início quando pesquisadores se deslocaram para fazer a pesquisa por eles próprios. Isso ocorreu na virada do século XX (MEDRADO; SPINK, M.; MÉLLO, 2016, p. 276).

Os autores ressaltam que não importa a modalidade de diário utilizada, todas são produtoras de práticas discursivas,

[...] em quaisquer de suas modalidades, os diários são práticas discursivas⁹. Ou seja, são linguagem em ação, cujos contextos de produção definem o gênero da linguagem a que pertencem e lhes dá conotações específicas: a linguagem intimista dos diários pessoais; a formalidade dos log books¹⁰, a linguagem literária (ou jornalística) dos registros de eventos públicos; o estilo factual dos diários de pesquisa (MEDRADO; SPINK, M.; MÉLLO, 2016, p. 276-277).

Para essa pesquisa, utilizo o termo diário de bordo por compreender meus registros como ferramentas que contribuem para o enriquecimento das informações apresentadas e me dão a dimensão dos caminhos percorridos, os desvios feitos e as inúmeras questões levantadas durante o tempo da investigação. É uma ferramenta atuante, no sentido como escrevem Medrado, Spink, M. e Mélló (2016):

[...] com ele e nele a pesquisa começa a ter certa fluidez, à medida que o pesquisador dialoga com esse diário, construindo relatos, dúvidas, impressões que produzem o que nominamos de pesquisa. Esse companheirismo rompe com o binarismo sujeito-objeto, tornando o diário também um ator/atuante que permite a potencialização da pesquisa. Ao invés de atores contrapostos (pesquisador/pesquisado; técnicas/instrumentos; tema/objetivo), temos na pesquisa uma conjunção de fluxos em agenciamentos coletivos produzindo a própria ação de pesquisar (MEDRADO; SPINK, M.; MÉLLO, 2016, p. 278).

Os autores pontuam, ainda, que há diversas possibilidades de uso dos diários de campo em uma pesquisa e citam duas formas a partir de pesquisas produzidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos. A primeira, *diários como estratégia de adensamento das análises*, que consiste em utilizar as anotações dos diários para “adensar nossas descrições ou servir de ilustração, dando um cunho pessoal ou um colorido expressivo ao trabalho de pesquisa” (MEDRADO; SPINK, M.; MÉLLO, 2016, p. 286); e a segunda, *diários como texto que compõe nosso corpus de análise*, que, por sua vez, trata o diário

⁹ Práticas discursivas entendidas, a partir do glossário da obra, como “expressão utilizada para demarcar e distinguir o foco de interesse das pesquisas voltadas para o papel da linguagem na interação social”. (SPINK, M. et al., 2014, p. 327).

¹⁰ Diários de bordos utilizados para os registros das informações da navegação ao longo do percurso. (MEDRADO; SPINK, M.; MÉLLO, 2016).

“como produção discursiva privilegiada na pesquisa” (MEDRADO; SPINK, M.; MÉLLO, 2016, p. 287).

Nesta pesquisa, faço uso do diário de bordo como estratégia de adensamento das análises. Suas principais contribuições podem ser notadas na construção dos textos em que narro as experiências de idas e vindas, tanto no período em que realizava o estágio no exterior¹¹ quanto nos deslocamentos realizados em solo brasileiro, ao participar de congressos, vivências artísticas, viagens de férias e/ou para ver minha família e amigos¹².

Narrativas nos/dos cotidianos

O uso de narrativas como aporte teórico-metodológico em pesquisas na área de humanas (REIGOTA, 1999, 2016; MEDRADO, SPINK, M. e MÉLLO, 2014; TAMBOUKOU, 2016; KIND e CORDEIRO, 2016) vêm se consolidando como rica possibilidade de que os sujeitos ditos marginalizados possam falar por si e, dessa forma, ponham em pauta questões caras para si e para os grupos sociais nos seus cotidianos.

No grupo de estudos Perspectiva Ecologista de Educação, liderado pelo professor Marcos Reigota, que compõe a linha de pesquisa Cotidiano Escolar, somos provocados a trazer, dentro do corpo da pesquisa, a narrativa de nossa trajetória, ou melhor, a nossa bio:grafia (REIGOTA; PRADO, 2008), como recurso importante e não complementar, que ficaria nos anexos da pesquisa. A justificativa é que as nossas trajetórias estão pautadas pelo pertencimento ético, político e pedagógico. Ou seja, importa de onde viemos, os espaços que ocupamos e os nossos posicionamentos e atuação como cidadãos do mundo.

Reigota (2010), no texto “A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens”, apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), realizado em 2009, ressalta a importância das trajetórias como parte do trabalho de pesquisa.

¹¹ Ver caderno “Miradas de uma viagem: experiências transnacionais”.

¹² Ver caderno “Outras viagens: idas e vindas de um pesquisador no cotidiano”.

Ao dar espaço à reflexão e re-elaboração de si, de sua trajetória, como cidadão, como cidadã, professor e professora, estudante, mestrando/a e futuro pesquisador/a da educação, os que vêm das margens se redescobrem, se identificam, como sujeitos políticos que enfrentam os mais diversos preconceitos e privilégios de classe solidificados na sociedade brasileira. Eles e elas abordam temas diversos como por exemplo a condição de professor homossexual numa pequena cidade do interior do Brasil ou o significado de ser mulher, afro-descendente e professora em uma universidade particular, repudiada e ridicularizada no mundo acadêmico (REIGOTA, 2010, p. 4-5).

Em *Ecologistas*, encontramos a argumentação de Reigota (1999) no sentido de levar para o espaço acadêmico e fora dele as narrativas como “possibilidade menos científica e mais criativa” (REIGOTA, 1999, p. 73), em que o contexto de vida, de trabalho, de pertencimento, de experimentações e de atuação política e ecológica, ou seja, a práxis de cada pesquisador, situado num dado momento histórico, político e cultural e marcado por grandes dilemas de ordem local ou global, possa apontar “alternativas e propostas práticas de benefício comum” (REIGOTA, 1999, p. 90).

Ao debater questões que se apresentam significativas para a educação contemporânea, a pedagogia do subterrâneo¹³ aponta, a partir das narrativas, que há corpos trans, resistindo e (re)existindo na escola, assim como outras fissuras são produzidas e atravessam os cotidianos escolares, como a experiência dos estudantes que se mobilizaram contra as decisões unilaterais do diretor; ou a aventura de levar os estudantes da EJA em um *tour* por São Paulo; ou ainda, provocar uma experiência química de produção de aromas com as crianças da Educação Infantil.

São narrativas do cotidiano escolar, portanto, atravessadas por questões de gênero, sexualidades, preconceitos, violências, e também, por táticas e estratégias para a sobrevivência dos corpos estranhos, pelo exercício ético e estético da fruição dos sentidos. Essas narrativas nos fornecem elementos para pensar a pedagogia do subterrâneo e, como escreve Reigota (1999), é importante promover debates sobre esses temas na contemporaneidade, de forma profunda, e que integre mais

¹³ Trabalhada no caderno “Considerações: por uma pedagogia do subterrâneo”.

peças, grupos e redes interessados em desfazer as centenas de conflitos espalhados pela vida cotidiana, tendo em vista “uma atuação política planetária, com base em representações sociais mais elaboradas” (REIGOTA, 1999, p. 86).

Narrar trajetórias de sujeitos que já passaram ou estão inseridos nos cotidianos escolares e que não são considerados pela história oficial e, por isso, silenciados, invisibilizados e marginalizados pelos jogos de poder e saber que determinam os rumos da educação é urgente. É uma questão política cuja força está em pôr em cheque os rumos das políticas educacionais de Estado que buscam resultados, sem, no entanto, refletir sobre como é o cotidiano das escolas, muitas das quais sem nenhuma infraestrutura para oferecer o mínimo aos profissionais e estudantes.

As trajetórias desses corpos, descentralizadas e escritas desde as margens, são pertinentes por trazer ao espaço público e acadêmico a desestabilização de certezas e verdades naturalizadas historicamente, como afirma Reigota (2016), em seu texto, *Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional*, ao discutir a relevância do uso político das narrativas, seja no espaço público, seja no acadêmico. Desse modo, procura-se trazer para o debate questões marginais, resistentes e libertadoras que fazem frente e/ou abalam certezas e verdades tidas como inquestionáveis, por serem produzidas a partir de lugares autorizados e reconhecidos cientificamente.

Ora, sabendo que toda e qualquer produção não tem nada de desinteressada, e como muitas pesquisas e pesquisadores são financiados por interesses políticos de um grupo sobre os demais, como enfatiza o já citado texto de Reigota (2008), no qual discorre sobre as relações entre educadores ambientais e outros intelectuais em face das políticas desenvolvidas no primeiro mandato do governo Lula (2002-2006).

Reigota (2016) ressalta que a opção que fazemos pelas narrativas evidencia nosso posicionamento político e ao lado de quem decidimos unir nossas forças.

A opção pelas narrativas visibiliza ‘outras’ vozes e perspectivas que desconstruem e colocam em xeque, mesmo que em átomos de segundos, as representações, os discursos hegemônicos etnocêntricos e os argumentos essencialmente ideológicos (que se querem neutros e isentos) sobre povos, etnias, culturas e grupos sociais situados à margem dos

sistemas de validação e legitimação científica, cultural, política e ignorados nos seus direitos universais (REIGOTA, 2016, p. 50).

Porém, a legitimação, o reconhecimento e a divulgação de nossas pesquisas narrativas é uma questão que depende muito mais dos códigos nada justos dos pareceristas e legitimadores das produções acadêmicas que, em grande parte, definem os “aptos” ou “não aptos” conforme o grupo do qual se participa, a corrente epistemológica utilizada, o grupo político partidário que defende ou a instituição a que se está vinculado.

São através das brechas não cooptadas e nas fissuras do sistema “progressista” de validação, legitimação e de difusão, incapaz de tudo dominar e decidir, que as narrativas desobedientes chegam ao espaço público.

Nesse contexto político, cultural e acadêmico as narrativas não convencionais e imprevisíveis trazem consigo a explosiva dimensão política de conhecimentos (des)construídos através e com as experiências da vida cotidiana, principalmente quando são elaboradas e trazidas ao espaço público por aqueles e aquelas cujas oportunidades de expressão ou de escrita (de si) são socialmente restritas, limitadas e também deslegitimadas e subalternizadas (REIGOTA, 2016, p. 54).

A quem pode interessar a trajetória de professoras trans que venceram um sem número de barreiras e adentraram os cotidianos escolares, como Laysa Carolina, em São José dos Pinhais/PR; Herbe de Souza, em Caieiras/SP; Giuliana Iuliano, em Sorocaba/SP¹⁴ e tantas outras, de outros lugares, como Amanda, em Barra de São Miguel/PB; Luma Andrade, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em Redenção/CE; Danny Barradas, em Teresina/PI e Megg Rayara, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba/PR?

Reigota escreve,

Uma das principais funções políticas das narrativas é, então, possibilitar que o “outro” (invisível, silenciado, subalterno, oprimido, anônimo, diaspórico ou qualquer outra adjetivação encontrada na literatura especializada), alvo e beneficiário das políticas públicas e práticas sociais de “integração” possa falar de si mesmo, que possa encontrar espaços de acolhida e de difusão de sua experiência da história pessoal e coletiva e “leitura de mundo” como enfatizava Paulo Freire [...] (REIGOTA, 2016, p. 55).

¹⁴ Ver o caderno “Narrativas trans: resistências subterrâneas e marginais nos e com os cotidianos escolares”.

Visibilizar essas e tantas outras narrativas nos/dos cotidianos escolares é não se conformar com os lugares a que querem confinar esses corpos, tornando-os subterrâneos. As narrativas fortalecem suas (re)existências e subjetividades, rompendo com modelos e padrões estabelecidos que, na atualidade, vêm sendo defendidos violentamente por grupos que gritam por intervenção militar no Brasil, que apóiam políticos da ultra-direita e defendem a legalização do porte de arma, que são contra a legalização do aborto e a inclusão de temas como identidade de gênero na escola, argumentando ser contra seus princípios religiosos – mas sequer conseguem perceber as violências às quais nossas crianças, adolescentes e jovens são submetidos em seus cotidianos –, que apóiam a redução da maioria penal, defendem o Estatuto da Família que reconhece esse agrupamento apenas na união de um homem com uma mulher, descartando milhares de famílias com outras dezenas de possíveis agrupamentos e que estão inseridos na vida cotidiana das cidades e dos campos, e frequentam os microlugares como quaisquer outros.

Aproximação com a literatura: a força de uma escrita que vem das margens

É certo que a literatura tem um peso grande para o nosso grupo de pesquisa, no PPGE-Uniso. Dessa forma, Reigota faz questão de que todos os seus orientandos experimentem essa aproximação e percebam que autores como Pedro Lemebel, Milton Hatoum, Modesto Carone, Marilene Felinto, Clarice Lispector, Silviano Santiago, e tantos outros e outras, não apresentam apenas uma produção literária reconhecida nacional e internacionalmente (no caso dos autores nacionais), mas que seus escritos têm muito a nos dizer do cotidiano das pessoas, da cultura, da política, das relações sociais, dos jogos de poder que perpassam as histórias individuais e coletivas e que há movimentos de resistência demarcando campos de luta.

Ruffato (2007), na apresentação do livro *Entre nós*, organizada por ele, escreve:

Parece não haver dúvida de que a literatura, como forma de expressão humana, faculta-nos, para além da fruição estética, meios para uma reflexão a respeito dos costumes, no tempo e no espaço [...] O escritor, como analista privilegiado da História, restitui à sociedade a verdade da ficção: a realidade desagrilhoada da hipocrisia (RUFFATO, 2007, p. 13).

Em se tratando de Pedro Lemebel¹⁵, autor chileno que se tornou primordial para este trabalho, a hipocrisia é denunciada em algumas dezenas de suas crônicas, quando trata da truculência da ditadura militar de Pinochet ou denuncia o preconceito para com os povos não brancos, como os mapuches (indígenas) e outros marginalizados, por não se adequarem ao *status quo* de uma elite que importa dos Estados Unidos e dos países centrais da Europa desde a moda, passando pelo comportamento, até chegar às ideologias.

Minha aproximação com Lemebel iniciou-se de forma tímida e sem uma compreensão predeterminada sobre como iria utilizá-lo na escrita da tese. Porém, à medida que avançava nas leituras de suas crônicas e de outros materiais garimpados na internet que descrevem a força de sua escrita para si mesmo e daqueles que, como o autor, estão nas margens da sociedade chilena, relegados pelos circuitos construtores e difusores do conhecimento, das políticas e da chamada cultura erudita, fui, então, juntando elementos para a elaboração do sentido do conceito de pedagogia do subterrâneo que me interessava.

Assim, chegamos ao aspecto metodológico criado para essa tese, as narrativas trans. Trata-se de narrativas que partem de vários pontos – as crônicas de Pedro Lemebel, que transbordam em questões importantes; as trajetórias das professoras trans e outras narrativas que transpassam os cotidianos escolares; as idas e vindas, os trânsitos do pesquisador e a experiência transnacional do estágio de doutorado em Barcelona, na Espanha; a escolha das imagens que possibilitam transver o narrado, criando outros possíveis enredos e a transversalidade das tramas escolhidas para esse trabalho.

¹⁵ Pedro Lemebel foi uma das sugestões de leitura dada pelo professor Marcos Reigota para o desenvolvimento da pesquisa e sobre esse autor se pode ler no caderno “Pedro Lemebel: uma leitura das margens”.

Narrativas trans

O termo foi concebido na ocasião da inscrição para apresentação de trabalho oral no I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política, ocorrido em setembro de 2016, em Belo Horizonte/MG¹⁶.

Dentre os eixos temáticos do simpósio, aquele que me chamou atenção e para o qual enviei um trabalho foi *Narrativas – questões teóricas e metodológicas*, pois iria apresentar as narrativas produzidas a partir do encontro que tive com as histórias de Laysa Carolina, transexual e professora que foi eleita diretora de escola na rede estadual de educação do Paraná, Herbe de Souza, transexual e professora alfabetizadora na periferia da Grande São Paulo e Giuliana Iuliano, transexual e estagiária numa escola municipal do município de Sorocaba/SP.

Nesse momento, o conceito de pedagogia do subterrâneo estava ainda em estado latente, e havia algumas ideias de como concebê-la dentro da pesquisa em andamento. O título dado ao trabalho, *Pedagogia subterrânea: narrativas trans no cotidiano escolar* (PROENÇA, 2016), veio em um *insigth* de como provocar, chamar atenção, pois havia participado de alguns eventos e lido textos voltados para questões LGBT e estava incomodado por não encontrar as vozes dos sujeitos pesquisados, ou ainda, por encontrar apenas situações generalistas, onde essa população continua apenas sendo vítima de violências e preconceitos, sem, contudo, mostrar aquilo que eles e elas podem oferecer com sua presença e atuação nos mais diferentes microlugares, como o cotidiano escolar, no caso mais específico desta pesquisa, mas também em outros, como estamos assistindo essa onda de mulheres trans adentrando no mundo da música ou das artes cênicas¹⁷.

O objetivo do trabalho apresentado naquele Simpósio era refletir sobre o quanto a escola, em seu cotidiano, é de fato excludente em relação aos chamados corpos estranhos, a fim de pensar os transbordamentos que a presença desses corpos provoca no cotidiano escolar.

Assim, o prefixo trans que aparece tanto no título daquele trabalho quanto no título desta tese não tem o objetivo de apenas marcar a temática da transexualidade

¹⁶ Ver o caderno “Outras viagens: idas e vindas do pesquisador no cotidiano”.

¹⁷ Ver o caderno “Diálogos transgressores II: estética e poesias outras para alargar as margens”.

presente na pesquisa – Pedro Lemebel e as professoras trans –, mas também acentuar que são narrativas que *transbordam* as questões de sexualidade e gênero, e *transpassam* diversas esferas da vida social, *transformam* as relações e o ser em grupo, *transitam* por diferentes espaços e cotidianos escolares, *transgridem* normas sociais que querem estabelecer normas para os corpos e oferecem possibilidades para *transver* o mundo.

4 MIRADAS DE UMA VIAGEM: experiências transnacionais



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Diáspora
Tribalistas

Acalmou a tormenta
Pereceram
Os que a estes mares ontem se arriscaram
E vivem os que por um amor tremeram
E dos céus os destinos esperaram

Atravessamos o mar Egeu
O barco cheio de fariseus
Com os cubanos, sírius, ciganos
Como romanos sem Coliseu
Atravessamos 'pro' outro lado
No Rio vermelho do mar sagrado
Os Center shoppings superlotados
De retirantes refugiados

You, where are you?
Where are you?
Where are you?

Onde está
Meu irmão
Sem Irmã
O meu filho sem pai
Minha mãe
Sem avó
Dando a mão 'pra' ninguém
Sem lugar
Pra ficar
Os meninos sem paz
Onde estás
Meu senhor
Onde estás?
Onde estás?
Deus Ó Deus onde estás
Que não respondes
Em que mundo
Em qu'estrela
Tu t'escondes
Embuçado nos céus
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde desde então corre o infinito
Onde estás senhor Deus?

Antes de partir

Entrei na sala de embarque do aeroporto de Guarulhos ainda na manhã do dia 02 de abril de 2015. Ondas elétricas percorriam todo o meu corpo. Estava me entregando a um vôo ao desconhecido. Na mochila, tratei de colocar muitas das

cartas que as crianças da escola onde trabalho haviam escrito e eu ainda não as tinha lido. Era a leitura escolhida para as horas da viagem.

Os dias que antecederam a partida não foram dos mais tranquilos, o documento concedendo a licença sem remuneração foi assinado pelo prefeito de Sorocaba no dia 30 de março. A ansiedade estava à flor da pele, estava decido a me exonerar do cargo de diretor se a licença não fosse concedida. Não poderia perder uma experiência como a que estava prestes a viver.

Levaram-me ao aeroporto Rafael Garcia, amigo de infância, Cristiano Barduchi, amigo sorocabano, minha irmã Elizabete Proença e o João Lucas, meu sobrinho neto com pouco mais de um ano de idade. Choramos juntos no abraço de despedida. Não era tristeza, mas, sim, a alegria da conquista. Afinal, a viagem não seria apenas minha, mas, de certa forma, seria deles e de muitos outros que estiveram ao meu lado, desejando força, sorte ou enviando e-mails para a Secretaria de Educação e seu secretário para que concedesse a licença. Todos estariam experienciando essa viagem.

Sobre cartas, registros e o olhar viajante

Dentro da aeronave, ainda parecia que estava vivendo um sonho.

Comecei a ler as cartas das crianças assim que o avião ganhou os ares, as lágrimas foram inevitáveis. Uma quantidade de afetos que me orgulharam de existir, dos caminhos trilhados e de acreditar na educação como uma das possibilidades de contribuir para a constituição cidadã dos sujeitos que escrevem suas histórias de infinitas maneiras e com riqueza, mesmo sem grandes fortunas.

Nesse momento, comecei a registrar minhas impressões no meu diário de bordo: o caderno de anotações que me acompanhou durante o estágio em Barcelona e nas cidades visitadas. O primeiro texto foi uma carta em resposta àquelas que as crianças haviam me enviado.

No céu, 2 de abril de 2015.

[...] estou no avião, como aqueles que muitos de vocês desenharam nas cartas que me mandaram. Trouxe várias comigo, pois nesses últimos dias, vivi uma turbulência de emoções e só agora é que estou podendo lê-las. São lindas! Estou amando cada uma delas.

Até recebê-las, eu nem imaginava que todos vocês eram artistas! Já sabia da inteligência e de como vocês aprendem direitinho nas aulas, pois são dedicados. Mas cada desenho ou escrita lidos me provou que, afinal, nossa escola não é uma escola qualquer. Nós vivemos arte e poesia! E isso é algo fenomenal!

Outra descoberta minha é que sou o cara mais sortudo e feliz do mundo! Isso mesmo, sou um cara de sorte! Eu devo ter sido um bom menino, quando criança, para ganhar um presente assim: cada um e cada uma de vocês, cada professora e professor, funcionários/as, colaboradoras da limpeza e da merenda e, claro, as minhas super parceiras, Sandra e Carminha! Que presente mais precioso!

Dessa feita, eu só tenho que lhes dizer: vou continuar sendo legal, bonito, trabalhador dedicado, carinhoso e tantos outros predicados que me descreveram nas cartas, pois assim, vou poder continuar sendo o melhor diretor do mundo e, conseqüentemente, muito feliz.

Já estou sentindo saudades de vocês, dos abraços que recebia, das histórias que me contavam, do bom dia ou boa tarde com esse sorriso lindo que vocês davam ao passar pela minha sala e do barulho da escola durante os intervalos.

A viagem está sendo uma delícia, também, pudera, essas cartas são ótimas companhias [...] E sabe, vou contar um segredo para vocês: logo, logo, vocês crescem e eu tenho certeza, se quiserem, vão viajar num avião como esse em que estou e bater as próprias asas, conquistando seus sonhos que, provavelmente, serão muito maiores que esse meu. (Diário de bordo, 02/04/2015).

Nessa ideia, vou perseguindo o olhar viajante explorado por autores como Prado (2004), Ribeiro (2004) e Monteiro (2013), para percorrer novos caminhos e descobrir novas paisagens, buscando relações ou não entre o que vejo e experimento e fazendo escolhas para o que pode contribuir para compor a pesquisa. Afinal, o olhar viajante, escreve Prado (2004, p. 89), “não necessita atravessar os oceanos, conhecer povos isolados e culturas distintas, mas, providos desse olhar, poderíamos reconhecer os nossos espaços de intervenção com a escola, o bairro e a cidade”.

Barcelona a vista: primeiros deslocamentos

Quando desembarquei em Barcelona, na Espanha, senti medo. Tentei manter a calma, mas acho que minha cara demonstrava preocupação; ao sair para a sala de desembarque, os policiais me solicitaram que colocasse a bagagem na esteira de raio X. Mal conseguia me concentrar para entender o que estavam me dizendo. Liberaram-me rapidamente e, com as anotações realizadas, antes da viagem, sentei-me num banco e tratei de revê-las, para poder sair do aeroporto e chegar ao

hostel onde havia feito a reserva para a primeira semana. Do Terminal 1 teria que buscar o ônibus de transbordo ao Terminal 2, de onde seguiria até a cidade de trem. Era a maneira mais barata. Demorei mais do que o normal, creio que pelo cansaço da viagem e pelo fuso horário, não conseguia entender as direções que precisava tomar.

A primeira percepção que tive das pessoas é que elas não facilitam para a gente, ainda mais se percebem que você não domina tanto o espanhol. Meus primeiros dias foram difíceis por não estar habituado a ouvir e falar uma língua que não me pertence.

Quando cheguei ao hostel, não pude fazer o check in por causa do horário. Mas pude tomar banho, colocar outra roupa, um sapato mais confortável para sair e caminhar pelos arredores fazendo um reconhecimento da cidade que seria minha, pelos próximos seis meses.

A cidade tem o título de inspiradora estampado em flâmulas pelas ruas que fazem propagandas de inúmeros produtos e serviços. Comprei a ideia e, em todas as caminhadas que passei a fazer pelas imediações do hostel, deixei-me inspirar. As árvores que ganhavam folhas novas na primavera, que estava iniciando, a arquitetura e os pontos turísticos, personagens das praças públicas fazendo suas performances para ganhar algum trocado, a diversidade de pessoas, línguas e culturas.

Perco-me pelas ruas, ruelas e avenidas da cidade. Passeio pela La Rambla, a rua mais famosa de Barcelona, onde todos se encontram. Cheguei em Barcelona no feriado da semana santa, que é maior ainda que no Brasil, lá, na segunda-feira, depois da páscoa, também é feriado. E como páscoa significa passagem, ao caminhar e passar por tantos lugares, reflito sobre essa passagem que está acontecendo em minha vida. Volto para o meu diário de bordo e encontro,

Sinto que há muito a se fazer por aqui. Mas, nesse momento, apenas caminhar, olhar para tudo e para todos, talvez tentando me encontrar. Isso me bastaria? Que eu jamais me encontre! Estar perdido é muito mais inspirador, ainda mais nessa cidade.

Penso em traçar planos, mas chego à conclusão de que ainda é cedo, “curta a cidade menino”, diz uma voz interior, acho que vozes que ainda soam do Brasil e, continua: “deixe seus olhos e mente livres para apreciar o que ela te oferece”. Está certo, pois amanhã ainda será feriado por aqui,

“Lunes de Pascua”, e a cidade está cheia de turistas. (Diário de bordo, 05/04/2015).

Ribeiro (2004), escreve:

[...] dar luz às cenas corriqueiras, relatar fatos inusitados do vivido traz a tona sentimentos, opiniões de pessoas que fazem parte da história e de tantas outras que fizeram parte, mostrando ao mundo que existiram, existem e que, embora sejam uma “minoría”, são ativas e merecem respeito (RIBEIRO, 2004, p. 27).

Com o olhar viajante pude rememorar cenas do aprendido nas aulas de História do Ensino Fundamental. Estar diante do Mar Mediterrâneo, e contemplá-lo na sua imensidão – tão pequeno no mapa mundi –, me traz a imagem da professora Terezinha de Almeida desenhando os mapas na lousa para nos explicar sobre as antigas civilizações, os grandes impérios, a importância da Península Ibérica. Eu viajava pela História, sem sair da carteira escolar e agora estava ali, diante do palco de muitos acontecimentos e de outros que estariam por vir e se tornariam importantes marcas para a minha trajetória. Pensei nos meus colegas daquele tempo. O que estariam fazendo naquele momento? Quantos já haviam estado ali?

“La bestia y el soberano” – o Museu de Arte Contemporânea

No domingo de páscoa, caminhando pela cidade, decidi ir conhecer o Museu de Arte Contemporânea, recomendação do orientador brasileiro. A programação era a exposição baseada no último seminário oferecido por Jacques Derrida (2002-2003), “La bestia y el soberano”. Fiquei instigado com o tema e decidi entrar.

De manhã havia participado da missa pascal na catedral de Barcelona e, já no início da exposição, um choque de ideias se apresentava, imagens de santos e santas em êxtases divinos ou sexuais, em cenas de tortura ou sacrifícios – um encontro entre o sagrado e o profano.

No folheto distribuído na entrada, pode-se ler:

Esta exposición toma el título del último seminario impartido por Jacques Derrida em 2002-2003, dedicado a analizar los límites de la soberanía política em la tradición occidental. La bestia y el soberano encarnan, para el

filósofo francês, las dos figuras alegóricas de lo político que se han situado históricamente más allá de la ley: la bestia, supuestamente desconocedora Del derecho, y el soberano, cuyo poder se define precisamente por su capacidad de suspender los derechos. Esta división produce uma serie de oposiciones binarias de gênero, clase, especie, sexualidad, raza o discapacidad que estructuran relaciones de dominación. Por um lado, la bestia entendida como animalidad, naturaleza, feminidad, el sur, el esclavo, el sitio colonial, la enfermedad, el sujeto no Blanco, lo anormal. Por otro, el soberano que representa lo humano o incluso lo sobrehumano, Dios, el Estado, la masculinidad, el norte, la salud, el sujeito blando y sexualmente “normal”. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA..., 2015).

Ainda de acordo com o programa, a proposta da exposição seria apresentar “outros modos para se entender a liberdade e a emancipação como processos de redistribuição da soberania” (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA..., 2015).

As produções do discurso de lugares privilegiados como o Estado, a Igreja e a Academia são postos em cheque, obras subvertem os poderes e causam estranheza e novos modos de pensar o poder soberano. Possibilidades outras de experiências do viver em grupo, de fugir da lógica capitalista e exploratória, com economias paralelas e outras complexidades, como a obra *Archive of Alternative Currencies* de Stefanos Tsivopoulos, artista grego que “questiona o valor do dinheiro na formação das relações humanas, recorrendo todo um arquivo de sistemas alternativos de intercâmbio monetário” (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA..., 2015), no qual aparece uma experiência brasileira, o Banco de Palmas.

No texto exposto, havia informações sobre a existência de mais de cinquenta bancos de desenvolvimento comunitário no Brasil, que sendo um país, naquele momento, com bons níveis de crescimento econômico, esse mesmo crescimento não se verifica em benefícios para toda a população, e daí as disparidades sociais. Os bancos comunitários são uma alternativa para tais desigualdades, criando projetos alternativos no interior das comunidades mais vulneráveis e pobres, como oficinas de formação e crédito, desenvolvimento de feiras de trocas e até uma moeda comunitária local. Tais iniciativas mostram como uma população excluída social e economicamente pode aumentar a solidariedade econômica através de ações locais.

A exposição questiona o corpo, tanto o humano como o animal, como o “lugar material e vivo em que se opera a inscrição do poder no Ocidente” (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA..., 2015) e põem cheque ao perguntar: “se o soberano

atua como uma besta, não seria melhor deixar que as bestas (esses outros subalternizados) nos governem?” (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA..., 2015).

Em meu diário de bordo, encontro algumas questões anotadas depois da visita, “saio da exposição com a cabeça em um turbilhão de pensamentos: o quanto o sagrado é profano e vice-versa? Até quando aceitaremos as produções binárias de sexualidade, gênero e classes?” (Diário de bordo, 5/4/2015).

2015 como uma possibilidade

No mês de julho, aconteceu o GREC – Festival de Barcelona, com uma série de eventos espalhados pela cidade, eram projeções cinematográficas, teatros, danças, músicas. Interessei-me, particularmente, pela peça *2015 com a possibilitat*, dirigida por Didier Ruiz e coreografada por Tomeu Vergés.

O primeiro interesse que me despertou para ver essa peça foi o título, em seguida, lendo a síntese, não tive dúvidas de que se tratava de algo distinto e que, para pesquisadores do cotidiano, tem muito a dizer. Então, do que se trata a peça? A ideia do diretor francês é bastante simples, mas muito significativa, já tendo realizado o mesmo trabalho em Paris, em 2013, depois em Avignon, em 2014 e, agora em Barcelona. Consiste em captar de maneira voluntária e desinteressada, estudantes na faixa etária dos quinze aos vinte anos de idade e, por um período de três meses, realizar um laboratório de teatro e de coreografia, como intuito de que aprendessem a se mover pelo cenário, a projetar suas vozes e dominar a linguagem para poder expressar com clareza seus pensamentos sobre a vida cotidiana, família, o bairro onde vivem, suas relações com as outras pessoas, com seu próprio corpo, seus sonhos, seus medos, o que esperam do futuro, do amor e da morte. (Diário de bordo, 9/7/2015).

O cenário era composto por doze cadeiras dispostas numa linha reta. Uma iluminação simples. E começa o espetáculo. Entram em cena doze diferentes jovens, com traços bastante fortes, com seus vestuários habituais e olhos brilhando, uns deixam transparecer o nervosismo e a timidez, outros se lançam totalmente entregues ao que vieram fazer. Sentam-se e, por um período de quase um minuto, miram-nos na plateia, olham-nos nos olhos, dava para sentir que queriam dizer algo, que queriam falar se si e de tudo que haviam pensado sobre as questões da vida.

Um a um, sem nenhuma ordem, levantam-se e dizem algo, também um a um, em meio às falas dos demais, apresentam-se dizendo o nome e em que bairro vivem

em Barcelona. São diversos, de etnias e lugares diferentes, mas que, por algum motivo, acabaram chegando a Barcelona e, naquele momento, demonstram suas alegrias e frustrações de viver onde vivem, de ser quem são.

Um nasceu na Argentina, morou até os seis anos na Bolívia e depois mudou-se com seu pai para cá, vieram ao encontro da mãe que havia vindo muitos anos antes. Ficou para trás a língua local, ficou o pequeno cachorro. Outra nasceu no Pasquistão, mas se mudou com a família para Barcelona, quando ainda tinha seis anos. Ela gosta muito da cultura catalã, mas também estima suas tradições, música e vestuário, apesar de vestir-se habitualmente com jeans e camisa. Gosta da comida, apesar de ser bastante apimentada, mas é algo com que se acostuma. Uma outra nasceu aqui, mas seus pais não, são de origem árabe, ela adora a cultura catalã e sua avó, mas por morar numa rua onde há muitos hotéis, aqui em Barcelona, há muito barulho a noite, no verão, pois as pessoas saem para as festas e como sua mãe não gosta, ela joga água nos transeuntes pela janela e isso ela gosta muito de fazer também. Um dos jovens rapazes diz que o que mais lhe traz boas recordações é um cachorro que teve e nos apresenta a foto. Para o futuro, quer ter seu próprio piso (apartamento), uma empresa e um pastor alemão. Uma garota loira, de quinze anos, tem o sonho de conhecer os EUA, de ser uma estrela da Broadway, pois ama cantar, dançar e atuar, mas também quer ser cirurgiã para cuidar das crianças necessitadas. Um dos garotos nasceu na Índia, foi gordo quando pequeno, mas, depois que cresceu, está tudo bem, mas ele e o pai adoram comer. Uma garota adoraria conhecer o Marrocos, pois tem muitas amigas que nasceram lá, que passam suas férias lá e dizem que é muito bonito e tem muitas comidas boas. Uma outra, de dezesseis anos, nasceu e tem muito orgulho de ser catalã. Diz que o amor é algo bom que se sente pelos familiares e por quem a gente quer como companhia pela vida. Outra nasceu na Argentina, seus pais eram católicos, mas cambiaram para o hinduísmo, veio muito nova para cá. Suas melhores lembranças da infância em Buenos Aires foram se esvaindo com as notícias de como o país vai mal. Como seus pais são vegetarianos, ela também cresceu sendo e nunca experimentou carne. Outra ainda é de uma família muçulmana, mas não se veste como tal. Quando menor, não gostava do seu corpo, na verdade odiava a si mesma. Com tempo e com a ajuda da família e de amigos, foi aprendendo a se gostar e hoje se ama muito e tem orgulho de si mesma. (Diário de bordo, 9/7/2015).

Essa mistura de diferentes etnias, religiões, culturas e linguagem foi construindo e dando cara para a cidade de Barcelona, talvez não seja por acaso que nela viveu o artista Antoni Gaudí, que utilizou, em praticamente todas as suas obras, mosaicos. A cidade é um mosaico de cultura, de povos, de cores, de aromas, de sabores. Isso pode ser observado ao pegar o metrô, ou dar uma volta pela La Rambla e em outros espaços públicos. Não há só turistas falando em diferentes línguas, há uma grande quantidade de pessoas que escolheram Barcelona para viver. E o número de jovens que buscam Barcelona para fazer seus estudos é outro aspecto que chamou muito a minha atenção.

Foi incrível poder olhar para esses jovens e entender a genialidade poética e potente da vida. Os anseios, as incertezas, os sonhos, a fé e tudo o mais são capazes de mobilizar, de nos fazer vislumbrar as diferenças de forma mais positiva e talvez com esperanças de que elas sejam as metas para que um mundo menos violento, menos autoritário, menos desigual no sentido dos direitos e justiça social, de fato possa existir. (Diário de bordo, 9/7/2015).

Quando os jovens personagens diziam de si, na peça, não falavam apenas encenando para os expectadores, mas estavam dizendo para si mesmos e para os demais que ali estavam.

Este ano, 2015, e cada ano é uma possibilidade de cada jovem, cada pessoa se constituir, se perceber em suas subjetividades mais singulares e se lançar naquilo que mais lhe atrai, naquilo que mais lhe chama a atenção, em seus desejos mais escondidos. Eles têm muito a dizer e, por isso, a nos ensinar novos olhares para as demandas do mundo.

Cada um daqueles jovens artistas da vida cotidiana brilhou e, naquela fração de hora em que o espetáculo acontecia, minha esperança se fortaleceu em que a vida vale a pena. “Talvez, eu creio, um futuro melhor esteja por chegar! Ao menos para quem se permite ter experiências como essa e as possibilita em pequenas intervenções micropolíticas, como escreve o filósofo Pelbart (2015)” (Diário de bordo, 9/7/2015).

Caminhos e descaminhos

Encontrei com o Lupi na entrada do metrô, na Praça Catalunya, às 8h20min do dia 9 de abril de 2015. Nosso destino Universidade Autônoma de Barcelona. Uma viagem de aproximadamente 40 minutos de trem, desde o ponto onde estávamos.

No caminho, conversamos, entre uma parada e outra, sobre o seu cotidiano na cidade e o trabalho na universidade, naquele semestre estava dando aulas para os primeiros anos de Psicologia, além das orientações e do grupo de estudo que coordena no Departamento de Psicologia Social.

Lupi falou de suas vindas ao Brasil e da dependência das agências de fomento à pesquisa.

Ao chegarmos na UAB, ele indicou onde deveria me apresentar para cuidar da documentação e efetuar minha estadia como estagiário de doutorado estrangeiro. Na sequência, subimos ao refeitório para tomar um café e conversar um pouco mais, agora sobre o plano de estudos que havia preparado.

Estava ansioso para realizar uma série de atividades, como definir os filmes que iria utilizar na tese e conhecer a produção de cinema espanhol voltado à temática da sexualidade e suas reverberações na educação, discutir o cinema como ferramenta pedagógica e pesquisar sobre professores universitários que trabalham com temas de gênero, sexualidades e preconceitos e utilizam o cinema para ampliar suas reflexões.

Após me ouvir, calmamente, Lupi argumentou que o tempo que eu ficaria em Barcelona não seria suficiente para realizar todo aquele plano, e ele sugeriu que eu participasse de seu grupo de estudos, Laicos lapse, e estabelecesse uma rede de contatos com professores espanhóis e portugueses que poderiam trazer algumas contribuições à tese, pois, de acordo com ele, estariam envolvidos em temas como feminismo, gênero, sexualidades, interseccionalidades, entre outros.

Falou-me ainda que enviaria um e-mail para cada um deles me apresentando e, na sequência, eu poderia procurá-los e talvez marcar um encontro com os mesmos.

Os meses em que realizei o estágio na Universidade Autônoma de Barcelona foram marcados por encontros que contribuíram para a reflexão e ampliação dos horizontes do meu trabalho.

No grupo Laicos lapse, pude realizar uma série de estudos ligados, principalmente, à Psicologia Social. Lemos Solomon Asch, Giorgio Agamben, Nikolas Rose, Tomás Ibáñez, além de acompanharmos os seminários apresentados pelos colegas, onde podíamos dar contribuições que enriquecessem seus trabalhos.

Também apresentei o plano de estudos do estágio de doutorado e o grupo sugeriu, entre outros cuidados, observar a extensão do trabalho, a necessidade de se realizar um estado da arte e delinear estratégias para a seleção dos professores que participariam e dos filmes que seriam analisados.

Entre os encontros do grupo, me dedicava a buscar material produzido pelos professores sugeridos por Lupi, familiarizando-me com suas linguagens e trabalho, antes de acioná-los e solicitar um encontro.

Troquei e-mails com Lucas Platero de Madri, sem, contudo, encontrá-lo, visto que sua agenda estava sempre cheia. Seu trabalho na Universidade Rey Juan Carlos está embasado nas questões feministas e nas interseccionalidades.

Com Conceição Nogueira, de Porto, em Portugal, que esteve envolvida em um projeto de produção de materiais e curso para professores das escolas públicas de ensino fundamental do país, me encontrei no mês de junho, pouco antes da famosa festa de São João de Porto.

Do jovem Gerald Coll-Planas, da Universidade de Vic, na Espanha, adquiri o livro “dibujando el género” muito interessante que trabalha a desconstrução de gênero como algo dado por processos biológicos e sim como uma construção social. Particpei de uma atividade em que dois de seus orientandos apresentaram as pesquisas que vinham desenvolvendo no doutorado, uma sobre sexo entre homens sem o uso de preservativos e a outra sobre homens que fazem sexo com homens em lugares públicos.

Li uma entrevista e depois me encontrei com Teresa Cabruja, de Girona, bastante envolvida nos estudos sobre feminismo e gênero, mas que vem encontrando problemas para manter o seu grupo de pesquisa ativo dentro da universidade.

Através da Teresa tive contato com o grupo de mulheres que em Barcelona, realizam um trabalho a mais de 40 anos com cinema na escola. Visitei a sede da organização Drac Màgic e conversei com uma das líderes, Marta Nieto, que me falou sobre um dos objetivos do grupo: incentivar a produção de filmes por mulheres ou com a temática de gênero, sexualidades e feminismos, além de levar filmes para as escolas a fim de refletir sobre questões importantes para os nossos dias, como consumismo, identidades, gênero, sexualidades.

A professora Conceição Nogueira me apresentou João Manuel de Oliveira, de Lisboa, com quem estive numa tarde, à beira do Rio Tejo, quando me falou do seu trabalho alinhado com os estudos feministas e a utilização de uma infinidade de

filmes e peças de teatro, em sala de aula, para avançar nas questões de seu interesse.

Também revisei o texto de Peter Spink (2008), “O pesquisador conversador no cotidiano” e foquei nas conversas cotidianas e o que elas poderiam me revelar em relação a temática proposta.

Com Lupi, pude cartografar um panorama de como as lutas dos grupos LGBT da Espanha e parte da Europa enfrentam o crescimento dos conservadorismos e, mesmo estando à frente de muitos outros países em relação às conquistas alcançadas, não há garantia, por exemplo, de que uma travesti possa se tornar uma professora da rede pública.

Realizei uma série de conversas com Renata Orlandi, uma brasileira com quem dividi, por um tempo, o apartamento em Barcelona. Ela trabalha na Universidade Federal da Fronteira Sul e desenvolve uma série de projetos voltados para a reflexão sobre os preconceitos, as sexualidades e as questões de gênero.

A pesquisa cotidiana me possibilitou colher uma série expressiva de vídeos no Youtube que, por sua produção subterrânea, serão explorados mais adiante neste trabalho, caso de Saullo Berck, por exemplo, que grava vídeos caseiros dançando com tijolos como sapatos, e de Lorelay Fox, uma travesti de Sorocaba que possui um canal onde, além de postar tutoriais sobre maquiagem e outros truques do mundo das travestis, discute várias questões ligadas às temáticas LGBT.

Meu estágio na Universidade Autônoma de Barcelona durou seis meses, e só foi possível depois de um enfrentamento com a Secretaria de Educação de Sorocaba que me negou a licença sem remuneração, como já mencionei anteriormente. Esse período foi importante para conhecer pessoas, tecer redes e, principalmente, sentir o privilégio de poder usufruir de um espaçotempo privilegiado para me dedicar exclusivamente a pesquisa.

Conceição, política, feminismo e educação

Depois de alguns e-mails trocados, lá estava eu na bela cidade de Porto, acompanhado pela amiga Sílvia, para uma conversa com Conceição.

Encontramo-nos em sua sala, na Universidade, e antes que pudesse lhe perguntar qualquer coisa, foi ela quem quis saber qual o meu interesse em sua pessoa. Esbocei um resumo de minha trajetória na educação até o doutorado e o estágio com o Lupi, na Universidade Autônoma de Barcelona, que me sugeriu conhecê-la por sua relevância nos temas do feminismo, gênero e interseccionalidade.

Feito isso, pedi que Conceição me falasse de sua trajetória.

Eu entrei na Psicologia em 1979. Nós tínhamos saído da ditadura, não havia Psicologia durante a ditadura, nem Sociologia, nem nada. Era um curso novo. Eu pensava que poderia fazer Direito também, mas gostei mais da ideia da Psicologia e, afinal, ambas as áreas tem a mesma lógica: a questão das discriminações. O Direito iria para a parte do legal e a Psicologia, eventualmente, pensava que poderia trabalhar as questões de defesa das desigualdades evidentes, o que muitos chamavam de profissão missionária. Eu sempre fui mais ligada às questões sociais, as questões políticas, mesmo quando adolescente, porque tive a sorte de viver a revolução¹⁸ que tivemos aqui em Portugal e não é qualquer pessoa que vive uma revolução na adolescência e, quem a vive, se souber aproveitar dessa vivência, fica muito marcado e isso reflete na construção de quem você será no futuro. E isso me marcou muito. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Contou-me que as questões de gênero foram aparecer como importantes para sua trajetória acadêmica, quando ingressou no doutorado. Em sua juventude, achava que o assunto estava bem, afinal, depois de uma revolução que buscava a igualdade, todas as questões deveriam estar resolvidas, isso seria o que chama de “a veia utópica das pessoas de esquerda que acreditam que numa política de esquerda não existiriam desigualdades entre homens e mulheres”.

Após concluir o curso de Psicologia, tiveram início os primeiros cursos de mestrado em Porto, e Conceição relata que fez o processo e foi selecionada. No mestrado em Educação, pesquisou a autoeficácia das mulheres, e se lembra de que, naquele momento, não havia estudos, pelo menos em Portugal, das questões

¹⁸ Revolução dos Cravos que, em 1974, pôs fim ao regime ditador de quarenta e oito anos em Portugal.

de gênero. Aproximou-se das questões do feminismo e dos estudos de gênero, por conta própria, ao mesmo tempo em que a vida privada acontecia e a levava a perceber como a revolução não trouxe a igualdade tão sonhada na juventude.

Essas questões começaram a despertar sua curiosidade e, no doutorado, seu tema estava relacionado às mulheres que ocupavam posição de chefia. Ela fala,

No meu doutorado eu resolvi entrar e fazer sobre as mulheres em posição de chefia, de liderança. Comecei com uma perspectiva ainda muito positivista, a minha orientadora também era positivista. A gente não sabia o que era, com clareza, os estudos feministas e as questões de gênero. Em Portugal não havia nada. Assim, a minha orientadora foi fantástica, me deu liberdade total nas leituras e pesquisa e, então, de forma perfeitamente solta, comecei a entrar pelos feminismos, pelas teorias feministas, mesmo não se tratando de textos da Psicologia. Então, a minha tese deixou de ser positivista, deixou de ser quantitativa e passou, eu passei a falar de teorias que Portugal nunca havia ouvido falar na vida. Introduzi as questões feministas em Portugal. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Com entusiasmo, relata seu contato com os textos de Judith Butler e outras tantas leituras autônomas que provocaram uma reviravolta epistemológica em sua trajetória acadêmica, graças também à confiança de sua orientadora Lígia Amancio. Dessa forma, passou a investir em pesquisas para uma outra Psicologia Social, não mais a experimental e positivista, mas uma Psicologia Social construcionista. Foi esse seu interesse que possibilitou o encontro com Lupi.

Conceição fala que a partir da conclusão do doutorado, em 1997, suas pesquisas passaram a ser direcionadas por uma perspectiva epistemológica crítica, sempre feminista, centrada em experiências diversificadas das mulheres e, na sequência, com questões relativas às sexualidades.

Atualmente é professora na Universidade do Porto, na graduação em Psicologia e na Pós-Graduação, onde trabalha as vivências e subjetividades resultantes de cruzamentos entre diferentes categorizações – classe, gênero, orientação sexual, faixa etária; ou seja, as interseccionalidades.

Dou aula na Psicologia e no Doutorado em Educação. Na Psicologia, tenho uma disciplina onde falo das questões de gênero, das questões da sexualidade, do racismo, enfim, uma disciplina mais voltada às discriminações e dou uma disciplina teórica de modelos construtivistas, mais teórico-epistemológico. Tenho um pezinho nas questões mais teóricas epistemológicas conceituais e outro pezinho nas questões dos feminismos, dos ativismos e questões LGBTs. Não quero sair daí. Trabalho sempre gênero; muitas vezes gênero e sexualidades. Gênero, portanto, está na base do meu trabalho, sempre numa perspectiva feminista, muito ligada às

teorias feministas e com base na Psicologia Social. Também me interessa as questões dos sujeitos emancipatórios, assim como as questões da mobilidade social e, ainda, as questões das desigualdades. Na prática, esse é o meu trajeto. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Nossa conversa envereda pelas ideias do construcionismo, e ela conclui.

O resultado da minha história tem haver com o contexto social, histórico, ideológico e político. E aquilo que eu fiz ao longo do tempo e aquilo que eu sou agora, é muito o resultado dessa construção que passa pelo desenvolvimento com o contexto político e ideológico. Poderia não ter tido, muitas outras pessoas não tiveram esse contexto com a minha idade, não tiveram envolvimento, viveram, sentiram na sua vida toda essa revolução, mas não a viveram da mesma maneira que eu. Essas vivências não tiveram nada a ver com o gênero, com os feminismos, mas estavam fortemente ligadas à mobilização política, às manifestações, que possibilitaram um olhar mais atento para a realidade social e para as desigualdades. E à medida que a gente avança nessas reflexões, outros olhares são despertados e começamos a perceber as desigualdades nas vivências pessoais, nos relacionamentos, na família. Assim, posso dizer que com meus quinze anos, mesmo não sabendo nomear, eu já era feminista. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

A segunda parte de nossa conversa foi pautada por assuntos relacionados à Educação. Em uma pesquisa prévia que realizei, antes do encontro, pude observar que a professora Conceição participou da autoria dos *Guiões de Educação: Gênero e Cidadania*¹⁹, uma série de documentos oficiais da educação do governo de Portugal, encomendado pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero (CIG) do Ministério da Educação, e que têm o objetivo de orientar os professores do país no trabalho sobre as questões de gênero na escola, dentro das disciplinas Formação Cívica e Área de Projeto. Esse processo teve início em 2008 e cada um dos guias está dividido em duas partes, sendo a primeira comum a todos, voltada para uma explanação teórica sobre o assunto e, em seguida, a apresentação de atividades específicas por faixa etária e nível de escolaridade, sendo que há um guia

¹⁹ Pode-se ler na nota prévia da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género no Guião de Educação Gênero e Cidadania 2º ciclo do ensino básico (2012, VII),

A finalidade destes Guiões é a integração da dimensão de gênero nas práticas educativas formais e nas dinâmicas organizacionais das instituições educativas, com vista à eliminação gradual dos estereótipos sociais de género que predefinem o que é suposto ser e fazer um rapaz e uma rapariga. Pretende-se, assim, contribuir para tornar efetiva a educação para a cidadania para raparigas e para rapazes, garantindo que a educação, e a cidadania como uma das suas áreas transversais, se configure e estructure a partir, entre outros, do eixo das relações sociais de género, visando uma verdadeira liberdade de escolha dos percursos académicos e profissionais e dos projetos de vida por parte, quer de raparigas, quer de rapazes.

específico para a Pré-Escola (Educação Infantil), e outros para o 1º, o 2º e o 3º ciclo da educação básica.

Conceição fala do processo para a produção desses documentos,

O processo de produção dos guiões foi dinâmico e interessante, pois algumas colegas que trabalhavam como técnicas na Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género convidaram a Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres²⁰, o trabalho foi sendo elaborado em um grupo do centro e ou do norte do país, onde algumas trabalham mais na elaboração da parte teórica e outras nas atividades, divididas por temas. Essas atividades eram testadas por um grupo de professores que participaram do projeto, que apontavam quais surtiam bons resultados e reflexões e quais necessitariam de ajustes. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Ela fala da disponibilidade do material na internet para todos os que tenham interesse e queiram utilizar em sala de aula, como tema transversal.

Questiono se há ainda algum envolvimento, na atualidade, da equipe que produziu o material com professores das escolas públicas. Ela responde,

Algumas de nós que fomos as autoras dos guiões, dependendo do sítio em que nos localizamos, algumas aqui no norte do país, vamos a algumas escolas indicadas pelo Ministério da Educação e fazemos uma formação para os professores que se propõem a refletir sobre esses temas, o curso é certificado e conta pontos no currículo de quem o faz. Então, os professores são livres para se inscrever. Sempre há inscrições. Uma das tarefas do curso é que os participantes escolham uma ou duas atividades dos guiões para aplicar em sala de aula. Há escolas que desenvolvem projetos anuais com os temas de gênero, em outras, alguns professores elaboram algumas atividades, de acordo com a necessidade que sentem. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Para Conceição, o projeto teve um grande investimento de verbas e os materiais poderiam ser mais bem utilizados, se houvesse mais espaço para que os professores trabalhassem com essas questões e as demais, pois há outros guiões que se referem aos demais temas transversais, como educação ambiental, por exemplo. E ela fala,

O projeto teve muito dinheiro investido. É um material gratuito. Hoje está traduzido para o inglês e não imagino quem vai se interessar, ou quem vai precisar disso em inglês. Nossas ligações institucionais são com os países

²⁰ Criada em 1991, a Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM) é uma associação de carácter científico, sem fins lucrativos, que visa apoiar, promover e dinamizar os Estudos sobre as Mulheres / Estudos de Género / Estudos Feministas em todas as áreas do saber. A APEM é uma associação de carácter nacional e congrega um conjunto significativo de especialistas e de investigadoras/es de diferentes instituições académicas e científicas. (Disponível em: <<http://www.apem-estudos.org/pt/>>. Acesso em 16 Jun 2015)

da língua portuguesa. Um dinheirão tremendo gasto para a tradução. Eu acho que isso nunca vai ser utilizado. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Ainda sobre a educação e como ela sente a inclusão das questões de gênero e sexualidades no ambiente escolar, ela diz,

Enquanto as questões de gênero são mais tranquilas de adentrar ao universo da escola, isso não aflige a família. Mas as questões das sexualidades, já não são tão fáceis de adentrar a escola. As escolas não são fechadas para as questões das sexualidades. Ações de formações de professores seriam fáceis de fazer, mas o problema seria os professores trabalharem isso na escola. Sempre que eu faço as ações de formação nas escolas para os professores, não falo só de gênero, mas acabo entrando em muitas outras questões que não estão nos guiões. É um momento particular, único, onde se pode aprofundar tais assuntos. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Há, de acordo com Conceição, muitos professores, principalmente do sexo masculino, que fazem o curso de formação, pois é requisito para alcançar pontos para chegar à direção da escola. Da mesma forma, há muitos professores que dizem que o curso é irrelevante, pois na escola onde trabalham, geralmente nas áreas mais do interior do país, não há problemas de gênero e de sexualidades. Ela fala que *“na ideia de armário está claro que os desgraçados e as desgraçadas que existem ali, tem mesmo que ficar fechados, trancadíssimos no armário”*. As aulas de educação sexual quase sempre abordam as questões do ponto de vista biológico, como o cuidado com as DSTs, o uso de preservativos, numa lógica que põe o sexo como algo ligado ao perigoso e ao mal e não como algo prazeroso que nos constitui como seres humanos. Fala então sobre a estratégia bastante utilizada pelos professores para essas aulas,

[...] que consiste em chamar os alunos no final da aula para elaborarem suas perguntas sobre as questões da sexualidade e, sem identificação, colocar dentro de uma caixa para serem respondidas depois. Muitas vezes aparecem perguntas que não têm nada haver com os assuntos trabalhados na aula, mas que tem haver com as pessoas, suas dúvidas pessoais e os professores não podem respondê-las, muitas vezes fingem que não as viram e as vezes tentam responder de maneira simples. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Para concluir nosso encontro, Conceição relata um caso específico que acompanhou em um dos cursos de formação.

É um caso particular e que eu acho muito paradigmático e que eu fiquei preocupada. Eu fui a uma dessas terras do interior fazer formação. Comecei a formação, falei de gênero e como sempre as questões das sexualidades aparecem e conversamos sobre elas. Porém, notei que um dos professores parecia um tanto incomodado. A gente sempre nota as reações dos participantes e ele me parecia nervoso. No final do encontro ele veio falar comigo e me pediu indicações de leitura sobre as questões de gênero para poder se aprofundar. Passado algum tempo recebi um e-mail desse professor onde dizia que precisava falar comigo, pois tinha um problema muito sério em sua família, queria me telefonar. Bem, o que se tratava? Seu filho mais novo que sempre fora um bom rapaz, muito inteligente, que sempre tirava notas boas na escola, inclusive na escola em que o pai era professor, pois o lugar é muito pequeno e toda a gente conhece todo mundo. Então, o pai dizia que o seu filho mais jovem estava com um problema e mesmo o filho mais velho, que estudava medicina, não pode ajudar e a família precisava de ajuda, pois o menor estava com problema de gênero, ou seja, se via feminino e não como tinha que ser, na ideia da família. Assim, marcamos psicólogos para toda a família aqui em Porto e os pais sempre diziam que aquilo não era normal, que não poderia estar acontecendo. Que não poderiam suportar aquilo, que era o fim. O fim da carreira do pai, enquanto professor da escola em que o filho estudava. No final, depois de um tempo, o próprio filho menor me escreve dizendo que tudo não havia passado de uma fase, que agora estava tudo bem e que ele já se sentia masculino. É possível ter sido apenas uma fase? Não vai ser uma fase nunca, isso quer dizer como no interior as pessoas sofrem muito com essas questões, mesmo que tenham um certo grau de estudo e compreensão das coisas. No caso, o pai era professor de Filosofia e ele próprio se achava tolerante. (NOGUEIRA, 09/06/2015).

Quando estávamos nos despedindo, ela me presenteou com exemplares dos *Guiões* que havia em sua sala, e sugeriu ainda, que eu buscasse conversar com o professor João Manuel de Oliveira, do Instituto Universitário de Lisboa, que, segundo ela, poderia trazer boas colaborações para a minha pesquisa. Agradei a gentileza e sua disponibilidade em me receber e saí para encontrar Sílvia e caminhar pelas simpáticas ruas do bairro da Ribeira, às margens do Rio D'Ouro.

Teresa, uma questão de gênero

“Desculpe-me o atraso, esse período é o mais sobrecarregado de trabalho”, disse Teresa ao me encontrar no corredor onde fica a sua sala.

Ela é uma daquelas pessoas que a gente conhece e logo parece que é amiga de longa data. Simpática, despojada e falante, reclama, enquanto entramos em sua sala, do calor que está fazendo em Girona e da quantidade de trabalho que tem para concluir.

Questiona o meu interesse em sua pessoa e eu lhe conto rapidamente que sou um pesquisador brasileiro fazendo um estágio de doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona e que pesquiso questões de gênero e sexualidade em educação, especificamente no cotidiano escolar, e que estava interessado nas conexões dessas questões com o cinema.

Seus olhos brilham, e ela conta que usa uma série de filmes para discutir tais questões em suas aulas. Sugere-me conhecer Drac Màgic, uma fundação de Barcelona que estuda e divulga produções audiovisuais, com um olhar feminista.

Conversamos um tempo sobre o diretor Adbellatif Kechiche, que entre outros, assina *La vie d'Adèle* (2013), conhecido no Brasil como *Azul é a cor mais quente*. Teresa diz que seus filmes abrangem temas muito caros para a contemporaneidade, principalmente as questões de gênero, sexualidade, raça e marginalidades, temas que propiciam importantes reflexões na formação de suas turmas.

O filme *Flores do Oriente* (2011), dirigido pelo chinês Zhang Yimou, Teresa utiliza para instigar o olhar para o papel da mulher no período de guerra, já que a história oficial omite tais informações que quase nunca são questionadas ou pensadas dentro dos espaços escolares.

Segundo ela, o cinema está presente em boa parte de seu trabalho, ora para instigar um novo conteúdo, ora para avançar em questões já em pauta e, ainda, quando o tema já foi colocado, após ver um filme, se volta ao debate observando se ele possibilita alterar impressões, argumentos e ideias.

Quando a questiono sobre sua trajetória, pois me interessa saber quais as razões que a levaram a se interessar pelas questões do feminismo, gênero e marginalidades, Teresa passa a contar sua história de forma desordenada, como se fosse a primeira vez que vivia tal experiência.

Diz que cresceu em uma área rural de Girona e que seus pais sempre foram críticos e ligados à ideologia da esquerda. Credita inclusive a esses fatos a forma como foi criada, bem como a criação das demais crianças daquele lugar, em que não restringiam as atividades aos gêneros, “*um menino poderia ser um menino e cozinhar se quisesse*”, diz sorrindo. Tereza fala que não percebia tabus; seu pai, inclusive, queria lhe ensinar a trocar pneu do carro, “*porém eu era criança e estava interessada em ser criança e não em trocar um pneu*”.

Teresa fala de sua paixão pela literatura e que, provavelmente se deve às suas muitas leituras, desde a infância, o olhar mais atento para os temas como subjetividades, gênero, sexualidades, assim como para memórias, relatos de viagens, os estrangeiros e as migrações, ou seja, tudo o que está nas margens sociais.

Ela ria enquanto contava um fato inusitado sobre seu apego pela leitura.

Imagine que quando eu era pequena, após o jantar, quando deveríamos ir dormir, muitas vezes eu ficava lendo os livros que tinham em casa pela claridade que passavam pelos vãos da janela e uma vez meus pais me pegaram nessa atividade clandestina e que questionaram o porquê não abria a cortina e janela para ler mais facilmente. (CABRUJA, 25/06/2015).

Entre um assunto e outro, Teresa me convida para irmos ao bar, ao lado da Universidade onde trabalha. Lá, nos sentamos embaixo de uma grande árvore e tomamos uma cerveja, no esforço de amenizar o calor da tarde de verão.

Ela me diz dos desafios que vem enfrentando na Universidade, onde lidera um grupo de pesquisa voltado aos estudos das mulheres, gênero e cidadania, que está em vias de extinção, por falta de investimento da instituição. Lamenta o fato de os pesquisadores envolvidos encontrarem dificuldades para uma colocação no mercado de trabalho e, muitas vezes, necessitam mudar-se do país.

Explica com orgulho sobre o primeiro curso de doutorado interuniversitário, do qual é uma das idealizadoras. Ele reúne cinco universidades diferentes da Catalunha e envolve cursos de diferentes áreas, como Geografia, Arquitetura, Direito e Psicologia.

Pergunto-lhe se conhece como funcionam as escolas de Ensino Fundamental da cidade, e ela me diz que não tem contato com essa etapa da educação, vez ou outra surge um aluno no curso de pós-graduação onde trabalha, mas não acompanha como as questões de sexualidade e gênero estão sendo desenvolvidas.

Eu lhe conto dos últimos embates sobre os planos de educação nos níveis municipal, estadual e federal no Brasil, e ela lamenta que, em pleno século XXI e com tantas leis a favor da igualdade e proteção contra violências das populações LGBT, como é o caso da Espanha, ainda ocorrem muitas situações de preconceito e discriminação.

Teresa se mostra cansada, em Girona é final de semestre e também do ano letivo. Como ela trabalha também em Barcelona, conta que tem um volume muito grande de aulas, trabalhos e provas para concluir, mas, neste momento, o que mais está tirando sua energia são as questões da própria academia e a falta de reconhecimento pelo seu grupo de pesquisa. O sucateamento das universidades é algo que se passa não apenas no Brasil.

O trabalho de reflexão e as tentativas de avanço nas questões de gênero e sexualidade nos diferentes espaços sociais é árduo e mesmo conquistas legais não saem do papel. O embate é diário e, muitas vezes, consegue-se avançar um pouco, para em outras, retroceder e voltar a pensar em novas estratégias para contribuir com a redução das violências, discriminações, estigmas e legitimações de verdades ossificadas socialmente.

Ao final, conversamos sobre a importância das artes na área educacional como possibilidade para refletir sobre temas contemporâneos e contribuir para o desenvolvimento de novas formas de olhar, sentir e pensar o mundo. Fundar novas relações das pessoas consigo mesmas, com os outros e com as questões sociais.

Teresa fala,

Não sei imaginar a Psicologia sem a literatura ou sem o cinema, me surpreende inclusive, que possamos imaginar, falar de como são as pessoas, como são as relações. Me custa pensar, pois quase sempre é possível fazer uma relação com outras histórias, do que eu já li, verdadeiras ou falsas, ou o que já vi, verdadeiro ou falso, do que está aí. No final, os temas que me interessam na literatura, no cinema e na Psicologia, são os mesmos. Sempre me atraem as histórias envolvidas em experiências de vida, experiências de sobrevivência, experiências marginais. (CABRUJA, 25/06/2015).

Agradeço a ela por me receber e por compartilhar, de forma desordenada, sua vida, seu trabalho e o que a mobiliza. Afinal, não é o mundo um espaço desordenado onde tentamos nos equilibrar de muitas maneiras na corda bamba que nos é colocada a cada instante e que teima em nos levar para espaços que nem sempre são os que planejamos estar?

João Manuel, teoria *queer*, arte e subversão²¹

João Manuel é um jovem português que vive na área central de Lisboa. Tive o prazer de encontrá-lo num pequeno restaurante, o Zapata, onde almoçamos e começamos nosso bate-papo.

Ele é despojado, está sempre com uma camiseta provocativa no sentido de desconstruir o pensamento cartesiano burguês e machista, calça larga de tecido leve e chinelos nos pés.

Enquanto esperávamos o pedido, conversamos sobre minha estadia em Barcelona e, na sequência, quase não falei, pois João Manuel é um sujeito que tem muito a dizer, e sua fala tem reverberado em minhas reflexões.

Ao sairmos do restaurante, enquanto caminhávamos pelas ruelas de paralelepípedos até o Café Noobai, localizado no Mirador do Adamastor que possui um mirante privilegiado para o Rio Tejo e a Ponte Vinte e Cinco de Abril, contou-me um pouco das histórias do local.

João Manuel se assume como um investigador feminista, no sentido de entender as questões feministas como aquelas que pensam o humano e não apenas o que se restringe ao universo feminino ou masculino. Sofreu a influência política da Revolução dos Cravos e é um crítico contundente do modelo retórico, conservador e acrítico das universidades portuguesas.

Sobre sua trajetória, diz que a região do Alentejo, onde nasceu, foi em parte responsável pela sua aproximação com a política de esquerda e as lutas do povo contra o fascismo no período da ditadura militar.

O Alentejo, durante o período da revolução viveu um período marcado por ações revolucionárias com ocupações de terras, formação de cooperativas com o mote “a terra a quem a trabalha”. Também houve influência do que via na televisão, como os desenhos animados soviéticos, como das antigas Tchecoslováquia e Iugoslávia, por exemplo. Isso durou pouco tempo, mas tivemos um período na infância muito distinto do que se vive agora. Minha família era muito aberta e deixava a gente ver o que queria, fui muito influenciado por leituras e filmes, aos dez anos assistia a filmes exibidos na televisão aberta de grandes cineastas como Fassbinder, Pasolini, Greenaway e até filmes da primeira fase de Almodóvar e creio que até

²¹ O encontro resultou na entrevista “Conversa com João Manuel de Oliveira: ativista, professor e pesquisador feminista”, publicada na Revista Espacios Transnacionales, n. 3/5, p. 116-124, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2016/05/ET5_PROEN%C3%87A.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

cinastas brasileiros, como Cacá Dieges e Glauber Rocha. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

Disse-me que seu encontro com a professora Lígia Amâncio, no curso de Psicologia Social, em Lisboa, colocou-o em contato com os estudos de gênero e o feminismo, além da liberdade em escolher disciplinas de outras áreas, que o pôs em contato com leituras da antropologia. Liberdade, para ele, é essencial.

Eu sempre tive liberdade, não no sentido de que me foi dada. Sempre me interessou estar num local onde me pudesse sentir mais livre e vejo a universidade, ao contrário do que a maioria das pessoas vem, como um lugar de liberdade, um espaço de liberdade de pensar. Há pessoas que têm uma visão contrária, porque vêm a universidade como um sítio em que você tem que obedecer às pessoas. Eu nunca fui de obedecer e não vejo a universidade como esse lugar. Sempre tive isso e na minha história intelectual e também tenho interesse por essas questões ligadas à liberdade. Acredito que a única maneira de poder criar alguma coisa é tendo liberdade. Esse é o grande jogo! (OLIVEIRA, 30/07/2015).

João Manuel vai puxando linhas e, em cada uma, acrescenta novos elementos de seus investimentos políticos, acadêmicos e de ativista das questões feministas.

Fala sobre suas leituras atuais, atento à educação estética.

Agora eu ando a ler muito Gayatri Spivak, uma autora para mim muito importante, que sendo indiana, sua especialidade são as questões do pós-colonialismo e as relações com o feminismo. Ela tem um trabalho sobre a questão da educação estética, que é essa educação mais do século XIX romântico, que é a educação como preparação do homem para a liberdade. A Spivak trabalha a partir de um livro muito conhecido do Schiller (1995), que é “A educação estética do homem”. Schiller é um filósofo e escritor muito identificado com o eurocentrismo, com essa ideia de Europa como centro. Spivak faz exatamente aquilo que o Fannon fez com o Hegel, que é pegar o europeu, transformá-lo e usá-lo pós objeto de pesquisa. Educação é isso! (OLIVEIRA, 30/07/2015)

Sua aproximação com a teoria *queer* e o debate sobre sexualidades se deu pelo referendo sobre aborto realizado em Portugal, em 1988, quando a maioria da população votou contra a liberação. Diz que o fato o deixou perplexo, depois da ditadura que o país havia enfrentado e, mais ainda, pela Revolução dos Cravos, que trouxe uma suposta divisão entre Igreja e Estado. Sente necessidade de compreender essas questões, então, no mestrado, se debruçou sobre a temática do

aborto, dando continuidade no doutorado, em que defendeu a tese com uma abordagem feminista sobre o debate relativo à interrupção da gravidez em Portugal.

O projeto feminista, que é um projeto com uma amplitude muito maior e, portanto, ao contrário do que as pessoas pensam, não é algo restrito à mulher. Feminismo é pensar o humano, é uma outra lógica. Não tem relação em apenas pensar os homens e as mulheres, que são elementos, mas não o centro do feminismo, o centro do feminismo é problematizar quem chega a contar como humano. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

João Manuel fala diversas vezes sobre dança, teatro e cinema. A arte compõe o seu trabalho e é uma forma política de intervenção no mundo, pois ela pode tocar de modo contundente questões como raça, gênero, sexualidade e colonialismo. Ele cita, dentro do movimento da dança contemporânea portuguesa, Vera Mantero e Francisco Camacho, que, pela maneira como trabalham, podem ser considerados teóricos também, pois trazem com sua produção artística reflexões filosóficas contemporâneas.

Sobre a ligação com a dança, ele fala:

A minha passagem pela dança ocorre pós os estudos de gênero. Foi uma proposta do próprio Francisco Camacho, para que eu criasse um programa de formação em gênero, sexualidade e dança e dessa forma surgiu o Inbreeding, que é quando aquelas famílias reais fazem casamentos entre si, esse é um processo de inbreeding. A minha ideia com o Francisco é muito próximo disso e os estudos de gênero é muito isso, não fazem fronteiras. Eu lia muito Donna Haraway e como ela, acredito na porosidade das fronteiras e que elas não têm que ser respeitadas a priori. As fronteiras são porosas e não tem que ser uma única coisa. Então fizemos esse programa que incluía o ciclo de pesquisa e criação em que as pessoas não tinham apenas aulas, a ideia era para que pudessem fazer a pesquisa no processo de criar algo. Um processo criativo alimentado por leituras, por vídeos, por cinema, por conversas, por feedbacks, tanto nosso quanto dos participantes, portanto, numa óptica de experimentar. Experimentações ao máximo. Esse programa durou quatro anos em Lisboa. Mas minha relação aí, começa a ficar mais séria, à medida que passei a fazer dramaturgia e a dança contemporânea em conjunto com um coreógrafo ou coreógrafa, na construção das peças, fornecendo materiais como textos, filmes e vídeos e ao mesmo tempo utilizava esses materiais nas aulas do doutorado. Às vezes levava coisas da Pina Baush para os alunos verem, que é interessante para pensar as questões de gênero. A dança me interpela muito, pois é muito forte pensar o que você pode fazer com o corpo. Não é óbvio. Há um texto do Deleuze, que se chama "O que pode um corpo", essa questão é muito séria, um corpo não pode fazer nada se não tiver uma série de contextos e instrumentos e tecnologia que o permitam fazer, porque nós somos completamente dependentes e vulneráveis. Portanto, há um mundo interno para se pensar a dança, que seria, o que um corpo pode fazer? As pessoas acham que o corpo é um dado, o corpo não é um dado, é algo complexo. Pois é uma construção, apesar de ter um lado concreto, mas um concreto que se não tiver certa

inteligibilidade, não é legível, não existe. Por isso eu sou muito crítico às pessoas que criticam a Butler, que não percebem que não há limites para a construção. A construção é a possibilidade de leitura que você tem sobre um objeto. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

Quando eu questiono sobre o cinema, segue-se uma avalanche de informações sobre produções, diretores e as possibilidades do uso de filmes em suas aulas para pensar a complexidade do mundo. *“Eu uso o cinema como arma, como eu uso um livro ou uma peça de teatro ou da dança. Um objeto de ideias sempre”*, diz. Sua atuação e postura dentro da universidade são marcadamente políticas e ativas.

É para isso que a gente está lá na universidade, não é para formar alunos que irão preencher os quadros de funcionários das empresas. Não estou formando bons funcionários, estou a formar cidadãos e cidadãs críticos e construtivos, eles podem implicar em muitas coisas. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

Em relação ao cinema, ele busca os filmes que ajudam a complicar os debates, que torna os temas mais complexos, pois a vida é complexa.

Eu sou muito inspirado pelo cinema, não apenas na prática profissional, nos movimentos sociais, mas na vida. Há um filme que eu ainda não utilizei em aula, mas quero muito utilizar. É um filme português recente que se chama “E agora? Lembra-me”, de Joaquim Pinto, que é lindíssimo, conta a história de um homem que tem HIV e hepatite C, que é o realizador do filme. Ele filma ele e seu namorado mostrando como foi horrível o tratamento pela qual passou, que ia matando-o, mas ele sobrevive porque está agarrado completamente por uma espécie de alegria do amor. Há cenas lindas que é ele filmando o companheiro, que é a única coisa que o faz agarrar-se à vida. É brutal e é um filme que eu usaria para explicar a filosofia de Espinosa, pois mostra a alegria de estar junto, a sensação de paz, a alegria da criação, o olhar para a vida como algo do tipo, que bom que estamos aqui, amanhã já não vamos estar. Há a sensação de um fim, quase uma espada que está acima daquelas cabeças, mas eles estão fazendo a cena deles, com seus cães enormes, no campo onde vivem. O filme começa com uma lesma que se arrasta na tela e, ao mesmo tempo, está a marcar com eles essa coisa bonita que é a vida. Isso é política. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

Os filmes clássicos do cinema europeu, como os de Lars von Trier, Chantal Ackerman, Agnès Varda ou Michael Haneke, são mencionados como obrigatórios, e que não pode faltar filmes feitos por mulheres. Sua inspiração é o cinema de Derek Jarman,

[...] um realizador de inúmeros filmes *queers*. Sua produção é muito violenta também e, normalmente, implica pensar o mundo a partir de umas

coordenadas *queers*, implica toda uma história. Um bom exemplo é que ele transforma personagens clássicos da história inglesa em personagens *queers*. Um dos meus filmes favoritos é *A tempestade* (1979), em que ele transforma os personagens do texto de Shakespeare, num mote gay, que é impactante. Aquilo é um grau de *queering* de uma peça do Shakespeare, que originalmente, não tem nada de *queer*, mas é completamente transformado. Derek é um grande realizador do cinema punk. Há um outro filme dele que eu gosto muito que é o “Jubilee” (1978), que é sobre uma viagem no tempo realizada pela rainha Elizabeth I ao futuro, no meio de uma Inglaterra dos anos 1970, pós industrial, destrozada e em caos. É um filme genial, considerado um dos primeiros filmes punk. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

João Manuel afirma que há muitas possibilidades de trazer as histórias ou situações fílmicas para a discussão de conceitos e cita o texto “The queer art of failure”, de Judith Halberstam, que, a partir de produções de animações dos Estados Unidos, encontra possibilidades para pensar a teoria *queer*. Um dos filmes utilizados é *Procurando Nemo* (2003), de Andrew Stanton e Lee Unkrich, em que a peixinha Doris é uma personagem *queer*. Ela não tem memória e está sempre em busca de estabelecer afetos. *“Isso mostra como o cinema pode afetar, influenciar e impulsionar determinadas práticas e teorias e maneiras de estar nesse mundo”*.

Ele comenta também a utilização de documentários em suas aulas,

Eu gosto muito de documentário também. Eu os mostro em minhas aulas, como de Angela Davis, sobre os Black Panthers. O último que me marcou se chama “Concerning violence”, de Göran Olsson, que é um documentário sobre um texto do Frantz Fanon, que se chama “Sobre a violência”. O documentário mostra imagens da África colonial, sobretudo Angola e Moçambique, enquanto a atriz Lauren Hill (na versão inglesa), narra o texto do Fanon, que diz, o colonialismo não é uma máquina que pensa, é uma máquina de pura violência. Em seguida começa a introduzir a relação colono e colonizado e as imagens falam por si. Há uma parte em que um casal missionário sueco vai para um país africano e quando chega, seu discurso é de construir escolas, hospitais, mas a primeira coisa que constrói é uma igreja e, que só podem entrar aqueles que vivem uma relação monogâmica, dentro dos padrões religiosos. Isso se torna um debate muito interessante e eu gosto de usar esse documentário, junto com o texto do Fanon. As imagens são ótimas e amplificam as ideias e levam os alunos a perceberem que aquilo não são só palavras. O texto tem uma determinada inscrição no mundo. E com esse tipo de cinema a gente pode dar um corpo e amplificar o texto. (OLIVEIRA, 30/07/2015).

E conclui: *“o cinema, portanto, transformador de consciência é um cinema que mexe com as entranhas, que coloca uma mão dentro do corpo e embaralha”*.

Caminhamos um pouco mais pelas ruas de Lisboa, enquanto João Manuel conta algo dos lugares pelos quais vamos passando e me dá dicas do que conhecer

na cidade. Numa das esquinas, nos despedimos e ele segue, em meio a multidão, com sua bolsa a tiracolo de algodão cru.

5 OUTRAS VIAGENS: idas e vindas do pesquisador no cotidiano



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Apenas Um Rapaz Latino-americano

Belchior

Eu sou apenas um rapaz
 Latino-Americano
 Sem dinheiro no banco
 Sem parentes importantes
 E vindo do interior

Mas trago de cabeça
 Uma canção do rádio
 Em que um antigo
 Compositor baiano
 Me dizia
 Tudo é divino
 Tudo é maravilhoso

Mas trago de cabeça
 Uma canção do rádio
 Em que um antigo
 Compositor baiano
 Me dizia
 Tudo é divino
 Tudo é maravilhoso

Tenho ouvido muitos discos
 Conversado com pessoas
 Caminhado meu caminho
 Papo, som, dentro da noite
 E não tenho um amigo sequer
 Que ainda acredite nisso não
 Tudo muda!
 E com toda razão

Eu sou apenas um rapaz
 Latino-Americano
 Sem dinheiro no banco
 Sem parentes importantes
 E vindo do interior

Mas sei
 Que tudo é proibido
 Aliás, eu queria dizer
 Que tudo é permitido
 Até beijar você
 No escuro do cinema
 Quando ninguém nos vê

Mas sei
 Que tudo é proibido
 Aliás, eu queria dizer
 Que tudo é permitido
 Até beijar você
 No escuro do cinema
 Quando ninguém nos vê

Não me peça que eu lhe faça

Uma canção como se deve
Correta, branca, suave
Muito limpa, muito leve
Sons, palavras, são navalhas
E eu não posso cantar como convém
Sem querer ferir ninguém

Mas não se preocupe meu amigo
Com os horrores que eu lhe digo
Isso é somente uma canção
A vida realmente é diferente
Quer dizer
Ao vivo é muito pior

E eu sou apenas um rapaz
Latino-Americano
Sem dinheiro no banco
Por favor
Não saque a arma no Saloon
Eu sou apenas o cantor

Mas se depois de cantar
Você ainda quiser me atirar
Mate-me logo!
À tarde, às três
Que à noite
Tenho um compromisso
E não posso faltar
Por causa de vocês

Mas se depois de cantar
Você ainda quiser me atirar
Mate-me logo!
À tarde, às três
Que à noite
Tenho um compromisso
E não posso faltar
Por causa de vocês

Eu sou apenas um rapaz
Latino-Americano
Sem dinheiro no banco
Sem parentes importantes
E vindo do interior
Mas sei que nada é divino
Nada, nada é maravilhoso
Nada, nada é secreto
Nada, nada é misterioso, não

Latitude 19º 48' 57" S – Longitude 43º 57' 15" O

E de repente, uma avalanche de sentidos me perpassam.
 Vem das palavras dos autorizados a dizer,
 Mas esses e essas desviam fluxos, pensamentos,
 Transformam, ampliam, fiam conceitos e
 Nascem narrativas.
 Me impactam como lufadas de vento bom em dias quentes e difíceis demais de suportar.
 Potências inteligíveis começam a borbulhar em minha mente.
 Não consigo segurar as lágrimas
 Não são gotas quaisquer.
 São conexões,
 Extensões,
 Iluminuras que instauram possibilidades
 Ser e estar no mundo.
 Dialogar por afetos.
 Afectação.
 Mirar o mundo através de janelas? Máquinas? Espelhos?
 O olhar do outro que compõe.
 Fazer cotidianos milagrar flores,
 Ao regar a vida com encontros
 Intersecções.
 Borrar imagens.
 Descanonizar.
 Permitir o canto dos pássaros,
 O livre ir e vir das ideias
 A fala desprovida de autoridade,
 Carregada de sentidos outros.
 Overdose política-estética.
 Éticas.
 Descolonizar a razão.
 Fluir encontros
 Potencializar tato, olfato e paladar.
 Provar porções de arte sem moderação.
 Imaginar o alcance do pensamento.
 Criar teias ou se deixar enredar.
 Reverberações.
 Zumbidos como de abelha ao encontrar uma espécie doce e rara no jardim.
 Voltar é preciso,
 Volto,
 Voltamos diferentes.
 Amanhã novas performances nascerão.
 (Diário de bordo, 4/9/2016)

Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política

Entre 1 e 4 de setembro de 2016, estive em Belo Horizonte para participar do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política, com o tema geral "Narrativas com mulheres: experiências investigativas, profissionais e militantes". O percurso para chegar até lá foi costurado a partir da orientação do

professor Marcos Reigota, no sentido de que não deixássemos de nos inscrever e enviar nossas contribuições narrativas.

O dia 12 de junho era a data limite para fazer a inscrição com apresentação de trabalho e, como havia passado o dia todo viajando, só no final da noite cheguei em casa, sem cabeça nem corpo que suportasse ligar computador para realizar a minha inscrição. No dia seguinte, enviei um e-mail para a organização do evento explicando o ocorrido e me orientaram a fazer a inscrição num formulário especial, e seria discutida em reunião a possibilidade de avaliar o trabalho para apresentação ou não. Assim o fiz.

Minha proposta era discutir os encontros – reais e virtuais – que vinha tendo com personagens trans no cotidiano escolar. Narrativas de pessoas que viveram ou vivem a escola como experiência distinta daquelas encontradas em livros, trabalhos acadêmicos e ou apresentações em congressos – onde aparecem mais as questões da exclusão, preconceitos e marginalização dos “corpos estranhos” na escola. Queria conversar sobre a experiência de empoderamento e pertença das trans no cotidiano escolar.

Recebi a carta de aceite da proposta e, assim, passei a me organizar para a viagem, que seria feita de carro e se estenderia um pouco mais, para que eu pudesse conhecer Belo Horizonte, cidade por onde havia passado rapidamente, em 2009, para também participar de um evento – o 7º Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual, que ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como outros colegas do grupo Perspectiva Ecologista em Educação (Uniso) haviam sido aprovados com seus trabalhos – André Yang²², estudante de Psicologia, e a mestranda em educação Cristiane Souza²³ –, montamos uma caravana, à qual se juntou a doutoranda Carmem Machado, recém-chegada da experiência no México, e a mestranda em Sociologia na Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca, Cinthia Pacheco Guacamaya, mexicana de Oaxaca, que estava fazendo um intercâmbio em nosso grupo de pesquisa na Uniso.

²² Apresentou a comunicação “O processo de narrar-se como movimento de questionamento do tempo presente” no grupo A escrita na produção científica – dimensões éticas, estéticas e políticas (YANG, 2016).

²³ Apresentou o pôster “Um/a adolescente infrator adentra o cotidiano escolar: um encontro ou desencontros?” (VITÓRIO; CATUNDA, 2016).

Nossa viagem teve início na noite anterior ao Simpósio; previa que saindo de Sorocaba por volta de meia noite, chegaríamos a tempo da mesa de abertura, porém, acabamos pegando chuva e muita neblina na Rodovia Fernão Dias, além de vários acidentes.

A tensão na estrada era amenizada pelas boas conversas em rodízio, pois havia a necessidade de pelo menos cochilar, e a trilha sonora selecionada pela Cinthia, que nos brindou com o tradicional mariachi mexicano, e por mim, com intérpretes como Fernanda Takai, Cícero, Céu, Maria Bethânia, Marisa Monte e Ney Matogrosso.

Um panorama geral da programação do Simpósio

Em sua primeira edição, o Simpósio foi pensado “como espaço de interlocução interdisciplinar e interinstitucional, com explícita intenção de produzir diálogos entre pessoas da academia, representantes de serviços públicos e de movimentos sociais” (KIND et al., 2016, p. 5).

Quando chegamos à PUC, o professor Marcos Reigota já estava realizando sua apresentação no Painel I, Entrelaces da Rede de Pesquisadoras/es em Narrativas, Gênero e Política, mas fez questão de interromper sua fala para comunicar nossa chegada.

Em suas colocações, defendia as narrativas como pertinentes no espaço acadêmico, desconstruindo os modelos canônicos ditados pelas instituições e fundando a possibilidade dos sujeitos não considerados – os das margens – dizerem por si próprios, de si e dos embates vividos em seus lugares de fala e escrita, alargando, dessa maneira, as fronteiras. Os sujeitos marginais empoderados por suas histórias singulares e coletivas se tornando narradores de si (FREIRE, 2009; RAGO, 2013).

Na sequência ouvimos Ricardo Santhiago, da Unicamp, falar sobre “A escrita de narrativas femininas: história oral e a expansão da experiência”, convidando a repensarmos como temos realizados nossas pesquisas com entrevistas, os registros dos encontros com nossos interlocutores, já que “a criatividade e o improviso da voz viva sempre são maiores que a descrição e a prescrição de procedimentos” (SANTHIAGO, 2016).

Sua fala também contribuiu para pensarmos o quanto nossa pesquisa é menor – em termos de alcance –, mas mesmo assim, grande, conforme a dinamização do debate que podemos proporcionar a partir dela.

Santhiago compartilha ainda os cuidados que toma ao disponibilizar suas pesquisas, desde o formato do livro, o material utilizado até o tipo de impressão. Tudo isso contribui para que o leitor se aproxime ao máximo da experiência da narrativa.

Outras vozes que compuseram o Simpósio foram ricas para pensar nossas pesquisas e ampliar seu alcance e pertinência política e acadêmica. Chamou atenção a sugestão de Luciana Kind, uma das organizadoras do evento, que propõe a extensão de nossos interlocutores como autores conjuntos de nossos trabalhos.

Na Mesa Redonda I – Mulheres e participação política, Heliana Conceição de Moura, soropositiva, nos comoveu com a narrativa de si e o trabalho realizado no Movimento Nacional das Cidadãs PositHIVas, bem como a luta pela garantia dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil.

No Painel II, Produção acadêmica como forma de diálogo entre universidade, Estado e sociedade civil, a apresentação de Mary Jane Paris Spink, “O cotidiano como foco de pesquisa na Psicologia”, foi contundente sobre a necessidade de refletir sobre as complexidades das pesquisas realizadas em áreas de risco, como a que a professora vem desenvolvendo em uma periferia da Região Sul da cidade de São Paulo, onde as demandas se alteram a todo instante ou coexistem, desafiando e instigando os envolvidos a reconfigurar as noções de “cidadania, morfologia geográfica, planejamento urbano e a arte de transitar por entre tantos fios dessa meada” (SPINK, M., 2016, p. 181).

Na Mesa Redonda II, Feminismos contemporâneos pela colcha de retalhos, a narrativa de Diogivânia Maria da Silva, doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Pernambuco, nos brindou com um relato costurando narrativas sobre a militância de mulheres afrodescendentes e africanas nas cidades de Recife e Maputo, Moçambique, onde realizou o estágio de doutorado.

Na Mesa Redonda III, Narrativas e Cinema, Débora Diniz, da Universidade de Brasília (UnB), Eduardo de Jesus, da PUC-Minas, e Murilo Moscheta, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná, mediados por Carolina Marinho, da PUC-Minas, deram um panorama muito real do papel do cinema e da

imagem para pensar as mazelas do Brasil, seja em narrativas ficcionais, seja com as narrativas do real, como os documentários de Debora Diniz, *A casa dos mortos* (2008) e *Zika* (2016), que se propôs discutir a narrativa do vivido que acaba sendo enquadrado para a produção cinematográfica, onde há uma força da imagem pelo regime do vivido, pela etnografia realizada.

Eduardo de Jesus, citando obras como *O céu de Suely*, de Karim Aïnouz (2006), que tive a oportunidade de explorar em minha dissertação de mestrado em educação (PROENÇA, 2009); *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert (2015); *Tangerine*, de Sean S. Baker (2016), e toda uma gama de filmes que sobre os quais me deterei mais adiante, produzidos na e pela periferia, como *A vizinhança do Tigre*, de Affonso Uchoa (2014); *Ela volta na quinta*, de André Novais Oliveira (2015), nos convida a pensar o visível como uma questão política. O que é narrado atravessa o nosso mundo, pois o mundo não nos rodeia, ele nos atravessa. Assim, há toda uma política criada pela produção hegemônica na qual a imagem ruim não é tornada comum, domesticada, sendo que o importante não são as imagens boas, de qualidade e lindas, mas, sim, imagens que nos provoquem.

Para concluir as falas, Murilo Moscheta realizou a performance “Não tem volta”, onde, utilizando recursos de som e imagem – fotos narrativas –, nos trouxe, costurados por sua reflexão, narrativas de seus alunos e alunas sobre as manifestações dos professores paranaenses em 2015, na capital do estado, quando o governo, usando a repressão policial, feriu uma dezena de professores e repórteres que faziam a cobertura do ocorrido – fiquei pensando: como acreditar no potencial da escola quando os governantes sequer conseguem dialogar com os professores, incitando a violência contra corpos que estão gritando por melhores condições de salários e trabalho?

A apresentação do trabalho, reverberações no grupo híbrido

Nas sessões de apresentação, houve uma readequação de alguns trabalhos e o meu acabou sendo colocado num grupo chamado híbrido, “Gênero e políticas públicas + Narrativas”, onde se apresentaram os seguintes pesquisadores/trabalhos: José Alves de Souza Filho (2016) e colaboradores, da Universidade Federal do Ceará, “As transformações de uma metamorfose: narrativas biográficas de Sílvia

Cavalheri”, narrativa sobre uma colega da escola confessional que passa pela transformação de Emílio para Sílvia enquanto se torna professora de apoio aos alunos com dificuldades nos conteúdos estudados em sala de aula. Sua narrativa ganha projeção à medida que avança nos estudos, chegando à universidade e passando a atuar em um grupo de militância pró-transexualidade. Sua biografia oferece elementos para pensar a emancipação e construção de identidades reinventadas; Carolina Mesquita de Oliveira, do Consórcio Mulheres das Gerais, Carolina Dantas Brito, do Centro Universitário UMA, Cláudio Eduardo Resende Alves, da PUC Minas, e Maria Ignez Costa Moreira, da PUC-Minas (2016), “Mulheres, travestis e transexuais: interseções de gênero em documentos de políticas públicas”, trazem para a análise dois documentos que visam políticas públicas, um de ordem nacional relacionado ao enfrentamento à violência contra a mulher, sancionado em 2007, e outro relacionado à resolução nº 002 do Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte que versava sobre o uso do nome social das trans em escolas municipais, datada de 2008. Foi verificado que mesmo em se tratando de documentos legais, há a predominância de binarismos de gênero, concluindo ser necessária maior capacitação dos grupos sociais envolvidos, para que haja mais humanização e coerência no tratamento das pessoas trans; Cláudio Eduardo Resende Alves (2016), da PUC-Minas e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - PBH, que também era o coordenador do grupo, apresentou “Mulheres trans na escola: a política pública e o nome social”, recorte de sua pesquisa de doutorado em Psicologia Social que se debruçou sobre o uso do nome social por estudantes trans na rede municipal de educação de Minas Gerais que, através da Resolução n. 002 de 2008, estabeleceu normativas sobre o tema, no entanto não solucionou todas as demandas desse grupo, principalmente em relação à questão do uso do banheiro. Nesse grupo apresentei meu trabalho, “Pedagogia subterrânea: narrativas trans no cotidiano escolar”, em que abordei a presença dos corpos estranhos – as personagens trans – no cotidiano escolar, a fim de pensar os transbordamentos de sua presença. Apresentei as narrativas de uma diretora, uma professora e uma estagiária trans que (re)significam a educação. Nesse sentido, o cotidiano escolar passa a ser outro, pois os padrões normativos deixam de ser a regra e a diferença passa a ser questão subjetiva (PROENÇA, 2016).

As discussões sobre os trabalhos apresentados giraram em torno das dificuldades de garantia de um ambiente em que as transexuais se sintam parte, acolhidas, e também como romper as velhas questões do uso do banheiro e outros preconceitos que persistem nos cotidianos escolares. Ficou evidente a potência das narrativas para a composição de pesquisas acadêmicas, tanto que algumas pessoas me pediram referências do trabalho para posterior leitura e outras ainda queriam dialogar sobre o cotidiano escolar da educação infantil, pois eu havia comentado que sou diretor de escola que também atende essa modalidade de ensino.

Entre o dia 1 e 2, algumas pessoas do grupo Narrativas, Gênero e Saúde, da Faculdade de Psicologia da PUC-Minas, organizador do evento, nos acolheram em suas casas, praticando a hospedagem solidária. Foi uma experiência muito interessante e André Yang e eu pudemos conhecer Emilene Araújo de Souza, mestrande em Psicologia, e seu esposo, que são cariocas e, em razão do trabalho dele, se mudaram para Belo Horizonte.

Inhotim – a experiência no jardim-museu

No final do dia 2 fomos até o Hostel Laranja Mecânica, sugestão dos colegas Soler Gonzalez e Andréia Teixeira Ramos, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo, que estavam hospedados lá. A Andréia é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, também sob a orientação do professor Marcos Reigota e, no Simpósio, apresentou o seguinte trabalho O potencial político e pedagógico das narrativas das mulheres negras congueiras como prática de re/exis/tência ecologistas com os cotidianos escolares do congo de Roda D'água, Cariacica, ES.

Como havíamos combinado na viagem, no sábado, dia 3, faríamos a visita ao Instituto Inhotim. Esse foi um ponto alto de nossa viagem, depois de dois dias intensos na PUC, ouvindo e refletindo sobre temas caros para nossas pesquisas, chegar num espaço em que a natureza e a arte estão em simbiose, foi uma experimentação prazerosa e inspiradora.

Passear por obras de arte espalhadas pelos jardins, adentrar pavilhões onde sons, imagens, esculturas e instalações nos propunham ficarmos em suspenso e viver-experimentar aqueles breves momentos, como parte da própria obra.

Brincamos com a obra de Chris Burden, *Bean Drop Inhotim* – traduzido livremente como “queda de viga” (de acordo com a página do Instituto). Uma obra imponente, sólida e estática, na qual vimos uma possibilidade de interação ainda maior, enquanto André e eu nos movimentávamos entre uma viga de metal e outra e as tocava, produzindo sons, Carmem dançava entre e com as colunas e a Cinthia fotografava nossa performance.

Divertimos-nos em criar poses para fotos entre as esculturas de bronze de Edgard Souza, e ainda mais, ao observar um grupo de estudantes que, ao nos ver tirando fotos nos bancos feitos de troncos de árvores – obras de arte? – se inspiraram para criar também, seus registros.

Uma das obras que mais me chamou atenção foi a de Doug Aitken, *Sonic Pavilion, de 2009*, localizada numa área mais extrema e elevada do Instituto, que consiste em um “pavilhão de vidro e aço, revestido de película plástica; poço tubular de 202 metros de profundidade, microfones e equipamento de amplificação sonora” (INSTITUTO INHOTIM, 2017). Além da vista que o espaço oferece para o público, ficar dentro dessa galeria, atento ao som produzido no interior da Terra, é intenso. Como geógrafo, fiquei imobilizado pelo efeito. Queria mesmo mergulhar naquele minúsculo tubo para verificar como é cada camada dos 202 metros de profundidade. O som diz de toda uma atividade viva, dinâmica que o subterrâneo faz emergir e, assim, passei a pensar na força que há no subterrâneo, sempre prestes a se expandir para a superfície e que, por motivos diversos, é obrigada a ficar contida. Mas não para sempre. Há forças que estão emergindo, como as trans que ousaram inverter a lógica destinada a elas e vêm se tornando professoras, diretoras, advogadas, doutoras... As fissuras que encontram para sua emersão são criadas por elas próprias, ao desobedecer a lógica segundo a qual, para travestis e transexuais, se reservam cargos e profissões tidas como menores – cabeleireiras, prostitutas.

Amara Moira é um dos exemplos que vem ganhando repercussão midiática nos últimos meses. É uma travesti, prostituta e doutoranda em teoria literária na Unicamp, como veremos mais adiante.

A poesia

Domingo de manhã, quando acordei, todos ainda estavam deitados, era bem cedo, não queria me levantar, mas estava ansioso para escrever sobre o que havia se passado comigo nessa experiência de viagem com os colegas do grupo de pesquisa, o simpósio na PUC e a visita ao Instituto Inhontim. Estava provocado de tal maneira que precisava externar através da escrita.

Para não fazer barulho, acabei pegando o celular, que estava mais próximo da cama onde eu dormia, e escrevi diretamente na minha página do Facebook a poesia sem título que abre essa sessão.

Ela carrega a intensidade dos acontecimentos vividos e experimentados na viagem e restabelece um novo encontro e gosto pela escrita e a alegria que essa prática pode me proporcionar.

Se até o momento da ida havia ansiedade e hesitação quanto à delimitação da pesquisa, agora, com as experimentações vividas na viagem, as conversas cruzadas com tantas informações, conhecimento e olhares dos colegas que estavam comigo, e de outros tantos que pude encontrar, ouvir e externar minhas questões, tudo isso foi fundamental para voltar a escrever, para sentir o desejo pela escrita.

Talvez, a mecanização dos afazeres cotidianos na escola, para a qual, até aquele momento estava vivendo quase integralmente, tenha endurecido minha compreensão de que o contar de mim e de minhas práticas pode ser, ao mesmo tempo, libertador e necessário para, com outras narrativas, de outros sujeitos, empoderados de suas histórias, sejam provocadas as microrrevoluções – aquelas que não utilizam armas de fogo e destruição, mas, sim, a força das experiências para ajudar a emergir dos subterrâneos outras possibilidades de ser, viver e conviver em grupo, almejando dias melhores, com mais justiça social, democracia e liberdade: “fazer cotidianos milagrar flores” (Diário de bordo, 4/9/2016).

A viagem de volta

Quando, enfim, todos acordaram, iniciamos, pouco a pouco, a organização de nossas bagagens, tomar café, bater papo com o Soler e a Andréia – e Cristiane nos apressando e a gente lhe dizendo para ter calma que Sorocaba não sairia do lugar.

Juntos observamos o mapa de Minas Gerais exposto no espaço do café, discutindo como seria feita a viagem de volta, em qual cidade almoçaríamos. Como a maioria disse que não conhecia as cidades históricas, calculei o tempo e a distância passando por Tiradentes, uma das cidades que mais gostei de conhecer em Minas Gerais. Comentei apenas com a Carmen, para saber o que achava da ideia, e ela disse que adoraria passar por lá e acreditava que os outros também gostariam.

Assim, saímos do Hostel por volta das 10 horas da manhã e, sem contar aos demais, pegamos a rodovia rumo às cidades históricas. A paisagem do caminho difere daquela da rodovia Fernão Dias, passamos por mais serras, áreas de exploração de minérios, indicações de remanescentes de quilombolas, cachoeiras, que sempre instigavam meu desejo em conhecer, porém permaneci na ideia de levá-los para almoçar em Tiradentes.

No caminho, pedi a André que fizesse a leitura de sua narrativa, O processo de narrar-se como movimento de questionamento do tempo presente (YANG, 2016), que segundo comentários dos colegas, havia sido impactante e, por ter acontecido no mesmo horário de minha apresentação, não tinha tido o prazer de ver e sentir.

Quando iniciou a leitura, me afetou de imediato. Que beleza de narrativa. Uma parte de sua bio:grafia que eu sequer imaginava. Conforme avançava no texto, eu prestava atenção na leitura, mas também na rodovia e na paisagem que nos cercava. Fiquei bastante emocionado com sua trajetória, que o levou das drogas à graduação em Psicologia, com a perspectiva de seguir carreira acadêmica. Sua história me fez pensar em meu irmão e em tantos alunos e alunas que já passaram por mim e não tiveram as mesmas possibilidades de André. Silenciei e fiquei pensando no quanto sua narrativa pode contribuir para nos ajudar a avançarmos em nossos próprios enfrentamentos, muitas vezes estigmatizados, sobre álcool, drogas, prostituição, problemas mentais e tantas outras questões com as quais no debatemos cotidianamente.

Os reflexos dos últimos acontecimentos permaneceram reverberando em minha cabeça durante os dias que se seguiram, e outros questionamentos foram surgindo: como podemos ajudar e dar outros sentidos para aqueles que se sentem perdidos em seus cotidianos? É possível a escola contribuir para que adolescentes e jovens possam decidir criticamente pelo uso ou não de substâncias psicoativas, sem que sejam julgados como perdidos, autodestrutivos e outras desqualificações tão

presentes na ideia do proibicionismo? Como garantir que em nossas aulas se mantenha viva a vontade de aprender, de forma autônoma e emancipada, respeitando as vivências e conhecimentos construídos por cada aluno?

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira (2015), ao se debruçar, em sua tese de doutorado, sobre a questão das drogas no cotidiano escolar, pode nos apontar algumas possibilidades. Se o intuito de instruir os alunos não garante sucesso em relação ao não uso de substâncias psicoativas, pelo contrário, apenas ignora os seus conhecimentos e o olhar que têm sobre a questão, desde suas experiências que se distinguem singularmente e no coletivo de que participam, seria necessário então proporcionar bons encontros; momentos de troca em que as singularidades expressem as diferenças e abram espaço para o novo.

A autora escreve que é no cotidiano escolar que acontecem boas ou más experimentações sobre questões complexas como as drogas.

É nesses espaços cotidianos que vão sendo desveladas as maneiras como a escola lida com situações complexas – seja atuando como um instrumento de embrutecimento dos espíritos, ignorando as riquezas e singularidades nas relações socioculturais presentes no cotidiano escolar, seja como espaço de experimentação dos processos de liberação que o encontro com as singularidades pode propiciar, e que convidam ao enfrentamento dos medos e incertezas individuais e coletivos (OLIVEIRA, 2015, p. 184-185).

Estas são questões para nos fazer pensar mais em nossas práticas cotidianas na escola, revirando nosso comodismo e certeza de que estamos fazendo o melhor. Não tenho, contudo, a pretensão de responder esses questionamentos neste trabalho.

Latitude 8° 3' 15" S – Longitude 34° 52' 53" O

Essa foi a minha segunda viagem a Recife. A primeira ocorreu durante minhas férias, em 2014, quando fiz um cruzeiro, saindo do Porto de Santos, passando pelo Rio de Janeiro e por Salvador, até chegar a Recife.

Como na primeira, essa também aconteceu durante minhas férias, mas, desta vez, o motivo ia além do turismo; a viagem tinha por objetivo a participação no VI Colóquio Internacional de Estudos sobre o Homem e Masculinidades, organizado pelo grupo Gema (Núcleo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade da Universidade Federal do Pernambuco - UFPE), Instituto Papai²⁴ e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE.

Podemos ler no Livro de Resumos que o Colóquio acontece “desde 2004, tendo sido o primeiro na cidade de Puebla, no México, organizado pela Benemérita Universidad Autónoma de Puebla” (GEMA/UFPE et al, 2017, p. 3) e é um “espaço privilegiado de produção de conhecimento sobre os homens, a partir do enfoque de gênero, na interface entre a produção acadêmica, a atuação militante e a gestão pública” (GEMA/UFPE et al, 2017, p. 4).

O tema do VI Colóquio foi “Masculinidades frente às dinâmicas de poder/resistência contemporâneas: pressupostos éticos, ideológicos e políticos das diversas vozes, práticas e intervenções no trabalho com homens e masculinidades”.

A articulação para minha participação teve início em Belo Horizonte, quando participava do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política, ocorrido em setembro de 2016. Naquele momento, o professor Marcos Reigota me aproximou do professor Benedito Medrado, que comentou sobre o colóquio, convidando-me a me inscrever e enviar um trabalho.

Como o prazo era apertado, decidimos Reigota e eu que deveria ser inscrito o mesmo trabalho apresentado no simpósio de Belo Horizonte, com algumas modificações, tendo sido aceito para apresentação oral, no grupo de trabalho 4 – “Masculinidades, educação e trabalho”.

²⁴ “É uma organização não-governamental, sediada em Recife, que cria ações educativas, informativas e políticas junto a homens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades, a partir da perspectiva feminista e de gênero” (Material de divulgação distribuído no colóquio, 2017). Foi fundado em 1997, pelos professores Jorge Lyra e Benedito Medrado, ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

As escolhas ou minhas apostas no Colóquio

Logo quando cheguei, após realizar meu credenciamento, fui folhear o caderno de programação, marcando as mesas redondas e os grupos de trabalho que mais me chamavam atenção. Meu critério era pensar quais falas poderiam trazer contribuições para a minha tese. Assim, minhas escolhas foram as mais variadas, passando por temas voltados para arte, corpo, memórias e cultura, cine-debate, e os trânsitos possíveis que os corpos podem fazer em si mesmos ou para além de seu lugar.

Estava a procura de possibilidades de um olhar diferenciado para a minha problemática e, conseqüentemente, novas referências que extrapolassem o campo da educação ou aquelas com as quais estou habituado a trabalhar.

Nesse primeiro contato, mudei minha atitude e olhar, abri a guarda para me apropriar daquilo que poderia dialogar com os meus estudos, pois vinha com um certo ranço de outros eventos, em que o tipo de discurso estava num patamar do que a academia pesquisa, nos avanços e criações de conceitos, apresentando alguns caminhos, mas que não vive ou se insere na realidade dos pesquisados; acreditam que dão vozes para seus objetos de pesquisa, mas se esquecem que os subalternos não podem falar (SPIVAK, 2010).

Em sua obra, Spivak utiliza a provocação muito mais para questionar quem são os sujeitos subalternos, já que os limites do conceito vem do pensamento eurocentrista – que possui o crivo para avaliar o que é ou não ciência e verdade – e, assim, dita as características do que seria esse a subalternidade. Porém, se todos os que vivem em países do sul (ou nas periferias do mundo) sofrem os dramas da colonização européia e suas influências no campo da cultura, educação e ciência, não há apenas um tipo de subalterno, mas, sim, uma heterogeneidade de subalternidades.

Assim, muitas vozes são silenciadas e ou desqualificadas, pois não atendem os critérios que a ciência produz para validar as verdades, sendo enaltecidas e seladas com *status* de verdade, as produções daqueles que, fazem a partir do centro (Europa e EUA), ou reproduzem aquilo que o centro disponibiliza para os demais.

Larissa Pelúcio (2012) contribui para a compreensão da leitura de Spivak, devolvendo a questão do título e interpelando: “subalterno quem cara pálida?”. A explicação para essa questão se desenvolve na pequena passagem da história de Zorro, o Cavaleiro Solitário, no episódio em que o herói e seu companheiro de aventuras, o índio Tonto, estão encurralados por índios hostis, e se veem sem saída.

Ao que o herói altivamente constata: “Parece que desta vez estamos perdidos, amigo”. E Tonto, que não teve seu nome adaptado para a versão brasileira, o que não foi sem intencionalidade, retruca: “Nós quem, cara-pálida?”.

Tonto se torna assim o herói dessa fábula anedótica. Porque naquele momento ele arranca sua máscara branca, deixando evidente que era só um recurso estratégico de sobrevivência. Como cientistas sociais que somos podemos propor uma leitura menos anedótica. Mais que isso, como cientistas sociais que aprendemos que o “jeitinho” é uma categoria para se entender uma sociedade hierarquizada, colonizada e racializada, sabemos rir dessa anedota porque podemos nos sentir na pele de Tonto. (PELÚCIO, 2012, p. 396).

Minhas escolhas, neste momento, estavam pautadas em buscar outras vozes, talvez dos desautorizados a falar, dos que, com muita luta, empurram as fronteiras e cavam as brechas para trazer a força da sua vida e do seu trabalho ou do trabalho do grupo do qual participa. Estava em busca de narrativas que fizessem sentido para mim e que talvez propusessem uma forma de intervenção no mundo. Outras escritas, outras gramáticas, outras epistemologias. Como escreve Pelúcio (2012),

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas. (PELÚCIO, 2012, p. 399).

Esta proposta de Pelúcio (2012) se aproxima da ideia de educação emancipatória de Paulo Freire (2009), na qual é preciso um esforço para que cada sujeito se aproprie de sua história singular e coletiva, transformando o conhecimento produzido desde um centro - a partir de ideologias que privilegiam a subjetivação dos corpos em proveito de uma economia cada vez mais globalizada que incita ao consumo e a práticas classistas, racistas e machistas – para criar estratégias criativas, radicais e marginais para o seu desmascaramento. E isto pode acontecer nas micro revoluções cotidianas, quando ao agirmos como o personagem Tonto, utilizamos

nossa subalternidade para fazer o jogo de enfrentamento às hegemonias científicas e de outras ordens.

Assim, fui marcando as propostas de mesas e sessões de grupos de trabalho onde os títulos pudessem sugerir tais aproximações, como pode-se verificar na sequência.

Panorama do Colóquio

O Colóquio foi realizado entre 4 e 6 de abril de 2017 e, na sessão de abertura, Benedito Medrado coordenou uma conversa entre Glória Careaga, da Universidad Nacional Autónoma de México (UMAN) e João Nery, do Instituto Brasileiro de Transexualidade (IBRAT). Medrado abriu a mesa apresentando um panorama da organização do VI Colóquio e a necessidade de se discutir sobre homens e masculinidades. Relata, ao realizar uma pesquisa com as informações dadas pelos inscritos no evento, que encontrou dados bastante relevantes e passíveis de um olhar mais atento e analítico. Aponta que, enquanto 100% dos inscritos responderam questões relativas à idade, local de residência e maior titulação acadêmica, cerca de apenas 50% responderam questões relativas ao sexo ao nascer, à orientação sexual, a identidade de gênero e a raça. Ou seja, é preciso pensar e debater mais sobre a dificuldade que as pessoas, mesmo com maior grau de escolaridade – que o caso do evento –, têm em falar ou assumir posições relativas a sua sexualidade, sua identidade de gênero e raça. Tais assuntos parecem, ainda, estarem situados como questões tabus para um grande número de pessoas. O que está implícito para cada um quando se afirma em um formulário seu sexo ao nascer, sua orientação sexual, sua identidade de gênero e raça?

Na mesa redonda “Masculinidades, interseccionalidades, trânsitos e contextos diversos”, chamou-me atenção a apresentação de Isadora França, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em suas colocações, trouxe os resultados de sua pesquisa etnográfica, realizada em 2012, com migrantes brasileiros que se autoidentificaram como gays em Barcelona, na Espanha. Dentro desse campo, a pesquisadora percebeu que há uma narrativa da cidade de Barcelona associando-a a um mercado vibrante e bem-sucedido para gays e lésbicas. Há uma festa anual,

nas férias de verão, que se inscreve no circuito mundial e atrai um grande número de gays e lésbicas.

Em contato com alguns imigrantes que entrevistou, chegou à conclusão de que esse contexto relacionado ao mercado produz diferenças e desigualdades sociais. Relata que um dos rapazes, por exemplo, de 30 anos de idade, trabalha na limpeza de uma sauna gay de Barcelona, onde é apenas mais um e busca ser promovido para garçom, cujo *status* social é melhor. Quando diz que é brasileiro, é visto de outra forma e consegue melhorar a renda realizando programa, principalmente com turistas. De qualquer maneira, a grande maioria procura emprego que garanta estabilidade para permanecer legalmente na cidade. Finalmente França assinala que os problemas relativos às diferenças e desigualdades sociais se deslocam transnacionalmente com os migrantes, marcados por convenções como gênero, sexualidade, raça e nacionalidade.

Cine-Debate – documentário “*Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero*”

No período da tarde optei por participar do Cine-Debate. Minha escolha se deu pela apresentação do documentário *Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero*, uma iniciativa da Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, conhecida como ONU Mulheres, e do portal independente Papo de Homem, e as possíveis discussões que viriam a seguir.

O documentário, produzido em 2015, é um mosaico de imagens, pessoas e reflexões acerca do machismo construído historicamente e a crescente necessidade de problematizá-lo, em todas as instâncias sociais, a começar pela família, passando pela escola e os demais espaços onde imperam ideias de que o homem tem que ser de uma determinada forma, padronizada, caso contrário não seria homem o bastante.

O documentário traz vários trabalhos realizados em escolas e outras organizações, por grupos como o Instituto Papai, onde a dinâmica é adentrar nas escolas periféricas e dialogar com homens adolescentes e jovens a partir de dinâmicas que lhes possibilitem pensar sobre a construção das masculinidades e a

desconstrução do machismo. Em uma das intervenções, o educador social realiza uma dinâmica em que cada jovem deveria escrever sobre um sentimento que tem dentro de si e muitos dos participantes não escreveram nada, pois afinal ao homem cabe a razão e não o sentimento. A partir daí segue-se uma discussão em que vários daqueles que não escreveram nada passam a desconstruir tal ideia, assumindo a pressão que suportam por serem homens.

No documentário, a ideia que mais me chamou atenção foi a de que é necessário que os homens aprendam a ser homens de outro jeito, que aprendam a conviver entre si e com as mulheres de forma que os padrões machistas, social e historicamente produzidos, não persistam provocando violências de todas as ordens. A carga de cobrança para que um homem seja “macho” é grande e pode produzir danos irreversíveis para sua vida e de outros que façam parte do seu convívio. É preciso desconstruir as formas ossificadas de ser homem.

Finalmente faz-se importante trazer para a cena a reflexão sobre quão dispostos estão os homens a confrontar certos privilégios quando da desconstrução dos modelos de masculinidades que se impõem a grande maioria até os dias atuais. Um dos exemplos é a questão do cuidar da casa e dos filhos. Apesar de em meu cotidiano observar um número razoável de homens que se dedica ao cuidado dos filhos, – a atividade ainda é tida como exclusiva das mulheres, assim como os afazeres domésticos e é urgente que mais homens desconstruam a ideia de que estas tarefas são atribuições apenas das mulheres ou são próprias do universo feminino.

Inquietações provocadas pelos trabalhos apresentados

O dia 5 foi marcado pelos grupos de trabalho. Também a partir da programação, fiz a opção em participar do GT “Direitos Sexuais, arte, corpo, memória e cultura”, que trazia títulos inquietantes e que me chamaram atenção. Dentre os trabalhos apresentados nesse grupo, escrevo a seguir sobre aqueles que me provocaram algumas questões e reflexões.

O jovem pesquisador chileno, Rodrigo Lara Quinteros, da Universidad de Santiago de Chile, onde realiza mestrado em Estudos de Gênero e Cultura, apresentou o trabalho com o título “Afectividad y corporalidad de varones jóvenes no

heterossexuales que buscan vinculaciones sexo-afectivas a través de aplicaciones de *dating gay*: primeros resultados de investigación”. O aplicativo, objeto de estudo de Quinteros, é o Grindr, que na prática funciona como os aplicativos de relacionamento heterossexuais. O que ele trouxe para a reflexão foram algumas desconstruções em torno dessa ferramenta que, de acordo com seus entrevistados, não amplia o círculo social, como seria o esperado. Amplia a ideia de um mercado consumidor para gays, já que são ressaltados padrões corporais – corpos produzidos nas academias –, o estilo de vestir-se – roupas de grifes, entre outras características. Também constatou que o aplicativo produz mais guetos e preconceitos, como a gordofobia, por exemplo. Verifica-se, ainda, tal ferramenta como uma possibilidade de sexo imediato. Na maioria das vezes, os usuários utilizam fotos de partes de seus corpos, evidenciando o papel que desejam assumir numa relação e, quando o rosto aparece, na maioria das vezes, está desfocado. Quinteros destaca que os entrevistados disseram que a ferramenta não é utilizada em locais públicos, pois lhes traria desprestígio social, visto que, na prática, os usuários estariam procurando apenas sexo ou “pegação” – troca de beijos e carícias entre duas pessoas, geralmente do mesmo sexo.

O aplicativo que poderia ser uma ferramenta para aproximar pessoas por interesses e interesses culturais, profissionais e sentimentais, ampliando o círculo social de seus usuários, se torna uma ferramenta de acesso à relação sexual imediata apenas. Poucas são as possibilidades de construir laços afetivos de amizade com pessoas usuárias do aplicativo. Já ouvi algumas pessoas comentarem que o aplicativo é como um mercado: você escolhe o produto exposto e leva para consumir.

O trabalho do pesquisador Vítor Lopes Andrade, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “Entre direitos e invisibilidades: refugiados e refugiadas por orientação sexual no Brasil”, trouxe um recorte de sua dissertação de mestrado em Antropologia. Traçou um panorama de como caminham as questões ligadas às migrações de refugiados por orientação sexual que buscam no Brasil liberdade e melhores condições de vida. Sua apresentação tocou em questões relativas às políticas públicas e aos aspectos jurídicos e salientou a dificuldade das pessoas em manifestar que são refugiados por orientação sexual, visto que, ao chegarem ao

Brasil, se relacionam com outros membros de seu país e temem sofrer preconceitos e represálias ligadas as questões religiosas e culturais.

Os casos mais expressivos de refugiados por orientação sexual provêm de países que ainda consideram a relação entre pessoas do mesmo sexo crime passível de prisão, morte e ou violência, onde são estigmatizados e marginalizados.

Muitas das questões levantadas após as apresentações dos demais trabalhos foram dirigidas para ele, no sentido de compreender por que refugiados por orientação sexual buscam o Brasil que, segundo dados oficiais, já foram apresentados anteriormente, é um país extremamente violento com pessoas LGBT e cujas estatísticas só aumentam.

Já Wendell Ferrari Silveira Rosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apresentou o trabalho “Homem só atrapalha”: reflexões acerca do compartilhamento da decisão de abortar entre mulheres adolescentes de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro”, recorte da pesquisa de mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, refletindo sobre o aborto induzido na adolescência e o modo como os parceiros participam da decisão. Segundo os dados apresentados, as adolescentes entrevistadas engravidaram na faixa dos 12 aos 16 anos, sendo que um dado que nos inquietou foi a diferença de idade entre as adolescente e seus parceiros; em um dos casos, a garota tinha na ocasião 12 anos e o parceiro era um rapaz de 28 anos. Outro dado relevante foi que a maioria das entrevistadas não contou sobre a gravidez e a decisão de abortar ao parceiro, justificando que esse fato poderia pôr em perigo sua decisão. Procuraram sozinhas, ou com ajuda de amigas, por clínicas clandestinas e conseguiram levantar o valor cobrado pelo aborto sem precisar da ajuda do parceiro, arcando com todos os riscos que a intervenção poderia ocasionar.

Na segunda sessão de apresentação dos grupos de trabalho permaneci no mesmo GT e o trabalho que me chamou atenção foi o de Letícia Ueno Bonono, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), intitulado “A heteronormatividade em xeque: masculinidades na crônica de Eliane Brum e o ato de narrar como libertação e transformação”. No trabalho, a pesquisadora em estudos literários faz uma análise da crônica da colunista Eliane Brum cujo título é “Pedro e João: a história de dois meninos gays e uma infância devastada”. Na crônica, ela narra, com auxílio de Pedro, personagem que cria, a partir da troca de e-mails com um leitor que,

indignado com o assassinato de um amigo homossexual, pede a ela que denuncie um grupo que propaga o ódio e a violência contra LGBTs em redes sociais. Como resposta, Eliane Brum nega o pedido argumentando que um ato como esse dá mais visibilidade a esse tipo de ação – e é isso que esses atores desejam –, e pede a Pedro que lhe envie sua narrativa para que analise se vale a pena ser contada, no intuito de gerar proximidade e reconhecimento. O ato de narrar gera reconhecimento não só a quem narra, mas também aos interlocutores.

Na crônica, a colunista inicia descrevendo o episódio ao qual me referi e, na sequência, apresenta a narrativa de Pedro, hoje adulto, engenheiro ambiental, que vive sozinho em Goiânia. Nascido em uma cidade pequena de Minas Gerais, filho único, cresceu em meio às mazelas da sociedade heteronormativa e, durante muitos anos na escola e na família, escondeu sua orientação sexual, inclusive se apropriando de atitudes preconceituosas no grupo de colegas da escola, ao insultar e marginalizar João, que anteriormente, era seu melhor amigo.

Pedro narra sua história de não aceitar-se homossexual e o sofrimento que viveu por conta disso, ainda mais tendo que lidar com sua consciência que o denuncia como covarde e fraco por não ter apoiado o amigo e, conseqüentemente, não ter podido viver quem era. Na graduação, mudou-se para Ouro Preto, onde imaginava que poderia viver feliz, mas isso não ocorreu, pelo contrário, levou-o ao consumo ilimitado de álcool e drogas. Diz ele, na narrativa, que “era uma fuga, era um jeito de ser querido por um grupo, era uma forma de estar inserido. Era ser comum. E assim foi durante cinco anos. Anos lentos, intermináveis” (BRUM, 2012). Já formado, foi aprovado em um concurso público e transferiu-se para Uberlândia, onde experimentou a vivência de sua orientação e sexualidade, até então evitada. No trabalho, pode perceber que a sociedade o julga e julgará todos que demonstrarem uma orientação considerada desviante, mesmo que a pessoa, assim como ele, tenha todas as qualidades profissionais e de caráter socialmente desejadas.

Finalmente Pedro narra sua reaproximação com a família e o reencontro com João, uma possibilidade de reverter sua história e ficar bem, pelo menos, consigo mesmo.

Bonono explora as práticas discursivas na crônica e busca categorias de análise para pensar sobre a força da heteronormatividade na construção subjetiva de Pedro e como ele mesmo passa, com o processo da narrativa, a desconstruir-se.

O trabalho apresentado por Bruno Leonardo Ribeiro de Melo, graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), “O queer dá pinta no cinema: masculinidades abjetas expostas no cinema nacional”, aborda o cinema nacional contemporâneo dentro de uma estética *queer*. Ele cita os filmes *Madame Satã*, de Karim Aïnouz (2002), *Tatuagem*, de Hilton Lacerda (2013) e *Batguano*, de Tavinho Teixeira (2014), que apresentam, a partir da teoria *queer*, uma leitura de elementos estéticos e narrativos que extrapolam a estrutura dominante de matriz heterossexual e binária, ao apresentar masculinidades outras.

Para concluir essa sessão, João Batista de Menezes Bittencourt, doutor em Ciências Sociais e professor na Universidade Federal do Amapá (UFA), apresentou o trabalho “Performance hardcore, masculinidade e a emergência do corpo blindado”, no qual propôs uma reflexão sobre a relação entre corpo e masculinidade a partir da performance “mosh”, característica dos shows de bandas hardcore/punk – em que os participantes simulam movimentos como chutes e socos, sem direcioná-los a um alvo específico. A partir de entrevistas e observação nos *shows*, João Batista nota a pouca participação feminina e uma hipermasculinização desses eventos, que mesmo criando um entre-lugar pela liminaridade experimentada pelos que participam, essa não deixa de agenciar os corpos e produzir hierarquias.

Apresentação e reverberações no grupo Masculinidades, Educação e Trabalho

No período da tarde, fui para o grupo no qual iria apresentar meu trabalho. Outros cinco trabalhos foram apresentados, a saber: Ana Paula Tatagiba Barbosa, com “O ingresso masculino como trabalhadores na Educação Infantil: a experiência dos agentes auxiliares de creches cariocas”, tese de seu doutoramento em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que trouxe para a reflexão os estigmas da presença masculina nas atividades profissionais de cuidado de crianças nas creches, uma pesquisa qualitativa realizada a partir de visitas e entrevistas em creches de diferentes coordenadorias de educação do Rio

de Janeiro; Ísis Fabiana de Souza Oliveira, com “O significado do trabalho e do não trabalho na perspectiva masculina”, mestranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que apresentou uma prévia de sua dissertação estabelecendo um diálogo a partir de uma análise junguiana, sobre as percepções que homens que não trabalham têm de si próprios e a relação com as expectativas sociais, familiares e de renda, constatando que, entre os entrevistados, há uma predominância em buscar trabalhos que lhes satisfaçam subjetivamente, mais do que financeiramente, e que ser o provedor da família não é o objetivo perseguido por eles; Sirley Viera, apresentou “Trabalho, sexualidade e risco na vivência do pião trecheiro”, dissertação de mestrado em Antropologia, defendida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolveu sua pesquisa com trabalhadores no Porto de Suape, localizado no Cabo de Santo Agostinho, litoral Sul de Pernambuco, que se automeiam peões trecheiros – nome que faz alusão ao tipo de trabalho que realizam, sempre temporário e em deslocamento –, e as relações que estabelecem com os riscos na dimensão do trabalho e na dimensão do lazer, onde aparecem as práticas sexuais, os vínculos criados ou não e as responsabilidades que, quase sempre, se reportam as questões de poder e liberdade masculina; Igor Brasil de Araújo, com “Redes de cuidado à saúde do homem: cartografias da saúde do trabalhador pelos SUS”, doutorando em Enfermagem na Universidade Federal da Bahia (UFBA), que analisa como vem sendo desenvolvidos os processos criados pela Política de Saúde do Homem Trabalhador no Sistema Único de Saúde (SUS), na cidade de Senhor do Bonfim, na Bahia, onde após um levantamento cartográfico dos homens que sofreram acidentes de trabalho, realizado no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), entrevistou dois deles, evidenciando as desconexões entre as várias instâncias que deveriam se afinar para que os trabalhadores pudessem usufruir de tratamentos de saúde, de acordo com suas necessidades específicas, além dos recursos financeiros pela impossibilidade de voltar ao trabalho. Igor afirma que as burocracias e complexidade que tais trabalhadores enfrentam, e sequer conseguem entender, os afasta dos processos que lhes deveria assegurar maior qualidade de vida e saúde e; por fim, Francis Fonseca Oliveira, com “Ser homem é ser machista... É pegar mulher? O que dizem jovens aracajuanos”, mestrando em Psicologia Social na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Neste trabalho, o pesquisador apresenta, a partir dos

estudos culturais e de gênero, uma reflexão sobre os processos de subjetivação na construção de masculinidades juvenis em Aracajú, mostrando as diversas pedagogias da sexualidade presentes nas instituições e fora delas e a partir das práticas discursivas, e que vão sendo definidos os modos de ser homem, empoderando aqueles que se enquadram nos padrões e reprimindo os que deles se afastam.

Para a apresentação do meu trabalho, “Pedagogia subterrânea: narrativas trans no cotidiano escolar”, sob a orientação do professor Marcos Reigota, elaborei um texto de quatro laudas para proceder à leitura narrativa, afinal, segundo as normas que nos enviaram antes do evento, tínhamos apenas dez minutos para fazer a explanação, e deveríamos seguir um protocolo de apresentação, orientado por três perguntas centrais: “1) Quais os objetivos e os principais resultados (ou aspectos mais relevantes)?; 2) Que dificuldades você encontra no desenvolvimento de seu trabalho?; 3) Que aspectos de suas análises e conclusões nos permitem articular com o tema central do encontro?” (MASCULINIDADES, 2017), o qual não fazia nenhum sentido para o meu trabalho. Por essa razão, selecionei apenas uma das três narrativas construídas, a da estagiária trans que trabalhou na mesma escola onde sou o diretor e, como materialização, selecionei algumas fotos para projetar ao público presente.

Quando se concluíram as apresentações, passamos para as discussões, ocasião em que minha apresentação reverberou nos comentários e questões. Perguntaram-me sobre a pedagogia subterrânea; a relação trans e trabalho; a relação trans e heteronormatismo, e o que mais chamou atenção do grupo foi a construção narrativa e a possibilidade desse tipo de escrita em uma pesquisa acadêmica.

Comentei sobre o referencial teórico que estou utilizando para trazer as narrativas na tese, partindo da obra *Ecologistas*, de Marcos Reigota até a Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política e o simpósio realizado em setembro de 2016 na PUC-Minas.

Ao final da sessão, pude conversar brevemente com a professora Maristela de Melo Moraes, da Universidade de Campina Grande (UFCG), que contou que fez seu doutorado em Psicologia Social na Universidade Autônoma de Barcelona e trocamos algumas lembranças de professores e outros funcionários que

conhecemos lá. Ela ainda sugeriu que buscasse a tese de Abel Menezes Filho, “*A trama da vida*”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, em 2010, pela relevância dada às narrativas e o uso das redes sociais para a sua construção.

Algumas considerações da viagem

Durante minha permanência em Recife, fiquei hospedado em um apartamento pelo Airbnb, no bairro de Boa Viagem. Meu anfitrião era um jovem pernambucano que já viveu na Europa e não descarta a possibilidade de para lá retornar. Atualmente, seu trabalho é administrar o apartamento onde mora e pelo menos outros dois na mesma região que também aluga pelo Airbnb, visto que, conforme me contou, não está conseguindo alugar anualmente, em razão a crise econômica do país.

Os momentos em que convivemos no apartamento e em um passeio que fizemos juntos, passando por Cabo de Santo Agostinho, onde conheci a linda praia de Calhetas, chegando até Porto de Galinhas foram bastante prazerosos e pude conhecer um pouco mais sobre a cultura local.

Fiquei sabendo, por exemplo, que o termo *cafuçu* ou *bofe cafuçu* é utilizado, no meio gay, para os garotos que não apresentam um padrão de beleza e qualificação ou bom nível de estudo. A reclamação do meu novo colega era exatamente essa, que não saia para bares ou para baladas LGBT em Recife por ter apenas *cafuçu*.

Estava sempre preocupado com o corpo e o cabelo comprido e, para tanto, frequenta a academia todos os dias, alternando musculação com aulas de dança, as quais faz questão de gravar vídeos e postar em sua página do facebook. Ele me contava que, além do professor, era o único homem que participava das aulas.

Em uma das noites, conheci um grupo com o qual ele jogava vôlei na praia, e após muitos anos sem praticar, ousei brincar um pouco, lembrando minha adolescência e juventude em Riversul, onde tínhamos uma quadra de areia e quase todos os dias praticávamos.

Na volta, fiquei pensando sobre as conversas que tive com o jovem anfitrião, o que me levou a pensar em como as pessoas estão presas a padrões

estabelecidos midiaticamente ou critérios do senso comum que criam estereótipos para todos os sujeitos, classificando-os e excluindo mulheres, pobres, negros, travestis, enfim, uma série de personas non gratas, não se dando a oportunidade de conhecer o outro, conhecer suas diferenças, a riqueza de suas narrativas, o que poderia proporcionar maior conhecimento de ambas as partes, reduzindo preconceitos e violências.

Latitude 29º 55' 23" S – Longitude 46º 23' 15" O

Bené Fonteles

Uma vivência
 Significância experiência.
 Pelo Rio São Francisco
 E outras tantas paragens desses brasis
 Encontrou com muita gente boa
 E ouviu histórias indígenas e caboclas
 Sobre cada palmo desse chão
 Não seja ignorante
 Não é o seu título acadêmico
 Que te faz um sabedor
 Sabe mesmo é quem vive ali e aqui
 Quem se faz menor, seu doutor
 Quem crê, enxerga e ouve
 As águas sussurrarem
 As árvores confabularem
 E as nuvens confidenciarem
 Sabe que novos dias virão
 E não basta teoria
 Criar mesmo, só com a entrega ao solo
 Virar pedra, galho e pó
 Promover encontros
 Encantos
 Desfazer nós
 Transcender as dores da Terra
 Se firmar artista-ativista
 Numa coisa só
 Artivista
 Missigenado
 Sincretizado
 Em ecologias poéticas, estéticas
 Políticas e humanas
 Para o fim do mundo adiar

Como adiar o fim do mundo? Uma questão bastante complexa quando nos colocamos a pensar sobre as barbáries que a cada instante são veiculadas quase que instantaneamente em nossos aparelhos de TV, computadores e celulares – um presidente que convoca as forças armadas para conter as manifestações contra os abusos de um número grande de políticos envolvidos na operação Lava Jato, o prefeito da maior cidade do país que determina que uma força tarefa da polícia acabe brutalmente com a Cracolândia, anunciando internamentos sem consentimento de usuários que habitavam aquela região de São Paulo, violências contra indígenas, sem terras, sem teto e outros grupos minoritários da sociedade.

Para Bené Fonteles, é preferível viver a incerteza sobre o fim do mundo (MOLINA, 2016, p. C8), apostando “numa arte poética e suas associações

inalienáveis com a antropologia e etnografia na formação do povo brasileiro para ressignificá-lo” (FONTELES, 2016a, p. 36).

Nos dias 19, 20 e 21 de maio de 2017, o grupo de pesquisa Ritmos de Pensamento²⁵ esteve participando de uma vivência artística denominada Travessia de Pedra, no distrito de Pocinhos do Rio Verde, em Caldas – MG, ocasião em que tivemos a oportunidade de conviver e ouvir Bené Fonteles, um homem de muitos substantivos, entre os quais artista, cozinheiro, xamã, curador, educador e compositor.

Essa proposta foi pensada por um coletivo de grupos de estudos ligados à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade de Sorocaba (Uniso) mais a Aliança em Prol da Área de Proteção Ambiental da Pedra Branca. O objetivo era mobilizar os grupos envolvidos e artistas convidados para as questões da mineração predatória no local, no intuito de fomentar inspirações e criações poéticas, musicais, fotográficas etc. para uma exposição na cidade de Caldas. Nessa vivência, conhecemos a história da região, marcada pela atividade mineradora que vem num crescente, desprezando as questões ambientais. Há estudos que comprovam que as formações rochosas daquela região são grandes depósitos de água e, se a prática mineradora continuar avançando, sem critérios definidos, pode comprometer os rios e a diversidade vegetal e animal, formada pelo encontro da Mata Atlântica com o Cerrado.

Realizamos uma caminhada pelos morros da região, mas, em razão da chuva que havia caído quase ininterruptamente no dia anterior, não pudemos subir o morro da Pedra Branca, pois a terra molhada poderia causar acidentes aos participantes. Para a caminhada, fomos convidados a experimentações entre artes, ciências e filosofia, a fim de aguçar nossos sentidos em relação à potência criativa das pedras, do vento, das árvores, das nuvens, dos rios.

A vivência teve continuidade com uma visita ao centro de vivência comunitária de um dos bairros na proximidade de Pocinhos do Rio Verde, de onde pudemos observar, à distância, a atividade mineradora que avança rapidamente pelas serras do lugar.

²⁵ O grupo é uma extensão do grupo de pesquisa Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar, que surgiu de um esforço de produção artística de grupos de pesquisa, coletivos de arte, perspectivas ecologistas e grupos de psicologia e/ou psicanálise, que vêm buscando o uso de diversas linguagens artísticas para abordar questões socioambientais, culturais e psicológicas que são latentes em nosso cotidiano. O grupo é liderado pela professora Alda Regina Tognini Romaguera da Universidade de Sorocaba

À noite, depois de um breve descanso, todos nos reunimos numa das salas da Rosa dos Ventos para a vivência cultural com o artista Bené Fonteles, que nos apresentou um mosaico de sua vida e ativismo pelos quatro cantos do Brasil. Foi o criador do Movimento Artistas pela Natureza²⁶, na década de 1980, quando, junto com a população local e os artistas da região, se mobilizaram pela criação do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso.

Ribeiro (2013, p. 166) escreve que “o trabalho artístico de Bené Fonteles discute questões contemporâneas por meio de manifestos, instalações, performances e rituais simbólicos que resgatam mitologias ancestrais de herança indígena e afro-brasileira”.

Assim, podemos nomear algumas das ações que foram de sua responsabilidade, como a Semana do Inteiro Ambiente, Árvore um poema em pé e o livreto acompanhado de CD H₂O Benta, materiais a serem adotados nas redes públicas de ensino para o desenvolvimento de trabalhos em educação ambiental, além de produzir várias obras e exposições artísticas, sempre propondo reflexões para que as pessoas se voltem para o orgânico, ou seja, para aquilo que está mais ligado à vida, e deem menos importância à lógica mercadológica que o mundo vive.

Outra questão importante para Bené Fonteles, sempre presente em suas obras, é o estreitamento entre o erudito e o popular, da mesma forma que ressalta a importância da miscigenação do povo brasileiro e o sincretismo das religiões. Diversidade é uma das palavras-chave do trabalho do artista.

Fonteles se mostra uma pessoa disposta a escutar o que os outros têm a dizer, sem requisitar seus títulos acadêmicos; aliás, para o artista, as histórias de vida, dos conhecimentos que cada um carrega do local onde vivem, da importância do rio, da mata, das pedras e do solo, dizem mais que muitas pesquisas de mestrado ou doutorado. Está aberto para ouvir também as vozes que vêm da natureza – os rios, os pássaros, as pedras, o solo.

²⁶ O Movimento Artistas pela Natureza (MAPN) foi organizado em 1987, coordenado pelo artista Bené Fonteles, que conta em um artigo na Revista Brasileira de Educação Ambiental, com o título “Trajetória de artistas em rede”, que o movimento iniciou-se bem antes, por volta de 1977, quando, “artistas, jornalistas, fotógrafos, urbanistas, arquitetos e ecologistas fazem em parceria com o Instituto Goethe (ICBA), o evento ‘Situação do espaço urbano da cidade de Salvador’, com duração de três meses, em que se discute pela primeira vez no país a ecologia humana e urbana” (FONTELES, 2008, p. 132). O MAPN reúne centenas de colaboradores por todo o Brasil e desenvolve projetos de consciência ecológica e educação ambiental através da arte.

Em 1992 e 1993 realizou a Peregrinação pelo Rio São Francisco, uma atividade que o MAPN apoiou. Durante um ano percorreram toda a parte navegável do rio, desenvolvendo um trabalho de educação ambiental, ecologia e espiritualidade. Fizeram parte dessa viagem Frei Luiz Cappio, Adriano Martins, Irmão Conceição Menezes e Orlando Araújo. Bené Fonteles (2008) escreve sobre a experiência de ouvir o povo ribeirinho, contribuindo para a implantação de ações e processos de transformação dos espaços por onde passavam.

Em cada cidade onde estiveram durante a peregrinação, chegavam com a bandeira do município, em uma atitude de valorização e respeito àquele povo. Fonteles conta, que criou um objeto de devoção unindo uma imagem de São Francisco de Assis a uma carranca de barco que havia ganhado em suas andanças. Ao chegar nas cidades, ele descia do barco com a imagem que era solicitada por todos para tocá-la. Esse ato gerou um arquivo com mais de 600 fotos feitas pelo artista e ilustrou o material de educação ambiental criado para a defesa da água.

Uma mística entre ele e as populações ribeirinhas se formava e ele pode colecionar muitas histórias. Na viagem, ele conta que ouviu a voz do rio e, durante vários dias, se sentava na proa do barco e transcrevia *A fala do rio*, texto que mais tarde foi gravado com a narrativa de Gilberto Gil, Elba Ramalho e Dércio Marques.

Sua obra é marcada pela transcendência, pelo que lhe é intuitivo e que o afeta, assim ele diz em uma entrevista aos participantes do workshop realizado durante a 32ª Bienal, em 2015,

Quando encontro algo que me alumbra, ele deixa de ser um objeto e ganha aura transcendente. Sinto um pertencimento antigo como se aquilo sempre tivesse sido parte de minha história. Deixo-o guardado em algum lugar e muito mais na memória afetiva, até que ele amadureça e possa ressignificar-se e ressignificar uma situação vivida intensamente e que preciso transmutar (FONTELES, 2016b, p. 8).

No caminho do encontro com a comunidade quilombola do Cafundó, no município de Salto de Pirapora, interior de São Paulo, tive a oportunidade de me sentar ao seu lado, no ônibus, e conversar sobre a paisagem de eucaliptos que víamos na estrada. Calmamente, ele me disse que não iria falar muito quando chegássemos à comunidade, que sua ida era muito mais para escutar o que as pessoas daquele lugar diriam a nós. Ficou evidente nos dias em que estivemos com

o artista que nossa chegada aos lugares deve ser com humildade e escuta, foi uma das grandes lições que pude aprender com Bené Fonteles.

Quando chegamos à comunidade, tivemos uma aula de história sobre o Quilombo Cafundó, sobre sua cultura e a resistência de um povo que luta pela sua identidade. A dona Regina – rainha negra, como se nomeou –, é casada com um dos herdeiros das terras do quilombo, e nos cativou com sua fala desenvolta e orgulhosa por estar naquele lugar que tem unido forças com apoio de pessoas como a Carmem Machado, secretária de cultura do município.

A humildade e a abertura de Bené Fonteles para aprender com aquelas pessoas que nos receberam testemunham sua postura ao falar como cada um, é importante humilhar-se e, mais que títulos, preocupar-se com o estabelecimento de pontes, um trabalho preocupado com as pessoas e não mais com divisão da sociedade. Ele diz que é preciso reduzir os nossos egoísmos e tornarmo-nos inspiração para os outros.

Latitude 23° 32' 56" S – Longitude 46° 38' 20" O

Entrar no Pavilhão da Bienal de São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer, para visitar a 32ª Bienal de Arte, intitulada *Incerteza Viva*, e se deparar com uma oca gigante quase inteiramente rodeada pelas esculturas pulsantes de Frans Krajcberg, causou-me curiosidade e admiração. Seria a primeira vez que entraria em uma oca – mesmo que cenográfica. Porém, não era apenas uma oca, era uma OcaTaperaTerreiro, ou seja, uma mistura de habitação indígena, cabocla e mística.

O intuito da visita era prestigiar a Bienal, e o encontro que se daria na Oca entre Bené Fonteles, Tetê Espíndola e Marta Catunda.

Bené Fonteles foi o idealizador desse espaço que utilizou as colunas de Oscar Niemeyer para valorizar e criar um “diálogo transversal com a paisagem que vaza das esquadrias de metal e vidro” (FONTELES, 2016a, p. 2) do espaço, criando confronto entre o arcaico dos indígenas e caboclos e a modernidade. As pinturas realizadas nas colunas do edifício por Ailton Krenak, remetem ao movimento antropofágico: a oca engole as colunas de Niemeyer e estabelecem um novo diálogo entre o arcaico com a arquitetura modernista.

Observar cada objeto exposto e deixar que eles falem conosco talvez seja a proposta mais ambiciosa de Fonteles. São objetos de seu acervo pessoal, que foi sendo construído no encontro com personagens populares e eruditos, nas viagens feitas pelo Brasil, lugar de onde nunca saiu.

Um olhar desatento poderia apenas ver objetos daqui e dali reunidos num mesmo lugar, mas para o olhar sensível como o de Bené Fonteles esses objetos têm uma história. Na praia de Mucuripe, Fortaleza/CE, Bené teve contato, ainda criança, com os jangadeiros, e quando adulto, por mais de 20 anos e em praias da Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba, passou a reunir o que era deixado na areia e que ia encontrando de restos da atividade de pesca artesanal como redes, bóias, lemes, remos, que foram dispostos na parede da OcaTaperaTerreiro, contribuíram para compor a exposição, dando-lhe um aroma e fortaleceu a mística do espaço.

Além do cheiro de mar que emprestam ao espaço, o material remete à sua infância no Ceará e, “para ele, a embarcação, de madeira leve e corte fácil, é quase um improvisado para os que sobrevivem da pesca artesanal, fonte para muitos

“causos”. A jangada seria um símbolo de coragem, mistério e magia” (VOLZ; PRATES, 2016, p. 13).

Do outro lado, um altar principal onde o sincretismo religioso do Brasil se explicita nos santos do catolicismo e nas imagens da Umbanda. E, em cada lado da parede, uma série de prateleiras de buriti, com muitas outras esculturas, fotos e livros de pessoas que o artista considera como “Entidades Universais Brasileiras”, que compõem o país em misturas entre o popular e o erudito. Ao todo, eram mais de 250 objetos da sua coleção.

A OcaTaperaterreiro não era apenas uma obra para se ver, mas era um espaço de encontro intercultural com artistas, poetas, xamãs de várias tradições e artistas. “O espaço quer ser Universal ao cantar a poesia de sua aldeia, então, nela, o papel de Artista, é o cuidado com o respeito à diversidade e as coisas sagradas do Espírito. (FONTELES, 2016a, p. 3).

O espaço criado pelo artista servia tanto como um apelo para que os visitantes se comovessem com as causas dos povos indígenas do nosso país quanto um espaço místico de cura para as dores da alma da nossa nação.

A OcaTaperaterreiro era o lugar para facilitar a cura, como também, celebrar a Alma da Nação Brasileira tão doída pelos últimos acontecimentos políticos e econômicos, as atitudes sem ética que vêm abalando a confiança em nós mesmos, mas que pode provocar, como defendia Darci Ribeiro, uma reinvenção do Brasil (FONTELES, 2016a, p. 37).

Nos encontros, Bené Fonteles evocava o transcendente, a poética, a sensibilidade e a comunhão com todos os sentidos entre seus convidados para as conversas para adiar o fim do mundo, o público presente e todos aqueles que compunham o espaço, através de fotos e obras, como Paulo Freire, Gilberto Gil, John Lennon, entre inúmeros objetos que integram sua coleção particular, criados por artistas anônimos de todo o país. É uma chamada para que cada um se abra, em todos os sentidos, para pensar questões caras à contemporaneidade, “que nos inspiram e afligem com urgências, como: sermos solidários as causas indígenas, da negritude, dos refugiados e migrações consequentes e dos sem teto e terra” (FONTELES, 2016a, p. 36).

Com Tetê Espíndola e Marta Catunda, em “Canções de pássaros do Cerrado e da Amazônia”, tivemos o privilégio de ter entre nós a presença de Nita Freire, que se emocionou com o livro que ela escreveu sobre Paulo Freire, exposto em uma das

inúmeras prateleiras na parede da OcaTaperaterreiro. Os pássaros revoaram em bandos pelo espaço, com histórias e paisagens sonoras. Fomos convidados a nos sensibilizarmos com os cantos dos pássaros que sequer vimos ou ouvimos em nosso cotidiano e dessa forma, fomos convidados a atentar nossa escuta e nos abriremos para os sons do nosso entorno, como os passarinhos que convivem conosco nos espaços urbanos.

Marta Catunda expôs sua construção de cartas pássaro que fazem uma conexão da espécie, seu canto, habitat e hábitos alimentares com algumas características próprias das pessoas.

Nita Freire foi a convidada para a homenagem a Paulo Freire: Educação para a liberdade. Pudemos ouvir as muitas histórias de amor tecidas por Nita Freire sobre o legado de seu companheiro para a educação brasileira e a defesa de práticas pedagógicas para a libertação dos sujeitos de todos os grilhões que lhes podem aprisionar.

Fonteles nos brindou com a narrativa da direção gráfica que fez para a exposição *Sonhando com Paulo Freire*, na Biblioteca Nacional de Brasília, em 2012. Ele afirma que, na época, pouco conhecia as obras de Paulo Freire, mas que mergulhou em seus livros para mostrar a importância política e pedagógica dele no Brasil e no mundo. Na ocasião, Nita Freire esteve presente e elogiou o trabalho desenvolvido como um dos que melhor capturou a essência do educador e pensador Paulo Freire.

Para Bené Fonteles, Paulo Freire é um dos que ajudaram a formar a alma da nação brasileira, ao lado de outros nomes como Patativa do Assaré, Clementina de Jesus, Darci Ribeiro e Nise da Silveira.

Sobre os convidados para as Conversas para adiar o fim do mundo, proposta nascida a partir de uma ideia do líder indígena Ailton Krenak, rituais e vivências musicais e poéticas na Ágora: OcaTaperaterreiro, Fonteles escreve,

A humanidade está a viver, mudanças de direção e paradigma para um outro patamar de evolução e quem sabe libertação de antigos vícios. Os sistemas econômicos e políticos insustentáveis, nada mais dizem aos cidadãos planetários que precisam reinventá-los para que possam utopicamente, ou realmente, adiar um tipo de fim de mundo, que como ironizou Krenak – este, um dos maiores pensadores no país – e evitar que o céu caia sobre nossas cabeças omissas como prevê o mito Yanomami lembrado por Kopenawa (FONTELES, 2016a, p. 100).

Em sua passagem por Sorocaba, em maio de 2017, ficou bastante evidente sua preocupação com a ação micro, que cada um pode realizar no universo – já que é impossível uma revolução das massas que transforme toda a realidade caótica que vivemos no presente. Seu apelo é para que busquemos sintonizar os silêncios do mundo, ouvir nosso próprio interior e os sons dos pássaros, das pedras, das árvores, das águas.

Afirma ainda a necessidade de nos reinventarmos a todo instante e lutar por uma cidadania que nos tire do centro das importâncias e nos possibilite transcender, e a arte pode ser um dos caminhos para esse estado de ser.

Um mergulho na infância em Riversul

A convivência com Bené Fonteles – foram três participações na Ágora: OcaTaperaterreiro e depois a residência artística em Pocinhos do Rio Verde e as atividades do grupo Ritmos de Pensamento, em Sorocaba – SP, me fez resgatar, em diversos momentos, minha infância e muitas experiências que vivi na zona rural e na cidade de Riversul, interior de São Paulo.

Adentrar no espaço místico da Oca foi um convite para reviver a poética, estética e espiritualidade das novenas a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro Bernardos, onde morei até os meus 10 anos. Anualmente, a imagem da santa, dentro de um oratório de madeira escura, passava pelas casas dos moradores, quando então era realizada a reza do terço. Nessas ocasiões, as famílias preparavam um gostoso lanche servido após a novena. Era um acontecimento. Lembro-me das caminhadas para ir de uma casa a outra, no escuro. Havia um misto de aventura e medo, pois meus irmãos maiores costumavam contar histórias de assombração e, muitas vezes, eu não desgrudava das mãos dos meus pais.

Também me vem à mente as benzeções que a Dona Ana – uma negra que trabalhava com sua família no sítio do meu pai e fazia a melhor comida do mundo –, realizava em mim, em meus irmãos e primos, quando estávamos com algum mal olhado, quebranto, gripe ou outra coisa qualquer que nossas mães achavam que a oração dela iria resolver. Quase sempre a benzedura consistia em colocar um copo de água num canto do fogão a lenha, realizar uma oração que a gente não entendia,

e no final passar três vezes um grande terço feito de capim de contas pelo nosso corpo.

A energia sentida nesses momentos fazia com que meu corpo inteiro ficasse arrepiado e de alguma maneira eu acreditava que a Dona Ana tinha algum poder. Todas as vezes em que a gente ia para o sítio onde ela morava, eu desejava aquele momento mágico. Assim como ir visitá-la, no verão, era certeza de um gostoso banho de rio.

Quando Bené Fonteles falava sobre a viagem pelo Rio São Francisco ou sobre outras histórias, sentia uma reverberação com as vivências experimentadas no sítio onde cresci. Meus pais eram agricultores e dependiam do tempo de chuva e estiagem para a boa produção de feijão, arroz e milho. Recordo-me que, diversas vezes, levamos a imagem de Nossa Senhora das Graças à mina de água que abastecia as casas do bairro, num ritual que rogava por chuvas para as plantações.

Interessava-me em ouvir as histórias dos adultos sobre sua juventude, como viviam, quais eram os hábitos do momento e até as histórias que me enchiam de medo sobre vultos da noite, lobisomem, boitatá e outros personagens da cultura popular – meu avô materno sempre nos contou sobre uma bola de fogo que ele afirma ter avistado numa noite escura, enquanto voltava para a casa, montado em um cavalo.

O encontro com Bené Fonteles me trouxe o prazer e a vontade de ouvir mais as histórias e as coisas que os outros e que o “inteiro” ambiente têm a nos dizer. Em um texto que me enviou por e-mail, chamado Aroma da Terra, podemos ler:

Deixa a tua condição miserável de humano como cidadão de um Estado, de um país, e assume tua cidadania planetária, universal, cósmica, aí vais em vez de só consumir: revitalizar; em vez de só destruir: recriar; em vez de só seduzir, manipular e induzir: inspirar. Assume teu poder espiritual que é bem mais vasto do que o poder temporal que apenas limita e é parte do mundo ilusório (FONTELES, 2016c).

(Des)caminhos de pedra

A gente carece ser pedra
 Esquecer-se
 Ser a menor de todas
 Uma infimeza do chão
 Que ouve os sussurros da Terra
 Sons internos e externos
 Como o chorar das pedras
 Que clamam continuar compondo
 O som do universo

Do subterrâneo que atravessa
Todas as camadas vida
Ressoam nos pássaros encantados
Agora desencantados
Que na aurora
Lamentam
Substratos pedras
Implodidas
Destruídas
Poder que captura
Pedregulhos na estrada
Desmerecendo tantas eras
E a cíclica água
Produzindo inóspito lugar.²⁷

²⁷ Poesia escrita em Pocinhos do Rio Verde, Caldas – MG, como exercício da caminhada realizada pelos morros da região.

Latitude 23º 30' 22" S – Longitude 47º 27' 21" O

O I Congresso Internacional de Educação “Cotidiano Escolar: (in)quietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais”, ocorrido entre os dias 24 e 26 de outubro de 2016, promovido pelo Programa de Pós-Educação em Educação e organizado pela Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar, da Universidade de Sorocaba (Uniso), contou com a participação de pesquisadores que fomentam os nossos trabalhos e reflexões acadêmicas e que nos são caros, por dialogarem sobre o cotidiano escolar e outras questões sobre as quais nos debruçamos, apresentando possibilidades de micro-transformações desde o lugar no qual estamos inseridos.

Como doutorando do programa e da linha de pesquisa em questão, participei ativamente da organização do congresso, compondo a equipe técnica. Dentre outros afazeres, fiquei responsável por distribuir os trabalhos inscritos no eixo “Formação e atuação docente” para os avaliadores e dar suporte às necessidades dos convidados, principalmente ao professor Lupicínio Iñiguez-Rueda.

Os dias, em Sorocaba, estavam quentes e a cidade vivia o fluxo de uma cidade prestes a definir o futuro prefeito. Em vários pontos das principais vias muitos trabalhadores temporários balançavam bandeiras de um dos candidatos que disputariam o segundo turno. No pensamento, a esperança de que a população avançasse e pudesse escolher o mais jovem, que propunha algumas possibilidades de transformação das ideias que aí estão e que representam os longos anos de um modo de fazer política presente tanto no cenário nacional quanto no mundial, baseada em trocas de favores entre os grandes capitais e os políticos eleitos.

Porém, durante os dias do congresso, o envolvimento com a organização me fez esquecer um pouco essas questões, possibilitando-me um mergulho naquilo que estava acontecendo ali. Infelizmente, não consegui participar de todas as mesas redondas e discussões que ocorreram – pois estava à disposição dos convidados para buscá-los ou levá-los ao hotel –, mas as apresentações que pude assistir e a conversa com alguns dos convidados foram marcadas pela intensidade dos encontros e reflexões. Essas narrativas merecem ser compartilhadas nesse trabalho, pois se conectam à história de 20 anos do PPGE e, principalmente, à presença e atuação política e pedagógica do professor Marcos Reigota na linha de pesquisa Cotidiano Escolar.

A conferência de abertura, proferida pelo professor Lupicinio Iñiguez-Rueda, da Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, foi, para mim, um momento especial, por se tratar do professor que me recebeu em meu estágio de doutorado. Sua presença no congresso foi pensada para marcar as redes que vão sendo tecidas e as parcerias firmadas com profissionais de renome internacional e suas instituições.

Em uma entrevista concedida à Mary Jane Paris Spink (2010), Iñiguez diz que sua formação não foi inteiramente em Psicologia, abarcando temas políticos relacionados com a emancipação, as relações sociais, auto-organização e autogestão social que se aproximariam da ideia libertária-anarquista. Chegar à Psicologia Social – atualmente é catedrático nesta área na Universidad Autònoma de Barcelona – foi, segundo ele, uma casualidade, primeiro, pelas aulas de “Introdução a Psicologia” em que ele, numa divisão da disciplina por três professores, acabou ficando no grupo do professor Adolfo Perinat, que o fez ler o livro *Internados*, de Erwin Goffmann – sociólogo da corrente interacionista –, segundo, outra casualidade, por ter tido aulas com o professor Tomás Ibáñez, iniciando muito cedo um trabalho de pesquisa com ele, o que o fez entender a importância da problematização sobre aquilo que se quer estudar.

[...] haberme encontrado en mi camino de formación con Tomás Ibáñez que impartía dos materias que cursé en mi cuarto año. Las dos me han marcado profundamente. Una era “Procesos psico-sociales”, orientada a lo sociológico más que a lo psicológico y muy marcada por la fundamentación teórica y epistemológica. La otra se llamaba “seminario sobre relaciones de poder” donde básicamente estudiábamos a Michel Foucault. Pero téngase en cuenta que esto era en el año de 1980 en una Facultad de Psicología con un enfoque totalmente convencional. Comencé a trabajar con Tomás Ibáñez muy temprano y la verdad es que la mayor parte de las cosas que sé, no las sé por haberlas estudiado o por haberlas leído en libros, sino por haber estado con él durante años; en una transmisión de saber que no es de contenido, sino de entender que para haber algo, primero hay que problematizarlo, que no debes dar nada por sentado, sino cuestionar lo que te planteas y que en cualquier trabajo, el tiempo dedicado a la reflexión y la lectura nunca es tiempo perdido (IÑIGUEZ em SPINK, M., 2010, p. 694).

Na noite anterior ao início do congresso, conversei com o professor Iñiguez e ele falou de sua expectativa em relação à reação do público para o que havia preparado, pois, como o tema da educação não é sua área de atuação, acreditava que traria provocações que poderiam deixar muitas pessoas descontentes.

E foi o que aconteceu. Na apresentação, Iñiguez expôs a narrativa de sua infância e como era o cotidiano escolar na época, na província de La Rioja, onde nascera, durante a ditadura franquista. Apresentou fotos de sua turma, na zona rural, onde um único professor era responsável pela aprendizagem de cerca de cinquenta meninos, de diferentes idades e níveis de conhecimento. Relatou que todos os dias cantavam o hino franquista e, apesar disso, não se tornou um fascista, muito pelo contrário; ele afirma que aquela escola falhou com ele e, provavelmente, com outros garotos. Em seu caso, se considera um anarquista e, portanto, se sua escola pretendia a formação de um exército de apoiadores do regime ditador espanhol, pelo menos com ele não obteve êxito.

Essa é uma reflexão importante para quem vive o cotidiano escolar envolvido nos fazeres pedagógicos e administrativos de uma escola, como é o meu caso. Um dos objetivos mais difundidos pelas escolas é o de formar cidadãos críticos e participativos, mas o que significa isso de fato?

Um outro ponto que Iñiguez apresentou e se conecta a primeira ideia é o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), um tema que também o interessa.

Con la mayor parte de colegas de mi departamento, empezamos primero con investigaciones muy próximas a los temas característicos de la Psicología Social (percepción social de la ciencia) y poco a poca fuimos virando hacia una orientación mas simétrica heredera de Bruno Latour, sobre cómo se hace la ciencia. Ahora me intereso sobre todo por el impacto de las Tecnologías de la Información y la Comunicación en la arena pública, como por ejemplo, los locutorios (lanhouses) (IÑIGUEZ em SPINK, M., 2010, p. 695).

Sobre essas ferramentas, que grande parte dos professores e professoras fazem questão de não incluir nas salas de aula, Iñiguez alerta para a importância de atentarmos a elas. As redes sociais, por exemplo, estão possibilitando novas maneiras de se fazer leituras; enquanto o jovem surfa por sua página do Facebook, não significa que não está lendo tudo o que está escrito, mas que ele escolhe aquilo que é do seu interesse.

Para Iñiguez, quando a escola ignora essas práticas, esperando que o jovem se envolva com o mundo da literatura, em realizar boas pesquisas, acaba perdendo a oportunidade de realizar outros ensinamentos, e é relevante pensar sobre essas questões.

A professora Nilda Alves, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), uma das convidadas do congresso e que participaria, no primeiro dia, da mesa redonda com o tema Escolas (in)quietudes e fronteiras, foi a que mais se incomodou, e levantou um debate com o professor Iñiguez. Para ela, foi ofensiva a afirmação de que a escola pode falhar na formação das crianças, adolescentes e jovens, ainda mais se levarmos em conta suas obras, como *O sentido da escola* (ALVES; GARCIA, 2008), organizado juntamente com Regina Leite Garcia, no qual defendem que a escola deve ser “espaçotempo de redes de múltiplas relações e movimentos que permitem a criação, rica e turbulenta, de novos conhecimentos, que nem sempre são aqueles que pretendíamos ser os que ‘devem’ ser aprendidos por nossos alunos” (ALVES; GARCIA, 2008, p. 82).

Em sua apresentação, a professora Nilda Alves trouxe as inquietudes nas pesquisas com os cotidianos, quase como uma resposta às colocações do professor Lupicínio Iñiguez-Rueda. Apresentou um vídeo de um projeto realizado na rede de educação do Rio de Janeiro no qual contextualizava a história dos alunos e alunas a partir da história do país, da Revolta da Chibata, da qual o Almirante Negro, João Cândido Felisberto, havia sido um dos líderes. Ela também trouxe uma análise sobre outros filmes que trabalham o tema escola e que podem contribuir com o sentido da mesma e a fertilidade do cotidiano escolar para tantos personagens – professores e alunos – que realizam uma proposta político-pedagógica rica de elementos criativos e que ultrapassam os conteúdos ensinados de modo estanque pelas disciplinas.

Pensando sobre as provocações de ambos, Iñiguez e Alves, podemos propor muitas reflexões sobre e no cotidiano escolar, que é rico para nos apontar possíveis caminhos para que a educação seja, de acordo com a ideia de Paulo Freire, libertadora.

Na mesma mesa em que Nilda Alves se apresentou, tivemos a delicadeza do trabalho da professora Alik Wunder, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que chamou a atenção pelo tema, voltado para as questões indígenas, “Encontros com as poéticas indígenas e as férteis fronteiras que inquietam”. Apresentou-nos o vídeo *Ymá Nhandehetama* (QUEIROZ; MARTINS; RODRIGUES, 2009), disponível no YouTube, que foi apresentado na 31ª Bienal de Arte de São Paulo, trazendo uma reflexão sobre a invisibilidade indígena.

Já tinha tido contato com Wunder que, em 2014, juntamente com a professora Alda Romaguera, da Uniso, desenvolveu com o Coletivo Fabulografias²⁸ uma série de oficinas denominada *As Áfricas que nos ventam*, na escola onde trabalho. Foram momentos de aprendizagem, criação poética e artística.

Fui um dos participantes da sessão de conversa mediada pelo professor Rodrigo Barchi (Uniso), cujo tema era “Minoridades no cotidiano escolar: experiências transnacionais”, juntamente com colegas do PPGE-Uniso e alunos visitantes vindos de outros países, a saber, Elaine Marasca (Uniso), Carmem Machado (Uniso), Cláudia Patrícia Sierra Pardo (Universidad Nacional de Colombia), Cinthia Pacheco Moo (Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca – México) e Clementina Alegrett (Alice Salomon University - Alemanha), ocasião em que apresentamos nossas experiências de estágio no exterior. Elaine Marasca esteve na Alemanha, conhecendo a metodologia Waldorf; Carmem Machado, também doutoranda em educação na Uniso, esteve em Oaxaca, México, através da Rede Latino-Americana – Europeia de Trabajo Social Transnacional (Reletran); da mesma forma que Cláudia Patrícia Sierra Pardo e Cinthia Pacheco Moo estiveram em Sorocaba e Clementina Alegrett, em Florianópolis/SC.

A sessão de conversa foi intensa, cada participante contou de forma bastante subjetiva sua experiência transnacional; os encontros, as leituras, os deslocamentos no pensamento e o que lhe atravessou. Fui o último a falar e, para não prolongar a seção que já avançava no horário do almoço, resolvi ler o texto “Pedra que teima em rolar”, que havia publicado apenas em minha página do Facebook.

Não poderia ter escolhido um melhor momento para lê-lo, pois muitos da rede municipal de educação de Sorocaba que ali estavam não sabiam das dificuldades que havia enfrentado ao longo de minha trajetória até conseguir realizar meu estágio de doutorado na Espanha. Procuraram-me para conversar e parabenizar, assim como pessoas de outros lugares me pediram que lhes enviasse o texto pois se reconheceram nele.

A participação de Leandro Belinaso Guimarães, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na mesa “Educação e multiculturalismo”, foi instigante. Sua escrita me interessa por estar voltada ao uso das narrativas ficcionais. Atualmente, o

²⁸ Formado por todos aqueles que participaram das oficinas de criação fotográfica e poética em espaços culturais, museus, escolas e universidades desde 2010. Disponível em: <<http://fabulografias.weebly.com/>>.

professor trabalha com disciplinas da graduação em Biologia e está desenvolvendo um projeto de escrita com os jovens do Ensino Médio, em escolas públicas de Florianópolis – SC. No congresso, apresentou-nos um texto que contava a história de uma carta que lhe fora endereçada para o antigo lugar onde residira, ecoando a força que as narrativas podem ter em nossas pesquisas.

A primeira aproximação com os textos de Guimarães foi uma carta que ele enviou como resposta para a turma da disciplina Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar II, ministrada pelo professor Marcos Reigota, que naquele segundo semestre de 2015 havia se dedicado à leitura de textos do Leandro Belinaso Guimarães. Apesar de não ter feito parte da turma, pois estava em Barcelona, Reigota enviou a carta resposta para todos os seus orientandos e demais membros do Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista em de Educação, coordenado por ele na Uniso.

Na carta, Guimarães narra como foi que recebeu as correspondências do grupo, entregues em mãos por Reigota, e como foi surpreendido pela delicadeza das escritas que contavam como foi o exercício da leitura de seus textos, do que mais gostaram, trechos que foram pinçados por reverberarem em novos pensamentos e possibilidades de construção teórica. Ele escreve que, a partir da leitura das cartas, pode formular uma questão para si mesmo,

[...] o que tem me provocado escrever? Estou em uma fase, queridos leitores, na qual só consigo rascunhar textos embebidos de ficção. Um pouco por ter estado na condição de aluno de um curso de escrita ficcional. Pela primeira vez na vida me aventurei, timidamente, nas trilhas da literatura (GUIMARÃES, 2016a, p. 2).

A partir da leitura de sua carta, senti-me atraído em ler outros textos do autor, pois a aproximação que ele diz estar tendo com a escrita ficcional também reverbera em mim. Assim, acabei lendo “Como escrever com os ruídos do mundo”, que Belinaso apresentou na Mostra Focar, em Belém – PA. No texto, o autor faz do ruído uma possibilidade de escuta, como munição criativa para a escrita, e traz alguns autores que defendem que “para uma escrita que não seja mera sobrevivência, há que se ter tempo para viver a cidade, para ver o mundo, para escutar e se deixar afetar por seus ruídos mais sutis” (BELINASO, 2016, p. 93).

Porém, ele também escreve que não dá para simplesmente sair pelas ruas da cidade ou por outros espaços, a fim de ouvir os seus ruídos e escrever, sem antes uma preparação.

[...] quero marcar que sair para ver o mundo e ouvir seus ruídos para poder escrever passa, também, pelo tempo que destinamos à leitura, à escuta das textualidades que nos levam a olhar o cotidiano de modos diferenciados, com outras lentes. E essa parece ser uma das contribuições da ficção: levar-nos a enxergar o mundo de uma maneira nunca antes vista e imaginada por nós (BELINASSO, 2016, p. 94).

A prática de caminhar e estar atento ao que se passa por onde passo tem sido uma constante para mim e me ajudou a retomar o caminho da escrita. Faça chuva ou faça sol, todos os dias saio pelas ruas do bairro onde moro, em Sorocaba, acompanhado do meu cachorro, o Nero, para ouvir e ver o que se passa no cotidiano da urbe. Passei a prestar mais atenção ao mato e às flores crescendo, nas cores e arquiteturas das casas, nas pessoas que passam pela gente, nos automóveis, nas nuvens, nos pássaros e outros cachorros e gatos que encontramos pelo passeio, e os sons produzidos nestes instantes.

Apesar de não estar presente em toda a conferência de encerramento, cheguei quase no final, pois tive que ir buscar algumas convidadas no hotel, e recebi o texto apresentado pelo professor Christian Reutlinger, da St. Gallen University of Applied Sciences, St. Gallen, Suíça, que, por vídeo-conferência, apresentou o texto “Para mi la escuela significa amistad”, perspectiva de los niños sobre la escuela y el vecindario” e nos provocou a pensar o cotidiano escolar através de anedotas que lera num periódico que se encontra disponível para os passageiros em seu país²⁹. Trata-se da seguinte história: “Una maestra le pide a sus alumnos responder “¿Que está más cerca, Nueva Yoirk o la luna?” Tomás responde: Nueva York está más cerca. La pequeña Rita interviene: “No, la luna está más cerca, porque se puede ver”. (REUTLINGER, 2015, p. 1). Primeiro, Reutlinger refletiu sobre como nós professores, muitas vezes, lançamos questionamentos que são emblemáticos e que podem provocar inúmeras interpretações por parte dos alunos, visto terem uma visão e experiência de mundo que pode variar muito. Assim, a partir dos pressupostos da cartografia, Nova York de fato está mais próxima, porém, não

²⁹ Trata-se da seguinte história: “Una maestra le pide a sus alumnos responder “¿Que está más cerca, Nueva Yoirk o la luna?” Tomás responde: Nueva York está más cerca. La pequeña Rita interviene: “No, la luna está más cerca, porque se puede ver”. (REUTLINGER, 2015, p. 1)

significa que Rita está errada, pois ela apresenta sua ideia a partir de sua experiência, se a lua pode ser vista e Nova York não, logo, por uma conexão com o real, a lua está mais próxima.

O pesquisador também aponta a questão de gênero evidente na anedota, já que o menino domina a ciência e a menina não, formulando uma resposta que para muitos parece estúpida, explicitando a necessidade de desconstruir esse e outros estereótipos.

Como geógrafo social, e preocupado com as relações que as pessoas estabelecem cotidianamente com o seu entorno social e, dessa forma, com como compreendem o mundo, Reutlinger realizou, em uma pequena cidade da Suíça, uma pesquisa investigando qual a perspectiva que as crianças tinham em relação à escola e sua interação com o local, com os vizinhos. Para isso, foram definidos dois bairros com diferentes características e, em uma das escolas de ambos os bairros, trabalharam com quatro turmas de alunos entre 6 e 12 anos de idade. A primeira atividade desenvolvida com as crianças foi o desenho, por cada uma, de um mapa subjetivo (aquilo que naquele local era para eles mais importante, como a residência, os espaços de lazer, a escola). Nos desenhos, geralmente, a escola não se encontra no centro do mapa, em muitos deles, inclusive, a escola fica nas bordas ou mesmo do outro lado da folha. É perceptível as distintas características atribuídas para a escola, até mesmo como lugar a evitar.

Na segunda atividade foi solicitado que as crianças escrevessem, em 20 minutos, um ensaio sobre a escola como lugar de aprendizagem e como lugar de passatempo. Os alunos da escola A se dividiram em escrever sobre a escola como local de aprendizagem e local de interação. “Parece ser que para los niños juega un papel funcional pero sin tener gran significado: Ellos aprenden en la escuela, aprenden para la escuela y construyen amistades en la escuela” (REUTLINGER, 2015, p. 6). Para essas crianças, parece que a escola não faz parte de suas vidas cotidianas, é um lugar independente, onde passam algumas horas de seu dia.

Para os alunos da escola B, há uma visão mais crítica em relação à escola, aparecendo mais aspectos negativos do que positivos, como reclamações dos professores e aprendizagem de algumas disciplinas, por exemplo. Mas, apesar disso, as crianças da escola B sentem que ela tem um papel central em suas vidas, porém não cumpre satisfatoriamente sua função. “Para estos estudiantes se

refuerza el propósito de enseñar sin embargo sus expectativas chocan con las condiciones que la escuela ofrece” (REUTLINGER, 2015, p. 8).

Reutlinger propõe uma reflexão final:

Cuanto más grande sean los desafíos cotidianos que enfrentan los niños fuera de la escuela (conflictos familiares, estrés diario, poco tiempo libre, dieta inadecuada), mayores serán sus expectativas por aprender en ella. Si los retos que enfrentan fuera de la escuela no son de gran importancia entonces sus expectativas de aprendizaje dentro de ella son más bajas (REUTLINGER, 2015, p. 8).

E conclui que as apropriações de cada criança, nos diferentes bairros, é formada pelo conjunto de ideias que lhes são apresentadas, desde cedo, sobre os significados dos espaços. Mas para viver num determinado lugar, há que se adaptar constantemente às condições e diferenças que ele apresenta. Retomando a anedota do início, Reutlinger aponta,

Si los maestros en la escuela toman nota de esto, pueden generar discusiones imparciales con la gente joven acerca de conceptos prevalecientes del espacio. La maestra en el chiste mencionado al comienzo de la presentación podría, por ejemplo, preguntarle a Thomas y Rita cómo ellos imaginan la distancia a la luna y cómo pueden medirla – y podría después discutir con los niños el orden de los planetas y sus ideas del espacio exterior en general. De esta forma, las ideas de los niños pueden ser conectadas a hechos científicos y las nuevas ideas que emergen de este intercambio pueden ser sostenibles (REUTLINGER, 2015, p. 9).

Uma escola que realmente está preocupada com os sujeitos que a compõem, que se interessa pela história e pela visão de mundo que cada um traz para o seu interior, estará sempre atenta ao ouvir as crianças, seus responsáveis, os membros da comunidade local, os professores e demais profissionais, para pensar e organizar seu cotidiano para que seja reflexo de suas reais necessidades.

Para além das reverberações que os diferentes trabalhos dos convidados tiveram e que contribuíram para compor o presente trabalho, a aproximação com alguns deles foi fundamental, seja no caminho entre o hotel e a universidade, ou quando jantamos juntos e pudemos trocar algumas ideias sobre temas relevantes, como a política local ou internacional, ou mesmo sobre essa tese; em especial com Lupicinio Iñiguez-Rueda; Virgínia Guadalupe Reyes de La Cruz e Arturo Ruiz Lopez, da Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca, México; Johannes Kniffiki, da Alice Salomon University, Berlim; e Cláudia Patrícia Sierra Pardo.

6 PEDRO LEMEBEL: uma leitura das margens



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 Ago 2017.

Não Recomendado

Caio Prado

Uma foto uma foto
Estampada numa grande avenida
Uma foto uma foto
Publicada no jornal pela manhã
Uma foto uma foto
Na denúncia de perigo na televisão

A placa de censura no meu rosto diz:
Não recomendado a sociedade
A tarja de conforto no meu corpo diz:
Não recomendado a sociedade

Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado!
Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado!

A placa de censura no meu rosto diz:
Não recomendado a sociedade
A tarja de conforto no meu corpo diz:
Não recomendado a sociedade

Não olhe nos seus olhos
Não creia no seu coração
Não beba do seu copo
Não tenha compaixão
Diga não à aberração

A placa de censura no meu rosto diz:
Não recomendado a sociedade
A tarja de conforto no meu corpo diz:
Não recomendado a sociedade

Um encontro com Pedro

O movimento percorrido para provocar, ou para sermos provocados pelo encontro com o outro, muitas vezes é tortuoso, podemos nos perder em qualquer esquina, ou ao cruzarmos uma delas.

Quando recebi do meu orientador, Marcos Reigota, o *Manifiesto (Hablo por mi diferencia)*, de Pedro Lemebel, pouco sabia dele e também pouco compreendi de que se tratava. Li o texto, em espanhol, e, talvez pela correria do dia a dia, quase nada entendi, e mal deixei aquelas palavras ecoarem em mim.

O segundo encontro se deu após a provocação pelo orientador, a apresentá-lhe as impressões sobre o texto e o autor. Naquele momento, mostrou-me a única novela escrita por Lemebel (2001), *Tengo miedo torero*, e me contou que foi presente de Gianni Vattimo, que lhe trouxe de Cuba, onde havia participado como júri do concurso literário que premiara a citada obra.

Assim, parti em busca de materiais para conhecer o autor e sua obra. Reli o *Manifiesto (Habblo por mi diferencia)*, escrito em 1986 e utilizado em uma performance do escritor num ato político do movimento de esquerda no Chile, do qual participava, mas que, pela sua homossexualidade e radicalismo como se apresentava publicamente – geralmente travestido, com saltos altos e uma série de alegorias –, era estigmatizado e, assim, não bem-vindo dentro do movimento que se preocupava com as lutas políticas em prol do socialismo e sequer dialogava com as demais questões como as da causa LGBT.

Antes de me aventurar pela novela, encontrei alguns artigos acadêmicos que foram compondo uma cartografia dessa figura potente ao apresentar sua obra; um caleidoscópio do cotidiano de corpos estranhos e personagens resistentes à ditadura militar chilena, embates de classes, marginalização racial, de gênero e sexual, operando para manter o poder de um grupo e a invisibilidade de outros.

No material escolhido na internet aleatoriamente – fiz uma seleção pelo título, pelo que o resumo me provocava e as chamadas das entrevistas disponíveis em um sítio na web dedicado ao autor, dentro do Proyecto Patrimonio. Aos poucos fui percebendo que os autores escrevem de um ponto de vista muito próximo sobre a produção de Lemebel, que utiliza a literatura para fazer notar, desde um ponto de vista territorializado nas margens, as condições sempre precárias de personagens homossexuais, vivendo nos subúrbios de Santiago e envolvidos no contexto histórico-político de violência e preconceitos. É deste lugar que o autor denuncia, provoca, critica, e reflete sobre a realidade, apresentando-a desde uma perspectiva humorística como estratégia de ataque.

Incursionei-me em diversas leituras, de fontes diferentes. Li o romance *Tengo miedo torero* e, inclusive, ganhei três outros livros dele, trazidos por meu orientador, juntamente com um cartaz, que ganhou do dono da livraria Metales Pesados, do show da banda argentina de hardcore melódico, Boom Boom Kid, que utilizou a imagem de Pedro Lemebel, em sua última performance, antes de morrer, mostrando a velhice de Frida Kahlo, a mesma foto foi utilizada para a exposição Arder, que o próprio autor preparou com fotografias, vídeos de sua trajetória. Nesse movimento cheguei ao material da 31ª Bienal de Arte de São Paulo: *Como (...) coisas que não existem*, em que o artista Miguel A. López, expôs uma foto do coletivo Yeguas del Apocalipsis, que Lemebel criou com Francisco Casas. Pouco a pouco passei a

conceber a magnitude da vida e obra de Pedro Lemebel para o contexto chileno e também latino americano.

Voltar ao primeiro texto, o *Manifiesto (Hablo por mi diferencia)*, nesse momento, ganha, então, outro sentido: o contexto histórico, o cotidiano vivido, as ruas e praças percorridas, os embates políticos, estar à esquerda, ser homossexual, estar na margem e vivenciar os dramas e as felicidades de pertencer a uma classe trabalhadora e habitar bairros de população pobre e mestiça que não têm voz, lhe dá um *status* singular.

Esse *status* é uma posição radical contra todos os tipos de poderes que o querem submeter. É uma posição que se contrapõe ao vitimismo passivo que o poder quer impor aos corpos estranhos. A ironia e o deboche são utilizados para irromper dos subterrâneos, a força criativa, ética e política do escritor bicha louca.

Pedro Lemebel brada no *Manifiesto* que sua diferença não o faz tão esquisito, que sua masculinidade não lhe foi ensinada a partir dos quartéis, mas que foi aprendida vivendo nas ruas dos bairros populares, lutando por direitos, denunciando as injustiças, as dicotomias masculino/feminino, denunciando os desejos de um branqueamento social – para o qual os homossexuais, os pobres, os mestiços etc. seriam como os leprosos presentes na escritura sagrada, aqueles destinados a viver num vale afastado da cidade. Sua masculinidade, segundo ele, aprendeu militando e não indo a um campo de futebol. Sua masculinidade foi amordaçada e, muitas vezes, teve que cerrar os dentes para as provocações recebidas e engolir a raiva, a seco, para não matar todo mundo. Sua masculinidade está em aceitar a sua diferença.

O autor denuncia todo o preconceito que a esquerda chilena manifesta contra si e todos os homossexuais, e se posiciona como mais subversivo que a própria esquerda, afirmando que não mudaria a si mesmo para atender as vontades de uma sociedade consumista e injusta.

Para concluir o *Manifiesto*, o autor declara que sua fala não é por ele, pois já está velho, mas para os que virão, para os homossexuais, as gerações futuras, para que possam ter direitos e voar em um pedaço de céu vermelho.

A situação enfrentada por Pedro Lemebel, entre 1973 até o fim da ditadura apresentou algumas transformações. Hoje, o Chile é um dos países da América Latina em que a união civil entre pessoas do mesmo sexo é prevista em lei – até

1999, ser homossexual, no país, era crime. Ainda assim, é possível averiguar, em páginas da internet, como a do Movimiento de Integración y Liberación Homosexual (MOVILH)³⁰, que denuncia a violência contra os chamados corpos estranhos que não se conformam com as normatividades impostas pela sociedade branca, heterossexual, cristã e burguesa e buscam ter uma vida que lhe satisfaça, em que possam ser eles mesmos, sem seguir modelos pre-estabelecidos.

A seguir apresento uma possível cartografia da trajetória de vida e obra de Pedro Lemebel para esboçar mais adiante, um possível diálogo e construção da pedagogia subterrânea.

Lemebel, uma bio:grafia

Nascido em 21 de novembro de 1952, em Santiago do Chile, Pedro Segundo Mardones Lemebel, filho do padeiro Pedro Mardones e da dona de casa Violeta Lemebel, viveu sua infância em uma favela da capital chilena, às margens do lamacento Zánjon de la Aguada, um afluente do Rio Mapocho.

Na crônica “Zanjón de la Aguada”, Lemebel (2013) narra a experiência de viver num lugar onde os terrenos foram sendo ocupados pela população pobre, muitos migrantes, inclusive indígenas, vindos do sul e do norte do Chile, em busca de melhores horizontes.

Mi familia, que desde siempre habitó en Santiago, traficando su pellejo pasar en piezas de conventillo y barrios grises que rondan al antiguo centro. Pero un día cualquiera llegaba el desalojo; los pacos tiraban a la calle las cuatro mugres, el somier con patas, la mesa coja, la cocina a parafina y unas cuantas cajas que contenían mi herencia familiar. Y tal vez alguien nos dijo que existía el Zanjón y, para no quedarnos a la intemperie, llegamos a esas playas inundadas donde los niños corrían junto a los perros persiguiendo guarenes. Y la cosa fue tan simple, tan rápida, que por unos pesos nos vendieron una muralla, ni siquiera un metro de terreno, sólo era un muro de adobes que mi abuela compró en ese lugar. Y a partir de ese sólido barro fue armando el nido garufa que en pleno invierno cobijó mi niñez y le dio alero a mi núcleo parental
 (LEMEBEL, 2013, p. 45-46).

³⁰ Numa consulta na página do MOVILH, pude constatar várias denúncias de violências contra LGBT, como a do dia 07/01/2017, que relata o espancamento do jovem Nicolás Pérez, de 25 anos, por um grupo de sujeitos na madrugada, que o abordaram para roubá-lo e, quando perceberam que estava maquiado e usava uma roupa escandalosa demais, o insultaram e causaram uma série de lesões em seu rosto.

Lemebel conta que a situação de pobreza dos moradores do Zanjón de la Aguada era extrema, a água limpa para beber, cozinhar e para a higiene tinha que ser buscada longe de onde viviam. Não havia esgoto, o despejo era feito a céu aberto e a única limpeza observada era a das roupas brancas, quase trapos, fervidas no cloro, que davam características pálidas para as mãos maternas, constantemente submersas nas águas espumantes em que as pobres vestes eram postas de molho.

Além da pobreza, a violência estava presente cotidianamente na vida dos moradores locais; na crônica, o autor aponta uma série de incidentes violentos e personagens que protagonizaram cenas de roubo, inclusive mortes de crianças que eram usadas para interceptar caminhões que utilizavam a rodovia que cruzava o bairro Zanjón de la Aguada. Os diários de notícias todos os dias estampavam notícias de delitos cometidos pelos “pelados”, como eram chamados os assaltantes ou batedores de carteiras do local. Era boa a convivência entre os moradores e os tais pelados, na verdade, havia certa irmandade, onde imperavam leis próprias ou uma espécie de catecismo moral, em que uns protegiam os outros (LEMEBEL, 2013) – em situações nas quais as intempéries acometiam a população, como alagamentos, incêndios ou outros problemas, lá estavam os pelados para ajudar e, quando a polícia adentrava no lugar à procura dos delinquentes, os moradores os escondiam em suas casas.

Em meados da década de 1960, a família de Lemebel muda-se para um conjunto de residências sociais, conhecido como bloques, ainda na Comuna de San Miguel, próximo da Avenida Departamental. Ali, consideram-se moradores dignos, em uma casa com água encanada, sistema de esgoto, energia elétrica e gás encanado.

Em entrevista para o programa *Trazo mi ciudad*, Lemebel apresenta a cidade de Santiago desde seu olhar afetivo e repleto de significados como um mercado público. Fala do bairro onde passou sua adolescência, La Legua, e também da rua onde, no passado, era o ponto de prostituição das travestis na capital chilena e que, na atualidade se transformou, em um local turístico, empurrando-as para bairros mais distantes do centro.

Na Praça São Miguel, em La Legua, Lemebel conta que não havia muitas árvores como agora e que ali os meninos jogavam futebol e ele não, pois o futebol

não o atraía. O lugar marcou sua história, pois pela primeira vez tinha um lar de fato para viver, havia algum conforto. Sua mãe era quem demonstrava mais felicidade, pois estava num lugar em que predominava o concreto, ele diz que ela tinha horror a terra. Conta também que, apesar de não ter tido uma relação tão boa e afetiva com seu pai, ele havia sido, a sua maneira, o melhor pai, pois era trabalhador, sabia fazer pão e mais nada. Lemebel reflete que talvez fosse difícil, naquelas condições, dimensionar o fato de ter um filho homossexual.

O apartamento onde vivia com sua família ficava no terceiro andar, no final do corredor e, por isso, ele era conhecido como a “maricón del fundo”.

Lemebel relembra que o bairro La Legua, assim como muitos outros bairros, como a Población La Victoria³¹, que compõem a Comuna de San Miguel, nasceu a partir da década de 1940, principalmente pela migração de famílias vindas do Sul do país, muitas delas descendentes do povo indígena Mapuche, que buscavam trabalho em Santiago.

Em uma reportagem publicada no suplemento El Sabado, do jornal El Mercurio, em 2002, Soledad Marambio, relata como foi passar um dia com Pedro Lemebel, desde as impressões de sua vizinhança na Rua Loreto, onde vivia, a visita a algumas velhas amigas, e ainda, ir ao Cemitério Metropolitano levar flores ao túmulo de sua mãe. Marambio descreve uma cena enquanto estão no carro, indo em direção ao cemitério e passam pelo antigo bairro onde Lemebel viveu com seus pais.

Mientras pasamos por San Miguel, Pedro muestra los bloques donde vivió con sus papás: “Me gueveaban más que la cresta en la población. Bueno, yo creo que se me notava desde chico... No sé si a uno se le nota lo homosexual o se le nota algo diferente: el mirar, el caminar. Pero también tiene que ver con que yo me hice esa postura frente a la vida porque los niños, cuando son muy niños, tienen una polisexualidad, entonces pareciera que yo por porfía al patrón macho que se me imponía: camina como hombre, actúa como hombre, habla como hombre, me hice maricón”, carcajea. “Pero sabís que no es una tesis tan equivocada porque tiene que

³¹ Foi o primeiro bairro ocupado por movimentos sociais organizados, em outubro de 1957. Segundo Alexis Cortés Morales (2013), no artigo La Población La Victoria: Memoria heroica e identidad barrial, a ocupação e posterior formação do bairro La Victoria é uma das mais emblemáticas do Chile. Foi marcada pela experiência do autogoverno e resistência à ditadura militar, na década de 1980, quando muitos dos seus líderes tiveram que se esconder para não sofrer as consequências da tirania pinochentista; nesse momento os jovens passaram a ocupar os espaços de liderança. Ficaram famosos os seus mecanismos de circulação que fortaleciam a identidade local, seja pelo fortalecimento histórico do seu povo e da tomada do espaço, da nomeação de suas ruas, não aceitando os títulos de militares inscritos nas placas oficiais, seja pela atividade do muralismo como espaço para a denúncia política.

ver con mi actitud frente a la vida y al mundo que he desarrollado después”. Y es bien porfiado. Y también brillante y ruidoso como un baile de máscaras, y callado y triste como fin de carnaval (MARAMBIO, 2002, p. 28).

Conta ainda no programa *Trazo mi ciudad*, que a maioria das famílias que chegava para viver nessa região de Santiago, era adepta das ideias socialistas e se mobilizava para conquistar alguns direitos, e foi nesse contexto que o autor começou a vivenciar suas primeiras lutas sociais.

Chama atenção para os lugares tombados como patrimônio local ou da humanidade: sempre construções imponentes, em bairros ricos e nunca uma região pobre, como a de Zanjón de la Aguada, que considera historicamente importante pela trajetória de luta, resistência e oposição do povo à ditadura, por exemplo.

Na crônica “La historia de Margarito”, publicada no livro *De perla y cicatrices* (1998), Lemebel escreve sobre um colega (Margarito), que era humilhado pelos meninos – ocupados, desde cedo, em praticar o machismo zombeteiro –, pois não participava das mesmas atividades que eles. Estava frequentemente distante, apenas observando toda aquela sorte de virilidade que emanava dos corpos em crescimento. Na velha escola Ochagavía, onde estudaram, Lemebel se recorda de ver Margarito sozinho e triste

Lo recuerdo tan solo, en ese tristísimo exilio de princesita traspapelada en un cuento equivocado. Lo veo así, al borde de la crisis esa mañana del sesenta cuando Caritas-Chile regaló un montón de ropa norteamericana para la escuelita Ochagavía. Eran fardos gigantes de pantalones, poleras, zapatos, camisas y casacas que los curas habían seleccionado para los niños varones. Tiras usadas que el imperio repartía a Sudamérica para tranquilizar su conciencia. Trapos multicolores, que los chiquillos se probaban entre rizas y tirones. Y en medio de esa alegre selección, apareció un vestido, un largo y floreado camión que los cabros sacaron calladamente del bulto. Lo extrajeron mirándose con maldadosa complicidad. Margarito, como siempre, flotaba más allá del bullicio en la balsa expatriada de su lejano navegar. Por eso no se percató cuando lo rodearon sujetándolo bruscamente con esa prenda de mujer. Creo que nunca olvidaré esa escena de Margarito con los ojos empañados, envuelto en la percala floral de su triste primavera. Lo veo a pesar de los años, interrogando al mundo que se cerraba para él en una ronda de carcajadas. Lo sigo viendo acurrucado, como una palomita llorona mirando las bocas burlescas de los niños, desfiguradas por el océano inconsolable de su amargo lagrimal (LEMEBEL, 1998, online).

Mais tarde, Pedro Lemebel estudou no Liceu Industrial de Homens de La Legua, onde aprendeu a forjar metais e a fazer móveis. Na década de 1970, ingressou na Universidade do Chile, graduando-se em Artes Plásticas, e, na

sequência, passou a dar aulas em dois liceus, sendo despedido por causa da sua aparência e por não se esforçar em disfarçar sua homossexualidade.

Na crônica “Ronald Wood” (“A esse bello lírio despeinado”), também do livro *De Perla y cicatrizes* (1998), Lemebel escreve sobre seu cotidiano escolar como professor de artes plásticas, cruzando com a história de Ronald Wood, seu aluno, que, em sua adolescência revoltosa, tirava o professor do sério, aprontando brincadeiras, derrubando tintas, incomodando os alunos disciplinados, e que pouco ou nenhum interesse tinha em arte. Até que Lemebel abordou a história da arte romana, a arte militar do império, com esculturas dos bustos de generais e imperadores. Neste momento, algo aconteceu com Ronald, que se voltou atento para aquilo que o professor dizia. Lemebel escreve que aproveitou essa mudança abrupta do agitado aluno e começou, mesmo sendo proibido pela ditadura, a incluir um discurso político sobre política, liberdade, justiça e a possibilidade de democracia, e Ronald se tornou o mais atento e participativo, questionando que era preciso fazer algo para por fim a ditadura. Lemebel dizia que já estavam fazendo e que era preciso ter paciência, estudar mais, dar exemplo, e não quebrar os vidros da escola ou ser mal criado com a diretora. Ronald se mostrava reflexivo diante disso tudo.

Porém, algo ocorreu e Lemebel foi despedido do colégio, perdendo o contato com o garoto rebelde que queria mudar o país. Ele escreve:

Poco tiempo me duró esa estrategia de concientizar por medio de la historia del arte. Por ahí algo se supo, alguien escuchó, y sin mediar explicación tuve que abandonar las clases en esa comuna. Nunca más vi a Ronald Wood, jamás supe que pasó con él en los crispados años que vinieron. Nunca me enteré si también lo habían expulsado de ese colegio, al igual que a mí.

Solamente el 20 de Mayo de 1986, me llegó la noticia de su asesinato en medio de una manifestación estudiantil en el Puente Loreto. Ese día, recién me enteré por la prensa que Ronald estudiaba para auditor en el Instituto Profesional de Santiago, que tenía apenas 19 años esa tarde cuando una maldita bala milica había apagado la hoguera fresca de su apasionada juventud. Ahí también supe que había agonizado tres días con su bella cabeza hecha pedazos por el plomo dictatorial (LEMEBEL, 1998, online).

Após o ocorrido, não mais voltou a lecionar, passando a se dedicar às oficinas de escrita.

Allí fue forjando redes intelectuales, políticas y afectivas, principalmente con escritoras feministas y de izquierda como Pía Barros, Raquel Olea, Diamela

Eltit y Nelly Richard, quienes lo acogieron y vincularon a instituciones que estaban a medio camino entre la cultura marginal de resistencia a la dictadura y la academia oficial (MEMÓRIA CHILENA, 2017, online).

Em 1982, utilizando o sobrenome do pai – Mardones –, vence o Concurso Nacional de Conto Javier Carrena, e segue assinando com sobrenome do pai até 1986, quando alguns de seus relatos foram publicados no livro *Los incontables*. Também em 1982, formou com o poeta Francisco Casas o coletivo Yeguas del Apocalipsis, no qual, através de performances, instalações, vídeos e fotografias, criavam formas de resistência, provocavam e atacavam a ditadura de Pinochet.

Alguns anos mais tarde, em 1986, Lemebel leu o seu manifesto *Hablo por mi diferencia* em uma reunião dos partidos de esquerda, criticando os preconceitos sofridos no interior do grupo que não o considerava por sua homossexualidade.

Porque la dictadura pasa
Y viene la democracia
Y detrasito el socialismo
¿Y entonces?
¿Qué harán con nosotros compañero?
¿Nos amarrarán de las trenzas en fardos con destino a un sidario cubano?
No meterán en algún tren de ninguna parte
Como en el barco del general Ibáñez
Donde aprendimos a nadar
Pero ninguno llegó a la costa
Por eso Valparaíso apagó sus luces rojas
Por eso las casas de caramba
Les brindaron una lágrima negra
A los colizas comidos por las jaibas
Ese año que la Comisión de Derechos Humanos no recuerda (LEMEBEL, 2013, p. 36).

Nesta altura, deixou de usar o sobrenome do pai, adotando o da mãe, Violeta Lemebel, por tudo o que ela havia significado em sua vida, juntamente com sua avó, numa aproximação com o feminino: “El Lemebel es un gesto de alianza con lo femenino, escribir un apellido materno, reconocer a mi madre huacha desde la ilegalidad homosexual y travesti” (LEMEBEL apud ECHEVARRÍA, 2013, p. 18). A partir de então, segundo Echevarría (2013), Lemebel passa a colocar a mulher, geralmente, em suas crônicas, como heroínas.

Las mujeres, en general, suelen cumplir, en la “narrativa” urbana de Lemebel, un papel heroico, al que las aboca en no pocos casos su condición de madres, pero que obedece también a la superior capacidad de resistencia que les confiere el haber sido secularmente maltratadas y relegadas por el machismo imperante. Ellas serían las principales artífices

de esas “micropolíticas de la supervivencia” a las que se refiere Lemebel (ECHEVARRIA, 2013, p. 19).

A força do feminino ganha notoriedade também nas ações performáticas do coletivo Yegas del Apocalipsis, nas quais, na maioria das vezes, aparecia travestido de mulher, usando maquilagem e salto alto, como podemos ver a seguir.

Las Yeguas del Apocalipsis

No ano de 1987, quando Lemebel deixou de dar aulas na escola pública secundária, em Santiago, criou, com Francisco Casas, o coletivo as Yeguas del Apocalipsis, cujo objetivo era transgredir ordenamentos de todos os níveis – colonialistas, políticos, econômicos, sexuais, raciais e de gênero. As principais ações eram contra a ditadura militar de Pinochet, que na época estava chegando ao fim. Criticavam também a democracia nascente e já contaminada com os preconceitos e violências contra os corpos marginalizados das minorias sexuais, como as travestis.

Na biografia de Pedro Lemebel, disponível no Proyecto Patrimonio, arquivo que reúne várias crônicas e entrevistas de autores chilenos, encontra-se uma descrição da atividade das Yeguas del Apocalipsis:

En una actividad que fue a la vez paródica y sediciosa, estos escritores convertidos en actores de su propio texto, en agentes de una textualidad en devenir (ni dada por hacerse, pura transición burlesca), desencadenaron desde los márgenes (desde la homosexualidad pero también desde el bochorno irreverente) una interrupción de los discursos institucionales, un breve escándalo público en el umbral de la política y las artes de lo nuevo. Su trabajo cruzó la performance, el travestismo, la fotografía, el video y la instalación; pero también los reclamos de la memoria, los derechos humanos y la sexualidad, así como la demanda de un lugar en el diálogo por la democracia (PROYETO PATRIMONIO, 2017, on-line).

O coletivo de dois era para as pessoas, segundo Lemebel, como mil, “porque las Yeguas no fueron Francisco Casa y Pedro Lemebel, sino un imaginario. La gente creía que éramos Miles. Decían allá vienen las Yeguas del Apocalipsis, a esconderse”, declarou Lemebel em uma entrevista a Andrés Gómez (2017, p. 44). Juntos, realizaram intervenções em vídeo, instalações e performances em vários espaços. A primeira aparição aconteceu no lançamento de um livro de Carmem Berenger, na Feira do Livro no Parque Florestal, quando, vestidos com as cores da

bandeira do Chile, estrela no peito e nas costas, descalços e véu negro, entraram arrastando-se pelo chão.

Sergio Téllez-Pon (2015), no artigo “Letras garabateadas con rouge”, cita o surgimento do coletivo, em dezembro de 1987, e enfatiza as polêmicas que as ações dos artistas provocariam na sociedade chilena, que vivia sob a ditadura de Pinochet: “a partir de ese momento harán una serie de intervenciones y performances que darán mucho qué hablar en la constreñida sociedad santiagueña que se preparaba para salir del ostracismo pinochetista” (TÉLLEZ-PON, 2015, s.p.).

Duas intervenções ocorridas no ano de 1988 merecem destaque: a *Coronación de Espinas*, realizada na Casa Museo la Chascona – casa de Pablo Neruda –, no dia em que acontecia a entrega do Prêmio Pablo Neruda ao poeta Raúl Zurita. A performance foi a coroação do poeta premiado com uma coroa de espinhos, imitando a de Cristo, aludindo ao conteúdo cristão implícito na obra de Zurita. Foi “una estrategia político-cultural de provocación y seducción hacia el campo artístico-literario” (YEGUAS DEL APOCALIPSIS, 2015, on-line); e a *Refundación Universidad de Chile*, na Faculdade de Artes da Universidade do Chile, em greve e tomada pelos estudantes. Lemebel e Casas adentraram no campus Juan Gómez Millas nus e montados em uma égua puxada pela poeta Carmem Berenguer, seguida pelas também poetas Carolina Jerez y Nadia Prado, que tocava flauta. A performance era uma paródia erótica da figura viril do militar e do conquistador, fazendo uma referência à homossexualidade masculina e reclamando o ingresso das minorias na universidade (YEGUAS DEL APOCALIPSIS, 2015, on-line).

Em uma entrevista concedida a Maureen Schaffer, em 1998, para a revista *Hoy*, quando questionado sobre a possibilidade de ações do coletivo atuando no contexto político cultural chileno de então, Lemebel responde:

Las Yeguas del Apocalipsis fueron un imaginario libertino y pagano que transitó en el paisaje alambrado de los 80. Es difícil imaginarlas en la cultura mall o en la tontera humorística del Chile actual. Con Francisco Casas nos detuvimos cuando llegó la democracia: un poco a reflexionar sobre nuestro trabajo, otro poco a cachar lo que se venía, siempre con la sospecha como arma de lectura. No nos dio para seguir poniendo el cuerpo como soporte de discurso en el Chile neoliberal. La gente perdió la capacidad de leer más finamente los gestos políticos.

Actualmente, Francisco vive en México y hace videos, y yo, aquí, escribo. En 1997 fuimos invitados a la Bienal de Arte de La Habana y a Nueva York a un evento de performance. También para este año tenemos varias

invitaciones al extranjero donde nos juntaremos para rearmar a las Yeguas. Mientras tanto, Chile, en su modorra exitista, puede esperar (LEMEBEL, 1998, s.p.).

Um ano mais tarde, no número 204, da revista *Cauce*, Fabio Salas publica uma entrevista com as Yeguas del Apocalipsis, o conteúdo versa sobre a formação do coletivo, as performances realizadas, o que é ser homossexual no Chile, no contexto da ditadura militar e os efeitos da AIDS. Lemebel aponta uma série de reflexões críticas que denunciam os abusos de poder pelos militares, pela religião, pelo futebol. Com clareza, ele diz: “todo es un juego de poderes y de fuerza” (LEMEBEL, 1989, p. 27).

Segundo Lemebel, respondendo a uma questão posta por Salas, o coletivo propõe “una patria sin semáforos, una bandera, una ventana para el niño homo”, pois, nas palavras dele, “la gente nos ve como viejos degenerados, se olvidan que fuimos niños” (SALAS, 1989, p. 26).

A entrevista evidencia que a luta das Yeguas del Apocalipsis não é para todos os homossexuais, pois o *gay made in Chile*, aquele que se veste com as roupas da moda que vem dos EUA, vive nos bairros abastados da cidade, e Lemebel os denuncia como cooptados pelo sistema, que tenta embranquecer a população, controlar as pessoas e suas sexualidades, para anulá-las. Assim, a ação do coletivo endereça-se àqueles que estão mais às margens, as travestis pobres, aqueles que estão nos limites étnicos, sociais e sexuais, que vivem nos bairros pobres de Santiago e conhecem a realidade dura da rua.

Numa outra entrevista concedida a Andrea Jeftanovic, para a revista *Lucero*, em 2000, Lemebel fala sobre a homossexualidade que mais lhe interessa, como projeto crítico e cultural.

[...] me interesa lo homosexual como una construcción cultural, como otra forma de pensarse. Otra forma de imaginar el mundo, no sólo desde la teoría homosexual sino que desde todos los lugares agredidos y dejados de lado por esta maquinaria neoliberal y globalizante. Yo sigo apostando por esos lugares mínimos, a pérdida. Me interesan la homosexualidades como una construcción cultural como una forma de permitirse la duda, la pregunta; quebrar el falogocentrismo que uno tiene instalado en la cabeza. Es como la construcción cultural de otro, tal vez en ese otro están incluidos otros colores, otras posibilidades insospechadas de las minorías (LEMEBEL, 2000, s.p.).

Mais adiante, continua sua reflexão sobre o que pensa ser urgente para que haja um avanço nas questões da homossexualidade.

Hay una legalización pero desde el punto de vista del poder. Por ejemplo, en Chile cambió la ley que condenaba la sodomía, el artículo 35, pero más allá de eso hay una homofobia ambiental en la subjetividad colectiva de los chilenos. Entonces el camino legal y el de mentalidad van por carriles distintos, tiene que pasar por la inserción de la cuestión homosexual en lo social, no como privilegio, ni como algo políticamente correcto sino que como un devenir más en este abanico múltiple y poliformo de la sexualidad en evolución y constante cambio. Tal vez, la homosexualidad pudiera ser una parada en esta evolución y ser una sexualidad por venir, por hacerse (LEMEBEL, 2000, s.p.).

Ou seja, para o autor, seria necessário desconstruir a ideia cultural arraigada na mentalidade dos chilenos – lembrando que é uma realidade também no Brasil e outros países latino americanos – de compreender a sexualidade como natural, da ordem do biológico e passar a concebê-la como uma construção cultural e histórica que pode se manifestar de diversas maneiras – que a heteronormatividade não consegue dar conta – e que está em constante evolução.

Lemebel fala com Flavia Costa (2004) sobre o fim do coletivo Yeguas del Apocalipsis,

La irrupción de ese colectivo de arte en el que yo participé, hoy en día se puede reconocer en nuevas emergencias de la militancia minoritaria. Guardo un afecto especial por ese activismo, algo ingenuo, algo romántico, pero de batallante visibilidad. (LEMEBEL, 2004, s.p.).

Em outra entrevista, concedida em 2013 a Hector Cossio, republicada em *El Mostrador* em janeiro de 2015, por ocasião de sua morte, Lemebel responde a questão sobre a falta de reconhecimento do coletivo Yeguas del Apocalipsis durante a comemoração dos 40 anos do golpe militar.

[...] como dice Francisco Casas, el trabajo de las Yeguas debiera estar em el Museo de la Memoria. Fuimos un colectivo homosexual que, anteponiendo nuestras demandas, homenajeamos a los Detenidos Desaparecidos, único cado en el continente. Estamos en la historia de este país porque Gerardo Mosquera, crítico extranjero, nos reconoció. No porque nuestros prejuiciosos amigos del arte lo quisieran. En ese sentido, después de veinte años, seguimos siendo estigmatizados, pero ya no importa, cruzamos las fronteras a pesar de la miopía nacional. (LEMEBEL, 2013, on-line).

A última participação do coletivo se deu na VI Bienal de Havana, Cuba, em maio de 1997, a intervenção se chamou *El individuo y su memoria*, uma conferência

performática realizada no pátio do Centro de Arte Contemporáneo Wilfredo Lam, com projeção de imagens e vídeos de suas ações ao longo dos anos. Na parede, havia um cartaz com a frase: “Hablo por mi lengua, mi sexo y mi social popular”, e como som de fundo se reproduzia o áudio do manifesto *Hablo por mi diferencia* e o hino oficial do partido socialista chileno. Nessa ocasião, realizaram uma apresentação especialmente para os pacientes de uma clínica de AIDS (YEGUAS DEL APOCALIPSIS, 2015, on-line).

El Cancionero – crônicas radiais

Entre 1994 e 2002, Lemebel comandou um programa na Radio Tierra, chamado *Cancionero*. A rádio funcionava no espaço La Morada, um centro feminista onde atuavam algumas das amigas escritoras e ativistas, com as quais Lemebel convivia (FAJARDO, 2015).

Segundo Fajardo, a primeira participação de Lemebel na rádio foi como convidado do programa *Triángulo Abierto*, “uno de los primeros espacios en los medios de comunicaciones para la diversidad sexual, conducido por Víctor Hugo Robles, donde compartió con otros escritores gays como Juan Pablo Stherland” (FAJARDO, 2015, online).

Cancionero ia ao ar duas vezes por semana e, nele, Lemebel, além ler suas crônicas, recebia alguns convidados que lhe eram caros na cena política e da contracultura chilena. A trilha sonora do programa era constituída pela música ad-hoc, como Nueva Ola e el folklor, Violeta Parra e outros como Roberto Carlos e Camilo Sesto (FAJARDO, 2015), trilha que ganha destaque também em sua obra escrita, principalmente no livro *Tengo miedo torero*, lançado em 2001.

No livro, a personagem principal, *Loca del Frente*, é uma velha travesti apaixonada pelos programas de rádio que tocam canções melodiosas que a situa numa nostalgia romântica, que Fábio Ramalho (2014) pontua no ensaio “A política do ‘desejo’ de Pedro Lemebel”:

Neste [livro]³², intensifica-se o uso de um repertório que o tempo tratou de vincular mais fortemente a bordéis, pensões e bares decadentes. São boleros antigos, tangos e outras canções que reverberam um sentimentalismo popular já fora de moda; resíduos, portanto, em meio ao

³² Ramalho está se referindo a *Tengo miedo torero*.

reluzente universo das mercadorias e do espetáculo (RAMALHO, 2014, p. 14).

No enredo da história, deparamo-nos em várias passagens com fragmentos de músicas que, ditas ou cantadas pela Loca del Frente, expõem suas emoções, seu sonho pela concretização do amor romântico ou a decepção e o sofrimento pela não correspondência de seu interesse pelo jovem e militante da esquerda, Carlos, como se pode verificar no trecho a seguir:

*Ansiedad de tenerte en mis brazos
musitando palabras de amor.
Ansiedad de tener tus encantos
y en la boca volverte a besar³³.*
(LEMEBEL, 2001, p. 106)

Fajardo (2015) comenta que o programa *Cancionero* não era apenas composto pelas leituras das crônicas, as músicas e os convidados, Lemebel também conversava com seu público pelo telefone, “que abarcaba desde dueñas de casa hasta otras ‘locas’” (FAJARDO, 2015).

O programa foi um sucesso de audiência, sendo o mais escutado do rádio enquanto esteve no ar e, dessa forma, tornou Lemebel conhecido nacionalmente.

Os conteúdos abordados no programa eram carregados de teor político, como toda a sua trajetória foi, pondo em xeque a hipocrisia de um país recém-saído da ditadura e que, no entanto, conservava o ideário classista e o discurso conservador em relação às questões de gênero e orientação sexual.

As crônicas lidas no programa *Cancioneiro* foram publicadas em revistas e jornais chilenos, como a revista *Página Abierta* – uma publicação da esquerda e que confluía o acadêmico e o popular –, o semanário *The Clinic*, a revista *Rocinante*, entre outros, que mais tarde foram reunidos em livros; inclusive, nesta dinâmica, pode-se observar a postura política de Lemebel.

Em entrevista a Andrea Jeftanovic (2000), Lemebel fala que seu lugar de escrita é desde uma territorialidade movediça, trãnsfuga, com o objetivo de tornar seus textos mais populares, facilitando a sua circulação e pirateamento, sendo essencial transitar em outros meios onde o livro é um produto sofisticado. Dessa forma se justifica, também, a leitura de suas crônicas no programa *Cancioneiro*, que

³³ *Ansiedad*, composição de Chelique Sarabia, venezuelano, em 1955, com muitas versões, como a em português, feita por Fagner e Fausto Nilo, em 1987, e gravada pela dupla sertaneja Matogrosso & Mathias em 1990.

alcançava todas as classes e possibilitava lançar, pelas ondas do rádio, suas reflexões, denúncias e produção literária.

De acordo com Alarcón (2015), as primeiras influências para a escrita de Lemebel não vieram da literatura, mas mais precisamente dos relatos e das músicas que ouvia no rádio que tinha em casa, no distrito de San Miguel, e de sua vivência pelas ruas dos bairros pobres de Santiago. Ou seja, sua ligação com o rádio, além da pertinência política e do alcance que propiciava, era também, de certo modo, afetiva.

Em entrevista concedida ao programa *Vuelan las Plumas*, da Radio Universidad de Chile, em 2012, Lemebel responde a questão sobre as influências que teve na cidade de Santiago para a sua formação.

La radio fue muy importante para mí. En mi casa no había libros, era una exotiquez en mi casa, pero sí había una radio prendida, y había la voz y música. Creo que, antes que la literatura, fue la música la que tuve que ver con algún lirismo infantil que después desarrollé en mis crónicas de grande. (LEMEBEL, 2012, entrevista em áudio)

Ele reconhecia a importância do seu programa na rádio para proclamar a vida multicolorida que transita pelas ruas, mercados, praças e parques da cidade, alcançando um grande público ouvinte, que, na grande mídia televisiva, vê apenas uma caricatura cômica e grotesca desses sujeitos que habitam as margens da sociedade. No programa, apontava as distinções entre os homossexuais do país, afirmando que as travestis, pobres, prostitutas, indígenas, portadoras do HIV, eram as mais marginalizadas, diferentemente do gay chileno norte americanizado pela cultura estadunidense e incorporado ao modelo heteronormativo, que lhe impõe a maneira de poder ser – o mais discreto, másculo, comportado, bem vestido e branco possível.

Segundo Lemebel, havia um investimento para que as “locas” desaparecessem. Dessa forma, todos aqueles que escapam das normas estabelecidas e que sofrem toda a sorte de violências e preconceitos não são ouvidos e considerados.

Quando perguntado sobre a existência de diálogo entre as minorias homossexuais, Lemebel (2000) responde a Jeftanovic,

En mi caso hay cierto diálogo con homosexuales, más con mujeres pero más que nada tengo ecos en lo popular. Si te fijas el humor chileno se articula principalmente en torno a la burla más pobre, de los lugares más deficitarios, más huérfanos: la mujer, el gay, el asalariado, el indígena. Hay una complicidad con ese mundo que se arma desde mis textos, y quizás con mis contenidos pero de manera intuitiva, que responde a esta carta naufragada que yo mando a las masas. Y en eso la radio ha sido importantísimo. Además no todas mis crónicas son sobre la homosexualidad, pero hay algo ahí que no necesita decir su nombre para que no esté contaminado con esa otra forma de sueño, de utopías de mundo. En la radio ocurre que hay una voz que es mi voz, hay una cosa interesante porque la voz está cargada de simbolismos, pero la voz no sólo como sonidos sino que como depositaria de simbolismos que están cargados de desilusiones amorosas. Ahí se produce una irrigación hacia quienes creen que hay una salida sin retorno que nos plantea el 2000 (LEMEBEL, 2000, s.p).

Sua crítica ácida aos meios de comunicação, principalmente à mídia televisiva, que conservava os mesmos rostos do período da ditadura, alimentava sua ira e apareciam, inclusive, em crônicas, como relato a seguir.

Lemebel, um coquetel molotov ou como desmontar o poder da mídia televisiva

No livro *Mi amiga Gladys* (2017), lançado em 2016, portanto após a morte de Lemebel, estão reunidas uma série de crônicas que, de alguma forma, se relacionam com a construção de sua amizade com Gladys Marín – importante líder do Partido Comunista chileno, professora, filha de camponeses que, em 1998, foi candidata à presidência do Chile e faleceu em 2005, vitimada por um câncer no cérebro.

Uma das crônicas do livro se chama “Inevitable rareza (o lá invitación a De Pe a Pa)”, em que Lemebel narra sua relação com a TV aberta chilena e sua estratégia em aceitar ou não os convites para os programas televisivos, que, em sua maioria, rechaçava, pois, segundo ele, eram compostos em um formato leviano e, por isso, era impossível manter um diálogo inteligente com os apresentadores que já haviam, durante a ditadura, demonstrado apreço a Pinochet.

Porém, após descobrir, através da revista *Punto Final*, que Carmen Carcuro, irmã do apresentador do programa De Pe a Pa, do Canal 7, Pedro Carcuro, havia sido militante do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) e cruelmente torturada pela ditadura que o irmão saudava com ânimo na televisão, aceitou o

convite vislumbrando um motivo propício para denunciar, em rede nacional e na cara do apresentador, os crimes políticos do regime ditador de Pinochet. Lemebel escreve que aquela era a oportunidade de lançar “una molotov para la tele de ese tiempo, donde estas figuras de la entretención y el espectáculo se abanicen con su apolitismo derechista” (LEMEBEL, 2017, p. 25-26).

Para o evento, fez questão de garantir a presença da amiga Gladys Marín, que havia lhe pedido para acompanhá-lo e assistir da plateia o show de Lemebel.

No dia e horário, conta Lemebel que recebera todas as honras de um ilustre convidado: camarim com seu nome na porta, um coquetel para ele e seus convidados e “zapatos de charol negro com plataformas de diez centímetros número cuarenta” (LEMEBEL, 2017, p. 27), que havia exigido para estar ali. Permaneceu no camarim até o momento de sua entrada, que foi arrastado mais para o fim do programa, que, segundo suas observações, era comandado pelo *ranking* de audiência.

Quando, enfim, chegou o seu momento, a primeira pergunta dirigida a ele por Pedro Carcuro foi: “¿como te gusta que te digan? Pedro: maricón, cola, coliza, flete”, ao que Lemebel respondeu, “los homosexuales entre nosotros podemos llamarnos así, tu no, en tu boca suena homofóbico” (LEMEBEL, 2017, p. 29).

A questão seguinte foi: “¿tú crees que la televisión chilena se ha democratizado?” (LEMEBEL, 2017, p. 30), recebendo a seguinte resposta:

Es claro que no [...] cuando en este mismo canal tienen animando el matinal a un personaje ex Dinacos³⁴ [...] Además, están intactos en la pantalla los rostros que animaron el show del horror: Don Francisco almorzaba con el Mamo Contreras, y esto lo declaró su propio hijo, el Mamito, quién mató al marido CNI de la Gloria Benavides, del “Jappening con Ja”, quienes usaban quizás en sus sketches de gangsters, las metralletas ensangrentadas de la misma CNI³⁵. Y mira tú, si no resulta irónico el cantito de este programa en plena dictadura: “ríe cuando todos estén tristes”. Digo esto porque aquí no me invitan nunca más” (LEMEBEL, 2017, p. 30).

³⁴ Referindo-se a Jorge Hevia, ex-jogador da seleção chilena de voleibol e apresentador de programa voltado para esportes, cobriu, inclusive, as Olimpíadas do Rio de Janeiro, pela TVN, em 2016, quando foi criticado por seus comentários considerados sexistas em relação ao vestuário das atletas da ginástica olímpica, de acordo com nota da página *El Desconcierto* (2016).

³⁵ Lemebel denuncia o apresentador e ícone da televisão chilena, Don Francisco, do programa *Sábado Gigante*, como possível mandante do assassinato de Manuel Contreras, militar da Central Nacional de Informações (CNI) – serviço de inteligência do governo Pinochet e marido de Gloria Benavides, atriz, famosa pelo programa de humor *Jappening com Já*. Tal fato pesa sobre o apresentador, pois, segundo noticiários chilenos, o mesmo teria um caso com Gloria Benavides, como sugere a biografia não autorizada de Don Francisco, escrita pela jornalista Laura Landaeta, de acordo com reportagem no *El Mostrador* (2016).

Na sequência, atendendo às ordens dos diretores, o apresentador chama o comercial e Pedro Lemebel é convidado a se retirar do programa, sem, contudo, fazê-lo formalmente como os demais convidados, enquanto o programa estava no ar. Porém, ele não se dá por satisfeito e pede apenas mais um minuto para poder se despedir de seu público, tendo sido atendido. Quando o programa voltou ao ar, Carcuro se despede de Lemebel, “ha sido un agrado tenerte aquí, qué te ha parecido todo?”. Neste momento, Lemebel lança a bomba: “muy bien [...] pero antes quiero rendir un homenaje a todas las mujeres torturadas en la dictadura de Pinochet a nombre de tu hermana Carmem Carcuro” (LEMEBEL, 2017, p. 32).

Lemebel esclarece, em rede nacional, que sempre esteve aberto ao tema dos desaparecidos políticos da ditadura e exige, a partir de sua declaração, que a hipócrita televisão chilena (como menciona em suas declarações), explique sua cumplicidade e silenciamento durante a ditadura e após o seu desfecho.

Pedro Lemebel, um corpo, uma voz, um manifesto

Lemebel esteve no Brasil, em 2013, como convidado da Balada Literária³⁶, realizada em parceria com o 21º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade, que publicou, em sua página na Web, o seguinte texto:

Entre as atrações, destacamos a presença do escritor chileno Pedro Lemebel. É ele um dos principais autores latino-americanos, conhecido por ter influenciado, entre outros, o conterrâneo Roberto Bolaño. E conhecido, também, por sua militância homossexual. É de autoria dele o famoso Manifesto “Falo por Minha Diferença”, importante instrumento de denúncia política e social (FESTIVAL MIXBRASIL, 2013, online).

Para o evento, o Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade e a Balada Literária publicaram um livreto, distribuído gratuitamente e também disponível online,

³⁶ Nome dado à festa que, desde 2006, vem sendo realizada em São Paulo. Com criação e curadoria do escritor Marcelino Freire, nasceu nos bares da vila Madalena e, atualmente, transita por outros espaços da cidade, como Sesc - Pinheiros, Auditório do Ibirapuera, Livraria da Vila, Itaú Cultural, Centro Cultural B_arco, entre outros. Além de ser gratuito, o evento acontece graças às parcerias e ao “capital afetivo” – como declara o curador, doações realizadas por amigos e admiradores que incentivam a iniciativa. Em 2016, em sua 11ª edição, o homenageado foi o escritor Caio Fernando Abreu, e contou com importantes nomes da cena musical, artística e literária como Alzira E, Tetê Espíndola, Ney Matogrosso, Cláudia Abreu, Wagner Moura, Ana Maria Gonçalves, Marcelo Rubens Paiva e Gregório Bacic (BALADA LITERÁRIA, 2016, online).

com o título “Pedro Lemebel: performance e texto”, composto por fotos, quatro crônicas de três diferentes livros do autor, além do texto do Manifesto (*Falo pela minha diferença*), traduzidos para o português por Alejandra Rojas Covalski.

No caderno Ilustrada do jornal *Folha de S. Paulo*, de novembro de 2013, Juliana Gragnani escreve sobre a visita de Pedro Lemebel no Brasil, ressaltando o câncer que o autor estava enfrentando na laringe e que afetou parte de suas cordas vocais e, com isso, sua voz.

Fora de cena, o escritor e performer chileno Pedro Lemebel se comunica por meio de gestos. No ano passado, o autor, definido pelo conterrâneo Roberto Bolaño (1953-2003) como o “maior poeta de sua geração”, tirou parte das cordas vocais por causa de um câncer na laringe. Ironicamente, seu maior trunfo como artista talvez tenha sido sua voz. Foi por meio dela que Lemebel, 58, militou a favor da causa gay e contra a ditadura de Augusto Pinochet, que comandou o Chile de 1973 a 1990. Hoje, a voz que lê o manifesto “Hablo por mi Diferencia” (falo por minha diferença), polêmico texto declamado em um ato político da esquerda em Santiago, em 1986, é um áspero sussurro, entrecortado por tosses secas (GRAGNANI, 2013, online).

Sobre a estadia do autor em São Paulo, Gragnani escreve,

Quando estive em São Paulo, na semana retrasada, Lemebel se disse decepcionado ao ver os lugares vazios na plateia do Centro Cultural São Paulo, onde fez uma leitura, parte da Balada Literária e do Festival Mix. Às cerca de 30 pessoas presentes, contou piadas com a palavra “bicha”, recém-descoberta por ele. O termo é equivalente a “maricón”, que usa para referir-se a si mesmo e aos “primos”. “Porque chamar de irmão é brega”, justifica. Na ocasião, vestia legging e dois lenços: um enrolado pelo pescoço e outro na cabeça, escondendo a ausência de cabelo. O vestuário inteiro era preto, exceto pelos sapatos de salto dourados. O chileno é desconfiado e avesso a entrevistas. Ao saber que a repórter não acompanharia a sessão de fotos para a reportagem, declarou um alto “No”. Mas acabou cedendo e se produziu com três roupas para a fotógrafa (mulher, por exigência sua) (GRAGNANI, 2013, online).

No final da reportagem, Gragnani traz algumas informações, como o prêmio literário José Danoso, concedido a Pedro Lemebel em 2013 por seu caráter de cronista dos marginais, definição que rejeita afirmando que os marginais devem falar por si. Para finalizar o texto, a repórter traz uma fala da professora de literatura hispano-americana, Laura Hosiasson, da Universidade de São Paulo, sobre a escrita de Lemebel. Na sequência, traz também uma fala do próprio autor sobre o projeto da cura gay, do deputado João Campos (PSDB-GO), que tramitou no primeiro semestre daquele ano na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara,

presidida então pelo polêmico deputado Marco Feliciano (PSC-SP). Lemebel alega que lhe curar seria tão impossível quanto domar uma anaconda.

Essa angústia louca de partir foi a única obra de Pedro Lemebel traduzida para o português, por Alejandra Rojas Covalski, e lançada em 2014, somente em e-book, pela editora Cesárea, que no momento possui apenas uma conta no Facebook, uma vez que os links para o sítio da editora na web ou para acessar esse e outros títulos não abrem.

Em 2014, Diogo Guedes publicou uma reportagem no *Jornal do Comércio ES*, onde escreve sobre o lançamento do referido livro em português, composto de nove crônicas, além do Manifesto. Guedes escreve também sobre os nós políticos da homossexualidade e da marginalidade que Lemebel aborda em sua escrita, realizando “uma vingança poética, através da tinta da raiva e também da delicadeza” (GUEDES, 2014).

Ao realizar uma busca por produções acadêmicas, valendo-me da entrada “Pedro Lemebel” na base de dados de teses e dissertações da Capes, foram localizados três trabalhos, sendo uma dissertação e uma tese de autoria de Juliana Helena Gomes Leal, ambas defendidas na Faculdade de Letras da UFMG, e uma dissertação produzida por Érica Ramos Sarmet dos Santos, defendida no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Leal (2007) realizou sua dissertação em Estudos Literários, intitulada *La esquina es mi corazón: espacialidades performáticas nas crônicas de Pedro Lemebel*, apresentando uma investigação sobre como o trabalho artístico literário de Lemebel, no livro *La esquina es mi corazón*, é mobilizado em diferentes espacialidades, a saber: a literária, a pública urbana, as relacionadas à memória histórico-política e ao gênero.

Em 2012, Leal defendeu a tese *Literatura e performance: incursões teóricas a partir da escrita literária de Lemebel, Lispector, Prata e Saer*, desta vez na área de Literatura Comparada. Nela, a autora trabalha o termo performance a partir de uma reflexão teórica presente em várias áreas do conhecimento, como Filosofia, Arte, Literatura e Antropologia, e, a partir daí, realiza um desdobramento da ideia de performance com a qual realiza uma leitura das obras de Antonio Prata, Clarice Lispector, Juan José Saer e Pedro Lemebel.

A dissertação de mestrado em Comunicação Social de Érica Ramos Sarmet dos Santos, defendida em 2015, com o título *Sin porno no hay posporno: corpo excesso e ambivalência na América Latina*, não se aprofunda na produção de Pedro Lemebel como as anteriores. Nesta pesquisa, Lemebel aparece como um dos exemplos de artistas que se destacam no cenário latino-americano, na produção literária como subversão política, estética e cultural do pós-pornô.

Durante a pesquisa, encontrei ainda um artigo, já citado anteriormente, de Fábio Ramalho (2014), publicado no Suplemento Cultural do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, onde o autor trabalha uma cartografia da marginalidade de Pedro Lemebel. Nela, aparecem os mais diferentes personagens subterrâneos que povoam as periferias de Santiago, e que poderia ser ampliada para qualquer outra grande cidade da América Latina. São corpos estranhos, pois não sucumbem aos estereótipos impostos pelas instituições de poder – o governo, a igreja, a escola, o hospital, a prisão, a família. São negros, índios, prostitutas e prostitutos, travestis, pobres, bichas afeminadas e que dão pinta.

São corpos e vozes que complexificam a possibilidade de existência humana. Criam outras estéticas, constituem subjetividades singulares. Ou seja, Lemebel traz a força desses corpos estranhos, que também é o seu, como corpo manifesto. Ele existe e não quer ser incluído, quer ser assim plenamente. Lemebel faz da voz de seus personagens, que é a sua voz, uma manifestação não para que mais e mais leis sejam criadas e as minorias sejam enquadradas em modelos padrão, como a família nuclear. Sua voz clama pela criação de uma nova consciência coletiva, na qual os corpos estranhos sejam percebidos como sujeitos de suas histórias, como sujeitos de direito e livres para exercer seus desejos.

Lemebel bradou e continua bradando para que as hipocrisias políticas, sociais, históricas, sexuais e éticas caiam por terra. Afinal, como seres desejanter, na calada da noite, cada um segue os ditames sociais ou vive as experimentações que rechaça à luz do dia?

Em 23 de janeiro de 2015, morreu Pedro Lemebel, depois da luta e resistência ao câncer na laringe que, em 2012, quase levou sua voz.

Boa parte da imprensa nacional noticiou a morte do autor chileno, como a *Folha de S. Paulo*, que na data publicou a notícia e trouxe novamente o ensaio

fotográfico realizado quando da estada do autor no Brasil, em 2013, e ressaltou alguns dados marcantes de sua história.

O jornal chileno *La Tercera* apresentou como subtítulo para a notícia o fato de Lemebel ter sido indicado, inclusive com campanha popular pelas redes sociais, para o Prêmio Nacional de Literatura do Chile, em 2014. A mesma notícia foi veiculada no BBC Mundo, que coloca o fato como polêmico, pois apesar de toda a mobilização, o jurado optou por premiar Antonio Skármeta, autor de *El cartero de Neruda*. Na reportagem de Constanza Hola Chamy, é apresentada a resposta dada por Lemebel, após o resultado do prêmio: “nunca fui reina de ninguna primavera, queridos amigos. Y los premios nacionales hay que recibirlos y suportar su fetidez oficial” (CHAMY, 2013, online).

A matéria termina com a frase que de seus amigos e familiares, quando anunciaram a morte de Lemebel nas redes sociais: “Pedro estuve aquejado largo tiempo por un cáncer a la laringe y dio una gran lucha contra esta terrible enfermedad, que pretendió dejarlo sin voz, pero ¿quién podría dejar sin voz a Lemebel? Su voz existe y persiste” (CHAMY, 2013, online).

Essa voz forte e que brada justiça aos desaparecidos políticos, liberdade a todas as formas de experimentação das sexualidades, aos cruzamentos de gênero; voz que enaltece as diferenças e explode como um gêiser, que não se contém ao ver as injustiças de uma sociedade desigual, violenta, excludente e individualista, essa voz continua viva e intensa. Lemebel continua a ser uma manifestação por inteiro, com seus sapatos de salto alto, echarpes de plumas e maquiagem, falando por sua e pela minha diferença, e pela diferença de todos aqueles e aquelas que não se deixam seduzir pelos pequenos fascismos de cada dia.

A voz de Lemebel aponta possibilidades para refletir sobre o cotidiano escolar em que atuo, num esforço para que, como ele, possa perceber essas nuances do poder em minhas ações e nas ações daqueles que estão ao meu redor, e, aos poucos, possa criar ações que privilegiem as multiplicidades das formas de existência, as subjetividades, as singularidades dos corpos, outras estéticas do olhar, os afetos nas relações e o devir ético, como veremos a seguir.

Lemebel, um caleidoscópio dos subterrâneos

Efraín Barradas (2009), no artigo *Para travestirte mejor: Pedro Lemebel y las lecturas políticas desde los márgenes*, aponta que seu interesse pelo autor decorre de ele ser um dos artistas homossexuais chilenos que questiona a mitologia branca da modernidade heterossexual, patriarcal e católica. Suas crônicas denunciam a divisão de classes e aponta seu posicionamento como parte da classe operária, oprimida, mestiça. Para ele,

[...] la división de clase es índice central en los textos de Lemebel quien no solo hace la disección de la sociedad chilena contemporánea desde su perspectiva homosexual sino que la desmiembra con observaciones críticas de tonos neo marxistas. Todas sus crónicas están estructuradas a partir de un “ellos” y un “nosotros”, de una “otredad” que es la clase burguesa, dominante y blanca frente a una clase obrera, oprimida y mestiza, cuando no indígena, con la que el autor se identifica plenamente. El pelo rubio (teñido o natural) y los ojos azules, o al menos claros, se convierten en sus textos en parámetros para definir los “otros”. El autor se autodefine como mestizo, proletario y gay. (BARRADAS, 2009, p. 72).

De acordo com Barradas, Lemebel escreve de forma aberta e agressiva, sempre enfatizando o seu posicionamento. Além do mais, vale-se de uma linguagem que, usualmente, apenas os corpos estranhos utilizam quando estão entre os seus pares, em ambiente próprio, como um bar, uma boate. Segundo Barradas (2009, p. 73), “Lemebel se posiciona ante la sociedad chilena y ante toda su problemática con la actitud típica de la “loca mala”³⁷”.

Ignácio Echevarría (2013), no prólogo do livro *Poco hombre: crônicas escogidas*, faz uma análise da escrita de Lemebel e usa a crônica *El abismo iletrado de unos sonidos*, publicado primeiro no livro *Adiós Mariquita linda* (2017), mas que também compõe este livro. Nesta análise Echevarría escreve que Lemebel faz uso estrategicamente da oralidade que utiliza a escrita para dobrar o seu domínio, apropriando-se dela como possibilidade de denunciar o poder da escrita sobre os povos colonizados.

³⁷ “*Loca mala*”, diz Barradas (2009), é um termo difícil de definir, mas fácil de exemplificar: faz parte do rol da contracultura gay, que passa a definir o mundo, as fronteiras dos grupos minoritários LGBT. “*La loca mala*” [bicha louca em tradução livre], “és um homossexual que asume su identidad sexual como um rasgo esencial de su persona y que reta a la sociedad que lo oprime com esa autodefinición que contradice los principios heterossexuales que se lo adoptan como normativos y hasta naturales” (BARRADAS, 2009, p. 73-74).

El triunfo de la cultura escrita sobre la cultura oral viene a señalar, por encima de todo, “que leer y escribir son instrumentos de poder más que conocimiento”. Pero es posible, añade Lemebel, “que la cicatriz de la letra impresa en la memoria pueda abrirse en una boca escrita para revertir la mordaza impuesta”. La literatura de Lemebel se postula a sí misma como eso: como una “boca escrita”. Es una literatura resuelta a “usar lo que omiten, niegan o fabrican las palabras, para saber qué de nosotros se oculta, no se sabe o no se dice” (ECHEVARRÍA, 2015, p. 12).

Para Echevarría, Lemebel cria uma tensão, um paradoxo mesmo em sua escrita, pois não escreve desde uma literatura clássica, oficial, mas de sua própria emergência, daquilo que pode experimentar ao longo de sua trajetória.

El arte de Lemebel se juega en el campo de tensiones así creado. Su instintiva, casi atávica suspicacia hacia la cultura escrituraria se traduce, por un lado, en la “ansiedad oral” que traspasa todos sus escritos, y, por otro, en el empleo de toda una serie de estrategias comunicativas – que obvian la letra impresa. Se traduce, además, en su prioritaria apuesta por medios de divulgación escrita poco elitistas, escasamente institucionalizados, como pueden ser revistas de izquierda, fanzines, etcétera (ECHEVARRÍA, 2015, p. 13).

Sobre sua entrada ao universo da escrita literária, Lemebel declara que foi ao acaso. Em entrevista a Flavia Costa (2004), ele conta que escrever aconteceu como uma necessidade de sobrevivência, que ele mesmo não elegeu a escrita como expressão, pois não acredita que existe uma forma natural para a expressão.

Lo decidí cuando me pagaron la primer crónica que publiqué en la revista Página Abierta, a fines de la dictadura. Para los pobres, esto de escribir no tiene que ver con la inspiración azul e da letra volada: más bien lo define y impulsa el estruje de la supervivencia. No creo en una forma natural de la expresión. No nací con una estrella en la frente, como dice Violeta Parra. (LEMEBEL, 2004, s.p)

Echevarría utiliza a voz do próprio Lemebel para justificar sua opção pelo gênero crônica. Foi um gesto político de enfrentamento ao que era produzido

Po lo que toca al género mismo de la crónica, declara en otro lugar: “Digo crónica por decir algo, por la urgencia de nombrar de alguna forma lo que uno hace. También digo y escribo crónica por travestir de elucubración cierto afán escritural de contingencia. Te digo crónica como podría decirte apuntes al margen, croquis, anotación de sucesos, registro de un chisme, una noticia, un recuerdo al que se le saca punta enamoradamente para no olvidar. La crónica fue un desdoblamiento escritural que se gestó cuando los medios periodísticos opositores me dieron cabida en el año 90. Algunos editores se encandilaron con estas hilachas metafóricas que tenían mis primeras crónicas. Creo que pasé a la crónica en la urgencia periodística de la militancia. Fue un gesto político, hacer grafiti en el diario, ‘cuentar’, sacar

cuentas sobre un realidad ausente, sumergida por el cambienate acontecer de la paranoia urbana. (ECHEVARRÍA, 2015, p. 14).

Em “Pedro Lemebel: género y sociedad”, Leonidas Morales T. (2009) faz um exame da crônica urbana de Lemebel a partir das condições históricas de produção – da ditadura à abertura ao mercado globalizado –, afirmando que a escrita do autor oferece um panorama ético e político da realidade cotidiana chilena.

Por ahora solo digamos que quienes lo leen saben muy bien que sus crónicas no son para nada (como tampoco lo fueron las del gran cronista chileno del siglo XX, Joaquín Edwards Bello) un registro complaciente de sucesos de la vida cotidiana chilena, ni menos un registro asimilable por el sistema. Al revés, están recorridas por una mirada incómoda, a ratos humorísticas e irónica, pero el fondo más bien una mirada agredida como mirada ética y política por la realidad cotidiana. La repuesta de Lemebel a semejante agresión es concebir y poner en práctica estrategias discursivas destinadas a instalar una verdad que demienta la legitimidad del orden de las cosas (el del presente y su cotidianeidad) regido, desde la mediación del subdesarrollo y la historia específica chilena, por el paradigma de la globalización, y saque a la luz lo que no dice, esconde o manipula. Lo cual, en Lemebel, supone hacerse cargo de aquellas zonas del espacio social y cultural del presente oscurecidas o silenciadas por el poder. (MORALES T., 2009, p. 223).

Para o autor, Lemebel assume em sua escrita uma anunciação de si mesmo, homossexual, como uma força política e crítica radical à ordem tradicional dos discursos e da literatura chilena, “que también és un orden de poder” (MORALES T., 2009, p. 223).

Pedro Lemebel tinha dezoito anos em 1973, quando aconteceu o golpe militar no Chile, e, diferentemente de outros artistas, escritores e militantes da esquerda, viveu e experimentou a cotidianidade da ditadura, submetido à vigilância, exclusão, censura e medo durante esses anos sombrios.

Sua ativa resistência, a partir da marginalidade, vai numa crescente e se dá de forma pública e organizada, como pudemos ver sobre sua atuação no coletivo formado com Francisco Casas, Las Yeguas del Apocalipsis, e seus trabalhos de fotografia, vídeo, desenho e performance contestando e transgredindo o regime totalitário de Pinochet, e mais tarde, com o fim da ditadura, abordam e criticam a situação social e cultural do Chile contemporâneo.

A escrita de Lemebel, segundo Morales T., é uma escrita transgressora da língua, crítica e denunciadora da sociedade e da organização política, econômica e cultural do Chile. Suas crônicas dão lugar a um enunciador homossexual, pobre,

marginalizado em suas relações cotidianas. Lemebel funda um estilo de escrita próprio, no qual os recursos retóricos e gestuais buscam chamar a atenção, conquistar ouvintes, seduzir o outro com o discurso da bicha louca, excluída e marginalizada.

As crônicas habitam o espaço urbano, Santiago, especialmente os bairros mais populares onde habitou, os mercados onde dizia perceber um exercício de sobrevivência e apontam para o lado oposto, onde os corpos transitam, transam, tecem a vida, uns ao lado do poder e os demais, os submetidos, do outro lado.

Quienes están del otro lado, los sometidos o subordinados al poder, realizan sus prácticas de vida cotidiana en un campo social que no les pertenece en propiedad, porque el propietario es el poder, que es el que establece las normas reguladoras, las prohibiciones y las autorizaciones. Estos sujetos, los del otro lado del poder, los sujetos populares de Lemebel, los habitantes de la «pobla», sólo están en condiciones de desplegar «tácticas» para escamotear el poder, para burlarlo y hacerse de un espacio transitoriamente conquistado. Las «estrategias», es decir, las maniobras que afectan a la estructura del espacio social de las prácticas de vida cotidiana, ya sea para reproducirla o para rediseñarla, son un privilegio de los que están del lado del poder. (MORALES T., 2009, p. 232).

E inventar novas formas de viver, sem ser cooptado pelo poder, parece ser uma estratégia constante na produção de Lemebel, visto que sempre transitou por diferentes meios de produção, divulgação e criação de possibilidades de outros pensamentos: escrevendo para folhetins e jornais da esquerda e outros meios de panfletagem; comandando o programa Cancioneiro, na Radio Tierra; e atuando nas Yeguas del Apocalipsis.

Echevarría cita que a produção escrita de Lemebel se distingue em duas etapas em sua trajetória. A primeira é marcada pelo protagonismo da figura impessoal da “loca”, personagens travestis, das ruas, pobres, que povoavam as crônicas até o final da década de 1990. E a segunda etapa predomina um eu autoral, uma escrita mais autobiográfica, ainda que com o uso de espelhos de fugas em gênero e identidade. Echevarría justifica como compreende essa transição,

Conforme se consolida y se amplifica la reputación literaria de Lemebel, en tanto su figura pública adquiere una notoriedad que hace imposible el anonimato y la clandestinidad – poniendo en evidencia todo disfraz, toda pretensión de impostar la voz: el embeleco de la ventriloquia –, el reto consiste para él, sacando partido de esa visibilidad, en administrar su propio personaje, ponerse en juego él mismo, contrariando las expectativas, autoperformándose, escenificándose cada vez de la manera más eficaz para su objetivo, que, combinando siempre la denuncia con el testimonio,

sigue siendo contrabandear “contenidos, entre comillas, marginales, entre comillas, periféricos”, con el propósito de “dignificarlos, más que legalizarlos o adscribirlos a una cultura urbana” (ECHEVARRÍA, 2013, p. 16).

Lemebel escrevia nas margens sobre as margens. Criava um caleidoscópio da vida urbana, dos corpos que se equilibravam na corda bamba de um país onde o poder traçara os destinos de uns e outros. Daqueles que teriam voz e vez, protegidos por direitos e uma sorte de bens que lhes garantiriam uma vida sem grandes problemas e daqueles que deveriam viver nos subterrâneos, afastados e relegados de perspectivas de uma vida vivível, sem esquadrinhamentos e livres para exercerem seus desejos.

Carlos Monsiváis (2004), escreve no prólogo do livro *La esquina es mi corazón*, quando de sua publicação pela editora Seix Barral, que Lemebel é um fenômeno da literatura latinoamericana. Cita dois motivos para explicar sua afirmativa, primeiro a originalidade como prosista notável, e em segundo por ser um *freak*, ou seja, é um corpo estranho, que não se adéqua as normalizações oferecidas. Monsiváis escreve,

En cada uno de sus textos, Lemebel se arriesga en el filo de la navaja entre el exceso gratuito y la cursilería y la genuina prosa poética y el exceso necesario. Sale indemne porque su oído literario de primer orden, y porque su barroquismo, como en otro orden de cosas el de Perlongher, se desprende orgánicamente del punto de vista *otro*, de la sensibilidad que atestigua las realidades sobre las que no le habían permitido opiniones o juicios. Esto es parte de lo que significa *salir del clóset*, asumir la condena que las palabras encierran (maricón, puto, pájaro, carne de sidario) e ir a su encuentro para desactivarlas, proclamar “las verdades de un amor verdadero” y, por si hiciera falta, problar lo fundamental: la carga exterminadora de las voces de la homofobia es la síntesis de la metamorfosis incesante: el dogma religioso se vuelve el prejuicio familiar y personal, el prejuicio se convierte en plataforma de la superioridad instantánea, la jactancia de ser más hombre (más ser humano, si queremos incluir la homofobia de las mujeres) deviene las sentencias prácticas y verbales que se abaten contra los que ni siquiera hablan desde el género debido (MONSIVÁIS, 2004, online).

Os caleidoscópios que Lemebel cria a partir de sua constituição de sujeito e a partir de sua escrita, apresentam imagens, muitas vezes embaralhadas, de um país que insiste em querer manter modelos padronizados de vida e, que sequer dá conta da força que emerge das margens e dos subterrâneos, criando outras possibilidades de vidas, que sobrevivem: bordando toalhas para as esposas dos militares, ouvindo as canções melosas do rádio e sonhando com um grande amor;

se excluindo da fome voraz dos grupos de alunos que persistem em exercitar sua virilidade e machismo nas atividades escolares; se escondendo entre arbustos do parque florestal, para não ser flagrado pelas câmeras de segurança e praticar o sexo fortuito no espaço público, dando vazão e atendendo ao desejo que brota nos corpos.

Em entrevista concedida a Jorge Gómez Lizana, em 2004, Pedro Lemebel responde que se encanta e não se incomoda em ser referência da vida que descreve em suas crônicas, “porque es mi subterráneo de misterios y de negros milagros. Ese es mi bagaje cultural, yo con eso escribo, no tengo el miedo de caer en la instantaneidad de estos tiempos, donde pasa de moda todo rápidamente, yo no soy moda, a estas alturas de mi vida ya no puedo ser moda” (LEMEBEL, 2004, online).

A postura de Lemebel em se apresentar travestido, usando salto alto pode ser encarada nesse contexto, tanto que, no programa *Trazo mi ciudad*, ele fala sobre o uso dos sapatos de salto alto, que estão sempre em sua mochila e, que é como outro componente na vida de uma travesti: o leque, as plumas. Para ele, não pode faltar sapatos de salto alto. “Yo creo que los tacos, en toda mi historia cultural, ha representado como una plataforma, como un lugar de hablar” (LEMEBEL, 2012). E conta que alguns de seus amigos dizem que seus sapatos de salto são políticos, pois é um discurso. Além do mais, ele diz que, como as prostitutas sabem, os sapatos de saltos finos podem ser usados como forma de defesa, “me da fuerza” (LEMEBEL, 2012).

Essa força pode ser notada em toda a sua escrita, como aponto a partir de sua novela *Tengo miedo torero*, que escrevo a seguir.

La Loca del Frente

Loca del Frente é a protagonista do livro *Tengo miedo torero*, de Lemebel (2001). Uma travesti quarentona que se mudou, na primavera de 1986, para um bairro periférico de Santiago, no Chile, para uma casa alugada, de esquina, com três andares, estreita, e em ruínas pelo terremoto de 1985. Antes ela vivia numa espécie de casa comunitária, onde com outras velhas travestis, aprendeu a bordar com a

proprietária e como seus pontos eram muito bem feitos, acabou atraindo a clientela que antes era da outra, que por sua vez, acabou expulsando-a.

Feliz que estava com a nova residência, a *Loca* põe-se a limpar cada um dos espaços da casa cheia de teias de aranha e colocar seus pouquíssimos móveis espalhados pelo espaço.

Tão logo acordava, ligava seu rádio, não na estação da rádio Cooperativa, que veiculava as últimas notícias, sempre tão violentas, da cidade de Santiago, que vivia dias de guerra dos movimentos de esquerda contra a ditadura de Pinochet, definitivamente para a *Loca* não importava os assuntos da política, “ella prefería sintonizar los programas del recuerdo: “Al compás del corazón”, “Para los que fueron tolos”, “Noches de arrabal” (LEMEBEL, 2001, p. 11).

O volume no máximo acabava acordando toda a vizinhança e em pouco tempo, todos já a conheciam e ela passou a fazer parte daquela paisagem social.

Numa de suas saídas pela vizinhança, conheceu Carlos, um jovem estudante universitário que logo foi se tornando próximo dela, com o interesse de usar sua casa, quase insuspeita, para guardar caixas de livros e se encontrar com seus colegas, para os estudos.

A pobre quarentona, quase careca e sem alguns dentes, encantou-se com a vigorosa juventude de Carlos e não resistiu aos seus pedidos, abriu sua casa e para cada nova caixa trazida, sempre tão pesada, punha seus mantos bordados cobrindo-as, umas seriam como sofás, outras como mesas e apoio próximo a uma parede.

Apesar de a *Loca* desconfiar que nas caixas, não havia livros, coisa nenhuma, jamais supôs questionar a Carlos, que na verdade, era membro da Frente Patriótica Manuel Rodríguez, e nas caixas, havia armas que seriam utilizadas no enfrentamento ao exército de Pinochet, e no atentado contra o ditador, ocorrido em 7 de setembro de 1986.

Apaixonada por Carlos, a travesti permitia que ele e seus amigos, também universitários, como ele sempre dizia, realizassem reuniões tarde da noite, e ela lhes servia café como fossem seus amigos e cantava suas frases favoritas que desconcentrava as estratégias que o grupo traçava para enfrentar os desmandos militares.

A cada dia, enquanto fazia seus bordados, a *Loca* criava novas fantasias que ao final, Carlos corresponderia ao seu amor e poderia, enfim, completar a sua felicidade fugidia.

O guerrilheiro, por sua vez, não esnobava totalmente o carinho despendido pela *Loca* a si. Em muitos momentos acreditamos que, de certo modo, ele correspondia, de uma forma bastante tímida, as investidas da bicha velha.

Enquanto a melodia das músicas tocadas na rádio da *Loca* a fazia sonhar em estar nos fortes braços de Carlos, outra história é narrada no livro. São passagens em que Lemebel descreve sobre a intimidade de Pinochet e sua esposa tagarela, que reclamava de uns cem números de coisas e estava sempre almejando as melhores roupas, viagens e vivia por conta de previsões de astrólogos. Enquanto isso, o marido suportava o falatório imaginando em que o título de primeira dama havia transformado a jovem sensível que conheceu quando ele ainda era um soldado raso.

Em outras, Lemebel escreve sobre um Pinochet atormentado por pesadelos, sonhos com funerais, a festa de aniversário de dez anos que a mãe preparou com tanto ânimo e ele querendo se vingar dos falsos amigos que ela fez questão que ele convidasse e que só o insultava, acabou misturando toda a sorte de insetos triturados ao bolo e que revelaria, no momento em que todos já o tivessem saboreado, porém, nenhum dos convidados apareceu e sua mãe, chamando todos os empregados, cantou os parabéns e fez o pequeno comer até não poder mais aquela guloseima de chocolate.

Lemebel fala na entrevista dada a Faride Zerán, em 2001, sobre sua ideia do romance entre a homossexual quarentona e o jovem guerrilheiro, afirmando que eram anotações feitas durante os difíceis anos de 1980, quando a ditadura foi marcada pelo embate entre os militares e os grupos de esquerda que se organizavam e enfrentavam aqueles. A cidade de Santiago era marcada por toques de recolher, notícias na Rádio Cooperativa, convocando a população a se organizar contra Pinochet, quedas de energia elétrica – os apagões.

Para o autor, escrever uma história de amor homossexual transcorrida nesses difíceis anos da ditadura era importante justamente para dizer sobre tal questão num momento em que não se dizia nada. Resgatar uma história em que traz a violência militar contra, principalmente, a população mais pobre, marginal e sem voz.

Mais adiante acrescenta que essa história de amor é duplicada na paródia do amor de Pinochet e sua esposa, trazendo o humor e o clichê de uma paixão tão improvável para o cenário que se desenhava naquele momento.

[...] creo que es fundamentalmente en la parodia del dictador y su mujer, allí la historia del romance guerrillero-marica se duplica, se politiza ampliando su espectro tensional un poco cliché del macho izquierdista y la loca enamorada del revolucionario. También hay un contexto político-cultural que retrata una época donde un país anestesiado de bombas lacrimógenas soñaba oxígeno y futuro. (LEMEBEL, 2001b, s.p.).

Para Angélica Rivera F., Lemebel (2001) fala sobre o quanto foi atrativo para ele escrever a novela *Tengo miedo torero*, tanto pelo humor empregado quanto pela onisciência do narrador que, em alguns momentos, também é protagonista. Ele fala:

Esta novela tiene una fuerte dosis de humor, y está escrita por un narrador un poco omnisciente y un poco protagonista, lo cual genera una confusión, un claroscuro impreciso que me parecía muy atractivo. Fue casi como escribir un guión cinematográfico, porque la historia tiene un permanente deslizamiento, un viaje constante en pos de una utopía o de una ilusión, lo cual arma un texto movedizo, en fuga (LEMEBEL, 2001c, s.p.).

Em meio ao drama, riso e paixão, o autor vai delineando a cidade de Santiago e a situação de violência, fascismo e falta de perspectiva do país, desde o ponto de vista de um personagem à margem, que não tinha ninguém, sequer um nome próprio e sua relação ambígua com o jovem militante da esquerda.

Fábio Ramalho (2014), no ensaio *Política do “desejo” de Pedro Lemebel*, escreve que o motivo recorrente que move a escritura de Lemebel está nas circunstâncias como os encontros acontecem e são atravessados pelo erotismo e também pela ambivalência.

Partindo de uma espécie de cartografia da marginalidade, Lemebel aciona um conjunto de diferenças de classe, idade, ideologia e etnia – dimensões ainda assimiláveis à categorização socioeconômica dos indivíduos –, para fazê-las operar como elementos potencializadores de divergências que seriam, por assim dizer, menos marcadas: diferenças qualitativas nos modos de perceber e atuar no mundo, práticas e desejos pulverizados que não se deixam abarcar por qualquer esforço de delimitação de categorias sexuais (RAMALHO, 2014, p. 14).

Ainda sobre a ambiguidade que Lemebel explora tanto em *Tengo miedo torero*, um amor não correspondido, ou pelo menos, não correspondido claramente da *Loca del Frente* e Carlos, Fábio Ramalho escreve,

[...] Lemebel explora com insistência as ambigüidades que resultam desse arranjo, justamente pela dificuldade de saber onde começam e terminam a aproximação motivadas pelo interesse, a sinceridade do carinho que nasce no convívio e o engano que é gestado pelo silenciamento (RAMALHO, 2014, p. 14).

Lemebel se utiliza de uma linguagem nada oficial, ao dar voz à personagem principal, uma travesti, mestiça e pobre. Cria uma nova língua, carregada dos jargões do mundo homossexual, portanto, debochada, sem travas e rodeios. Uma língua que expressa o amor homossexual (LOPEZ MORALES, 2005).

Lopez Morales escreve sobre a novela de Lemebel referindo-se a ela como uma literatura menor. Não que não tenha valor, ou que seja uma literatura de pouca importância na produção literária chilena, mas por ser uma literatura criada a partir de uma minoria, no caso, a homossexual, no interior de uma língua maior. Para ele,

[...] la lengua marucha, que no es sino la creación de un lenguaje propio, dueño de una intensidad que trae a la superficie una marginalidad de naturaleza sexual y donde el sujeto de la enunciación, situado en la margen de la sociedad, se ve posibilitado de escribir como los maestros de su lengua, por lo que debe explorar otros medios lingüísticos, expresar otra sensibilidad y otra línea de acción que permite nombrar, sentir y vivir el amor entre personas del mismo sexo. (LOPEZ MORALES, 2005).

O objetivo de Lemebel é projetar sua própria voz a partir da personagem *Loca del Frente*, violada, prostituída, autoexilada no contexto da ditadura chilena, que, do alto de sua casa, pode observar a cidade cinza pelas bombas de gás lacrimogênio, a queima de pneus e todo o aparato militar, pronto a violentar, matar e fazer desaparecer os corpos, ao menor sinal de subversão. É uma voz que vem dos subterrâneos.

E é este o local de posicionamento do autor e de seus personagens, a *Loca* e Carlos. *Loca* por sua marginalidade sexual e Carlos pela subversão política – que, no final das contas, acaba sendo vivida também pela travesti.

Em certo momento, dentro de um ônibus circular, a *Loca*, que sempre se mantém aquém dos assuntos políticos, ao ouvir críticas de uma senhora aos transeuntes desempregados nas ruas centrais, não consegue segurar a língua:

[...] las palabras le salieron a borbotones,

Mire, señora, que alguien tiene que decir algo en este país, las cosas que están pasando, y no todo está tan bien como dice el gobierno. Además, fijese que en todas partes hay militares como si estuviéramos en guerra, ya no se puede dormir con tanto balazo. Mirando a todos los lados. (LEMEBEL, 2001, 59)

Ou seja, a história oficial é vista por outro viés, inclusive quando o narrador passeia pelas trajetórias do ditador e sua esposa, mostrando de maneira zombeteira que a repressão de Pichonet se deve a suas frustrações, insegurança e medo da morte. Aliás, o título do livro, *Tengo miedo torero*, parte de uma antiga canção, muito apreciada por Loca, remetendo a ideia de insegurança da amada ao momento em que o toureiro entra na arena para enfrentar o touro; ali, ela não tem poder algum, não pode salvá-lo, é a sensação que o escritor nos passa em relação a cada um dos personagens. Seus destinos não lhes pertencem, tudo lhes pode acontecer, principalmente ao país que segue sob uma violenta e segregadora ditadura. Segundo o próprio Lemebel, falta-lhes sonhar mais e sonhar o impossível.

Mas é uma escrita também poética. Não apenas por se referir aos versos das melancólicas canções ouvidas e interpretadas por Loca, nas manhãs enquanto se ocupa com os trabalhos domésticos ou borda os mantos para as senhoras burguesas, mulheres dos generais. Em várias passagens, o narrador empresta sua voz para o pensamento de *Loca* que fala em poesia quando se perde em sentimentos pelo amor que lhe provoca Carlos. Coloca-se no papel de eterna princesa a esperar pelo amor de seu jovem plebeu.

O texto de Lemebel, faz escorrer nossas percepções para fora de sua diagramação e do próprio livro. Ao ler as angústias, as reflexões e depoimentos que a *Loca* faz, constantemente, para si mesma, tinha vontade de estar ao seu lado, de emprestar meus ombros e dizer algumas palavras que acalentasse o sofrimento vivido desde sua infância até aquele momento onde o amor a consumia, inclusive, com certo assentimento de Carlos, que ao final da trama, mesmo sem o famoso final feliz, esperado pelos ávidos leitores, demonstra um bem-querer pela velha e solícita travesti.

Lemebel e as margens

É perceptível, na escrita de Lemebel, o posicionamento político e a força crítica com que defende os corpos estranhos, dando-lhes uma visibilidade humana, pois ele mesmo se nomeia como um corpo estranho.

Em entrevista ao programa *Trazo mi ciudad*, Lemebel se apresenta da seguinte forma: “*sou escritor, sou artista visual, que mais? Drogado, homossexual, traficante (risos), que mais? Já fiz de tudo. Mas para puta não me vejo, porque não tenho um bom corpo, porém, já fiz de tudo*” (LEMEBEL, 2012, tradução do autor). Ou seja, Lemebel sempre foi um escritor atento ao cotidiano e, por isso, logo após sua primeira e única novela, voltou ao gênero crônica, pois via nesse espaço, um resultado mais amarrado com seus objetivos, as crônicas não possuem a fixidez da novela; podem comportar mudanças permanentemente, assim como a cidade, que se transforma a todo o tempo.

A crônica, seu gênero de escrita por excelência, captura as transformações que vão ocorrendo na vida urbana de Santiago e, inclusive, na vida das pessoas, nas ações que elas promovem cotidianamente, a partir da música, das mudanças na arquitetura, na política e, também, nas manifestações populares.

Lemebel se põe na margem e produz, a partir dela, para apontar aquilo que se passa corriqueiramente nos cotidianos periféricos santiaguinos e que também é vida que vale ser vivida, mesmo enfrentando dificuldades como a falta de recursos para ter uma boa moradia, ou mobiliar a casa, ou para uma alimentação adequada, ou a liberdade para pensar e viver da forma que se escolheu.

Utiliza de narrativas cotidianas que lhe atravessam para expor e denunciar as violências históricas acometidas pela ditadura de Pinochet, não apenas a travestis, homossexuais, indígenas, migrantes e pobres, mas também o desaparecimento de inúmeros presos políticos, como também, quando se estabeleceu a democracia no país, passa a criticar aos modelos padronizados de vida, defendidos pelos governos, para servir aos interesses do mercado – uma subjetivação dos corpos a partir do estilo norteamericano (dos EUA), de se viver, onde o gay passa a ser aceito, pois está dentro de um padrão considerado aceitável.

Lemebel (2007), afirma em entrevista a Andrés Gómez que não dá voz para as minorias, que não fala por elas, mas funciona como um ventríloquo, que toma

emprestada uma voz, que também é dele, enquanto homossexual, que possui um devir mulher e que permite que transite em sua escrita. “Lo doy el espacio que Le niega la sociedad, sobre todo a los personajes más estigmatizados de la homosexualidad, como los travestis” (LEMEBEL, 2007, p. 44).

Na mesma entrevista, Lemebel também fala sobre como seus personagens driblam as armadilhas do poder e, movidos pelo desejo, se entregam as aventuras sexuais, por exemplo, para sobreviver.

En una ciudad alambrada de prejuicios, acartonada, vigilada, el deseo burla la vigilancia. Anida en lugares de penumbra, como parques, algunos cines, los baños turcos. El deseo es necesario para que respire la ciudad. Hay que soltar algunas perversiones y obscenidades, para sobrevivir. Llenos de cámaras, de micrófonos, de policías a caballo y en moto, aun así se permean deseos subterráneos, que la ciudad necesita y merece para resistir el estrés paranoico del neoliberalismo (LEMEBEL, 2007, p. 44).

Há desejos subterrâneos que também povoam os cotidianos escolares. E há também toda uma série de estratégias panópticas desenvolvidas para que esses desejos sejam identificados e ao menor sinal de sua execução, sejam contidos, ou punidos. Assim, a escola está a todo tempo, preocupada em sanar a indisciplina e agitação dos alunos que não se adequam ao modelo disciplinar da sala de aula, enquanto, na verdade, deveria prestar mais atenção nesses comportamentos.

Afinal, personagens como a Loca del Frente, os pobres, os negros, os homossexuais, os índios, os laudados por diferentes síndromes ou doenças mentais, os drogados e outros tantos corpos estranhos, que habitam o cotidiano escolar têm muito a nos dizer e ensinar sobre o processo educacional. Para quê e para quem serve? Por que determinado currículo? Qual a função da avaliação? Estas e muitas outras questões podem e precisam ser pensadas a partir da presença, da fala, e do silenciamento desses corpos.

Suas histórias têm marcas impressas na carne, quase sempre por prazeres e desprazeres de uma ordem social que teima em determinar espaços, posições, gostos, comportamentos modelos para todos, sem se importar com as identidades próprias e suas singularidades.

No cotidiano escolar, essas marcas são perceptíveis quando nos deparamos com o julgamento moral de certos profissionais sobre os gestos de alunos que não se enquadram nos padrões estabelecidos. Assim, uma menina que prefere brincar com os meninos e não apresenta delicadeza, não gosta da cor rosa e é muito

agitada, quase sempre é taxada como lésbica, indicando o seu afastamento daquilo que se espera dela; como também o menino que, mesmo tendo apenas quatro anos e, por curiosidade ou repetindo atos que viu em casa, na televisão ou internet, brinca com o coleguinha no banheiro, tirando o pipi para fora e esfregando no bumbum do outro, é taxado de perverso, doente, entre outros adjetivos que assassina sua vida latente e de outras dezenas de crianças e jovens estudantes que se afastam das normas.

É nas brechas, nos intervalos dos espaçotempos do cotidiano escolar³⁸, nessas e noutras histórias não consideradas, pois não compõem o currículo e não fazem parte do rol burocrático de organização/seleção de conteúdos que podem ser acessados pelos estudantes, que acontece a pedagogia subterrânea. Ela povoa o cotidiano e, mesmo não estando necessariamente abaixo, escondida no subsolo, ela é empurrada para esse espaço pela força desejante que a quer invisibilizada. Porém, como gêiseres, ela encontra brechas que a fazem alcançar a superfície, dando vazão e se tornando perceptível a alguns olhares mais atentos que procuram dialogar e lançar reflexões sobre a força que os corpos estranhos experimentam no cotidiano escolar.

Nesse sentido, diríamos que uma pedagogia subterrânea é tal como as crônicas de Lemebel e os espaços por onde o autor e seus personagens transitam em Santiago, diz respeito à bio:grafias de passagens, do estar e viver nos cruzamentos da geografia humana, onde o desejo de sobrevivência impera, onde os corpos são atravessados pelo instinto de vida, alguma luz, alguma brecha, esperança mesmo que os possam resgatar do limbo que são obrigados a frequentar, para transitar livremente pelas praças arborizadas e frescas, não a partir de um modelo ditado e aceito, mas como sujeitos de direito e responsáveis por suas histórias singulares e também coletivas, sem os espectros de violência que os aterroriza todos os dias nos meios de comunicação, onde jovens homossexuais são atacados por outros que se consideram heterossexuais, e portanto, normais,

³⁸ Entendido a partir da leitura de Nilda Alves e Regina Leite Garcia, em *O sentido da escola* (2008). Espaçotempo é a ação criativa de possibilitar que o conhecimento aconteça de forma natural, através da socialização, seja professor-estudante, professor-professor, estudante-estudante, estudante-professor, ou seja, quando no cotidiano escolar, o investimento maior deixa de ser no currículo oficial e passa a ser nos acontecimentos cotidianos, nas socializações das “redes de múltiplas relações e movimentos que permitem a criação, rica e turbulenta, de novos conhecimentos, que nem sempre são aqueles que pretendíamos ser os que “devem” ser aprendidos por nossos alunos” (ALVES; GARCIA, 2008, p. 82).

melhores, que deferem sobre aqueles, golpes com lâmpadas fluorescentes ou outros materiais de que dispõem, numa tentativa de aniquilar ou ajustar aquilo que consideram diferente, anormal ou abjeto.

Se Lemebel escreve para sobreviver, a pedagogia subterrânea é concebida para pensar a sobrevivência e a vida dos corpos na margem. Para que possam ser vistos e percebidos, para que provoquem sentidos, para que problematizem as normas e, quem sabe, possam contribuir para a constituição de espaços onde as diferenças possam dialogar e tecer novas possibilidades de convivência, de respeito, de uma vida cidadã no sentido mais amplo.

Um breve diálogo entre Pedro Lemebel e a construção da pedagogia subterrânea

*Hablo de ternura compañero
Usted no sabe
Cómo cuesta encontrar el amor
En estas condiciones
Usted no sabe
Qué es cargar con esta lepra
La gente guarda las distancias
La gente comprende y dice:
Es marica pero escribe bien
Es marica pero es buen amigo
Súper-buena-onda
Yo no soy buena onda
Yo acepto al mundo
Sin pedirle esa buena onda
Pero igual se ríen
Tengo cicatrices de risas en la espalda*

(Pedro Lemebel, 1986)

O Manifesto *Hablo por mi diferencia*, de Pedro Lemebel, traz um panorama do ser homossexual no Chile, num momento em que a repressão era explícita, durante a ditadura militar comandada por Pinochet. Essa imagem também se deu no Brasil e em muitos países da América Latina, onde a homossexualidade e as vivências sexuais que fogem do padrão heterossexual, são consideradas, por uma cultura ligada à moral cristã ocidental, em muitos casos, desvio de conduta, o que faz com que a bancada evangélica no Congresso Nacional ainda as interprete como patologias mentais, embora já não façam mais parte do Código Internacional de Doenças desde 1990.

De todo modo, as populações foram ensinadas, em instituições como a família, a escola, a igreja, que o normal é ser heterossexual e, assim, todos os demais são colocados à margem, da mesma forma que ficam relegados às margens os usuários de drogas, os moradores de rua, negros e mulheres, indígenas e, na escola, aqueles que não aprendem, os que vêm sujos, os que não trazem material em ordem, os indisciplinados, os que apresentam alguma deficiência.

Na crônica “Volando en el ala derecha”, Pedro Lemebel (2017) narra uma passagem que lhe ocorreu no aeroporto de Santiago, quando o sistema caiu e teve que aguardar numa fila que tudo se resolvesse. Até aí tudo bem, visto que coisas como essa sempre acontecem e as aeromoças não podem fazer nada, se não também aguardar e tratar de acalmar os passageiros impacientes. Foi exatamente uma cena entre uma senhora juíza, apoiadora de Pinochet, e uma aeromoça que tentava acalmá-la que chamou atenção de Lemebel, que até certa altura permaneceu mudo, como a maioria que ali se encontrava.

Porém, a juíza, além de destratar a jovem que a atendia, resolveu passar a frente e se colocar em primeiro lugar na fila, quando o autor intervém dizendo, com bastante calma, que aquele era o seu lugar. A juíza o mirou sarcástica e disse: “así que en este país ahora los maricones tienen privilegios” (LEMEBEL, 2017, p. 64), e foi a gota d’água para Lemebel, que lhe respondeu dizendo que privilégios teve ela quando os militares estavam no poder, e seguiu-se um bate-boca entre eles, o autor inclusive acusou-a de ser cúmplice dos crimes impunes cometidos pela ditadura e a velha juíza, sem pestanejar, telefonou para um deputado dizendo que ele precisa vir logo para a proteger do homossexual que estava tratando-a da pior forma possível.

Lemebel duvidou que ela estivesse de fato falando com o deputado, mas eis que logo ele aparece no aeroporto, trazendo consigo um grupo de seguranças que avançam também com prepotência para onde estão ele, a senhora, um grupo de aeromoças e outros passageiros. Nessa hora, Lemebel escreve que sentiu medo, o mesmo que sentia quando, nos anos da ditadura, esses homens estavam no poder e decidiam sobre a vida e a morte das pessoas.

A juíza o apontou, gritando: “ahí está ese homosexual que me insultó, Melero. Ese es, ese mismo que se esconde entre las azafatas. Habla ahora, maricón, poco hombre que te proteges entre las mujeres” (LEMEBEL, 2017, p. 65). Melero se

aproximou de Lemebel, a ponto de lhe acertar um golpe: “no te pego porque tenís sida” (LEMEBEL, 2017, p. 65).

Após o incidente, Lemebel ganhou um vale café da manhã e uma passagem aérea para qualquer região do Chile. Quando chegou a hora do embarque, e achando que tudo havia ficado para trás, eis que ouve a voz da juíza na fila, falando pelo celular, lançando outros insultos contra ele: “me parece que este homosexual escribe en esa porquería de diário. Clinic, creo que se llama” (LEMEBEL, 2017, p. 66). Lemebel escreve que tratou de entrar logo no avião e que, por azar, o assento da senhora era próximo do seu, assim, não lhe restou nada a fazer exceto colocar os fones de ouvido para não escutar mais aquela falação direitista.

Ou seja, corpos estranhos sempre causam olhares enviesados, provocam distanciamentos, recusas, agressões. Na escola, os discursos proféticos passam a definir o futuro não favorável àquela criança, ainda mais se a família não for estruturada – leia-se família nuclear, com o pai trabalhador e responsável pelos proventos da casa, uma mãe dócil, do lar e que está sempre preocupada com o desenvolvimento dos filhos e a organização da casa, e filhos bem cuidados, educados e sadios.

É preciso, no entanto, estar atento às transformações que vêm ocorrendo no país, principalmente em relação à população brasileira. Dados estatísticos apontam mudanças ocorridas na configuração das famílias brasileiras: a cada ano cresce o número de famílias chefiadas por mulheres – correspondendo, atualmente, a 40% dos domicílios, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2017) –, cresce o número de lares em que a mulher é a responsável principal pelos proventos mensais da casa; entre outros dados, há mudanças também na configuração dos arranjos familiares na contemporaneidade.

Com esses rearranjos da configuração tradicional de família, somando-se que a partir da Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, a escola passou a ser direito de todos e responsabilidade do Estado e da família, os cotidianos escolares têm recebido cada vez mais uma variada gama de crianças, cada qual com seu conhecimento de mundo, a partir de suas realidades familiares. Entretanto, no julgamento de professores e outros profissionais da educação, também construído a partir de seu conhecimento de mundo, são classificadas como inadequadas, sem

qualidades ou deficitárias qualquer criança que se afasta da ideia consensual do que é uma pessoa saudável e com potenciais de desenvolvimento.

Soma-se a isso outras questões difíceis de serem desconstruídas no cotidiano escolar, aponto três delas a seguir:

Pensar a classe ou turma em conjunto e não o aluno em sua individualidade, numa mesma sala, com 30 crianças diferentes, é impossível que todos acompanhem um mesmo ritmo de desenvolvimento e domínio de técnicas e conteúdos.

O número excessivo de alunos por classe/turma, inviabilizando o trabalho mais voltado para as emergências de cada aluno, não para fazê-lo chegar a um determinado estágio, mas para instigá-lo a avançar em suas descobertas e conhecimento de mundo.

A preocupação com o currículo oficial e com os resultados nas avaliações externas e não àquilo que as crianças desejam no momento. Se de fato a criança for pensada enquanto sujeito de sua própria aprendizagem como escreveu Paulo Freire (2009), há que se levar em consideração os seus desejos, aquilo que para ela faça sentido naquele momento.

Há também questões ligadas ao reconhecimento e valorização dos profissionais da educação, tanto em relação aos salários, quanto as capacitações oferecidas e que contribuam para a reflexão e mobilização de outros fazeres no cotidiano escolar.

Avançar sobre essas e outras reflexões pertinentes ao campo da educação escolar e desconstruir tais paradigmas não é tarefa fácil, e digo isso por experiência própria. Escolhi a docência justamente por acreditar que a escola tem um sentido que extrapola o simples transmitir saberes, e isso aprendi com alguns professores desde o Ensino Fundamental. Mais do que conteúdos, aprendi com eles a me tornar questionador, a estranhar o que aí está, a duvidar sempre dos meios de comunicação de massa, dos discursos políticos, dos interesses neoliberais, a gostar da literatura e do cinema, e, principalmente, a possibilidade de sensibilização com uma obra de arte, um livro, uma música, um filme, estando aberto a perceber as diferenças – de todas as ordens – como qualidade da existência e não fonte para preconceitos, julgamentos e exclusão.

Atuar no cotidiano escolar, por mais de quinze anos como professor de Geografia na rede estadual de educação de São Paulo, e agora, há sete anos, como diretor na rede municipal de educação de Sorocaba/SP, tem sido desafiador e necessário para minha existência e entendimento como sujeito.

Como ser diretor de uma escola municipal regida por normas e práticas de um sistema que funciona muito mais no inconsciente das pessoas, principalmente no de seus profissionais, como um dos melhores do país e, contudo, persiste em ações que já deveriam estar ultrapassadas, como o sistema avaliativo que nada mais faz do que classificar os alunos em acima do básico, básico e abaixo do básico? Que propostas trazer ao cotidiano escolar que driblem os currículos engessados e apontem outras possibilidades de educação, mais voltadas para a ampliação do sentido de cidadania? Que estratégias desenvolver para que o cotidiano escolar seja “sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam”? (FREIRE, 2009, p. 134).

A partir das leituras de Pedro Lemebel, pude perceber uma aproximação de minhas experimentações e observações, ao longo dos anos, do e no cotidiano escolar, com a ideia que essa pesquisa propõe e sustenta – a pedagogia subterrânea.

Se o lugar de fala e escrita de Lemebel é a partir de uma cartografia da marginalidade, como apresentei anteriormente, onde os personagens quase sempre são corpos estranhos que não se veem incluídos na sociedade chilena e, pelo contrário, são perseguidos, violentados, mortos ou desaparecidos políticos. É nesse lugar que também acontece a pedagogia subterrânea, nos cotidianos diversos das escolas, mas que, de uma maneira ou de outra, tenta-se esconder ou negar para que os cânones educacionais sejam evidenciados e sejam proclamados como a regra para o sucesso ou o fracasso das crianças, professores, demais profissionais da educação e da própria escola.

Um fato vivido pode contribuir para a compreensão dessa fórmula de camuflar o que se passa no interior das escolas. Quando ainda era professor, e por ter na família duas irmãs que também são professoras da rede estadual de São Paulo, todos os anos, a partir de 2000, há uma ansiedade geral pelos resultados do Saesp, a avaliação externa da rede estadual; através do resultado, eram definidos os valores do bônus que cada um iria receber, os que atingiram as metas estabelecidas

até 100%, os que ultrapassaram até 120% e os que não atingiram 0%, com algumas variações ano a ano.

Creio que foi no ano de 2008, na escola onde trabalhava na época, que foram retidos, num total de cinco turmas – cerca de 160 alunos – quase 30 alunos da antiga 8ª série do Ensino Fundamental, ou seja, 20% dos alunos foram reprovados naquela série. Eu era professor de todas as turmas de 8ª série e me recordo de questionar esse número de reprovados, na reunião de Conselho de Série/Classe. Para mim, o número elevado dizia respeito muito mais ao capricho dos professores que pensavam a reprovação como um castigo, uma punição para os alunos que não demonstraram interesse pelas aulas, não realizaram as atividades propostas e atrapalharam o andamento das mesmas. Essa série era uma das que fizeram o Saesp. Quando saiu o resultado, em março de 2009, esse segmento havia ultrapassado a meta estabelecida. A alegria dos professores e da equipe de direção da escola era geral. O diretor, que raramente falava com os professores, em grupo, apareceu na Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) para dar os parabéns. Todos estavam atônitos de felicidade porque o bônus seria gordo naquele ano.

Porém, o que talvez ninguém tenha pensado é que havia uma grande ambiguidade ali. Ou o resultado dessa avaliação estava equivocado ou nós, como equipe, não sabíamos realizar, de fato, uma avaliação dos alunos, visto eles terem sido capazes de se sair bem numa avaliação externa, ao mesmo tempo em que deixamos um número tão grande de alunos retidos naquela série. Fiz a colocação e, como na maioria das vezes, o clima de alegria e festa persistiu e o meu questionamento se perdeu em algum espaço daquela escola.

A realidade vivida na escola onde trabalhava como diretor passou a ser totalmente diferente daquele cotidiano que eu experimentava na outra escola como professor. Na primeira, eu podia desenvolver, sem grandes problemas, ações, inclusive, apontadas pela comunidade e pela equipe escolar. Na segunda, mal conseguia dar as aulas. Os alunos começaram a se incomodar com a minha maneira de trabalhar que, frequentemente, era baseada no diálogo, pensando os conteúdos juntos, a partir de nossa realidade local, e raramente punha algo na lousa ou dava atividades para que resolvessem e ganhassem o visto, que entendiam que já era garantia de uma nota para fechar bem o bimestre.

Diante dessa realidade, resolvi solicitar o afastamento sem remuneração e me dedicar exclusivamente ao trabalho na direção de escola na rede municipal de educação e aos estudos.

Assim como Lemebel demonstra uma raiva que o mobiliza para criar as performances e também realizar sua escrita para chamar a atenção da sociedade para algumas questões que não estão bem resolvidas, há uma raiva em mim que não me permite apenas observar o que acontece no cotidiano da escola, fingindo que tudo é normal e a escola não é responsável por pensar sua realidade e apontar novas alternativas. Por diversas vezes me coloquei e propus ações, convidei os professores para pensarmos em outras estratégias para que os alunos e alunas daquela escola de fato se sentissem parte dela e não a frequentassem como obrigação prevista em lei e imposição da família. Muitas aulas de Geografia, meu componente curricular, foram usadas para dialogar com os jovens e adolescentes para que pensássemos o tipo de escola que temos e que queremos. Quais possibilidades de tornar a escola mais atraente, mais próxima da realidade que cada um e cada uma vive? Que ações poderíamos viabilizar? Como os estudantes poderiam participar mais ativamente das decisões, das regras, que até aquele momento eram impostas pela direção da escola, sem nenhum diálogo?

Penso que a pedagogia subterrânea vai acontecendo na dimensão das micropolíticas, nas atitudes de alguns que ousam transgredir, que resistem as políticas educacionais, muitas vezes compradas em pacotes que vão muito mais privilegiar o orçamento de uma empresa de consultoria educacional do que resolver os problemas reais enfrentados cotidianamente entre os muros da escola.

A pedagogia subterrânea não é burocrática, não sai das salas do ministro ou dos secretários de educação, ela acontece sempre nas bases, são atividades criativas de professores e de alunos que fogem dos parâmetros previamente prescritos. São fortes, pois consideram os sujeitos envolvidos. Não configuram os grandes currículos e suas promessas messiânicas, mas brotam como o mato que não foi semeado, aproveitando o conjunto de facilidades entre solo, umidade e clima, para que o devir planta da semente se espalhe pelo terreno.

7 DIÁLOGOS ATRAVESSADORES I: do panorama político brasileiro às perspectivas marginais



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Não vou me adaptar

Arnaldo Antunes/Titãs

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia.
 Eu não encho mais a casa de alegria.
 Os anos se passaram enquanto eu dormia.
 E quem eu queria bem me esquecia.

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?
 Eu não vou me adaptar.
 Me adaptar.

Não tenho mais a cara que eu tinha.
 No espelho essa cara já não é minha.
 Mas é que quando eu me toquei, achei tão estranho.
 A minha barba estava desse tamanho.

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia ?
 Eu não vou me adaptar.
 Me adaptar.
 Eu não vou me adaptar.
 Me adaptar.
 Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia.

Eu não encho mais a casa de alegria.
 Os anos se passaram enquanto eu dormia.
 E quem eu queria bem me esquecia.
 Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Eu não vou me adaptar.
 (Não vou)
 Me adaptar.
 (Não vou)
 Não vou me adaptar.
 Não vou.

Não tenho mais a cara que eu tinha.
 No espelho essa cara já não é minha.
 Mas é que quando eu me toquei, achei tão estranho.
 A minha barba estava desse tamanho.

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?
 Eu não vou me adaptar.
 (Não vou)

Neste caderno, dividido em duas partes, apresento, primeiramente, um debate sobre o panorama político brasileiro e o desenho que, aos poucos, vem se delineando e que teremos que enfrentar em nosso cotidiano imediato.

Convido para interlocução nomes como Milton Hatoum, Alvaro Bianchi, Ruy Braga, Ruy Fausto, Marcos Reigota, Peter Pál Pelbart e o *rapper* Criolo, que me

ajudam a analisar os problemas desse quadro de corrupção institucionalizada; de ampliação de práticas neoliberais, bem como da emergência do neofundamentalismo e do neoconservadorismo; ou contribuem para pensar possíveis caminhos para a esquerda; a força dos movimentos como as ocupações dos secundaristas e soluções criativas que nascem nas e das favelas.

Na sequência, trago encontros ficcionais, criados a partir da leitura das teses e/ou outros textos e diálogos com quatro pesquisadores contemporâneos e que, de uma maneira ou de outra, estão produzindo academicamente, porém a partir de uma perspectiva mais subversiva, resistente e às margens. São eles:

Rodrigo Barchi, que defendeu a tese *Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)*, em 2016, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e atua como professor na Universidade de Sorocaba (Uniso) e na Uniesp, em Sorocaba/SP. Em sua pesquisa de doutorado, Barchi busca, a partir da perspectiva das filosofias da diferença, criar possibilidades de relação entre a educação e a ecologia, sem se enquadrar nas lógicas oficiais e impositivas que imperam no espaço escolar, acadêmico e político, apontando que os sons de bandas de *heavy metal*, *thrash metal*, *death metal*, *hardcore* e *grindcore* configuram resistências. Nesse sentido, Barchi trabalha um diálogo licantrópico (no sentido de monstruosidade, misticismo e hibridismo), infernal (no sentido de romper com o Uno e propagar diferenças) e ruidoso (no sentido de incomodar o pensamento e a harmonia ilusória) com o conceito de minoridade, propondo a inversão da educação e da ecologia.

Murilo dos Santos Moscheta, doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo e professor na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, em sua tese, intitulada *Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência a saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais*, defendida em 2011, discute os desafios da assistência à saúde pública no Brasil aos LGBTs, apresentando a necessidade de qualificação da assistência, e da mudança paradigmática da abordagem de ênfase tecnicista para uma relativista e relacional. Sua narrativa sobre o desenvolvimento dos encontros realizados com uma equipe multidisciplinar de uma Unidade Básica de Saúde e outras narrativas reflexivas de sua própria trajetória são importantes para ressaltar a narrativa como possibilidade

pertinente, do ponto de vista teórico e metodológico, para as nossas pesquisas acadêmicas.

Eduardo Silveira, que defendeu a tese *Dissecações do corpo de um docente-artista em escrituras experimentais*, no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2014. Silveira é professor no Instituto Federal de Santa Catarina, e sua pesquisa descreve suas próprias vivências experimentais no campo da formação em Biologia, a atuação como professor, como ator e palhaço, entrecruzando arte, vida, biologia e educação.

Thiago Ranniery, doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que defendeu sua tese em 2016, cujo título é *Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis*. Nela, Ranniery trabalha as relações entre corpo, gênero e sexualidade nos currículos, a partir de uma perspectiva *queer* e feminista, resultando em desarranjos ou produção de outros currículos que não se encaixam no estreito marco heterossexualizante. O pesquisador convive com uma série de personagens que povoam os cotidianos escolares e se apropria de termos próprios desses corpos, criando conceitos e metodologia.

Milton Hatoum e a barbárie anunciada

No segundo semestre de 2013, matriculei-me como aluno especial da disciplina Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar, do professor Marcos Reigota, na Universidade de Sorocaba (Uniso). Naquele momento, a proposta do professor era estudar a obra *O sentido da escola*, organizada por Nilda Alves e Regina Leite Garcia (2008), além disso, em cada aula Reigota propunha a leitura de uma crônica do recém-lançado livro de Milton Hatoum (2013), *Um solitário a espreita* e, por ser um admirador da sua obra, logo adquiri um exemplar, que passou a fazer parte do meu cotidiano de leitura e trabalho nas escolas onde atuava.

Esse breve comentário foi feito para contextualizar a crônica que me veio à mente, ao iniciar este texto. Ela se encontra na obra de Hatoum, e se chama *Estádios novos, miséria antiga* (HATOUM, 2013, p. 171). Eu a utilizei para a introdução deste diálogo que apresento sobre o momento político brasileiro que vem

se desenhando ao longo dos últimos anos e se mostra sem grandes perspectivas de melhoras no futuro imediato.

Na referida crônica, Hatoum faz uma crítica aos projetos faraônicos de construção dos estádios que sediariam os jogos da Copa do Mundo de Futebol, em 2014, detalhando, com suas memórias, como era o Parque Amazonense, onde ia assistir aos jogos e divertir-se com os amigos, e, mais tarde, a construção do estádio Vivaldo Lima (Tartarugão), projetado pelo arquiteto Severiano Mario Porto, no final da década de 1960, sendo inclusive premiado pelo projeto robusto e por congregar a dinâmica do clima e características locais.

No entanto, o Tartarugão foi demolido para dar lugar à Arena Amazônia, sem se levar em consideração a história e importância daquela construção para a cidade e a população amazonense. Hatoum (2013, p. 172) escreve:

[...] destruir um patrimônio da arquitetura amazônica é um lance de extrema crueldade e ignorância. O que há por trás dessa crueldade e incultura? A ganância, a grana às pencas, o ouro sem mineração, sem esforço?

Fora questões de superfaturamento e a demolição de uma obra premiada, o autor elenca outras questões que são bastante comuns na realidade das grandes cidades brasileiras, como a falta de infraestrutura, os péssimos serviços públicos, o aumento do número das favelas e a violência.

Ao final da crônica, Hatoum desabafa para que façam mesmo tudo isso: implodam os estádios, superfaturem as obras em todas as suas fases e acabem também com a dignidade e a esperança do povo brasileiro, e prevê:

Caprichem na maquiagem urbana e escondam (pela milésima vez) a miséria brasileira, bem mais antiga que o futebol. E quando a multidão enfurecida cobrar a dignidade que lhe foi roubada, digam com um cinismo vil que se trata de uma massa de baderneiros e terroristas. Digam qualquer mentira, mas aí talvez seja tarde. Ou tarde demais (HATOUM, 2013, p. 173).

Essa crônica foi publicada no dia 22 de junho de 2013, no jornal *O Estado de S. Paulo*, ou seja, um ano antes das manifestações que ficaram conhecidas como Manifestações dos 20 centavos ou Jornadas de Junho.

O que assistimos na sequência foi uma intensificação de dois pólos de disputa que têm nas redes sociais maior atuação, mas que também ganharam as

ruas, a exemplo das manifestações pró-impeachment, entre 2015 e 2016, organizadas principalmente pelo Movimento Brasil Livre (MBL), e também as ocupações das escolas, a começar pela rede estadual de educação de São Paulo, no segundo semestre de 2015 – que lutavam contra a ação unilateral do governo em reorganizar o sistema, fechando escolas e transferindo milhões de estudantes e professores. Em 2016 as ocupações se estenderam por todo o país, reivindicando que o governo federal não levasse a cabo as reformas na educação.

O avanço do extremismo da direita culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, e tem se desdobrado em manobras que tolhem direitos dos trabalhadores e enfraquecem o que restava das forças de grupos sindicais.

Tais manobras políticas, em nível municipal, estadual e federal – através de parlamentares em sua maioria de bancadas evangélicas –, têm adentrado os cotidianos escolares, e extinguido as discussões de gênero dos planos de educação e, mais recentemente, tentam emplacar o projeto “escola sem partido” e o ensino religioso confessional. Isso sem falar da censura a exposições de arte e peça de teatro.

Diante desses fatos, redes sociais como Facebook e o Twitter, em maior ou menor proporção, tem se tornado ringues em que as pessoas se posicionam de forma radical para um lado ou para outro e, em ambos, há aqueles que sequer lêem o posicionamento do outro para atacá-lo. Em muitos casos, as respostas vão se tornando desrespeitosas e com conteúdos que fogem do assunto inicial, ampliando a verborragia de ódio e insultos em tantas postagens que vemos cotidianamente.

As discussões viram xingamentos pessoais e o assunto que poderia ser aprofundado com uma reflexão mais ética e responsável, acaba, muitas vezes, sendo tratado superficialmente. Os espaços para o diálogo e a construção de alguma compreensão mais elaborada perde campo e nós, que de alguma forma estamos na pesquisa, na atuação acadêmica, na escola e em outros espaços, temos que forjar campo para essas e outras questões do contemporâneo, como o racismo, a questão indígena e ambiental, as drogas, a diversidade.

É importante ter ciência de que boa parte desses posicionamentos mais radicais são gerados, possivelmente, por perfis falsos. De acordo com a reportagem de Bruno Bacchini, repórter da Agência Brasil, a pesquisa *Robôs, Redes Sociais e*

Política no Brasil, da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP/FGV), “perfis automatizados nas mídias sociais estão influenciando os debates políticos na web e aumentando a polarização das discussões” (BACCHINI, 2017, online).

Bacchini escreve que o estudo aponta, que

Os robôs, ou bots, são perfis falsos presentes em mídias sociais como Facebook e Twitter que são capazes de distribuir, em escala industrial, mensagens pré-programadas. Na disputa política, esse tipo de instrumento pode ser contratado em empresas especializadas para que um candidato, ou uma proposta, receba milhares de mensagens de apoio, inflando artificialmente sua aceitação popular, e influenciando assim a percepção das pessoas (BACCHINI, 2017, online).

Ou seja, esse inchaço pode camuflar um fenômeno tornando-o bem maior do que realmente é. O estudo aponta, ainda, a necessidade de atenção por parte das autoridades e órgãos de fiscalização para evitar que, nos próximos anos, uma eleição seja definida por uma estratégia como essa. E para os usuários dessas redes sociais, é importante redobrar a atenção para as mensagens em que o posicionamento é extremista e não dá espaço para o diálogo, já que essas são as características dessa tática tecnológica.

A seguir esboço um cenário desse tempo em que o golpe político avança com seu projeto neoliberal, onde, na calada da noite – enquanto uma parte da população se digladiava nas redes sociais –, os direitos sociais conquistados a partir de muita luta dos trabalhadores são ceifados, a política nacional toma rumos que atendem prioritariamente os interesses das grandes empresas e dos donos do capital, e projetos de lei que preveem o congelamento de investimentos em serviços como saúde, educação e segurança são aprovados.

Para tanto, trago a discussão de alguns acadêmicos e pensadores que propuseram uma análise desse contexto contemporâneo, cito Ruy Fausto (2016), Peter Pál Pelbart (2016a e 2016b), Ruy Braga (2016) e Álvaro Bianchi (2016).

O contexto neoliberal

O número 219 da revista *Cult*, de dezembro de 2016, trouxe uma matéria especial, *O desmanche neoliberal*. Nela, Ruy Braga, sociólogo, professor da

Universidade de São Paulo (USP) e Alvaro Bianchi, cientista político, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), discutem como o neoliberalismo alavanca as desigualdades sociais no país, precariza as políticas públicas e direitos trabalhistas e prioriza a mercantilização.

Em *A herança do neoliberalismo: sementes da revolta*, Ruy Braga faz um debate sobre a interpretação do neoliberalismo nas últimas décadas, trazendo duas diferentes tendências do avanço global dessa prática – a espoliação social e os aparatos disciplinares e, conseqüentemente, o crescimento das desigualdades sociais.

A espoliação social é explicada por Ruy Braga como “práticas econômicas intimamente ligadas aos interesses dos mercados financeiros” (BRAGA, 2016, p. 15). Ou seja, são as políticas que privilegiam a privatização não só de empresas estatais, mas também de serviços de infraestrutura, a moradia popular, a saúde, a educação, os recursos naturais, além de mercantilizar o trabalho e criar nova legislação que retira direitos trabalhistas da população.

Braga escreve,

Nas palavras de Laurence Cox e Alf Gunvald Nilsen, o neoliberalismo apresenta-se como um “movimento social ofensivo ‘dos de cima’” cujo objetivo é promover um amplo ajuste social capaz de concatenar as necessidades empresariais num contexto de crise de acumulação às exigências de reprodução da ordem política diante da crise de legitimidade promovida por um Estado nacional refém do poder das finanças globalizadas. Assim, do ponto de vista das dinâmicas políticas, teríamos uma transição do modelo de proteção social e de solidariedade fordistas para um tipo de gestão pós-fordista do social concentrada em políticas de criminalização, punição e encarceramento massificado dos pobres (BRAGA, 2016, p. 15).

Sobre os aparatos disciplinares, Braga aponta que é uma interpretação do neoliberalismo nos últimos anos que toma como base a “dinâmica da concorrência e o modelo da empresa” (BRAGA, 2016, p. 16).

Trata-se de uma racionalidade que mobiliza todas as esferas da atividade humana [...] Assim, teríamos a ampliação da lógica de mercado e do modelo empresarial para um conjunto de mecanismos de gestão, públicos e privados, como eixo de uma sociedade neoliberal na qual os imperativos concorrenciais são progressivamente internalizados pelos indivíduos, criando novas disposições sociais mesmo quando nos encontramos relativamente distantes da esfera econômica, como é o caso, por exemplo, dos domínios familiares, científico, educacional ou religioso.

Ora, em 2010, quando assumi o cargo de diretor de escola na rede municipal de educação de Sorocaba/SP, uma das primeiras convocações que recebi foi exatamente para fazer um curso com duração de uma semana sobre “empreendedorismo”. Todos os profissionais da educação – supervisores de ensino, diretores, vice-diretores, orientadores pedagógicos, professores, inspetores de alunos, auxiliares administrativos e secretários –, ao assumir o cargo, tinham que passar por esse curso, que anualmente deveria ser trabalhado com toda a equipe e estudantes da escola, desde as creches até o Ensino Médio, culminando no dia do lançamento dos sonhos³⁹ – individuais e coletivos (da turma e da escola como um todo), com registros para a Secretaria de Educação.

Outra ação a que éramos obrigados, como profissionais vinculados a essa secretaria, era a de participar e desenvolver o Sistema de Gestão Integrado e, na sequência, do Programa de Gestão de Excelência, do qual tenho um certificado como curso de Pós-Graduação – Especialização.

Nesta formação, uma série de dinâmicas empresariais com objetivos em resultados era aplicada e, nós deveríamos replicá-la na escola. Toda uma burocracia e uso excessivo de papéis que no cotidiano escolar, não fazia sentido nenhum, era mais trabalho para fazer além dos de ordem prática que já realizávamos para que a escola pudesse funcionar⁴⁰.

³⁹ Baseado na obra *A pedagogia empreendedora*, de Fernando Dolabela (2004), todas as escolas municipais de Sorocaba eram orientadas a trabalhar até o início do mês de abril de cada ano, o empreendedorismo, com as crianças, desde a Educação Infantil até os jovens do Ensino Médio. Ao final desse trabalho de incentivo as práticas empreendedoras, deveríamos promover um dia em que através de alguma ação, todas as turmas e profissionais da escola, lançariam os seus sonhos, simbolicamente, e que seria o pontapé inicial para a conquista do mesmo, até o final daquele ano. Assim, por exemplo, a equipe da escola em que eu trabalhava, em 2010, criou o sonho de ter um parque melhor para as crianças, logo, tínhamos que criar uma tabela de ações (o quê, quem, quando e como) para efetivá-lo.

⁴⁰ Dentro da proposta, cada escola tinha que definir sua missão, metas e valores a desenvolver durante o ano letivo, como da mesma forma, cada profissional da escola, compondo sua pasta de melhoramentos ao definir os mesmos itens para si mesmo, assim como também deveriam ser empregados a cada turma de estudantes e, finalmente, a cada estudante, individualmente. Havia algumas tabelas que deveriam ser usadas por professores que classificavam os alunos em ótimos, bons e ruins ou disciplinados e indisciplinados e tudo isso deveria ficar exposto nas salas de aulas, nos corredores ou pátios da escola, para quem quisesse ver.

As novas direitas

Alvaro Bianchi (2016), no texto *Neoconservadorismo, neoliberalismo e neofundamentalismo*, apresenta uma importante reflexão sobre a emergência das novas direitas no cenário político brasileiro.

Ele as considera novas direitas pois são heterogêneas e diversificadas, agem em diferentes contextos e, muitas vezes, reúnem várias correntes. Sua ampliação, a partir dos resultados das últimas eleições municipais, em 2016, fortaleceu-as e atualmente demonstram grande capacidade de mobilização e apelo popular.

Bianchi escreve,

O fato de essas correntes terem se tornado mais evidentes é também porque seus antagonistas se tornaram mais fortes e visíveis. É porque há greves, ocupações, passeatas pela legalização da maconha, marchas das vadias e paradas LGBTs que a reação cresce (BIANCHI, 2016, p. 18).

O autor apresenta um breve relato sobre cada uma das correntes dessas novas direitas no país para que se compreenda o porquê das fortes reações e a potência de seu alcance na população:

Neoconservadorismo: corrente hegemônica no país, tenta conciliar o autoritarismo que vem da antiga tradição com a democracia representativa, mas criando limites ao funcionamento de tal democracia. “As paixões populares e os interesses de grupos sociais poderiam, assim, permanecer à margem da política” (BIANCHI, 2016, p. 19).

Neoliberalismo: manteve as ideias de defesa do livre mercado e do Estado mínimo, separando a defesa da liberdade com a defesa da democracia. Bianchi pontua:

Desregulamentação trabalhista, reforma da previdência e privatizações são o programa desse neoliberalismo, um programa no qual a reforma das instituições políticas só aparece para restringir a participação do povo nas decisões políticas e a defesa dos direitos políticos e civis simplesmente desaparecem (BIANCHI, 2016, p. 19).

Neofundamentalismo: remete ao passado medieval e seus maiores representantes estão nas igrejas evangélicas. Tais igrejas “abraçaram os valores da sociedade capitalista e fazem do empreendedorismo e da prosperidade sua teologia”

(BIANCHI, 2016, p. 20). Valores como ordem, hierarquia, a família como célula fundamental da sociedade, são os mais difundidos. Com grande representação parlamentar – a chamada bancada evangélica –, tem tido uma atuação ferrenha em defesa de seus valores que consideram ameaçados por comunistas, feministas, gays, manifestações artísticas e religiosas. “Defendem a ‘escola sem partido’, contestam o ensino da ‘ideologia de gênero’, atacam a adoção do ‘kit-gay’ e advogam contra as religiões de matriz africana” (BIANCHI, 2016, p. 20).

Apesar de seus diferentes aspectos, essas correntes da direita convergem e também comportam uma série de contradições em seus discursos políticos, o que, para Bianchi, acaba abarcando grande parcela da população, pois “seu denominador comum está naquilo que negam: a possibilidade de autonomia e emancipação dos indivíduos” (BIANCHI, 2016, p. 20).

Temos visto as ações dessas novas direitas em vários setores da política, da cultura, da religião e da vida como um todo.

Em 2015, mesmo estando em Barcelona, acompanhei pelas redes sociais o desenrolar das discussões públicas, em Sorocaba, do Plano Municipal de Educação, que incluiu várias questões importantes e ressaltava o papel da escola em discutir as questões de gênero em seu currículo. Porém, quando chegou o momento da votação na Câmara dos vereadores, essas questões foram banidas do Plano. Houve pressão por parte da igreja católica e das evangélicas que espalharam abaixo-assinados; inclusive, em uma missa da qual participei o padre usou a maior parte da homilia para defender os argumentos do arcebispo metropolitano que solicitou empenho contra a “ideologia de gênero” que estavam tentando impor às escolas. Isso ocorreu em nível nacional. Todos os municípios tiveram a discussão de gênero cortada de seus Planos Municipais de Educação, assim como os Estados e o Plano Nacional.

Mais recentemente, testemunhamos a censura de um juiz da cidade de Jundiaí/SP da peça que discuto neste trabalho⁴¹, *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do céu*, protagonizada por uma travesti que faz o papel de Jesus. Em sua decisão, o magistrado alega que a peça é “atentatória a dignidade da fé cristã” e que “caracteriza-se ofensa a um sem número de pessoas” (ROCHA, 2017, online).

⁴¹ Ver o caderno *Diálogos atravessadores II: estéticas e poéticas outras para alargar as margens*.

Braga, para concluir o seu texto, aponta que a saída para esse avanço do neoliberalismo global não se dará com “uma vitória pacificadora do Estado social” (BRAGA, 2016, p. 17). E apresenta,

É importante destacar que a combinação entre política neoliberal e a acumulação financeira que conduziu diferentes sociedades nacionais rumo à acumulação por espoliação e à multiplicação de disposições sociais baseadas na concorrência e no desempenho, potencializou igualmente o subversivismo esporádico dos trabalhadores precários ao afastá-los da promessa da cidadania salarial. (BRAGA, 2016, p. 17).

O autor cita o aumento da mobilização dos movimentos sociais urbanos a partir de 2013, o ativismo subalterno e precário como a organização dos garis como possibilitador de barrar os avanços do neoliberalismo.

De fato, em Sorocaba, tivemos uma greve desses trabalhadores logo no início do ano de 2013, deixando a cidade em polvorosa. Além disso, podemos citar a ação dos estudantes adolescentes e jovens que ocuparam as escolas estaduais paulistas, no segundo semestre de 2015, contra a reorganização que o governador Geraldo Alckmin anunciou. Em ambos os casos, os respectivos chefes do executivo tiveram que voltar atrás, atendendo às manifestações.

Assim, talvez, seja das margens que poderemos assistir um levante que enfrentará de frente as estratégias, cada dia mais articuladas e truculentas, do desmanche neoliberal.

Repensar a esquerda

Ruy Fausto, professor emérito da USP, no texto *Reconstruir a esquerda*, publicado na revista *Piauí*, em outubro de 2016, faz um extenso balanço dos caminhos da esquerda no Brasil e, de certa forma, no mundo, apresentando um programa de como os partidos poderiam se articular para reconstruí-la no panorama atual.

O primeiro passo, segundo Fausto (2016), seria o reconhecimento dos erros e dos excessos praticados nos últimos anos, pois não se pode começar do zero e há que refletir sobre os próprios problemas. Também aponta que não dá para dizer que a ideologia da esquerda, seja de qual vertente for, tenha se esvaído com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o desmoronamento da União Soviética.

O autor coloca que a esquerda vem cometendo três grandes erros ao longo das últimas décadas, sendo eles o totalitarismo, o adesismo e o populismo.

O totalitarismo, escreve Fausto (2016), foi provavelmente a realidade mais horrível e brutal da esquerda, “nascida na Rússia no início do século XX e que mais tarde se tornou hegemônica na esquerda mundial, conduziu a um resultado catastrófico” (FAUSTO, 2016, online).

E continua,

Ela nasceu de um partido autoritário que, depois de algumas peripécias, deu origem a um Estado autoritário e até mesmo, a partir dele, a um sistema de Estados totalitários. Isso quer dizer: Estados em que se negavam todas as liberdades civis e políticas aos seus supostos cidadãos, e que tinham como projeto uma dominação total do indivíduo. O balanço de experiência totalitária de esquerda é o de muitas dezenas de milhões de mortos [...] (FAUSTO, 2016, online).

No Brasil, o autor aponta que também há, dentro dos partidos de esquerda, aqueles que defendem tais ideias de um totalitarismo. Eles seriam parte dos militantes da extrema esquerda que agem, principalmente, dentro dos movimentos estudantis, com ocupações, cadeiraços etc. Fausto cita os estudantes da Universidade de São Paulo como caso mais grave e o quanto esse tipo de movimento é negativo para a esquerda e também para a universidade.

Sobre o adesismo, Fausto discute a migração que políticos fizeram, saindo de posições da esquerda para se posicionar na direita. O caso mais notável parece ter sido o do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A explicação do autor para essa transição se dá a partir da crença que políticos como FHC parecem ter desenvolvido que a queda do Muro de Berlim teria definido a vitória do capitalismo e que não haveria outra saída para a economia mundial. “Conclusão apressada, evidentemente” (FAUSTO, 2016, online).

E, finalmente, sobre o populismo, o autor discute que seus traços são um conjunto de características como a liderança carismática autoritária, uma política que une interesses de classes distintas e certa conivência com atividades ilícitas na administração.

Cita governos como o de Getúlio Vargas e Adhemar de Barros que, mesmo não apresentando todas as características, podem ser considerados populistas. No caso de Lula, mesmo faltando o elemento autoritário, talvez possa ser chamado também de populista.

Fausto chama atenção para “um sistema deliberado de poder e de administração pública que era errado” (FAUSTO, 2016, online) no governo petista e que é preciso reconhecer e discutir. Mesmo ao reconhecer algumas ações que trouxeram, de certa forma, alguma redistribuição de renda no país, caso do Programa Bolsa Família, essa e outras políticas desenvolvidas estiveram atreladas a conjunturas para o benefício do próprio partido, de partidos aliados e outros sujeitos ou empresas.

Aqui a crítica tecida por Fausto é mais pungente, talvez tivesse sido melhor o PT nunca ter chegado ao governo federal – se o pagamento para isso foi se corromper em práticas contrárias as que deram origem a sua história. Se assim fosse, o cenário que o autor traça para o Brasil seria bem diferente do atual.

O que teria acontecido nessa hipótese? Talvez o PT tivesse tido maior dificuldade para chegar ao poder. Talvez tivesse obtido, nos anos seguintes, apenas poderes executivos estaduais ou municipais. Ainda assim – mesmo nessa hipótese pessimista quanto ao sucesso eleitoral do partido –, o ganho teria sido considerável. O PT apareceria como um grande partido de esquerda independente, que sem dúvida a direita tentaria derrubar, de qualquer jeito, mas sem dispor dos mesmos meios para levar a cabo esse projeto. O seu prestígio nacional e internacional seria imenso. Mesmo não dispondo de todo poder governamental, projetos como o Bolsa Família poderiam provavelmente ser implementados nos estados ou nos municípios. Não tenho dúvida de que, apesar de tudo, essa opção seria de longe preferível àquela pela qual enveredou o petismo. Uma opção cujo resultado catastrófico estamos vivendo no presente: uma direita em plena ofensiva, uma esquerda golpeada e de certo modo desmoralizada, um país em pleno retrocesso político (FAUSTO, 2016, online).

Fausto critica intelectuais como Marilena Chauí, por exemplo, que acaba pecando por não promover a crítica dos erros cometidos pelo PT, e, ao contrário, mantém um discurso retórico que visa defender o partido e ganhar o aplauso do público que a prestigia.

Enquanto isso, a direita segue atacando com todas as suas armas, e usa os escândalos como o Mensalão e a Lava Jato para desmoralizar qualquer possibilidade de o PT – como se fosse apenas esse partido o responsável por todas as corrupções existentes no país – voltar a ter prestígio e à presidência do país. Somam-se a isso a mídia como propagadora da direita e que se expressa por portavozes que utilizam de violência no tom do que dizem ou escrevem.

O próprio impeachment de Dilma Rosseff é considerado por Fausto como um golpe, “fruto de uma aliança e de um avanço das direitas no Brasil, além de ser, pelo

menos em parte, resultado da crise do populismo *sui generis* petista e de mudanças no cenário econômico mundial” (FAUSTO, 2016, online).

Para concluir, o autor apresenta como deveria ser o programa de reconstrução da esquerda no Brasil. Ele traria alguns pontos importantes como: ser antitotalitário, antiautoritário e mais democrático, e anticorrupção.

Apresentar uma política anticapitalista de fato – não que pretenda o comunismo como fim, em que o Estado e a propriedade privada devam ser extintos –, mas que a esquerda lute pela neutralização do grande capital. Para isso, reimplante o Estado de bem-estar social, com uma reforma tributária séria e menos desigual. E, finalmente, que contemple as questões ecológicas que foram deixadas de lado.

Nesse quesito, não podemos nos esquecer do emblemático texto do professor Marcos Reigota (2008), *Cidadania e educação ambiental*. Nesse texto o autor tece uma análise do esfacelamento da cidadania durante o primeiro governo do presidente Lula (2002-2008). Desde os anos finais da ditadura militar brasileira havia enfrentamento e resistência pelos movimentos sociais que vinham, a duras penas, constituindo uma ideia de cidadania e educação ambiental, que com o governo petista foram sendo deixados de lado. Se tal governo era tido como possibilidade de lançar o olhar e propor ações para resolver as inúmeras questões que assolavam e ainda assolam o cotidiano de milhares de pessoas e outros seres vivos no Brasil, isso não se cumpriu, pelo contrário.

Reigota levanta uma série de críticas ao governo petista, principalmente em relação as questões ambientais que, através da ministra Marina Silva e dos técnicos, assessores, educadores ambientais e outros, até então na linha de frente pelas causas ambientais, passaram a tomar uma direção oposta daquela que estava sendo consolidada – inclusive por muitos dos que assumiram cargos dentro dos ministérios do Meio Ambiente e da Educação – desde o final da década de 1970.

A argumentação é de que tais profissionais se deixaram corromper pelos cargos negociados ou ainda pelas verbas liberadas para fomentar suas pesquisas e publicações. Dessa forma, observa-se

[...] a falência de uma categoria de intelectuais públicos, que se destaca e se alimenta pela intensa presença nos meios de comunicação de massa, pelo poder “delegado pelos pares” juntos às agências de fomento de pesquisa e nos comitês de avaliação do desempenho, produção e qualidade

de conhecimento científico, influência nos conselhos editoriais das mais importantes revistas especializadas e editoras (algumas de universidades públicas), professores(as) de renomadas universidades e programas de pós-graduação e que ocupam cargos (técnicos e políticos) no governo. Essa categoria de intelectuais faliu porque perdeu a credibilidade, mas não perdeu o poder, nem dele se distanciou. Eles e elas continuam a analisar a sociedade brasileira segundo, os seus próprios critérios e estudos, seu discurso ideológico, perspectiva e hábitos de classe média, ou média alta (REIGOTA, 2008, p. 64).

Porém, do outro lado, há os que não se distanciaram das ideias e, principalmente, da construção de uma cidadania que, embora esfacelada, contém o germe “de liberdade, justiça e solidariedade e a valorização da vida, como arte, bem e com significado existencial e político em qualquer lugar do planeta” (REIGOTA, 2008, p. 67), o que pode ser constatado nos movimentos e na criação do diálogo em importantes eventos nacionais e internacionais, onde os debates podem acontecer sem maiores problemas.

Hoje, a questão apresentada por Reigota no final do referido texto – “poderá a educação ambiental ter participação efetiva na reconstrução da cidadania?” (REIGOTA, 2008, p. 67) – parece ganhar novas proporções, e eu acrescentaria a ela, uma outra: poderemos nós educadores, cidadãos e cidadãs, cada um em seu campo de atuação, participar da reconstrução da cidadania? – visto que estamos assistindo ao longo dos últimos anos, cada vez mais o cerceamento de direitos, de liberdades, de possibilidade de expressão.

Movimentos outros: ocupações pelos secundaristas e um novo jeito de conceber política

Em *Tudo o que muda com os secundaristas e Crises da democracia e insurreição. Entrevista com Peter Pál Pelbart*, encontramos uma série de reflexões em que o filósofo nos convida a pensar que a democracia, como a concebemos, não será, pelo menos nos próximos anos, um fim para o país. Assim, o que nos resta é olhar para os movimentos como as ocupações promovidas pelos secundaristas, em 2015, para elaborarmos outras estratégias e resistências e maneiras de ser em grupo.

Pelbart escreve que a força das ocupações promovidas pelos jovens e adolescentes estudantes das escolas públicas da rede estadual de São Paulo

entrará para a história como “um dos gestos coletivos mais ousados na história recente do Brasil” (PELBART, 2016a, online). E continua,

Eu diria, sem titubear, que esse movimento destampou a imaginação política em nosso País. A coragem e a inteligência com que essa luta foi conduzida, a maneira democrática e autogestiva com que suscitou-se, as formas de mobilização e comunicação que aqui se inventaram, o modo em que soube suscitar diálogo e conexão com as diversas forças da sociedade civil, a maneira autônoma que demonstrou ao longo de todo o trajeto, merecem nossa mais viva admiração e aplauso. Entretanto, mais do que isso, constituíram para todos nós uma verdadeira aula de ética e política. Se nossos políticos aprendessem um por cento do que aqui se ensinou, nosso País seria outro (PELBART, 2016a, online).

O movimento teve início após o governador de São Paulo, através do então secretário de educação, Herman Voorwald, lançar um programa de reorganização das escolas estaduais, que consistiria no fechamento de mais de uma centena delas e na transferência de milhares de alunos para outras escolas, muitas delas distantes de seus locais de residência, afetando também a vida de centenas de professores.

Na entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa-Intervenção “Intervires”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pelbart dialoga sobre o livro *Aos nossos amigos: crise e insurreição*, de autoria do Comitê Invisível e lançado pela n-1 edições. A obra, segundo Pelbart (2016b), apresenta a criação da crise política e econômica como técnica de governo. “Produziu-se artificialmente uma crise política e econômica para provocar a maior regressão dos últimos cinquenta anos em uma velocidade inusitada” (PELBART, 2016b, p. 5).

Em contrapartida, o livro também propõe maneiras de resistir a tudo isso. “[...] é uma espécie de manual de insurreição contemporânea, um frescor, uma conexão direta com a cotidianidade, com a afetividade das pessoas, com a sensibilidade sem grandes fórmulas abstratas ou planetárias [...]” (PELBART, 2016b, p. 6).

Para Pelbart, o movimento dos secundaristas é reflexo do que de melhor aconteceu com as manifestações em 2013,

Vocês introduziram em paralelo ao teatro esgotado e degradado da representação institucional uma nova coreografia política, carreando uma atmosfera de grande frescor, um afeto coletivo inusitado, uma dinâmica de proliferação e contágio, uma maneira inédita de manifestar a potência multitudinária que prolongou o que de melhor houve em 2013, sem se deixarem capturar pelo que de pior ocorreu ali (PELBART, 2016a, online).

Ou seja, a ação dessa garotada diante dos desmandos da política mostra que os representantes terão que ficar atentos ao que estão dizendo. Não é dentro dos gabinetes que se estabelecerá o futuro de uma centena de milhares de jovens, adolescentes e crianças, não pode “uma canetada decidir o que vai acontecer com esses espaços, esses lugares e essas vidas” (PELBART, 2016b, p. 6).

Essa grande reviravolta na episteme de quem governa e de quem é governado abre uma série de possibilidades para os enfrentamentos futuros num cenário em que, dia a dia, crescem os fascismos, os conservadorismos e a mercantilização de todas as esferas da vida.

Pelbart escreve,

Essa ruptura, essa reviravolta e seu efeito significam o seguinte: o que até então era a trivialidade cotidiana, de repente torna-se intolerável. Por exemplo, se até então parecia natural que quem decidia sobre os equipamentos escolares era o gestores, nos seus gabinetes, subitamente isso aparece como uma aberração intolerável. Com isso, todo um conjunto de coisas torna-se intolerável. A mercantilização da educação, as relações de poder vigentes dentro da escola, a disciplina panóptica, os modos desgastados de ensino, aprendizado, avaliação, até mesmo o objetivo da escola... Ao mesmo tempo, em contrapartida, o que até ontem parecia inimaginável (os alunos poderem ocupar e gerir os espaços que lhes são destinados, não apenas para reivindicar seus direitos, aprofundá-los, ampliá-los, mas também para experimentar a força de um movimento coletivo, autogestivo, suas possibilidades inúmeras e inusitadas) torna-se não só possível, mas desejável (PELBART, 2016a, online).

E, independente do resultado que se obteve – no caso da rede estadual de São Paulo, o governador voltou atrás e não efetivou a reorganização – e de todo o investimento da mídia para descaracterizar e criminalizar o movimento, acusando-o de baderna, espaços para orgias e uso de drogas, o que se viu foi coletividade, autogestão, horizontalidade, resistência a formas de assujeitamento e formação de redes de solidariedade.

Pelbart assinala a importância de tais ações para o que está acontecendo no Brasil na atualidade e que proliferam na medida em que vão se unindo a outros movimentos, coletividades, se fortalecendo e formando redes. No entendimento do autor,

Talvez uma outra subjetividade política e coletiva estivesse se experimentando, nesse movimento e em outros, como o do Parque Augusta e muitos outros, para o qual carecemos de categorias e parâmetros. Mais

insurreita, mais anônima, mais múltipla, de movimento mais do que de partido, de fluxos mais do que disciplina, de impulso mais do que finalidades, com um poder de convocação incomum, mas também com uma capacidade de organização horizontal, sem que isso garanta nada (PERBART, 2016a, online).

O que se pode garantir é a inflexão. A política já não pode ser mais pensada como antes, o seu campo de atuação amplia-se e outras formas de vidas, distintas daquelas proclamadas e tornadas quase que modelos únicos pela mídia, devem ser consideradas. Assim como a sensibilidade da juventude, em que o intolerável está à flor da pele, é visceral e está prenhe de atitudes diante do que aí está.

É preciso minar os espaços com micropolíticas que se rizomatizem e contaiem toda uma rede com ideias que liberem outras subjetividades e possibilidades de ser em grupo.

Criolo e as vozes da favela

No dia 4 de abril de 2014, foi ao ar, pela TV Brasil, o programa Espelho, apresentado por Lázaro Ramos que, naquele episódio, recebeu Criolo, o *rapper* paulista que não mede as palavras para desmascarar certas ilusões difundidas midiaticamente e que defendem a ascensão da Classe C nos governos Lula/Dilma.

Originário do bairro Grajaú, chegou ao rap ainda na adolescência, “achei mágico aquele jogo de palavras” (CRIOLO, 2014, entrevista), e ali permaneceu, pois encontrou um instrumento que diz exatamente o que se vive naquela e noutras áreas periféricas de São Paulo. A entrevista acontece dentro de um barco, nas margens da Represa Billings, zona Sul de São Paulo.

Criolo toca em outros pontos nevrálgicos de nossa história e das desigualdades do país e resalta aspectos aos quais grande parte da população não está atenta ou desconhece, pois não são veiculados nas redes sociais e nas grandes mídias. Há muita força que emerge das periferias.

O *rapper* lista algumas das ações que conhece e que são desenvolvidas por pessoas da comunidade. O *Xemalami*⁴² (Grupo Xeque Mate La Misión), formado por *rappers*, que desenvolve um projeto de xadrez no Grajaú, incluindo as pessoas em

⁴² Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br/maisdireitosmaishumanos/episodio/xemalami-mistura-rap-com-xadrez>>.

torno do rap, do grafite e do xadrez. Também cita o *Imagem*⁴³ (Imagens das margens), coletivo que reúne artistas, ambientalistas e outros integrantes que interagem com as questões das populações que vivem às margens da Represa Billings, e propõe um olhar diferente para as áreas de manancial, que inclui pensar como viver naquele espaço que necessita ser preservado. “São pessoas simples, extremamente talentosas e que fazem coisas ali, emergenciais e sem esquecer que o ser humano é o todo” (CRIOLO, 2013, entrevista).

A Rinha dos MCS⁴⁴, criação do próprio Criolo em parceria com o DJ Dan Dan, em 2006, iniciada na região do Grajaú e, que na atualidade, ganharam outros espaços das periferias e do centro de São Paulo, inclusive na Praça Roosevelt. É uma festa do Hip Hop brasileiro que consiste em reunir MCS e travar as batalhas de improvisação, chamadas de *freestyle*, é um espaço para troca de reunião, aprendizado, trocas de saberes e aperfeiçoamento de suas habilidades. O evento contribui para dar mais visibilidade ao rap nacional e já lançou artistas como o Emicida.

Quando, na entrevista, Lázaro Ramos começa a sugerir a emergência da classe C, Criolo argumenta:

O que é a ascensão da Classe C? É tipo o leite que a gente comprava. O leite tipo C? Aí tinha o tipo A, da fazenda? A gente já ficou numa caixinha de novo, entendeu?
 É dinheiro? A ascensão da Classe C é dinheiro?
 Classe C do quê? De nota C? Que você não tirou nem A e nem B?
 Tem que dar um ou dois passinhos para trás.
 A alma flutua. O corpo precisa de alimento. Se não tem leite, a criança chora.
 Dependendo do livro, uma arma você compra pelo décimo desse livro.
 E que ascensão é essa? Alguém nos ajude Lázaro a entender, ou se não, a gente só vai reproduzir o que andam dizendo por aí.
 Mas a gente vê o rosto do nosso povo. E o nosso povo é nota A. A mais.
 (CRIOLO, 2013, entrevista).

Criolo é um crítico ferrenho da história que foi escrita oficialmente sobre o Brasil e sobre a qual é preciso refletir. Por que é que um povo tem que ser classificado? Quais os fundamentos dessas diferentes classes sociais?

Se a menor parte da população é detentora da maior parte dos bens do país e, como donos desses bens ou do capital, visam sempre produzir ou aumentar sua

⁴³ Disponível em: <<http://imagemdamargem.blogspot.com.br>>. .

⁴⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/pg/RinhaDosMcs/about/?ref=page_internal>.

riqueza, o que será da maioria mais pobre? Fome todos sentem, pois o corpo necessita de alimento, mas a realidade do povo não é vista ou sequer sensibiliza os políticos e aqueles que detém o capital. Uma política reparadora de fato das desigualdades sociais do país não distribui apenas uma quantia mensal e promove uma suposta ascensão da classe C, mas cuida para que todos tenham as mesmas oportunidades de educação, saúde, habitação, trabalho e segurança.

Criolo critica a negligência das políticas públicas em relação àquilo que deveria ser o básico para que as populações de todos os lugares do país pudessem ter uma vida aceitável, enquanto os governos estimulam o consumismo e permitem que as taxas de juros e o volume de impostos que somos obrigados a pagar para comprar um carro popular, por exemplo, sejam exorbitantes e com mensalidades a perder de vista. Ele desabafa,

As pessoas me oferecem um carro popular que quase 50% do valor dele é de imposto e você tem que pagar em 8 anos. Que carro popular é esse, pelo amor de Deus? Que população é essa?

O sonho da casa própria em 320 meses, aí quando cai uma linha de crédito, o cara sabe que a gente está lascado, querendo uma casa e triplica o valor da casa porque sabe da linha de crédito. Aí está esse escambau todo, esse efeito dominó nesse universo imobiliário, essa especulação toda.

Que classe é essa então? Quem está ganhando nota C, D ou E nessa fita aí?

Porque o povo é trabalhador, o povo quer comprar sua casa, quer levar dignidade para dentro de casa e os caras ficam se aproveitando da desgraça alheia.

Sempre foi assim!

Porque se não, meu amigo, saúde não seria comércio. Tem que falar algumas coisas. Saúde não seria comércio!

Quer roubar, roube em tudo meu, mas não roube em saúde, não roube em educação [...]

Mas o que eu quero é que todo mundo seja feliz. Não tem problema algum você ter 5 refeições ao dia, ou 6. Pra mim isso não tem problema nenhum. O grande problema é o nosso povo, a maioria não tem nenhuma refeição no dia e ainda se sente culpada.

Mas vamos, então, voltar a ascensão da classe C. Alguém pode tentar me ajudar a entender isso? Porque realmente eu sou muito ignorante e peço desculpas pela minha ignorância.

E é fogo conviver com a minha ignorância, a minha idiotice todos os dias pela manhã. Aí imagina quando você vai juntando com as dos outros.

Se alguém puder nos acudir Lázaro, porque a gente fez uma curvinha na estatística, nego! É um milagre das artes você estar aqui. E tantos outros nomes de pessoas que vieram de luta. E que muitas das pessoas que nos amam, achavam que não íamos passar dos 25 anos de idade. E a gente está falando de morte matada e não de morte da alma, mas a morte desse físico, porque pra alma eles não estão ligando realmente.

A mão que segura o chicote, ela não é invisível e ela só vai dando tempo pra gente, pra ver como é que a gente se relaciona com essa frigideira quente. Na hora que eles falarem “calem a boca desses meninos”, eles vão calar a nossa boca. (CRIOLO, 2014, entrevista).

Criolo faz referência ao neoliberalismo que se impõe sobre a população, criando fantasias de que vida com qualidade é uma vida em que se acumulam bens materiais a juros elevados, como carro e casa própria.

Da mesma maneira, põe em pauta questões como o racismo. Afirma, com base nas estatísticas de vida de um jovem negro na periferia de uma grande cidade, que ele e o próprio Lázaro Ramos são exceções, pois estão no mundo das artes, mas a grande maioria dos jovens negros não conta com a mesma possibilidade e tem uma expectativa de vida muito baixa.

Em matéria da revista Carta Capital, *Atlas da violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas*, Caroline Oliveira (2017) apresenta os números do Atlas da violência 2017, elaborado e divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Nele, Oliveira afirma que,

[...] de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência (OLIVEIRA, 2017, online).

O desabafo de Criolo com o entrevistador, pedindo que alguém lhes ajude a entender, virou meme nas redes sociais e, sagaz, Criolo compôs a música *Cartão de visita*, em que o bordão aparece.

Cartão de visita

Criolo

Acende o incenso de mirra francesa
Algodão fio 600, toalha de mesa
Elegância no trato é o bolo da cereja
Guardanapos gold, agradável surpresa
Pra se sentir bem com seus convidados
Carros importados garantindo o traslado
Blindados, seguranças fardados
De terno Armani, Louboutin os sapatos
Temos de galão Dom Pérignon
Veuve Clicquot pra lavar suas mãos

E pra seu cachorro de estimação
Garantimos um potinho com pouco de Chandon
MC Lon tá portando o VIP
Thássia tem um blog de fina estirpe
Pra dar um clima cult te ofereço de brinde
Imãs de geladeira com Sartre e Nietzsche
Glitter, glamour, La Maison Creole

O sistema exige perfil de TV
 Desculpa se não me apresentei a você
 Esse é meu cartão, trabalho no buffet

Acha que tá mamão, tá bom, tá uma festa
 Menino no farol cê humilha e detesta
 Acha que tá bom, né não, nem te afeta
 Parcela no cartão essa gente indigesta
 (Nem tudo que brilha é relíquia, nem jóia)

Governo estimula e o consumo acontece
 Mamãe de todo mal e a ignorância só cresce
 FGV, me ajude nessa prece
 O salário mínimo com base no DIEESE
 Em frente a shoppin' marcar rolêzins
 Debater sobre cotas, copas e afins
 O opressor é omissos e o sistema é cupim
 E se eu não existo, por que cobras de mim?

O mamão papaya cassis
 Rum com sorvete de bis
 Patrício gosta e quem não quer ser feliz?
 Pra garantir o padê dão até o edi
 Era tudo mentira, sonhei pra valer
 Com você, eu ali, nós dois, cê vê tê
 A alma flutua, leite a criança quer beber
 Lázaro, alguém nos ajude a entender

Acha que tá mamão, tá bom, tá uma festa
 Menino no farol cê humilha e detesta
 Acha que tá bom, né não, nem te afeta
 Parcela no cartão essa gente indigesta
 (Nem tudo que brilha é relíquia, nem jóia)

Acha que tá bom
 Acha que tá mamão
 Acha que tá bom
 Acha que tá mamão
 Acha que tá bom
 Acha que tá mamão
 Acha que tá bom
 Acha que tá mamão

Encontros com os quatro cavalheiros: diálogos marginais

Para tensionar as questões apresentadas anteriormente e, principalmente, com o intuito de pensar resistências às táticas políticas com as quais nos deparamos cotidianamente, em que os discursos de grande parte dos políticos – carregados de moralismos, autoritarismos e fascismos – e completamente descolados de suas práticas corruptas, ao aceitarem as negociatas por cargos ou mesmo grandes somas de dinheiro para votar em certos projetos ou recusarem as acusações que vêm pesando sobre o presidente do país, promovi encontros ficcionais com quatro

jovens doutores em educação, pesquisadores e atuantes no ensino técnico e superior que terão – juntamente a outros que, assim como eu, problematizam questões caras para a contemporaneidade –, um papel político fundamental no enfrentamento desse panorama que está sendo pintado de cinza⁴⁵, como canta Marisa Monte ao denunciar, no Rio de Janeiro, o apagamento da arte-poesia do Profeta Gentileza.

Gentileza

Marisa Monte

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro ficou coberta de tinta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é um circo
Amor palavra que liberta
Já dizia um profeta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca
Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é um circo
Amor palavra que liberta
Já dizia o profeta

Caberá a nós, pesquisadores e pesquisadoras, utilizarmos a criatividade e, com pincéis multicoloridos, fazermos a reescrita das mensagens de Gentileza no cotidiano, promovendo resistências a essas truculências que estão crescendo como pragas no campo político e social, e ainda, pensar novas estratégias para os enfrentamentos na educação.

⁴⁵ Não apenas no sentido metafórico, mas no sentido real, com ações como as do prefeito João Dória (PSDB), em São Paulo, que mandou apagar com tinta cinza, todos os grafites das principais vias da cidade, como se pode ler na página da UOL Notícias, de 14/01/2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/14/doria-manda-apagar-grafites-dos-arcos-do-janio-e-da-av-23-de-maio.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

Primeiro encontro: Rodrigo Barchi, minoridades e resistência

O primeiro encontro realizado foi com o professor Rodrigo Barchi que, como eu, reside em Sorocaba/SP, trabalha em uma escola particular e também em duas instituições de ensino superior da cidade.

Encontrei Rodrigo no jardim de sua casa, podando as plantas e esbravejando por ter deixado um pé de cacto ter crescido tanto. Seus cães estavam por ali, pareciam interessados nos movimentos que ele fazia.

No entanto, seus movimentos, no jardim, se mostravam muito mais sensíveis do que ele demonstra no seu cotidiano, não que não seja sensível, mas sua veia *hardcore*, que vem de sua história pelos mundos do *underground*, desde a adolescência, lhe dá uma energia eletrizante e um vigor que faz suas aulas – pelo menos as que pude acompanhar – ter um ritmo de embate constante com tudo o que aí está, política, pedagógica e socialmente falando, e suas provocações parecem como socos no estômago dos que o ouvem e ousam se abrir para o debate.

Nosso diálogo começa exatamente por aí, ele conta sobre suas idas e vindas no mundo *underground* e a importância desse movimento para sua formação e o pensamento que vem defendendo.

Nessas idas e vindas dentro do *underground*, havia uma série de conhecimentos, sentidos de mundo, amizades, modos de fazer e interesses que não faziam parte do que a escola me ensinava, do que a família sugeria, do que a igreja impunha, e do que a televisão, o rádio e os jornais veiculavam. A ecologia que o metal e o *punk*, em suas composições, nas imagens das capas e nos materiais de divulgação, e nas trocas de ideias em shows, gigs⁴⁶ e encontros de bandas, era uma ecologia outra, submundana, barulhenta, satânica, perversa, inversa, menor (BARCHI, 2016, p. 20).

Ou seja, Rodrigo traz algumas pistas de como foi construir a sua tese de doutorado em educação, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que não seguiu ideias estereotipadas sobre educação e educação ambiental, aquelas que vêm descritas em documentos e manuais para os professores como práticas e

⁴⁶ De acordo com Barchi (2016, p. 19), gigs são “encontros e apresentações de bandas punks, hardcore e grindcore, de tendência libertária, que também envolvia as trocas de K7, LPs, CDs, camisetas, livros e fanzines”.

condutas de responsabilidade dos cidadãos. Foi a partir de leituras marginais, de movimentos dos quais participava que poderia evidenciar a potência do universo *underground* para mobilizar outros pensamentos e exercícios de resistências entre educação e meio ambiente.

Ele diz que a ideia é se contrapor à

[...] educação contemporânea, construída e estabelecida sob o manto das políticas públicas, que determinam os processos, conteúdos, técnicas, espaços, tempos, materiais, objetivos e meios educativos, impede cada vez mais de se abrir ao desconhecido, à experiência e à impossibilidade (BARCHI, 2016, p. 22).

Sua pesquisa traz à cena os discursos e as produções das capas dos álbuns de bandas de *havy metal*, *death metal*, *hardcore* e *grindcore*, analisando que relações essas produções podem apresentar entre educação e ecologia que não se fixam em discursos oficiais e normatizadores de práticas difundidas nos cotidianos escolares, mas que funcionam como resistências àquelas, invertendo-as.

Rodrigo expõe que,

[...] a proposta [...] é pensar esses movimentos como políticos, pois, até onde se pensava que havia somente o grito, o barulho, o chiado, a sujeira e a confusão visual e sonora, existem ações e discursos ecológicos e processos educacionais que não são compreendidos como tal por aquilo que podemos chamar como Educação Ambiental, e por isso mesmo mantém a energia de suas iniciativas (BARCHI, 2016, p. 32).

Embasado em teóricos como Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari, Rancière e Paulo Freire, Rodrigo faz uma discussão conceitual bastante profunda para provocar a força resistente e extrema dos movimentos *underground*.

Enquanto ajudo-o a colocar o adubo orgânico preparado por ele mesmo, em uma composteira caseira, pergunto sobre o que é preciso para ser um resistente a essas políticas e aos modos de vida que aí estão. Ele franze a testa, como sempre faz nas aulas⁴⁷, e diz:

É preciso escapar da animalidade presente em cada um de nós humanos se inserindo no barulho da vida cotidiana que nos impede de imergirmos

⁴⁷ Fui estagiário das disciplinas Introdução à Teoria do Currículo, no curso de Pedagogia da Faculdade de Sorocaba e Geografia dos Problemas Brasileiros, no curso de Geografia da Universidade de Sorocaba (Uniso), ambas oferecidas pelo professor Rodrigo Barchi. O estágio é requisito da Bolsa Prosuc/Capes.

demais sobre como se constrói o ser humano além do que se diz na religião, no pensamento institucional estatal e na ciência (BARCHI, 2016, p. 117).

Ou seja, devemos investir em outras sonoridades e em nós mesmos, para que, de fato, cada um possa pensar o sujeito que se tornou e não prolongue a miséria humana de assimilação e homogeneização aos sistemas. Rodrigo complementa sua ideia ao falar sobre o processo educativo a partir da leitura de Paulo Freire:

Ao insistir que uma educação não se faz sem a presença do conhecimento do outro, ou seja, do aluno, do educando, do oprimido, a proposta freireana sugere, se alinha a uma noção de resistência insubmissa no que diz respeito não a negação da verdade do outro, mas a presença das diversas verdades. As quais, coextensivas entre si, contribuirão para a compreensão e leitura de mundo, construídas na dinâmica educacional.

Ao construir uma pedagogia do oprimido, e na insistência em dar ao oprimido a possibilidade e a chance de se pensar e se enxergar como tal, Freire propõe um exercício de resistência que busca inverter a lógica da educação como um processo de imposição de saberes maiores, de normalização, hegemonização, submissão incontestante a certos tipos de conduta e a uma lógica policial de convívio social (BARCHI, 2016, p. 181).

Assim, enquanto vai misturando o adubo com a terra, remexendo-a, Rodrigo comenta que a noção de minoridade lhe é muito cara. Essa noção vem dos estudos de Deleuze e Guattari sobre a literatura de Kafka⁴⁸ que, ao ser deslocada para a educação (GALLO, 2003), pode favorecer uma revolução micropolítica, já que investir na educação menor é ir além do que propõe a educação maior⁴⁹, é mesmo uma prática pedagógica de militância no cotidiano escolar. Rodrigo comenta,

O professor militante é um agitador coletivo, e um potencializador dos indivíduos, sem necessariamente anunciar uma verdade soberana e unívoca sobre esses indivíduos. O professor militante não quer mobilizar multidões uniformes, mas sua ação possibilita o movimento disforme dos enxames múltiplos, permeados de diferenças e singularidades, as quais sejam as mais difíceis possíveis de serem cooptadas, absorvidas e assimiladas. (BARCHI, 2016, p. 186)

Em seguida, completa:

⁴⁸ Ver tese de Barchi (2016), capítulo 9. *Ecologia e educação sobre o primado das resistências*.

⁴⁹ Em minha dissertação de mestrado, faço uma breve discussão das ideias de educação maior e educação menor, a partir de Sílvio Gallo. Ver em Proença (2009), capítulo 4. *Escola, cotidiano e (homo)sexualidade*.

Educação menor como fazer político. Fazer político como ação cotidiana, rizomática, fragmentada, segmentada, que não está interessada em se integrar a uma fictícia noção de totalidade na educação, mas um fazer micropolítico, instigado pela revolta, pela insubmissão, pela rebeldia, pela indignação. Aliás, já sugeria Paulo Freire que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o caráter formador da educação (BARCHI, 2016, p. 187).

Quase no final da sua empreitada pelo jardim, Rodrigo me conta sobre as possibilidades que as bandas que pesquisou, por estarem num movimento de contracultura, têm no sentido de apresentar alternativas educativas e ecológicas ao que está instituído.

Quando conjuntos como Agathocles, Napalm Death e Nuclear Assault, e mais recentemente as garotas brasileiras do *thrash metal* da banda Nervosa, atacam o “inquestionável” status da ciência moderna, principalmente a respeito das questões ligadas, por exemplo, ao uso da energia nuclear e à ampliação da capacidade humana de retirada e transformação de recursos, para atender ao aumento da demanda de consumo, estes grupos não fazem somente uma mera crítica às sociedades predatórias contemporâneas. Estão promovendo uma série de outros saberes que se formam a partir da reação ao exercício do poder promovido pelas empresas e pelas instituições estatais, baseados em resistências ao discurso oficialista da ciência como promotora do desenvolvimento e do bem estar (BARCHI, 2016, p. 296).

Tais práticas resistentes e de denúncia, dessas que Rodrigo chama de “ecologias infernais, lincantrópicas e ruidosas”, promovem, no encontro com as educações menores, “exercícios libertários, longe da busca pela plenitude, pela oficialidade, e pelo consenso” (BARCHI, 2016, p. 300).

Segundo encontro: Murilo Moscheta, compromisso ético e político em tramas que tecem amanhã⁵⁰

Conheci o professor Murilo Moscheta no I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política, em Belo Horizonte/MG, no qual participou de uma das mesas e, ao invés de apresentar um texto, como os demais convidados, ele

⁵⁰ Em sua tese, Moscheta (2011) utiliza os versos de João Cabral de Melo Neto antes de fazer os agradecimentos, e mais adiante acrescenta uma nota explicando a capa da tese: “Na trama quero reafirmar minha aposta de que nestes encontros podemos tecer um amanhã inclusivo. Um amanhã, que na metáfora de João Cabral de Melo Neto, se tece entre todos e que se ergue como tenda para todos”.

deixou a maioria dos presentes de boca aberta ao apresentar a performance *Não tem volta*⁵¹.

Nosso encontro aconteceu ao acaso, num bar próximo da PUC-Minas, depois de findo o simpósio. Ao nos cruzarmos para usar o banheiro, o abordei e agradei pela instigante apresentação e, como profissional da educação, também tenho como objetivo ético fazer o que puder para criar resistências e enfrentar com indignação a corrupção e as propostas políticas nos diferentes níveis de governos, que vem reduzindo direitos trabalhista, congelando investimentos na saúde e educação, alterando decreto sobre trabalho escravo, que afeta de maneira rápida a população.

Murilo agradeceu e tivemos uma breve mas importante conversa sobre nossas pesquisas e atuação no campo da educação.

Contei-lhe que, em 2015, estava fazendo o estágio de doutorado em Barcelona, Espanha, mas acompanhei todas as questões de violência e falta de diálogo com os professores e professoras no Paraná, assim como todo o debate que ocorreu em torno da retirada da discussão das questões de gênero dos planos municipais e estaduais de educação, para o qual a bancada evangélica unida com os representantes católicos criaram a “ideologia de gênero”, distorcendo totalmente as reivindicações dos grupos voltados aos estudos dessas questões, como o movimento LGTB, as feministas e diferentes pesquisadores.

E ele me responde repetindo uma das partes de sua apresentação, feita horas antes: “cresce no Brasil uma forma de ódio e violência que se promove como nacionalismo, mas que não abre mão da distribuição, sempre injusta, de privilégios” (MOSCHETA, 2016, palestra).

Fiquei curioso em saber de onde vem toda essa energia vibrante que nos arrebatava e contagia a querer também, como ele diz, ao concluir a sua fala, no simpósio: “o que eu mais gostava ao fim de cada aula era o sentimento de indignação e a vontade de mudar o mundo que predominava em mim” (MOSCHETA, 2016, palestra).

Então, Murilo contou-me sobre seu doutorado em Ciências, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, na Universidade de São Paulo (USP), no qual defendeu a responsividade – “um elemento inerente e espontâneo da interação humana” (MOSCHETA, 2011, p. 154) – como possibilidade

⁵¹ Ver o caderno *Outras viagens: idas e vindas do pesquisador no cotidiano*.

de um estreitamento e qualificação do atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) à população LBGT. Ele explica:

O que apresento [...] são três narrativas elaboradas com a finalidade de produzir três campos de inteligibilidade. Na primeira delas, construo um percurso histórico que tem por objetivo salientar um modo específico de conceber a interface população LBGT x assistência em saúde. Em minha descrição, a população LBGT é apresentada como estigmatizada e excluída e as práticas em saúde como insuficientes. Assim, produzo o argumento da necessidade de investimentos na transformação deste campo.

Na segunda narrativa, procuro articulações dentro dos discursos científicos no intuito de situar o meu modo de investigação no interior de uma comunidade científica. Finalmente, na terceira narrativa, elaboro uma história (ou histórias) que tem a finalidade de gerar recursos para a qualificação das práticas em saúde no sentido da inclusão da população LBGT e da superação de preconceitos instituídos. (MOSCHETA, 2011, Apresentação).

Falou sobre seu compromisso ético-político em fazer as escolhas para a condução do trabalho e de como a sua própria trajetória foi importante para essas escolhas.

Para mim, como para muitos homens gays da minha geração, a Aids sempre foi um elemento com o qual tivemos que dialogar no vir-a-ser da adolescência. Um diálogo que se dava em várias formas: na morte de nossos cantores favoritos; nos cartazes que passaram a povoar os bares e clubes; no interminável tempo que separava o dia do exame do dia do resultado; na desconfiança, culpa e temor que se insinuavam nas brechas da descoberta da sexualidade ou na notícia do diagnóstico positivo de um amigo...

No meu caso, o diálogo se estendeu para o trabalho. Tornar-me psicólogo e pesquisador aproximou-me da possibilidade de relacionar-me com o fenômeno Aids a partir de um lugar ativo, calcado no entendimento de que a preocupação com vírus pertencia-nos enquanto comunidade, estivéssemos infectados ou não. Foi o tempo de descobrir que diante da face terrível da doença, homens e mulheres costumavam uma trama forte de solidariedade e militância. Fazer parte desta trama era para mim a possibilidade de participar do vir-a-ser de uma história coletiva (MOSCHETA, 2011, p. 42).

Não querendo atrapalhar ainda mais seu encontro com os amigos e amigas do simpósio, quis saber sobre o uso que fez de diferentes estilos de escrita. E Murilo, com simpatia e calma, me explica:

Se considerarmos a dimensão ética da pesquisa, o uso de diferentes estilos de escrita [...] cumpre também com a função de tentar expandir os possíveis públicos. É na possibilidade de ser lido e de buscar diferentes engajamentos com diferentes leitores que o texto desta pesquisa pode ampliar suas possibilidades generativas. Dialogar com a comunidade científica demanda que eu ajuste meu estilo de narrar de modo a ser sensível às convenções desta comunidade. Dialogar com os trabalhadores dos serviços de saúde

demanda que minha narrativa seja evocativa, inspiradora e prática. Dialogar com a população LGBT implica em situar-me próximo, não como um “outro”, mas como alguém que também usufrui dos serviços de saúde em condições semelhantes (MOSCHETA, 2011, p. 97).

E continua a ressaltar que seu investimento é para provocar melhorias para a vida daqueles que estão, no caso da pesquisa, utilizando o serviço público de saúde, mas também para os que estão envolvidos no cotidiano em oferecer bem esse serviço. E, para encerrar, ele completa:

Sem perder de vista o endereçamento deste trabalho a uma comunidade científica, convido o leitor a tomá-lo sob uma modalidade de apreciação pragmática, ou seja, seu valor está (ou não está) naquilo que ele oferece como recurso que possibilita mudanças [...] Segundo essa proposta pragmática, uma pesquisa deve ser avaliada pelo propósito e pelo potencial em transformar cenários sociais. Sem dúvida, o que é tomado como cenário desejável é relativo e mutável o que coloca o próprio critério em um plano relativo. Assim, tomo também como critério de qualificação do trabalho científico a clareza com que o autor apresenta o cenário que definiu como desejável. É no esforço de tornar claro para o leitor quais são as contribuições que desejo fazer, que posso me apresentar situado historicamente, socialmente e politicamente. Na medida em que faço esta apresentação, construo o terreno para que os leitores questionem e se posicionem em relação aos meus anseios enquanto pesquisador, e neste sentido acredito não favorecer que a pesquisa seja alçada a um patamar de conhecimento absoluto (MOSCHETA, 2011, p. 98-99).

Nesse momento, compreendo o porquê da proposta feita aos estudantes de Psicologia, para pesquisar em seu cotidiano mais próximo os marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade e classe social, fotografando propagandas publicitárias pela cidade que apresentem pessoas negras; analisando, nas músicas que ouvem e nas danças, a descrição de homem e mulher que apresentam; organizando um balancete de gastos de uma família que vive com um salário menor que R\$ 2.000,00 por mês e analisando as representações sobre pessoas LGBTs nos programas de televisão.

Agradeço ao Murilo a atenção dispensada nesse breve momento em que nos cruzamos ali, no bar, e volto para a mesa onde estavam reunidos meus amigos, pensando nos fragmentos que ele apresentou dos ensaios produzidos pelos estudantes, que, em sua maioria, puderam refletir sobre como esses marcadores sociais estão impregnados no corpo e na história de cada um e cada uma. Muitas vezes, eles são os definidores do futuro, como bem fala Criolo, quando se refere à expectativa de vida dos jovens negros que residem nas periferias urbanas.

Terceiro encontro: Eduardo Silveira, um corpo múltiplo

Quando entrei na sala-camarim que improvisamos para as crianças se prepararem para as apresentações da *Festa da Família na Escola*, que promovemos anualmente, precisava checar se tudo estava como planejado, porém, me deparei com um sujeito terminando a maquiagem de palhaço. Achei estranho, não tinha nenhum palhaço no meu *script*, então resolvo perguntar.

Mal me aproximo e ele começa a dizer:

Verde Gaia Filho nasce vestindo calças vermelhas, camisa verde e preta com motivos florais, uma sandália de tiras feita de couro, que recobre as meias pretas. O rosto pintado de um verde intenso e o típico nariz vermelho – a menor máscara do mundo – cobrindo seu ser. Ele traz consigo uma sacola sustentável, feita de algodão-cru. Dentro dela, inúmeros apetrechos evidenciam a lógica peculiar do palhaço. São eles que, aos poucos, vão dando vida a Verde Gaia Filho que se apresenta como um revolucionário verde, cujo objetivo é trazer à tona as cinco respostas verdes para a salvação do planeta que ele coletou em suas andanças pelo mundo a partir do encontro com mestres, xamãs, intelectuais, cientistas, etc, etc... A cada objeto que sai da sacola sustentável, cai um pouco mais a convicção de que realmente ele é quem diz ser e mais vai aparecendo a contradição que se enraíza em seu discurso ingenuamente inflamado. A cada objeto que sai da sacola, Verde Gaia Filho apresenta um pouco do seu fracasso, desnuda sua condição contraditória e explicita sua desconcertante capacidade de não saber, de errar. E quanto prazer ele sente nessa condição... Já que essa inépcia que todos veem é o máximo que ele tem a oferecer, ela envolve todo seu ser.

Mal sabe ele que a legitimidade com que exerce seu fracasso é uma arma poderosa, pois nela se instala a potência e intensidade do desconhecido: o outro. É a partir da confusão, torcendo conceitos, suspendendo definições e despindo contradições que, aos poucos, em um espetáculo de quarenta minutos, Verde Gaia Filho torna-se um marginal. Um borrador das precisas margens que a sustentabilidade maior insiste em grafar. Isso porque, ao ser palhaço, ele se constitui como multiplicidade, nunca cessa de tornar-se outro (SILVEIRA, 2014a, p. 1063-1064).

Achei que esse tal de palhaço Verde Gaia Filho não ia parar de falar nunca, minha cabeça ficou confusa, como pode um palhaço marginal?

Só após essa surpresa, ele se apresenta como Eduardo Silveira, o professor de biologia, artista e palhaço, que trabalha no Instituto Federal de Santa Catarina.

Ele me explica que, como estava passando por ali, e sabendo do evento da escola, resolveu dar uma “palhinha” para a gente, o que me deixou animado, ter um sujeito tão múltiplo assim na nossa festa seria muito bom.

Como temos alguns minutos antes do início das apresentações, sento ao seu lado, puxo uma conversa, contando-lhe que, em outra escola, já havia sido palhaço

também, e que gostara da experiência, mas achava que não tinha tino para o improviso. Mas ele não, pois até sua tese havia sido pensada como uma experiência de improvisação teatral, que não ficasse apenas na teoria. Uma pesquimprovisação.

Eduardo sorri e me diz:

O texto (da tese) constitui-se por múltiplas escrituras experimentais que nada mais são do que potentes improvisações mobilizadas pelo questionamento que lancei de início. E se elas são potentes é justamente porque têm por base o corpo em prontidão, capaz de “fazer surgir”. Nesse “fazer surgir”, a improvisação, através do corpo, irradia-se pluralmente, transgressivamente e interdisciplinarmente. Continuamente ela cria e recria múltiplas disciplinas novas. Torce e retorce cada uma delas, estabelecendo conexões esdrúxulas e inaceitáveis; caminhos inexistentes e impensáveis. Gambiarras! Constante desequilíbrio (SILVEIRA, 2014b, p. 31).

Conto-lhe que para mim foi uma experiência prazerosa, de surpresa e inspiração, ler seus textos, principalmente a tese, que se apresenta de forma criativa, não linear, escorrendo pelas folhas, em poéticas e escrituração que não tem a função de analisar ou explicar, mas, sim, descrever um processo. E ele conclui:

O que mobiliza a expressão dessa tese de pesquimprovisação [...] surge justamente do meu corpo e diz respeito às minhas experiências práticas como professor e biólogo através da improvisação teatral e do palhaço (SILVEIRA, 2014b, p. 39).

Como ele toca no assunto, peço que me fale sobre o professor e o biólogo, uma aventura que eu até pensei em seguir, mas, no final das contas, a Geografia me arrebatou de vez. Eduardo, em contrapartida, fala de sua dificuldade com o campo e que talvez Verde Gaia Filho tenha lhe mostrado suas fragilidades e resistências.

Aos poucos passei a perceber que Verde Gaia Filho não era somente uma ideia, mas que ele de fato relacionava-se comigo. Eu via em suas contradições sustentáveis as minhas próprias limitações em relação a ser biólogo e ensinar biologia. Verde Gaia era a expressão da minha fragilidade e resistência em relação ao retorno para o ensino da biologia. Nunca me senti confortável com esse outro: ser biólogo. Sempre tentei encontrar-me na biologia, em alguma de suas variadas áreas. Experimentei laboratórios botânicos, fisiológicos, zoológicos, trabalhos em campo, mas nunca encontrei algo que me motivasse a continuar. A biologia, para mim, foi passagem e definiu mais uma conduta e postura em relação ao mundo do que uma profissão de fato. Foi, portanto, com dificuldade que retornei a ela quando me tornei professor de biologia do IFSC. Embora o fato de ser professor seja uma motivação, ensinar biologia traz também uma tensão e preocupação em novamente lidar com esse outro: sou biólogo? [...] Meu olhar para a biologia é vazio de certezas (SILVEIRA, 2014b, p. 316).

E como é então, na prática, ser um professor de biologia no IFSC?

Decidi despertar Gaia Verde Filho que já havia despertado em mim e convidá-lo a vivenciar o espaço onde senti por bastante tempo aflorarem dolorosamente meus paradoxos: a escola. O Instituto Federal de Santa Catarina onde trabalho como professor de biologia. Eu manifestaria abertamente meus paradoxos em ser biólogo, professor e palhaço, através de Verde Gaia Filho como um elogio à multiplicidade que me constitui. Ele seria o meu manifesto. Através dele eu apresentaria a minha condição ambígua naquele espaço (SILVEIRA, 2014b, p. 316).

Mas, apesar dessa ambiguidade, ao ler a experiência que proporcionou aos estudantes, de promover encontros com Riobaldo e as biodiversidades, pareceu-me criativa e muito interessante. Essa leitura me fez recordar dos encontros que ensaiei, timidamente, com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, na rede estadual de educação de São Paulo, quando estava em sala de aula.

São singelos textos (contos, crônicas, poesias) resultantes de propostas pedagógicas experimentais e inusitadas que realizei em diferentes turmas durante os anos de 2014 e 2015, a partir da temática: “a diversidade de invertebrados”. São esses textos que ganham destaque ao evidenciar outra relação com a biologia. Transgredindo suas margens precisas a partir do potente encontro com a literatura, estas experiências, para além da busca pelo rigor científico do conhecimento biológico, propõem a aventura literária e a invenção. A busca daquilo que na biologia ainda não existe. Ou se deixou esquecer: a abertura a gênese de novos olhares, novas paisagens. Menos exatas e mais múltiplas. [...] Uma biologia mais proseável e menos preocupada à credulidade da ciência e mais disponível à prosa desocupada. (SILVEIRA, 2015, p. 33).

Como já está quase na hora de começarmos as apresentações, comento sobre a carta que encerra a sua pesquisa, uma carta ao palhaço Verde Gaia Filho, e que dá um arremate especial ao belo trabalho realizado. Eduardo cita algumas partes dela:

Verde Gaia [...] é o autor-leitor primeiro de todas as aprendizagens [...] narradas durante os experimentos que propus(emos). Você sempre esteve presente. Embora enquanto escritura experimental, sua localização precisa situa-se no momento em que decido narrar seu nascimento Verde Gaia Filho, sua presença irradia-se por todo o restante do trabalho. Não pude deixá-lo restrito. Você abriu frestas, provocou fissuras e conseguiu transgredir a pretensa precisão de sua localização enquanto texto. Certamente isso foi possível pela condição ambígua que compartilhamos no corpo, mas o fato é que com uma leitura mais entregue e intensa, consigo vê-lo por todo o texto, por todos os momentos que constituem as escrituras experimentais aqui narradas, por todas as memórias que originaram essas

escrituras. Em alguns momentos sua presença é maior, marcando mais profundamente o texto. Nisso percebo suas brincadeiras textuais que transgridem a pretensa linearidade espacial da escrita e a fazem revolver-se, angular-se, e saltar como uma criança ocupando o espaço da página e brincando livremente. (SILVEIRA, 2014b, p. 375-376)

Infelizmente nosso tempo acaba e as apresentações terão que começar. Agradeço esse breve momento ao lado de Eduardo Silveira, professor, biólogo, artista e palhaço Verde Gaia Filho e nosso dedo de prosa. Subo ao palco e apresento-o ao público. Enquanto inicia sua performance de improvisação palhacesca, fico refletindo sobre a força de sua escrita, de seu trabalho como professor de biologia do IFSC e em sua arte. Penso que temos alguns pontos em comum, quando ele escreve, na carta, por exemplo, sobre a percepção de, em alguns momentos, sentir-se confuso com as escolhas realizadas, mas também ao perceber o resultado próximo a experiências singulares e irrepetíveis, ou seja, se tivéssemos que fazer nossas pesquisas novamente, seguindo a mesma lógica, os mesmo movimentos e procedimentos, nem a dele chegaria ao mesmo lugar, nem a minha seria essa construção que está prestes a se tornar.

Quarto encontro: Thiago Ranniery, *queerizar o currículo e dar pinta no cotidiano escolar*

Em uma das minhas passagens pelo Rio de Janeiro, minha amiga Mirelli Lima, que vive com a mãe no bairro da Glória, e sempre me recebe com carinho e atenção, apresentando-me alguns lugares, a partir de seu olhar para a cidade, que não constam nos guias turísticos, levou-me, dessa vez, para o bar Buraco da Lacreia. O lugar é divertido, há shows caricatos, inclusive com artista global, é possível conhecer pessoas de todas as tribos e, de repente, encontrar o Thiago Ranniery.

Com sua garrafa de água mineral na mão, conversava animadamente com alguns amigos, enquanto eu comentava com a Mirelli que eu precisava conversar com ele.

Sendo a minha amiga aquele tipo de pessoa que não tem timidez alguma, foi logo se aproximando do grupo e dizendo quem eu era e que queria falar com o Thiago.

Devo ter ficado vermelho na hora. Tomei mais um gole da cerveja, cumprimentei todos e expliquei que conhecia o Thiago pela pesquisa realizada em seu doutorado, recomendação do meu orientador Marcos Reigota, e que já havia conversado com ele pelo Facebook.

Thiago me deu um abraço e disse se lembrar de nosso contato via rede social, me perguntou se eu havia transmitido o abraço que ele enviara ao Reigota naquela ocasião. Respondi afirmativamente e já emendei que não poderia deixar passar em branco a oportunidade de parabenizá-lo pessoalmente pela sua pesquisa, que traz uma linguagem, uma metodologia e conceitos extraídos do cotidiano, investigando como as relações entre corpos, gênero e sexualidades podem desarranjar os currículos, ou produzi-los de forma não institucionalizada ou normativa. Problematizar o currículo a partir do debate *queer*. Ficcionalizar o cotidiano.

E Thiago discorre sobre o processo da pesquisa:

Denominar [o] trabalho de aventura da ficção é porque consiste em, quem sabe, a partir dos próprios esquemas de inteligibilidade do pensamento curricular, fazer emergir a possibilidade do seu estranhamento [...] Quando recorro à ficção é, [...] para problematizar que forma de imperialismo de sentidos legisla para si mesmo a produção acadêmica em gênero, sexualidade e educação ao empurrar as vidas que tenho descrito para o signo do irreal. O efeito de ficcionalidade – para usar um eufemismo para ares de incredulidade e desconfiança – que esta pesquisa parece evocar, este recurso a qualificá-la como uma posição hipotética ou imaginária, ao se deslocar como uma interpelação que me convidava a confessar sua “verdade”, não seja outra coisa que não uma insidiosa artimanha de poder (RANNIERY, 2016, p. 15-16).

Em seguida, diz que sua tese é composta por outras tantas teses, na ânsia de responder à questão proposta inicialmente, fala dos materiais que foram chegando e dos caminhos tomados.

Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis é uma tarjeta de apresentação de outras teses, intituladas de *queerizar um currículo* que, sob a força de serem imaginadas constantemente, terminam por não existir. Qualquer um que tenha vivido as longas horas de escrita entre os livros sabe como cada fragmento com o qual se depara parece abrir um novo caminho, que se perde, de repente, depois de um novo encontro (RANNIERY, 2016, p. 15-16).

Comento a respeito da discussão que ele faz entre currículo, performatividade e metodologia *queer*. Conforme ele diz,

Um currículo não é um mero cenário sobre o qual corpos são constituídos, mas um conjunto de cenas de fronteiras emaranhadas que atuam constituindo corpos de formas e maneiras tão ambivalentes quanto complexas. Seria possível dizer que tais corpos tencionam o que é tomado como realidade. Logo, meu foco doravante tem menos a ver com os poderes extraordinariamente normativos que com as relações entre trânsitos de gênero, sexualidade e currículos. Tais relações podem ser eletrizantes. Quando *chegam à escola ao som do bate cabelo*, permitem ver um complexo de relações nas quais currículos realizam, no presente, sonhos, sem que se espere sua realização no futuro (RANNIERY, 2016, p. 25).

Ou seja, a escola ganha outro sentido para esses corpos *bees, pintosas, bichas, fechativas, monas, travas, poc-poc, pão com ovo, barbies, t-deusa, lokas, boys, machinhos, potchas*⁵² (RANNIERY, 2016, p. 63), há uma linguagem que se atualiza e, por isso, possibilita algumas performatividades subversivas ou que não se conformam à norma como um todo.

Não apenas corpos performam pelo discurso; o discurso se produz pelos corpos, constitui-os e continua atuando por eles no momento que é anunciado, de modo que talvez se pense que corpos podem performar livremente, mas esse movimento também é parte da instância de constituição discursiva. A performatividade passa a ser pensada nos modos pelos quais corpos são nomeados antes de entenderem qualquer coisa sobre como normas atuam e os conformam (RANNIERY, 2016, p. 58).

Thiago ressalta, a partir de Butler, que não há como prescrever quais performances de gênero são mais adequadas às normas ou mais subversivas. Ele fala:

Defendo que a teoria da performatividade, quando explorada em suas consequências políticas, permite demonstrar que as práticas pelas quais os corpos se tornam sujeitos, sujeitados às relações de poder nos currículos, também encontram o espaço e o tempo de agência. As operações discursivas normalizadoras dos discursos curriculares não destroem formas de agência; ao contrário, preveem a sua possibilidade. Esses fenômenos imbricam-se graças às relações de poder emergidas na nomatividade. Assumo, pois, que a performatividade descreve tanto os processos de performance de gênero como também os atos pelos quais se tornam inteligíveis, isto é, as condições e possibilidades ontológicas (RANNIERY, 2016, p. 60).

⁵² Gírias do universo LGBT que designam o “tipo” de gay que uma pessoa é. Ranniery (2016, p. 63) problematiza essas palavras como experiências de sexualidade e gênero que estão presentes na escola e outros espaços sociais.

E em relação à metodologia *queer*? Seria ela uma estratégia para desmontar, usando suas palavras, o pensamento curricular marcado por posições muito claras de normatividade?

Metodologia *queer* é uma prática de investigação que privilegia a contestação, as conexões, as relações de corpo a corpo. Se não me dediquei a uma ou mais escolas, não quer dizer que tenha deixado de incursionar por elas. Minha opção esteve em pôr em suspeita a ideia de dentro e fora da escola, aceitando que essa distinção opera, mas deslocando-a para dentro de um quadro que não fizesse sentido [...] a metodologia *queer* insiste na inconstância porque a relação que estabeleço com os sujeitos de pesquisa assume formas que nem sempre poderei explicar ou narrar corretamente – formas que desafiam a versão de que “eu”, “pesquisador”, seja um sujeito autônomo capaz de dar inteligibilidade por meio da escrita. Essa relação não me leva, contudo, à impossibilidade de pesquisa, mas incide como o texto [da] tese é uma tessitura em decomposição. Cada história, sujeito, corpo, narrativa, momento que elegi para trazer o texto mostram como as relações que os tecem desintegram qualquer pretensão de unidade, resistindo a ser subsumido pelo horizonte da escrita (RANNIERY, 2016, p. 43-45).

Quando você narra os encontros com esses personagens/corpos *feitos de plástico, pó e glitter*, chego a pensar que uma outra escola está em vias de acontecer. Outro dia fui a um festival de teatro da escola onde meu sobrinho estuda, a peça em que ele atuou era um fragmento de notícias policiais, em que a violência contra mulheres, gays, negros era o fio condutor. Em uma ou outra cena, apesar de não ter nada de engraçado, as pessoas acabavam rindo, talvez até para não ter que refletir sobre o conteúdo. Na sequência, a professora usou o microfone e tentou argumentar que as cenas não tinham nada para se rir e que era uma realidade a que, ela, como professora, e diretamente ligada ao cotidiano, estava exposta todos os dias. Na sua tese, entendo que os professores também dizem sobre essas questões, por exemplo, quando uma delas prepara a semana de combate à homofobia e lamenta que foi um fracasso, porque os próprios meninos gays, que ela havia pensado em privilegiar, fizeram resistência.

Nas tramas curriculares dos *corpos feitos de plástico, pó e glitter*, “as condutas homossexuais” fazem um retorno perturbador do que a norma engendra, mas não reconhece. Por isso, configuram fissuras produtivas, abrindo uma paisagem de sentimentos paradoxais e ambivalentes. Esses sentimentos não se dirigem para alguém fora da norma que não é incluído como normal, mas apontam como há algo que a normatividade engendra como o qual não consegue lidar quando produz uma política de reconhecimento nas tramas curriculares, denunciando seu factível limite (RANNIERY, 2016, p. 336-337).

E o limite, no caso que exemplifiquei, é que os tais estudantes gays não se reconheciam em tais ações, pois o conteúdo os subjugava, ou, na fala de um dos meninos, “tratam a gente como se fôssemos crianças. Oi? Os gays aqui somos nós!” (RANNIERY, 2016, p. 86). Ou seja, os professores estavam empenhados em criar ações que atendessem a operacionalização da norma, como se isso bastasse para transformar as práticas pedagógicas. E você vai incluindo outras questões, ao longo da pesquisa, como as pegações no banheiro masculino ou em outros lugares da escola ou nas redondezas dela.

Para esses professores e também para os demais profissionais da educação, seria mais fácil se todos os gays de todas as escolas fossem *bichas do bem*, não é?

[...] *bicha do bem* indica como as vidas que passaram por esta tese – que também as inventou, de certa maneira – dependem de manter laços sociais em virtude de serem jogadas em uma socialidade que as escapa, inclusive para enfrentar as múltiplas forças que as desinvestem de vivibilidade. Onde a existência é explicitamente exposta em sua dependência, essas tantas vidas trabalham para poder viver com os outros, gerenciando tarefas diárias da escola ou da casa, lidando com o dinheiro em formas qualificadas como *honestas*, vivendo com a *fofoca*, criando laços para enfrentar essa despossessão que nos constitui.

Ética é sobre a condição de possibilidade para a vida corporal existir. A *bicha do bem* diz desse modo, desta vida imbricada nos currículos. Talvez a ideia de performatividade envolva mesmo uma “preocupação com noções de ir vivendo, sobrevivendo, continuando, que são tarefas corporais do corpo” (BUTLER, 2015a, p. 238-239). Vitalmente, é esta porosidade que se torna um recurso de relação ética, a vulnerabilidade constitutiva – uma porosidade que é corporal – como modo de relação ética (RANNIERY, 2016, p. 346).

Nesse momento, anunciam que o show vai começar, e os amigos do Thiago, que assim como nós estavam numa boa conversa com a Mirelli, que deve ter falado com eles sobre o seu Narrativas Cariocas – tours de história, arte e paisagens⁵³ –, a situação política atual e sobre os *boys magia* cariocas. Agradeço ao Thiago pela atenção, despeço-me e vou até o bar pegar uma cerveja para mim e outra para Mirelli, que já está cavando um lugarzinho no meio da multidão que se espreme para ver o divertido show.

⁵³ Mirelli Lima é graduada em História e “nas ruas”, como escreve em sua página. Decidiu se aventurar pelo mundo do turismo no Rio de Janeiro e desenvolveu um serviço que consiste em acompanhar turistas em trilhas convencionais (pontos turísticos apontados nos famosos guias) e em outras nada convencionais (criadas por sua vivência na Cidade Maravilhosa). Disponível em: <<http://www.narrativascariocas.com.br/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

8 DIÁLOGOS ATRAVESSADORES II: estéticas e poéticas outras para alargar as margens e fazer emergir os subterrâneos



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Mulher

Mc Linn da Quebrada

De noite pelas calçadas
 Andando de esquina em esquina
 Não é homem nem mulher
 É uma trava feminina
 Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios
 Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação
 É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
 Está sempre em desconstrução

Nas ruas pelas surdinas é onde faz o seu salário
 Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário
 Não tem Deus
 Nem pátria amada
 Nem marido
 Nem patrão
 O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário
 Ela é tão singular
 Só se contenta com plurais
 Ela não quer pau
 Ela quer paz

Seu segredo ignorado por todos até pelo espelho (2x)
 Mulher

Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher (4x)

Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há 10 mulheres para cada homem
 E uma mulher é sempre uma mulher
 Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há 10 mulheres para cada homem
 E uma e mais uma e mais uma e mais uma e mais outra mulher
 E outra mulher (4x)

É sempre uma mulher? (4x)

Ela tem cara de mulher
 Ela tem corpo de mulher
 Ela tem jeito
 Tem bunda
 Tem peito
 E o pau de mulher!

Afinal

Ela é feita pra sangrar
 Pra entrar é só cuspir
 E se pagar ela dá para qualquer um
 Mas só se pagar, hein! Que ela dá, viu, para qualquer um

Então eu, eu
 Bato palmas para as travestis que lutam para existir
 E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar
 Bato palmas para as travestis que lutam para existir
 E a cada dia batalhando conquistar o seu direito de
 Viver brilhar e arrasar (8x)

Ela é amapô de carne osso silicone industrial
 Navalha na boca

Calcinha de fio dental

Eu tô correndo de homem
Homem que consome, só come e some
Homem que consome, só come, fodeu e some.

Esse caderno tem por objetivo apresentar diálogos subterrâneos que fui construindo ao longo desse percurso de pesquisa. São diálogos tecidos com algumas produções ou artefatos culturais como as peças teatrais *O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu; Bispo e Agreste*, também busco criar alguma inteligibilidade com alguns personagens da cena musical mais contemporânea, como Linn da Quebrada, As Bahias e Pablo Vittar. Finalmente, convido para um bate-papo, a travesti, Doutora em Crítica Literária pela Unicamp e autora do livro *E se eu fosse puta*, Amara Moira (2016).

O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu

Ao entrar na sala, éramos convidados a nos acomodarmos bem e recebíamos um pequeno cálice de vinho que só deveria ser tomado quando dessem a comanda. Muitos tomaram assim que se sentaram, outros pegaram da mesa e um contra regras lhes pedia que devolvessem, informando que seria servido durante a apresentação.

A peça foi pensada para poucas pessoas, pois a disposição do público não era nas cadeiras convencionais, em frente ao palco, e sim no próprio palco, como se fosse uma igreja: quatro colunas de cadeiras, uma atrás da outra, à frente um altar com velas, o pão, o cálice e um vaso de flores.

Renata entra vestida com um casaco branco estilo sobretudo, carregando uma bolsa. Ela é Jesus, a rainha do céu. Nas escadas, entre as fileiras de poltronas quase vazias, a não ser pelo número a mais de espectadores que entraram, inclusive eu e meus amigos, ela passa a problematizar o quanto as igrejas não a aceitam; quantos templos sagrados lhe fecharam as portas e a querem fora de seus espaços; o quanto sua presença profana aqueles lugares. Ela proclama: “nós nunca nos encontramos em igrejas”, ou seja, para Jesus, o lugar do encontro pode ser na rua, embaixo de uma árvore, na casa, à mesa, até mesmo no quarto.

O formato da peça inverte a noção do próprio público. De espectadores, passamos a fazer parte do espetáculo. Éramos convidados ao entrar no espaço, a participar de uma celebração e, em diversos momentos, a protagonista nos fazia questões, pedia opiniões e nos provocava a refletir e a nos colocarmos no lugar da outra.

A peça foi toda falada no feminino.

Jesus, a rainha do céu discorre sobre o papel feminino nos planos de Deus – que não é Ele, mas sim, Ela – cuja história trataram de modificar. Conta que muitas coisas foram suprimidas da Bíblia a seu respeito. No início de sua pregação, não foram doze apenas os escolhidos, e nem eram apenas homens. Havia homens, e também mulheres, e havia homens que costumavam ser mulheres, e mulheres que costumavam ser homens e outros, ainda, que eram mulheres e homens ao mesmo tempo.

Ela conta que confundiam as pessoas e isso era bom, tanto que na maioria das culturas, há nomes próprios para as trans, como travestis, no Brasil, e não compreende porque, sendo pessoas tão belas como são, sejam relegadas a viver à margem, com atividades definidas como a prostituição.

Jesus vai desafiando atos do cotidiano e apresentando como os papéis de gênero foram sendo construídos. O homem, por exemplo, se intimida por carregar um jarro d'água, porque lhe parece algo do feminino, mas consegue carregar armas de fogo e facas, e são orgulhosos por portar instrumentos que matam. Mas a água, fonte da vida, cabe à mulher carregar, “esse foi sempre o trabalho de uma mulher”.

Antes de iniciar as narrativas das parábolas, Jesus explica que, em momento algum, disse “cuidado com os homossexuais, transexuais, travestis”, mas, “cuidado com os hipócritas, com aqueles que se autoproclamam cheios de bondade e virtudes, pois seus corações estão cheios de ódio”.

Como em um dos evangelhos que compõem a Bíblia, Jesus começa narrando a criação da luz, e indaga sobre a importância de cada um ser luz por onde passa, afinal, foi querido, chamado, preparado, anunciado por um mensageiro à sua mãe, como Ela própria a Maria. Assim, cabe a cada um a salvação e não só a Ela. O problema é que o mundo sempre nos captura e nos torna fascistas e, na maioria das vezes, de nós mesmos. Excluímos e nos deixamos excluir, exploramos e nos deixamos explorar, humilhamos e nos deixamos humilhar.

Nesse momento, o palco todo fica escuro. Um som forte começa a tocar e Renata tira seu vestido, ficando apenas de calcinha fio dental. A cena se reporta ao flagelo de Jesus, julgado e condenado porque ensinou a partilha, defendeu a justiça, cuidou daqueles que nunca eram vistos pelos doutores da lei e governantes.

A platéia está atônita, os olhos mal piscam tentando observar todo o jogo corporal que a atriz desenvolve. Ela sobe as escadas do teatro, por entre as cadeiras e começa a vestir outro figurino. Nesse momento, um senhor que está no palco resolve sair, ele usa uma bengala e, por causa da escuridão da cena, cai, chamando a atenção da atriz, que já havia interagido com ele, pois havia soltado um arrote estrondoso no início da peça. As pessoas riem, mas a cena é tensa. O que estava se passando com ele? Será que não sabia que se tratava daquela peça que estávamos vendo?

Jesus desce, pega um copo para tomar água e oferece para as pessoas. Uma moça, que está sentada logo na primeira fileira, no centro, aceita. Renata usa gírias do mundo das travestis para zombar da menina; aliás, isso acontece o tempo todo e faz com que a tensão que experimentávamos naquele espaço, diminuísse um pouco, para logo em seguida, voltarmos a prender a respiração ao longo das passagens narradas por Jesus.

Na parábola do bom samaritano, ela conta que é uma travesti que ao voltar de sua noite de festa, trabalho ou sofrimento, já bêbada, encontra um ferido, caído na Rua da Consolação. Compadece-se dele e liga para o resgate. O bispo e o policial que passavam por ali, pouco antes da travesti, até o enxergaram, mas não o viram, não foram tocados pelo seu sofrimento pois andavam preocupados demais com seus afazeres e com suas vidas. Ela diz sobre o bispo: “seu coração estava exausto de tanto ódio e discórdia, e ele viu o homem caído e pensou, *deve ser um drogado, fez por merecer, rezo por ele ao chegar em casa*”.

Jesus denuncia a exclusão da mulher com a parábola da samaritana. Ensina que é necessário, para cada um, o encontro consigo mesmo.

Ela critica a busca desenfreada por felicidade, como na parábola do filho pródigo, pois nossa luz interna vai se apagando e a festa celebrada pelo pai, quando da chegada da filha que se havia ido, é o que acontece no Reino dos Céus. Celebrar a vida.

Ao comparar o Reino dos Céus com o grão de mostarda, Jesus encoraja todas a deixar suas luzes internas brilharem para o exterior, mesmo que por isso, possam sofrer insultos, torturas e cusparadas no rosto. Deve-se ter calma – “porque essas coisas acontecem. Mas eu digo: abençoadas sejam se pessoas abusam ou lhes perseguem, pois significa que estão trazendo mudança. E abençoados sejam os que lhes perseguem também, pois o ódio é o único talento que têm, e não vale nada”.

Afirma que uma festa de casamento deve ser a celebração do encontro, da alegria e do prazer – são elementos que inebriam o ser e o fazem extravasar as energias do corpo com a dança, com as expressões corporais, com o sexo.

Ensina, na parábola da mulher adúltera, que nenhum julgamento deve ser feito, apenas a constatação de que ninguém deve condenar ninguém e sim olhar o outro como uma pessoa, afinal, “é aqui que somos crucificadas, aqui é o calvário e as trevas”.

Para finalizar, Jesus partilha o pão e o vinho, e proclama as bem-aventuranças. Nela, são felizes os marginalizados, as travestis, os que apanham, os filhos que não foram amados, porque tampouco os pais tiveram um olhar de amor para si; os que não têm voz e nem vez.

Renata pega sua bolsa e sai por onde entrou.

O público aplaude, ela volta, agradece a presença de todos, apresenta a diretora do espetáculo, Natália Mallo, conta das apresentações e prêmios no exterior e as pessoas continuam, por algum tempo, em seus lugares, afetados pelo que viram e ouviram.

Performances políticas na Parada LGBT: denúncia da violência dos que vêm das margens

A peça reforçou algumas reflexões que eu já vinha fazendo, desde que, em julho de 2015, na 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, a cena de uma trans crucificada, em um dos carros, denunciava as fobias de gênero e as violências contra as pessoas LGBT⁵⁴.

⁵⁴ Segundo estatísticas, proporcionalmente, as trans são as mais vitimizadas. De acordo com a página do Grupo Gay da Bahia, na internet, em 2015, foram 318 assassinatos de LGBT, no Brasil, desse

A cena provocou uma avalanche de críticas, principalmente por parte das igrejas cristãs, como se o forte apelo da manifestação fosse a zombaria, a ofensa e a blasfêmia contra o cristianismo, ou seja, aquilo que está escrito nos Evangelhos não é sequer tema de reflexão pelos que criticaram o ato encenado.

Após a manifestação, a transexual Viviany Baleboni, sofreu uma série de ameaças e, foi inclusive, agredida, verbal e fisicamente, por pessoas que diziam “ser de Deus”. Viviany foi chamada de demônio, abalando alguns deputados católicos e a bancada evangélica do Congresso Nacional que realizaram um protesto no plenário da Câmara contra atos públicos como a parada LGBT e outras manifestações que consideraram ferir a família e a liberdade religiosa, pedindo a sua criminalização.

É interessante o contraste dessas informações, uma vez que os atos contra LGBT, a homotransfobia, como nomeia o Grupo Gay da Bahia, ainda não é tipificado como crime no Brasil. No entanto, não há nenhum movimento de avanço dentro do Congresso Nacional nesse sentido, reafirmando para quem efetivamente grande parte dos congressistas eleitos trabalha; seus grupos de interesse.

Reverberações da peça, lembranças de vivências religiosas em Riversul/SP

Poder ver, ouvir, sentir e me sensibilizar com a performance de Renata Carvalho, a atriz trans, e com a releitura de narrativas bíblicas, tão presentes em minha infância, adolescência e parte da juventude, foi potente e me fez pensar. Em vários momentos me peguei perguntando: por que não? Jesus poderia vir em qualquer sujeito, uma travesti, um homossexual, uma prostituta, um usuário de drogas, uma lésbica, um morador de rua, uma criança abandonada. Jesus deveria ser visto e notado em cada uma.

O texto reverberou em minha cabeça e, conforme a peça avançava mais sentido fazia. Recordava-me das muitas vezes em que, ao trabalhar com grupos de crianças e adolescentes, em Riversul, já havia lido tais parábolas e tentado, minimamente, trazer para o contexto que vivíamos naquela cidade.

montante, 119 eram trans. Ainda de acordo com os dados, uma trans tem 14 vezes mais chances de ser assassinada que um gay e, se comparar com a violência para com trans nos Estados Unidos, as do Brasil, tem 9 vezes mais chances de sofrerem mortes violentas. (GRUPO GAY DA BAHIA, 2016).

Mesmo tendo uma formação mais progressista – participava de grupos ligados a Teologia da Libertação, pertencentes à Igreja Católica –, muitas questões eram mantidas como tabu e, por isso, intocáveis. A sexualidade era uma delas. Cresci cheio de culpas, medos e vergonha por não estar conforme àquilo que era o esperado para mim. A descoberta de minha sexualidade foi um transtorno, creio que para todos é, mas como não tinha com quem conversar, o silêncio produziu marcas que ressoam até hoje.

Durante boa parte do espetáculo o questionamento “por que não?” permaneceu em minha cabeça. Quantas Jesus trans já estiveram entre nós e não foram compreendidas? Quantas ainda não o são? Quantas crucificações diárias são noticiadas pela TV ou vistas ao vivo, enquanto passamos numa praça pública, em nosso cotidiano agitado? O que fazemos? Simplesmente lavamos as mãos? Quantos bem-aventurados já nos procuraram oferecendo suas minoridades para que também compreendamos a força do menor e nós lhes viramos as costas? Quantas pedras atiramos sem sequer pensar nas nossas infinitas e microscópicas ações fascistas de cada dia? Quantas vidas são impedidas de viver plenamente no cotidiano da escola? Quantos julgamentos produzimos e quantas normas disciplinares aplicamos pelo comportamento dos alunos que transbordam em suas experiências cotidianas escolares?

Agreste

Pedro Gomes Lima e Sílvia Lapa Lobo, meus amigos, me chamaram para ver a peça *Agreste*, escrita por Newton Moreno, dirigida por Marco Aurelio e interpretada pelos atores Juan Alba e Paulo Marcello. A temporada, no Teatro de Contêiner, próximo à Estação da Luz, no centro de São Paulo, foi de 23 de junho a 31 de julho de 2017.

Fui sem saber do que se tratava. Pedro havia me contado que já havia visto a peça em outro tempo, que a montagem havia sido premiada e que agora contava com um novo ator.

Fui sem pretensões. Queria que a história me ganhasse ali, ao acontecer para mim.

Era um domingo e decidimos ir mais cedo e para passear por São Paulo. Pedro já estava lá, então iríamos Sílvia e eu para encontrá-lo e almoçarmos juntos. Aproveitamos para ver as novidades em uma livraria, compramos o presente pelo aniversário do Pedro que havia sido no dia anterior e eu fiz algumas compras de livros para a escola. Fizemos hora caminhando pelas lojinhas da Rua Augusta.

Fomos para o Teatro Contêiner faltando pouco mais de uma hora para o início da peça. O lugar chama atenção, fica em frente a um albergue municipal. Nas ruas ao redor há levadas de pessoas perambulando – moradores de rua. Resolvemos colocar o carro num estacionamento e nos dirigimos para o teatro, que é feito de contêineres, aspecto que chama atenção, cuja agenda de atividades é bem diversificada.

Tomamos algo esperando chegar a hora, pois só poderíamos entrar no espaço quando o espetáculo fosse começar. A sessão era para poucos, cerca de 30 pessoas, em razão do tamanho do espaço, e demos sorte de ficar na primeira das três fileiras de cadeiras perfiladas em tabladados, em diferentes níveis. O palco era o centro do espaço, nenhum grande cenário, e dois atores em cena.

Quando começam a falar, minha cabeça parece que vai dar um nó. É poesia pura e eu querendo entender tin tin por tin tin.

Os dois atores em cena são ao mesmo tempo narradores e personagens, que se atravessam, invertem os papéis, cruzam a história emaranhando-nos na poesia.

É o agreste de Pernambuco. Dois jovens se observam de longe, se enamoram e cruzam as cercas dos desejos que os atraem e os separam. “Tinha alguma coisa no amor deles que não devia acontecer” (MORENO, 2004a, p. 97).

Até que, não aguentando mais, eles fogem para outras paragens. Vão para onde os pés conseguem levá-los para viver o seu amor. Quase desvalidos, são salvos por uma senhora que lhes dá água, comida e um canto para ficar. Ali fincam sua morada. “Construíram um casebre. Cercaram com arame, mas para se prender por dentro. Não queriam conhecer os outros, antes de saberem de si” (MORENO, 2004a, p. 98).

Foram se descobrindo aos poucos, sem revelar tudo, porém. “Como marido e mulher, viveram por vinte e dois anos” (MORENO, 2004a, p. 99).

Mas a vida dá voltas e, nessas voltas, ele morre e deixa a desgraçada viúva.

A vizinhança se achegava para velar o defunto. A viúva, sem forças, costurava o terno fúnebre e nem coragem tinha de trocar o corpo inerte do marido para o enterro merecido. “Da mais alta estima” (MORENO, 2004a, p. 99), ele havia trabalhado a vida toda lavrando a terra para pôr o sustento na mesa.

As velhas rezadeiras se prontificam a ajudar e iniciam o ritual com as músicas próprias para o momento. E qual não foi a surpresa ao descobrir que Etevaldo não era ele, e sim ela.

Como notícia assim corre rápido, ainda mais naquele arraial, logo havia uma fila de curiosos querendo comprovar o fato e ver o tal defunto que havia passado a vida inteira como homem. E a falação logo começou: “Elas vieram foi fugida para sujar nosso lugar com essa mundiça” (MORENO, 2004a, p. 101).

O padre também logo veio e tratou de colocar todo mundo para fora. Trancou-se com o defunto (tratando de cobrir suas partes), e a viúva, e começou o interrogatório. “Minha filha, você dormiu com uma mulher”, ao que a viúva respondeu: “Não, seu padre, eu dormi com Etevaldo. E nunca que gostei. Sabia que num devia” (MORENO, 2004a, p. 101).

Na inocência da vida simples que sempre teve, a viúva apenas rogava ao padre para dar a última benção para Etevaldo descansar em paz, mas o sacerdote, mostrando certa piedade, dizia que isso não podia não, afinal, todo o povo já sabia que Etevaldo era mulher, se ainda tudo tivesse acontecido em surdina, bem que um jeito ele havia de dar. Mas agora, era seu dever chamar o bispo na capital.

A pobre viúva bem que tentou. Mas o padre deixou-a sozinha e, nesse momento, ao sentir a forte solidão que a acometeu, cantou algumas orações.

Lá de fora gritos ecoavam: “Belzebu!”, “Filhas do Demo!”, “Mulesta da peste!” (MORENO, 2004a, p. 102).

Na sequência, entra o delegado atirando para o alto para por ordem no alvoroço e, chutando a porta, invade o casebre já intimando a viúva:

A senhora provocou uma desordem nos arredores. Sabe quem eu sou? Num me conhece, não? Pois eu sou o delegado. Vim a mando do Coronel Heráclito, conhece? Conhece, sim. Trabalhou nas terras dele. Foi ele quem lhe deu sustento.

Disseram que a senhora nunca pegou bucho.

Uns até desconfiavam, mas acharam que a fala de seu marido era rala. Coronel num gostou de saber de sua historinha, não (MORENO, 2004a, p. 102-103).

A mando do tal coronel, o delegado sentenciou que, logo após o enterro, a viúva seria enquadrada, mas antes seria marcada como as vacas do rebanho, “para todo mundo saber qual é a tua raça” (MORENO, 2004a, p.103), porém, teria que arranjar, antes, um terreno para enterrar o corpo, pois naquelas terras não poderia ser. Ali, “só esterco bom” (MORENO, 2004a, p. 103).

Após a saída do delegado, “ela se sentia um prato de comida estragada. Uma carniça. Um penico. Um escarro. Uma doença. Um pus. Um cancro. Uma gota. Suja, suja, imunda. E não entendia porque. Não tinha cabeça para entendimentos” (MORENO, 2004a, p. 103).

Nesse momento me perguntei: quantas vezes em minha adolescência não me senti assim também? Quantos corpos são dizimados por dia pela falta de alguém que os acolha, amparem, os olhem como pessoas que são e não gado, monstro, seres abjetos? Fiquei pensando como algumas pessoas se deixam contaminar por suas próprias frustrações, ingenuidade, pelas verdades criadas socialmente e passam a ver maldade em tudo, se sentem no direito de julgar tudo e todos, perdendo a noção de respeito, inclusive pela dor do outro.

Ali, sozinha com o corpo da única pessoa que amou, sem saber sequer o que isso significava, “queria estar com a mãe, queria ter ido no lugar dela quando morreu. Assim como trocava de lugar com Etevaldo agora (MORENO, 2004a, p. 103).

Os gritos continuavam ecoando.

Um grupo velou a madrugada inteira com impropérios, xingamentos, escárnios, maldições, pragas. Criaram um ódio.
Desenterraram a pior parte deles.
Desenterraram as piores palavras da língua.
Nem bem a madrugada se punha, trancaram portas e janelas da casa delas. Envergonharam-se delas. Queriam apagá-las de suas memórias.
Cercaram a casa. Enterravam-nas vivas (MORENO, 2004a, p. 103).

A viúva, vendo as chamas arderem nas paredes, “agradecia a benção de morrer com Etevaldo” (MORENO, 2004a, p. 103).

Era Deus que a ouvira? Acreditou que sim. Havia cantado bonito e Deus atendera seu clamor.

Naquele dia, era a penúltima apresentação da temporada. Ao agradecer a presença do público, os atores colocaram algumas questões que para eles pareciam importantes naquele momento: a urgência de a temática ser mais discutida,

conversada, provocada nos meios sociais e o próprio local onde a peça estava acontecendo. Isso reverberou em mim.

Incomodou-me aquele lugar, as pessoas nas ruas, o estado de caos.

Quantas daquelas pessoas também já haviam sido – ou são constantemente – vítimas de nossos julgamentos morais, religiosos, padronizados dentro de uma normatividade que quer todos iguais (heterossexuais, brancos, empregados, com uma casa, poder de consumo, limpos, sadios)?

Fiquei algum tempo pensando na ingenuidade dessas mulheres, ou seria ignorância mesmo. Senti que era possível uma história assim ser real e talvez isso tenha provocado tanta comoção.

Pensei também no ódio que vem sendo explicitamente manifestado, estamos vendo ou vivendo o que há de pior do ser humano. Ninguém mais quer ouvir o outro, apenas a si mesmo, e as angústias são exteriorizadas em forma de agressões verbais e até físicas. Não há conversa, não há aprofundamento de ideias, apenas o superficial.

Quanto me sentei para escrever esse texto, fui pesquisar algumas referências para me embasar. Em uma notícia da Enciclopédia Itaú Cultural, de 15/01/2004, pude me informar que a peça, montada pela primeira vez em 2004, recebeu os prêmios de Melhor Espetáculo e Melhor Texto pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e também o Prêmio Shell de Melhor Autor. No *Catraca Livre*, de 30/06/2017, encontrei uma informação de que o texto foi baseado em fatos reais.

Então busquei maiores informações e, no texto do autor, Newton Moreno (2004), *Agreste: uma nostalgia das origens. Algumas/rápidas considerações sobre o processo criativo do texto Agreste*, publicado na revista *Sala Preta*, encontrei a descrição de que a peça tem por base memórias que uma amiga lhe contava sobre seu trabalho de orientação das mulheres camponesas/lavradoras do interior de Pernambuco.

A cada retorno à cidade do Recife, contava-me assustada do desconhecimento que essas mulheres tinham de seu corpo, que elas tinham de sua sexualidade, de sua máquina-corpo, do silogismo tortuoso de sua feminilidade. Aterrorizava-a a ignorância que essas mulheres tinham de si. (MORENO, 2004b, p. 93).

Moreno ainda aponta algumas outras influências que considera relevantes para a produção do texto teatral e ressalta a importância de autores nordestinos, que considera como fundadores de uma matriz de literatura nacional.

Nesse sentido, Guimarães Rosa é matriz, João Cabral de Melo Neto é matriz, Graciliano Ramos é matriz. De um se empresta a densidade seca de diálogos e tragédias sertanejas; de outro, a atmosfera precisa do Nordeste e sua devastadora seca; e, de outro, a construção do amor às avessas, a mulher dentro da casca do homem (MORENO, 2004b, p. 95).

Em seguida, o autor traz algumas questões que a personagem, que chama de “drag-king”, traz:

Até onde essas mulheres tinham consciência de seus corpos, de suas cascas e de sua transgressão? Seria de outra ordem esse afeto que vaza os limites da forma? Até onde pode chegar o grau de desinformação do povo no núcleo deste país? (MORENO, 2004b, p. 95).

O texto, as provocações e as questões que nos afetam ao final da peça, e quando saímos de nossos contêineres, são mais atuais e urgentes do que nunca, em um momento em que é possível assistir manifestações nas redes sociais convocando a população ao boicote de marcas de produto de limpeza e beleza⁵⁵, porque ousaram veicular propagandas que defendem uma postura mais libertária na criação das crianças, comunicando que os pais devem valorizar mais a brincadeira do que o brinquedo⁵⁶, ou seja, não devem ficar determinando o tipo de brinquedo, cores e brincadeiras, distinguindo-os como de meninos e de meninas; ou que convidam os pais a repensar o elogio dispensado aos filhos⁵⁷, aludindo principalmente às questões machistas implicadas nos papéis que as meninas e os meninos devem desempenhar socialmente.

São questões urgentes para a nossa contemporaneidade, e acabam suscitando a histeria de uma parte da população que vê nessas provocações, a defesa daquilo que tem chamado de “ideologia de gênero”, que alguns setores mais

⁵⁵ Não estou afirmando com isso que seja a favor de tais marcas e produtos, afinal, essas veiculações estão pautadas em estratégias de marketing e visando lucro e não com o objetivo de implantar uma discussão aprofundada sobre o assunto, mas que também podem suscitar isso, em algumas esferas da sociedade.

⁵⁶ Propaganda do sabão em pó Omo, da Unilever, *Comunicado urgente para pais e mães*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CKqCidMtkY>>. Acesso em: 16 out. 2017.

⁵⁷ Propaganda da empresa Avon, *Repense o elogio*, disponível no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=JB_hOy42g6s Acesso em: 16 out. 2017.

conservadores da sociedade e geralmente ligados as questões religiosas, querem combater de todas as formas. É a partir desses posicionamentos que líderes de movimentos como o Escola Sem Partido e o Movimento Brasil Livre conseguem expandir os seus discursos prontos e vazios de reflexões fundamentadas para manter um *status quo* que interessa ao seu grupo, partido e posicionamento.

É também, a partir desses acontecimentos que precisamos nos posicionar e colocar em jogo a reflexão dos conteúdos de tais propagandas e o uso dessas veiculações de forma descontextualizadas ou invertidas pelos movimentos citados acima. Ou para falar a partir da leitura de Paulo Freire, é preciso investir na práxis, enquanto “reflexão e ação sobre o mundo” (FREIRE, 2017, p. 52), para que em nossos cotidianos, ao superar a “contradição opressor-oprimidos” (FREIRE, 2017, p. 52), ampliemos o sentido de cidadania e sujeitos de nossa história.

Bispo

Acredito que foi no início do ano de 2013 que, ao entrar na sala dos professores, na escola na qual trabalhava, encontrei uma revista *Carta na Escola*, de novembro de 2012, em cima da mesa, junto a outras revistas. Essa em especial trazia em sua capa uma foto do manto bordado de Arthur Bispo do Rosário, e como já havia ouvido algumas informações sobre esse artista brasileiro, acabei pegando essa revista, pois, se ficasse ali, acabaria sendo levada por algum professor para a sala de aula e oferecida aos estudantes para usarem na confecção de trabalho, recortando-a ou dando-lhe outro fim.

Em casa, guardei a revista para um momento em que pudesse ler com calma, momento que demorou a chegar, pois, nesse meio tempo, acabei fazendo uma reforma em casa e todos os livros, revistas e textos que tinha foram guardados em caixas e lá ficaram por um longo tempo. Apenas no final de 2016, quando enfim havia conseguido construir um espaço para os livros e para os estudos, eu reencontrei a revista, deixando-a separada para realizar aquela tão esperada leitura, agora motivado pela mostra *Arthur Bispo do Rosário e Leonilson: os Penélopes*, que havia visitado logo quando retornei de Barcelona, em outubro de 2015, no Sesc Sorocaba.

Mas, no corre-corre cotidiano, acabei mais uma vez deixando a revista à espera, enquanto me preocupava com outras leituras. Até que fiquei sabendo da peça *Bispo*, dirigida e interpretada pelo ator João Miguel, em cartaz no Sesc Bom Retiro, em São Paulo. Não pensei duas vezes quando o Pedro Gomes Lima me convidou para ir com ele.

Ao adentrar o teatro somos afetados pela construção cênica. Fitas, cordas e cordões por todos os lados, tecidos que perpassam o público, um painel composto por um outro tanto de coisas e muitos materiais considerados sucatas, lixo ou inservíveis, encontram-se pendurados ou espalhados nos cantos do palco.

O espetáculo tem início e também nossa reflexão sobre a loucura. Por que essa ideia nos amedronta tanto? Bispo foi excluído do convívio social por muitos anos, vivendo principalmente na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, e transformou o ambiente com suas criações, que dizia ser o inventário para o Dia do Juízo Final.

Usando os fios do uniforme do hospício passou a bordar e criou uma infinidade de peças que viriam a prolongar sua trajetória pelo valor artístico de sua produção.

Toda sua obra consistia numa missão: recriar o mundo para o Dia do juízo Final, portanto, para o dia da passagem que o levaria ao encontro com a morte. Paradoxalmente, Bispo, ao se preparar para a morte, recriava um mundo e reinventava sua vida. Enquanto muitos pacientes do sistema psiquiátrico optaram em abreviar suas vidas cometendo o suicídio, a arte salvou a de Bispo. Ele tinha consciência da importância de sua missão. Chegou a afirmar que, devido a ela, um dia ele seria reconhecido (DANTAS, 2012, p. 43).

Diagnosticado como esquizofrênico paranóico pelos especialistas, ele não cessava de criar a partir de sucatas e outros objetos traficados dentro da instituição psiquiátrica. Bispo nasceu na cidade de Japaratinga, interior de Sergipe, era negro e pobre. No Rio de Janeiro, teve várias ocupações, como fuzileiro da Marinha, lutador de boxe, biscateiro e doméstico.

No *site* oficial do Coletivo Bispo, que fez a montagem do espetáculo, pode-se ler: “a obra do artista plástico Arthur Bispo do Rosário tem hoje uma outra dimensão dentro e fora do universo das artes plásticas. Reconhecido nacional e internacionalmente, o artista e sua obra ocupam agora um espaço afirmativo” (COLETIVO BISPO, 2017, online).

Segundo a professora Marta Dantas (2012), as obras de Bispo evidenciam que, mesmo estando internado, ele nunca esteve alienado do que se passava no mundo. Ela escreve:

[...] durante todo o tempo em que viveu como paciente de instituições psiquiátricas, Bispo manteve contato, nada superficial, com o que chamamos de realidade. É o caso das várias faixas de miss, objetos que, à semelhança de outras (como fichários e dicionários de nomes) apresentam nomes bordados, têm um caráter de listagem, uma das características de sua obra. Cada faixa é dedicada a um país ou a um estado do Brasil [...] esses trabalhos são uma espécie de representação geográfica do mundo. Mundo que Bispo se mantinha informado por meio da leitura das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* (DANTAS, 2012, p. 45-46).

O *Manto da Apresentação* é a peça que mais caracteriza a obra de Bispo, sobre ele, Dantas aponta:

Diferente da maioria dos trabalhos bordados, o *Manto da Apresentação* é caracterizado por uma rica gama de cores. As mãos de Bispo trazem a memória dos movimentos das mãos das bordadeiras de sua cidade natal, Japaratuba, cidade que no passado foi conhecida pela qualidade de seus bordados. Esse manto foi realizado para cobrir o corpo de Bispo no dia da sua passagem. Ele é constituído de um sistema simbólico muito complexo, pois nasceu da influência de elementos da religiosidade católica, da cultura afro e da liberdade carnavalesca pagã, ou seja, dos fragmentos das tradições culturais herdadas pelo artista. O manto é também ressonância e criação de elementos das festividades religiosas e populares brasileiras, nas quais o negro, num momento de êxtase festivo, é coroado e cortejado como rei dos reis; momento de inversão de valores e de condição social, abolição do passado, afrouxamento de si nos movimentos do corpo que dança (DANTAS, 2012, p. 46-47).

Ver o ator João Miguel incorporar um Bispo que une suas próprias memórias como nordestino e militante pela causa antimanicomial foi uma experiência de também mergulhar em minhas memórias afetivas, de pensar a força que há na transcendência da vida, de celebrar o ato criativo, de enfrentar os medos que habitam o meu inconsciente.

Conheci as obras de Leonilson na mostra *Arthur Bispo do Rosário e Leonilson: os Penélopes*, mas, na época, deti-me mais na produção de Bispo, porém, no início de 2017, ao iniciar a leitura da tese de Murilo Moscheta⁵⁸ (2011), encontrei uma referência ao artista em uma nota na qual o pesquisador explica a capa do trabalho, que havia me chamado atenção. Na nota, Moscheta escreve que

⁵⁸ Ver o caderno *Diálogos atravessadores I: do panorama político brasileiro às perspectivas marginais*.

contou com a ajuda da sua mãe para bordar a imagem da capa com tecido utilizado em ataduras. É uma referência ao trabalho de Leonilson que, aos 34 anos, enfrentava os desafios de viver com Aids, ou seja, uma marca também do trabalho realizado por Moscheta na tese que aborda os cuidados do serviço público com a população LGBT.

Mulheres trans na música, literatura e internet

O objetivo desse texto é trazer à cena algumas veiculações midiáticas de mulheres trans que estão alcançando visibilidade a partir de seu trabalho, dessa forma, contribuindo para problematizar questões de gênero, sexualidades e outras pautas que estão em jogo na contemporaneidade, como produção cultural, política, religião e vulnerabilidade, violência e favela.

Quando estava em Barcelona, tive contato com a youtuber Lorelay Fox, uma Drag Queen sorocabana que vinha fazendo sucesso na internet com o Canal Paratudo, no Youtube, sugerida pelo professor João Manuel de Oliveira, de Lisboa, que a havia encontrado dias antes. O primeiro vídeo visto foi *Gays afeminados*⁵⁹, em que a Drag faz uma discussão sobre padrões gays, ou seja, estereótipos que são construídos em todos os círculos sociais, apontando aqueles ditos que ouvimos por aí, “tudo bem você ser gay, mas não seja uma bichona afeminada”, “ah, pode ser gay, mas não queira parecer mulher”, “não fique desmunhecando por aí”, “não tenha voz fina” etc. E Lorelay desconstrói a questão como construção do contemporâneo, inclusive pondo em questão os desejos que são incitados pela mídia. Ser gay afeminado é ser revolucionário. Ela ressalta a importância desses homossexuais que se assumem, com todas as características ditas afeminadas, e vão para as ruas e sofrem violências, mas as enfrentam, abrindo caminhos mesmo para aqueles que vivem dentro de padrões tidos como exemplares, ou seja, os casais gays másculos, de classe média, que possibilita a existência de um nicho de atrações que abarca desde produtos a pacotes de viagem.

Ao final, Lorelay comenta que seria melhor se houvesse menos regras sociais, para que cada um pudesse ser o que quisesse e as diferenças fossem a oportunidade de convívio de fato com o que não é o mesmo. E conclui:

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nSfuXJcbN4Y>>.

Ser diferente do padrão é revolucionário pelo simples gesto de ser quem você é, se orgulhe disso. Amiga você tem calendário na sua casa, você sabe que estamos em pleno século 21, se a gente correr, ainda dá tempo de mudar algumas coisas, principalmente os nossos conceitos do que é ser um ser humano ideal, valorizando mais os sentimentos das pessoas do que as cores, o caráter e não as roupas, valorizando as suas virtudes e não os seus trejeitos (LORELAY FOX, 2015, vídeo).

Em outro vídeo, também disponível no Youtube, *Liberdade de gênero na Música*, da Semana Internacional de Música de São Paulo, ocorrida entre 7 e 11 de dezembro de 2016⁶⁰, há um posicionamento político e muitas questões são levantadas pelas participantes. Raquel Virgínia, travesti negra, diz que não está em evidência pela benevolência do *show business*, mas por pressão e muita luta, não apenas delas. Ressalta também que o enfrentamento é grande, pois estamos no Brasil, um dos países que mais mata travestis do mundo, e ela, Raquel Virgínia e Assucena Assucena, como travestis que estão a frente de uma banda (As Bahias e Cozinha mineira), têm um peso ainda maior.

MC Linn da Quebrada, ao se apresentar, traz outras questões importantes para serem pensadas e debatidas. Primeiro, afirma que seu objetivo nunca foi o de produzir música ou ser cantora, seu interesse sempre se deu como pesquisadora do corpo – ela se dedicava ao teatro –, assim, todos os discursos veiculados sobre questões de gênero e sexualidade, para ela, tem relação com o corpo, mais especificamente o seu próprio corpo. Desse modo, sua história, o lugar de sua fala, suas experiências têm grande relevância, ainda mais quando dizem respeito a ser bicha, preta, trans, de periferia, filha de empregada doméstica. Linn diz que a música possibilitou um outro alcance para as coisas que considera importantes, chegando em pessoas que talvez os outros meios ou linguagens artísticas não alcancem. E a escolha do funk se relaciona com o espaço que ocupa, da marginalização, assim como seu corpo, preto, pobre e transviado. Ela diz:

Para mim o funk ocupa um espaço de poesia. O funk é a poesia da quebrada. Ele é a poesia da favela e o funk conta a história não contada. Ele conta a história que nem ao mesmo vale ser vivida. Ele conta história de pessoas que mereciam ser esquecidas. E mais uma vez, quem são essas pessoas? Quem são essas pessoas que não merecem ter as histórias

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ujbsS62ChI>>. Estavam presentes Liniker, Lineker, MC Linn da Quebrada, Jallo, Raquel Virgínia e Assucena Assucena (essas duas últimas da banda As Bahias e Cozinha mineira). A conversa foi mediada por Djamilia Ribeiro, então Secretária Adjunta de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo.

contadas nas músicas, contadas nos filmes, representadas nos livros? Por isso eu vi no funk a possibilidade de contar a minha história. Isso pode parecer muito egoísta, mas eu falo que ao contar as minhas histórias, eu sinto que eu estou falando de contar a história de muitas outras como eu. De muitos outros que não tiveram a chance de ter os seus afetos representados (MC LINN DA QUEBRADA, 2016, vídeo).

As demais apresentações são tão fortes quanto as primeiras, buscando pontuar o lugar de onde falam, e a importância dessa cena nacional em que, entre 2015 e 2016, destacaram-se várias cantoras negras, trans e marginais.

Assucena Assucena, por exemplo, traz a importância histórica que essas cantoras trans estão inscrevendo, ao lançarem trabalhos permeados pela política, enquanto sujeitos políticos que são. Ela diz que apesar da política não ser o objetivo da banda As Bahias e Cozinha Mineira, ela perpassa a poesia da banda. Ressalta ainda a força de seu trabalho ser lançado em 2015, quase ao mesmo tempo em que Elza Soares (78 anos) lança o disco *A mulher do fim do mundo* e outras, como Karol Conka e MC Soffia (de apenas 11 anos), apresentam trabalhos fortes que dizem sobre a mulher, sobre ser negra, sobre viver na periferia.

Roland Álvarez Chavez, no artigo *Las fallidas transformaciones al interior del movimiento LGBT en el Perú: una interpretación crítica desde la perspectiva interseccional*, publicado na revista *The Postcolonialist*, faz uma averiguação sobre os movimentos LGBTs no Peru e afirma que a ação dos grupos não se traduziu na criação de políticas afirmativas para o país, denunciando a diferença que há no acesso ao trabalho quanto aos marcadores sociais que os personagens LGBTs carregam. As travestis são as que podem encontrar mais opções de empregos em áreas como trabalho sexual, cozinha, salão de beleza e decoração. Ou seja, a violência se iguala a do Brasil em relação aos LGBTs, porém, enquanto aqui há uma ampla agenda, inclusive bastante integrada pelos movimentos de todo o país, apesar das diferenças regionais e necessidades pontuais, no Peru há pouca ou quase nenhuma integração dos movimentos, pelo contrário, Chavez denuncia as constantes disputas pelo poder dentro deles.

Outro artigo interessante para pensar as questões da transexualidade e as possibilidades de conquistar espaços ou sobre as violências sofridas é de Tak Combative, Diane Catalina Hernández, *La voz trans: violencia y resistencia*, publicada na revista *Espacios Transnacionales*. Como trabalho de finalização do curso Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Comunitário Transnacional

(Reletran), Hernández aborda as questões de violência e as resistências das pessoas trans masculinos na cidade de Bogotá, Colômbia, pontuando as dificuldades encontradas para seguir uma história na condição de trans masculino no país, desde as violências institucionais, que inclui a obrigatoriedade, por exemplo, de o trans masculino prestar o serviço militar; as discriminações dentro dos movimentos LGBTs, onde são vistos pelas feministas como traidoras de seu gênero; as questões médicas e psiquiátricas, onde o binarismo de gêneros é fortemente defendido. Porém, há também resistências, e um dos grupos que lutam pelos trans masculinos em Bogotá é o Entre-Tránsito, que atende os casos de vulnerabilidade de direitos, construindo parcerias com outras entidades para a adequação de documentos, por exemplo. O grupo tem espaço em meios de comunicação onde presta um serviço de debate sobre as questões trans, pautadas nos direitos humanos e na cultura de paz, divulgando produções artísticas e acadêmicas. Desenvolvem ainda parcerias com as universidades para produção de conhecimento sobre trans e modos de vidas não normativos, organizam grupos de estudos e oficinas de formação e, ainda, investem na produção de performances e mobilizações artísticas como alternativa para promover transformações do imaginário cultural violento e discriminatório sobre os homens, mulheres e as identidades trans.

A revista *Vogue Brasil* de agosto de 2017 trouxe a matéria *Rainbow Power*, de Rosana Rodini, em que Liniker, Linn da Quebrada, Pablllo Vittar, Gloria Groove, Verónica Valentino, Ivana Wonder, Lia Clark, Candy Mel e as Bahias, Raquel Virgínia e Assucena Assucena aparecem com roupas da Gucci,

[...] primeira marca de luxo a tornar-se membro da Parks – Liberi e Uguali, organização italiana sem fins lucrativos que apoia as empresas parceiras no desenvolvimento de estratégias e práticas de respeitar a diversidade, com foco na orientação sexual e na identidade de gênero. Montação com causa e cheia de propósito (RODINI, 2017, p. 187).

Alguns dos valores descritos para as peças que as famosas divas da música LGBT vestem extrapolam em muito a renda mensal da maioria das famílias brasileiras. Porém, nas 10 páginas da reportagem, podemos encontrar um discurso de afirmação em relação à música e a sua representatividade. São corpos trans, drags, travestis e não binárias, impulsionadas pelo *boom* de artistas LGBTQ pela internet.

Uma notícia no portal G1, de 04/10/2017, por exemplo, informa que “Pablo Vittar estreia em lista da Billboard⁶¹ em ranking semanal de artistas mais influentes nas redes sociais. Cantor aparece na posição de número 44 no ranking ‘Social 50’ da revista” (G1, 2017, online).

A matéria apresenta um pequeno contexto de cada artista, onde nasceu, onde atua, quando iniciou a carreira e uma ou outra fala que tenta traduzir o que elas vêm provocando na cena nacional com sua música e presença em campanhas publicitárias como da marca Avon. Sobre isso, Gloria Groove diz:

Esse espaço comprova que uma mudança intrínseca aconteceu. Já tentaram me enquadrar como MPBT, como MBB (música bicha brasileira) e até como rapper de peruca, mas sou a voz do transfeminismo, que não defende só o gay, mas o gay afeminado, não só as trans, mas as trans preta (GLORIA GROOVE, 2017, p. 187).

Já Liniker diz que o artigo “o” ou “a” antes do seu nome não faz tanta diferença, apesar de estar se sentindo mais à vontade quando lhe chamam pelo feminino. À frente da banda Liniker e os Caramelows, tem alcançado sucesso e, segundo a revista, sua participação no programa *Amor e Sexo*, da rede Globo, lhe rendeu apreço não só dentro mas também fora das redes sociais. Na ocasião, ela cantou a música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque, e, no momento do refrão, subverteu a letra dizendo “não joga pedra na Geni” e na sequência fala: “o Brasil é um dos países que mais matam travesti, transexuais, homossexuais e bissexuais no mundo. Basta! Só assim podemos nos redimir” (LINIKER, 2017, p. 188).

Por fim, tomo conhecimento de Amara Moira⁶², uma trans, bissexual assumida, recém-doutora em crítica literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp) e que fazia programas, o que possibilitou a escrita do livro *E se eu fosse puta*, publicado em 2016.

Em entrevista concedida a Milly Lacombe, para a revista *TPM*, a repórter apresenta Amara da seguinte forma:

Amara Moira vai mexer com suas crenças e é bastante difícil, que chegando ao fim dessa entrevista, você ainda veja o mundo com olhos antigos. Amara é um evento: doutora em *Ulisses*, professora de literatura, trans e bissexual, além de ter trabalhado nas ruas como prostituta. Aos 32 anos, é inundada

⁶¹ Revista semanal estadunidense, especializada em informações sobre o mundo da música.

⁶² A professora Herbe de Souza havia escrito para mim no Facebook sobre Amara Moira, que seria interessante entrar em contato com ela, pois era uma trans que estava no doutorado da Unicamp.

por um tipo de sabedoria que talvez seja qualidade de travestis: um conhecimento do que é a condição humana sem máscaras que as instituições impõem. É nas esquinas da vida noturna que o específico masculino se revela pleno, e Amara é bastante capaz de fazer tradução e a interpretação do que ali acontece para todos nós que ficamos desse lado do muro (LACOMBE, In: MOURA, 2017, online).

Entre vários assuntos abordados na entrevista, Amara fala da experiência de estar dos diferentes lados da história, primeiro como homem, até os 29 anos, quando, enfim, assumiu a sua transexualidade. Estes foram anos marcados por cobranças em termos de comportamento, atitude e a necessidade de construir a masculinidade a partir dos pressupostos sociais – homens não choram, não levam desaforo para casa –, e agora como mulher, tendo que lidar com o universo do feminino, inclusive com questões ligadas às masculinidades, como ressalta no livro, quando, muitas vezes, fazendo um programa, reclamava de dor e o parceiro achava que isso era bom, ou seja, para ele era mais prazeroso. Ela diz:

As pessoas acreditam que travesti e mulher existem porque gostam de homem e, nesse sentido, gostam de qualquer homem, qualquer um que queira estar com elas. E, se aquele cidadão se dignou a revelar o seu desejo pelo nosso corpo, temos que agradecê-lo por isso, e satisfazê-lo imediatamente [...] Entendem na gente um “querer ser mulher”, e o tratamento que nos dão é bastante indicativo do que entendem como o que a pessoa que quer ser mulher procura. Querer ser mulher é querer transar com homens, querer se submeter ao desejo masculino, querer servi-lo. Então, esse corpo novo, passo a viver na pele algumas questões que eu conhecia pelo feminismo, mas que ainda nunca tinha vivido. [...] Por exemplo essa coisa do você diz não e a pessoa entende como sim. Você fala que está sentindo dor e a pessoa entende isso como prazer [...] E é sempre nesse embate, e naquele momento você vê que a sua palavra parece que não conta. O que quer que você queira dizer vai ser interpretado de uma outra forma, por um filtro misógino, machista (MOIRA, 2017, online).

Como feminista que se tornou, Amara diz que um dos desafios do feminismo é não travar um *front* de guerra entre homens e mulheres, mas, sim, investir em educação, “pensar modelos de educação que não reproduzam essas violências” (MOIRA, 2017, online). Suas reflexões seguem por caminhos que convidam a discutir os tipos de masculinidades produzidas socialmente e que precisam ser repensadas; afinal, dentro dos padrões, é muito difícil que um homem consiga se realizar plenamente, em relação a conhecer o seu corpo e a se realizar sexualmente, inclusive.

O sistema marginaliza as profissionais do sexo, mas marginaliza porque tem aí uma utilidade. Isso entra como compensação para que a gente possa escutar essas coisas que esse cara não vai poder falar, porque ser homem implica ser homem inclusive na transa. É como uma constante afirmar-se homem. Não tem a ver com prazer: tem a ver com se afirmar homem. Aí vão procurar a gente para poder tirar essa máscara que o machismo impõe a esses homens, e respirar ar puro por alguns minutos, e depois colocar de novo essa máscara, e até mesmo sentir nojo de ter vivido aquele desejo, porque aquele desejo é considerado abominável para a sociedade (MOIRA, 2017, online).

Em julho, o Leia Mulheres Sorocaba, convidou Amara Moura para uma roda de conversa sobre o seu livro *E se eu fosse puta*, realizada no Complexo Mofo, no qual estive presente e pude inclusive comentar que a leitura do seu livro me remeteu à escrita do autor chileno Pedro Lemebel. A cada nova história, para mim, era possível sentir o drama de ser humano e de ter que se sujeitar àquelas cenas e, por isso mesmo, carregam uma força e uma humanidade que nos incomoda. Penso que precisamos forjar mais espaços para falar sobre prostituição, sobre masculinidades e feminilidades e sobre os prazeres que os corpos poderiam sentir se fossem desamarradas as mordaças que nos prendem.

9 NARRATIVAS TRANS: pedagogia do subterrâneo nos e dos cotidianos escolares



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

De toda cor

Renato Luciano

Passarinho de toda cor
 Gente de toda cor
 Amarelo, rosa e azul
 Me aceita como eu sou

Passarinho de toda cor
 Gente de toda cor
 Amarelo, rosa e azul
 Me aceita como eu sou

Eu sou amarelo claro
 Sou meio errado
 Pra lidar com amor
 No mundo tem tantas cores
 São tantos sabores
 Me aceita como eu sou

Passarinho de toda cor
 Gente de toda cor
 Amarelo, rosa e azul
 Me aceita como eu sou

Eu sou ciumento, quente, friorento
 Mudo de opinião
 Você é a rosa certa
 Bonita e esperta
 Segura na minha mão

Passarinho de toda cor
 Gente de toda cor
 Amarelo, rosa e azul
 Me aceita como eu sou

Que o mundo é sortido
 Toda vida soube
 Quantas vezes
 Quantos versos de mim em minha'alma houve
 Árvore, tronco, maré, tufão, capim, madrugada, aurora, sol a pino e poente
 Tudo carrega seus tons, seu carmim
 O vício, o hábito, o monge
 O que dentro de nós se esconde
 O amor
 O amor
 A gente é que é pequeno
 E a estrelinha é que é grande
 Só que ela tá bem longe
 Sei quase nada meu Senhor
 Só que sou pétala, espinho, flor
 Só que sou fogo, cheiro, tato, platéia e ator
 Água, terra, calmaria e fervor
 Sou homem, mulher
 Igual e diferente de fato
 Sou mamífero, sortido, sortido, mutante, colorido, surpreendente, medroso e estupefato
 Sou ser humano, sou inexato

Passarinho de toda cor
 Gente de toda cor

Amarelo, rosa e azul
Me aceita com eu sou

Eu sou amarelo claro
Sou meio errado pra lhe dar com amor
No mundo tem tantas cores
São tantos sabores
Me aceita como eu sou

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou

Eu sou ciumento, quente, friorento, mudo de opinião
Você é a rosa certa, bonita e esperta
Segura na minha mão

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou

A diretora eleita na rede estadual do Paraná

No período em que fiquei na Espanha realizando o estágio de doutorado, na Universidade Autônoma de Barcelona, recebia informações através das redes sociais sobre os mais variados assuntos que estavam se passando no Brasil. Um e-mail enviado pelo meu orientador Marcos Reigota trazia um anexo com a reportagem sobre uma transexual que havia sido eleita diretora de escola na cidade de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no Paraná.

Na reportagem, publicada em 2013, no Caderno Educação do jornal *O Globo*, Juliana Dal Piva conta, de forma bastante resumida, a história de Laysa Machado, então com 41 anos, e que, em 2009, foi eleita diretora da Escola Estadual Chico Mendes, em São José dos Pinhais.

Quando retornei ao Brasil, uma das possibilidades que vislumbrei para compor a tese foi a de realizar uma entrevista com a Laysa Carolina Machado, a diretora, para conhecer sua trajetória profissional. O contato se deu através do Facebook, onde propus conversarmos via Skype, mas como ela afirmou não usar, sugeri que fosse através do WhatsApp, que nos proporcionou um bate papo breve, mas importante para compor uma narrativa dessa sua experiência escolar.

Nascida em um distrito de Guarapuava, região Centro-oeste paranaense, em uma colônia de descendentes de alemães, vindos do Leste Europeu, após a Segunda Guerra Mundial. Era filha de uma família humilde, e sempre ouviu o pai dizer que a salvação da família seria garantir os estudos para o filho. E, de certa forma, compreendeu que, naquele espaço e diante das situações da vida, deveria apresentar um comportamento que era esperado, ou seja, ser o típico homem heterossexual, branco e cristão, passando então a atuar: *“porque eu sempre fui atriz, então sabia como que o jogo, como que era o jogo, então, eu tinha que jogar o jogo deles”* (MACHADO, 10/6/2016).

Na escola, afirma sempre pertencer ao grupo das minorias, que reunia negros, deficientes, homossexuais, e, dessa forma, vivia isolada dos demais alunos e alunas e podia realizar, com certa tranquilidade, leituras de seu interesse, e, assim, criar o seu mundo, até concluir o Ensino Médio.

Como em Guarapuava não havia curso de Artes Cênicas, sua primeira opção, acabou se enveredando pela formação em História, sobre a qual afirma que,

[...] história foi definidor na minha vida, se eu tivesse feito artes cênicas, eu ia ser muito realizada profissionalmente, é obvio, mas não ia ter esse entendimento mais profundo de que é pertencer a uma sociedade, uma classe social, um grupo considerado abjeto, ainda mais hoje, com retrocessos que estamos presenciando em todos os sentidos. (MACHADO, 10/06/2016).

Após concluir essa primeira graduação, ingressou no curso de Letras, com ênfase no inglês e, na sequência, fez uma pós-graduação em teoria do conhecimento histórico. Laysa diz que tudo isso foi sua fuga. Ressalta que poderiam ter sido a droga, a prostituição ou outra coisa qualquer, mas, no seu caso, foi o estudo.

Porém, chegou o momento em que aquilo que ela havia negado o tempo todo, de várias maneiras, não poderia continuar escondido, e Laysa resolve assumir para si mesma e para a sociedade sua transexualidade.

Foi nesse instante que toda, é... todo esse pseudo acordo, é... o não dito e não falado, mas entendido por ambas as partes, ou seja, por mim e pelas instituições foi quebrado e, quando esse acordo é quebrado, é... alguém vai ter que pagar e óbvio que é a parte mais fragilizada e então, tudo o que, toda essa pseudo bonificação que essas instituições, seja a família, a igreja, escola, é... tinha me dado, foi me tirado, eu perdi o emprego. Eu era, na época, professor de uma escola particular. Fui mandado embora. Então, eu dava aulas de inglês em casa, na época. Perdi meus alunos. Perdi meus amigos, é... restou muito pouco. E aí eu sabia que Guarapuava não era

mais o lugar aonde eu poderia estar, para continuar, principalmente viva, porque eu sabia que se continuasse ali, não ficaria viva por muito tempo. (MACHADO, 10/6/2016).

Em 2000, Laysa muda-se para São José dos Pinhais, onde já vivia uma irmã sua, e logo é aprovada em um processo seletivo para professores, reiniciando sua carreira como professor, mas sabendo que queria lecionar como professora. Dessa forma, inicia o processo de hormonioterapia.

No ano seguinte, ao mudar de colégio, percebe que não suporta mais esconder o processo que estava acontecendo – os hormônios, a primeira cirurgia de pomoplastia – e, novamente, houve mudança de colégio; dessa vez para uma escola de atendimento de jovens e adultos, que a faz recordar sobre como atuou para ser a mais aceita possível.

Ali, é... fui muito bem acolhida e comecei como professora Laysa, ali já comecei como professora Laysa, né. Ma eu nunca esqueci que teria que jogar com essa sociedade sórdida, então, se eu chegasse e dissesse assim: “eu sou uma trans e meu nome é Laysa”, eu não ia ser respeitada. Então, omiti o fato de ser trans e menti dizendo, eu menti conscientemente, porque eu sabia o que ia acontecer se eu dissesse a verdade, então eu menti que eu era hermafrodita, na verdade eu induzi que era hermafrodita. (MACHADO, 10/6/2016).

Conta que, dessa forma, pode trabalhar sem grandes problemas e, em seguida, foi aprovada em um concurso e se efetivou como professora. Assumiu o cargo na Escola Estadual Chico Mendes, na periferia de São José dos Pinhais, onde, no início, foi execrada, tendo sido alvo de deboche e psicologicamente agredida. Os alunos não queriam ter aulas com ela. Laysa relata que até a direção era excludente, e os professores não foram nada receptivos.

Fui galgando, né, com meu trabalho de... porque eu, eu... eu sempre pensei que em primeiro lugar estava a professora que está ali para dar aula e não a trans que está ali para falar sobre o processo de transexualidade, porque assim como a raça negra, a pessoa negra quando sai de casa não tem como esconder que ela é negra, a pessoa trans, quando sai de casa, ela não tem como esconder que ela é trans. A não ser que ela tenha feito a sua transição com onze anos de idade, que não foi o meu caso. (MACHADO, 10/6/2016).

Em 2009, Laysa se candidatou, com mais dois colegas, ao cargo de diretora da escola e, em eleição realizada por sufrágio com a participação dos alunos, pais e profissionais da unidade, foi eleita, e reeleita em 2011, e afirma ter sido uma experiência muito boa, em que os alunos e alunas não a discriminavam e que pode

desenvolver um trabalho de reflexão sobre preconceito e diversidade étnica, racial e de gênero.

Assistindo a uma entrevista concedida por Laysa para o quadro *Movimento: Mentes que Movimentam*, parceria entre o Sindicato dos Bancários de Curitiba e região e a Quem TV Produções, ganha força a ideia que tive em nossa breve conversa pelo WhatsApp, em junho de 2016. Seu posicionamento frente às questões de gênero, e principalmente às relacionadas com as transexualidades é de uma militância política para a visibilidade. Ela afirma a todo instante não ter sido apenas uma diretora eleita democraticamente, mas a primeira diretora trans eleita democraticamente no Brasil, da mesma forma que, atualmente, diz que é uma atriz trans e não apenas uma atriz. É uma postura de luta, de enfrentamento.

[...] Eu falo e milito a bandeira da transexualidade, pois se até eu apagar a minha transexualidade, vai ser o que a sociedade quer, dizendo que está tudo ok. Porque quando não se toca no problema é porque não existe o problema, então eu toco, toco, toco. Sou uma atriz, sou uma atriz transexual. Sou uma professora, sou uma professora transexual e fui eleita a primeira diretora transexual do Brasil [...] (MACHADO, 10/06/2016).

Ao final da entrevista, Laysa chama atenção para o investimento na sensibilidade, no respeito às diferenças e para a preocupação em relação ao aumento da violência e do ódio contra as minorias sexuais, e desabafa: *“enquanto lotarmos estádios de futebol para ver nosso time, mas não sairmos em passeata lutando para os direitos humanos, ou direitos políticos, ou direitos sociais, infelizmente nosso país vai continuar a ser um país de retrocesso”* (MACHADO, 10/06/2016).

Uma estagiária chega à escola

Em março de 2015, estava de férias da escola onde trabalho e me preparava para a viagem à Barcelona, quando fui chamado para participar da reunião de avaliação de ensino e aprendizagem, prevista no calendário escolar. Na realidade, foi o momento que a equipe encontrou para fazer a festa da minha despedida.

Enquanto tomávamos o lanche, no pátio da escola, entre registros fotográficos e abraços, uma das professoras do primeiro ano me chamou no canto e me questionou se eu já estava sabendo das estagiárias que haviam chegado para atender ao projeto Alfabetização e Letramento da Secretaria de Educação de

Sorocaba. Disse a ela que estava ciente, imaginando que a professora iria reclamar que a estagiária que ficou em sua sala é uma transexual, e que isso poderia causar problemas com as crianças ou com seus pais.

Porém, a questão levantada pela professora foi bem diferente do que eu imaginara. Ela estava preocupada pelo fato de a estagiária ser aluna do curso de Letras e não de Pedagogia, como se supunha. Não tinha experiência nenhuma com alfabetização e seria difícil ter um bom desenvolvimento da turma, já que não fazia parte do seu currículo se debruçar sobre o cotidiano de uma sala de primeiro ano.

Surpreso, fui bastante cauteloso em dizer que seria uma ótima oportunidade para que a estagiária adentrasse no mundo da alfabetização e letramento e que a convivência na sala com a professora seria rica para a sua formação. Também sugeri que a professora poderia dar algumas dicas de leituras para a estagiária, e inclusive pedir que a orientadora pedagógica fizesse isso.

Fiquei seis meses em Barcelona e, quando regressei, no início do mês de outubro, pude observar que o fato de a estagiária ser trans não havia produzido nenhum desconforto para as crianças, para os pais e nem para a professora ou a equipe da escola.

Conversando com a estagiária Giuliana sobre sua trajetória escolar e a chegada dela como aluna da graduação, estagiando nas turmas de alfabetização e letramento, ela me contou que desde criança se percebia diferente. No jardim de infância, por exemplo, recordou o beijo dado no colega de sala que era filho da professora, o que causou estranhamento da professora para com ela durante um longo período.

Sempre preferiu as brincadeiras de meninas e adorava se trancar no quarto dos pais, subir no banco em frente ao espelho e ficar experimentando as roupas da sua mãe. Foi crescendo e passou a fazer as famosas brincadeiras da descoberta sexual com seus amigos, primos e vizinhos. Nas mudanças de escola sempre percebia um ou outro que saíam daquilo que era esperado como comportamento de meninos e, conheceu um que, inclusive, ia maquiado para a escola, isso no final da década de 1960, início de 1970.

Quando concluiu o ginásio, como era uma exigência familiar e cultural da época, teve que começar a trabalhar e o estudo foi transferido para o período noturno. Foi balconista numa pequena loja próxima da Catedral da cidade, assim,

acabou descobrindo, nas proximidades, um curso para manequim, que começou a fazer e, de certa forma, começou também a descobrir, por intermédio de colegas, que havia um mundo nas margens para as pessoas como ela - linguagem própria, vestuário, lugares específicos. Isso a fez abandonar a escola porque queria mais era cair na noite, rodar pela cidade e aproveitar as novas descobertas, ela diz: *“tranquei a matrícula da escola porque era longe e também porque queria sair ferver com as bichas a noite”*. Inclusive, nessa época, fugiu de casa e, pelo fato de os hotéis em São Paulo não aceitarem menores, retornou a Sorocaba.

Com 17 anos fez um curso de cabeleireiros, trabalhou um tempo num salão tradicional da cidade e acabou se mudando para Campinas, onde se candidatou a uma vaga num conceituado salão, sendo admitida. Ela conta:

Não sei o que aconteceu, fui parar em Campinas. Fiz um teste lá num salão, passei no teste, já vim aqui, catei as minhas tralhas e fui para Campinas, com 17 anos. Era 1978, eu tinha 17, era o mês de maio. Fiquei lá trabalhando no salão. Trabalhei, trabalhei, aprendi a profissão, trabalhei. E o dono do salão só sabia falar de Paris. Só falava em Paris, Paris, Paris. Enlouquecido com Paris. (IULIANO, 11/01/2017).

Em Campinas, acabou fazendo gratuitamente, aulas de balé na academia da Odete Motta Raia, mãe de Cláudia Raia, pois na época, os meninos que se interessavam em fazer balé, não precisavam pagar, só as meninas. No final do ano, já se sentia uma bailarina e, com 18 anos mudou-se para São Paulo, onde viveu numa espécie de pensão de apoio, onde já viviam várias outras transexuais.

Na capital paulista viveu uma trajetória marcada pelo trabalho em vários salões de beleza e as pessoas que circulavam nesse meio, tanto donos quanto clientes e funcionários, estavam sempre falando de Paris. O sonho de ir para Paris era quase que geral, as pessoas que convivia com ela nas casas noturnas LGBT e outras casas de espetáculo, onde dançavam e realizavam performances. Ela explica:

Em todo lugar as pessoas falavam que o negócio era Paris, não tinha jeito. Não tinha outro assunto. O negócio era Paris, Paris, Paris. Aí fui para um outro salão, ali perto da Faria Lima, lá eu conheci a Danny cabeleireira e ela também só falava de Paris, Paris, Paris. Mas era Paris, não era Paris para fazer a puta, era Paris para trabalhar normal, então, era outro esquema. (IULIANO, 11/01/2017).

O seu sonho em também ir para Paris teve início com o regresso da amiga Júlia Matos. Assim, Giuliana inicia um curso de aperfeiçoamento oferecido pela

L'Oréal. Esse foi o passaporte para uma carta que iria levá-la à Paris, em 1982, pois teve que levantar todo o dinheiro para a passagem. Lá morou com uma amiga que havia ido anteriormente e que mantinha contato, próximo da Torre Eiffel.

Conta que quando foi passar um final de semana em Milão, na Itália, não retornou mais para Paris. Conheceu um pessoal e começou a trabalhar como manequim de prova, pois era alta e magra. Disse que levou muitas alfinetadas e que não permitiam que fizesse a cirurgia para colocar silicone, por exemplo, o que a fez voltar ao ofício de cabeleireira.

Disse que conheceu toda a Europa, pois havia obtido a cidadania italiana e não havia problemas em entrar e sair dos países. O tempo foi passando e a sua mãe não cessava de cobrá-la sobre quando retornaria para o Brasil, tanto que foi visitá-la, pois queria averiguar como era tratada lá.

Ela foi e ela viu como eu era tratada, como uma princesa. Em todo lugar que entrava, até hoje, não sei o que acontece, todo mundo me recebe assim⁶³, de braços abertos. Não sei se percebem ou não percebem. Eu não sei o que acontece. Eu sei que todo mundo me trata bem em todo o lugar. Eu nunca tive problema [...] Aí, foi quando ela se acalmou e falou, não tem jeito mesmo. (IULIANO, 11/01/2017).

Foram 30 anos vivendo fora do Brasil. Voltou em 2012, pois além da cobrança da mãe, estava com um problema nas pernas que, mesmo tendo passado por vários especialistas, não cessava. Quando chegou ao Brasil, no início do ano começou o tratamento, em São Paulo, e em maio, estava tudo bem.

Ficou um tempo pensando sobre o que poderia fazer, afinal, havia abandonado a escola na 8ª série, em 1976. Leu, então, num anúncio de jornal sobre um curso supletivo, se inscreveu e concluiu o Ensino Médio. Por intermédio de um amigo, foi fazer um curso para prestar concurso para um cargo federal. Em um dos módulos o professor explicou que quem já recebia proventos de um governo não poderia acumular outros e como ela já recebia aposentadoria pela Itália, abandonou o curso, que diz ter sido válido, por ter um módulo de redação, que era o seu foco.

Iniciou a graduação em Letras, focando o inglês que já dominava; e, em 2015, após se informar por um telejornal local sobre um processo seletivo para trabalhar como estagiária no projeto de Alfabetização e Letramento, parceria do CIEE com a

⁶³ Gesticula, abrindo os braços.

Prefeitura de Sorocaba, se inscreveu, sem ao menos saber direito do que se tratava, e foi aprovada.

Sem conhecer direito a cidade, pelo tempo que havia ficado fora, acabou acatando a sugestão da funcionária que procedeu a atribuição e veio parar na escola.

Quando cheguei na escola, o David estava no portão, ele olhou para o papel e olhou para mim, olhou para o papel e disse, ‘a não, espera aí, a responsável não está’. Ele não entendeu muito. Aí chego na sala da Carminha – quando cheguei na sala da Carminha foi engraçado -, chegou eu e a Márcia, nós duas estávamos esperando, nós começamos no mesmo dia. Aí ela, ‘pode entrar vocês duas’, eu logo pensei, entrar nós duas, a outra vai cata⁶⁴, bom entramos nós duas, aí ela estava lá com o papel e disse ‘ah, você é a Márcia então? E esse aqui? Não esse aqui não veio e puxou a minha ficha para o lado’, no que eu disse não esse aí sou eu! Ela olhou assim e eu disse, mas pode me chamar de Giuliana, ela falou ‘se você prefere’, eu disse que prefiro, ela ‘ah, então tá’, e ali morreu o assunto. A Márcia também, a Márcia é evangélica e ela nem confiança. Aí eu comecei, não sei quem percebeu e quem não percebeu. (IULIANO, 11/01/2017).

No final de nossa conversa, questioneei se ela deseja mesmo trabalhar na área da educação. Ela sem titubear respondeu que sim. Mas o foco será dar aulas de inglês para as turmas de crianças, pois elas, diferentes dos adolescentes e jovens, estão mais abertas a aprender e a interagir.

A professora na periferia de São Paulo

Herbe de Souza é professora nos primeiros anos do Ensino Fundamental na rede pública municipal de Caieiras, na Grande São Paulo. Sua história me chegou pela reportagem de Olívia Freitas, publicada em 5 de maio de 2016, no caderno empreendedor social, no jornal *Folha de S. Paulo*. Afetado por sua trajetória, passei a buscar mais informações sobre Herbe, inclusive tentei entrar contato, porém, sem resultados.

Na minha busca, encontrei na página do Museu da Pessoa, na web, um depoimento dado por Herbe no projeto “Conte sua História”, em 2014, no qual fala sobre sua trajetória e o papel da escola para a sua constituição como professora, travesti e cidadã.

⁶⁴ Que ela é transexual.

Herbe nasceu em 1980, no bairro da Freguesia do Ó, em São Paulo, filha de um torneiro mecânico e uma auxiliar de enfermagem, que se separaram quando ela tinha 17 anos.

Seu nome foi escolhido por intermédio de uma tia e lhe agrada muito, pois sempre provoca dúvidas sobre seu gênero nas pessoas que a conhecem. Ela diz que assim, pode ser chamada de “a” ou “o” Herbe, sem problemas e, afirma, “sou um artigo indefinido” (FREITAS, 2016).

A infância de Herbe foi marcada pelas brincadeiras na rua, ainda de terra, num bairro de Franco da Rocha, que, na época, era apenas uma cidade dormitório. Naquele espaço, Herbe pode vivenciar seus primeiros contatos e experiências sexuais e conta que aos nove anos de idade, já sabia qual seria sua orientação sexual.

Dessa época até sua adolescência não compreendia porque é que os meninos que a procuravam a noite para satisfazer seus impulsos sexuais a insultavam durante o dia. Para ela, seus desejos e suas características eram normais, não via nada de errado em gostar de outros meninos e em se entregar aos prazeres com eles. Porém, a repulsa que experimentava em público, por parte dos meninos que muitas vezes a ameaçavam, fazia com que se isolasse na escola, principalmente no horário do intervalo.

Herbe relembra que seus professores, na grande maioria, não sabiam como lidar com as situações de preconceito e discriminação que ocorriam em sala e que, de certa forma, isso persiste até os dias atuais.

Ser professora não estava em seus planos, foi acontecendo, sem uma reflexão de sua parte. Só fez o magistério por ter tido que estudar, no Ensino Médio, em uma escola do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam)⁶⁵. Naquela escola, o diretor lhe deu a oportunidade de trabalhar na secretaria, e exigia o respeito e a não discriminação dentro da unidade. Herbe relata que ficava o dia todo na escola, retornando para casa a noite, para dormir.

Nos primeiros anos, eu não gostava do magistério, eu ia mesmo por ir. Quando eu comecei a fazer estágio, que eu tive contato direto com as crianças, com os professores em outras escolas, aí eu me encantei e falei: “é aqui que eu quero ficar” (SILVA, 2014, p. 10).

⁶⁵ Os Cefans foram criados pelo Decreto 28.089/88 de 13 de janeiro de 1988, pela Secretaria de Educação de São Paulo, e sua proposta era a habilitação para o magistério, com dedicação integral dos estudantes que receberiam uma bolsa auxílio de um salário mínimo.

Sua trajetória como professora teve início “eventuando” (Silva, 2014, p. 11), de uma sala a outra, quando o professor titular faltava. Nessa aventura, acabava por trabalhar, além dos conteúdos previstos no currículo, questões relativas à sexualidade, gênero, e a ser travesti.

[...] com o tempo você vai fazendo com que eles entendam. Porque querendo ou não, eles têm aquela visão do travesti que eles conhecem da televisão, aquela imagem deturpada. Até eles reconhecerem que aquilo que eles veem na televisão é diferente do que tem na escola tem certo tempo de trabalho. Até eles reconhecerem o profissional (SILVA, 2014, p. 11).

A entrada na faculdade, conta, “foi no susto” (SILVA, 2014, p. 13). Após fazer o Enem, inscreveu-se no ProUni e, passado algum tempo, recebeu uma ligação da faculdade comunicando que havia conseguido a bolsa.

Ela se mostra uma professora preocupada com o futuro das crianças e, por isso, sempre que pode, visita a casa dos seus alunos. Muitas vezes, ela mesma se convida e vai tomar café ou jantar. Nesses encontros, além de tratar as questões ligadas à aprendizagem da criança na escola, ela também conversa sobre sexualidade, procurando desconstruir a imagem de travesti que ronda o imaginário e o senso comum.

Atualmente Herbe tem recebido convites para realizar palestras e participar de rodas de conversa com professores ou em cursos de formação de professores. Nesses espaços, fala da sua vida, da sua prática como professora, sua trajetória na escola e sobre como a educação fez diferença para ela. Diz que o lugar da travesti é na escola, “*a travesti só precisa estar dentro da escola e estudar. A escola tem que respeitar a orientação de cada pessoa, porque educação é direto de todos.*” (FREITAS, 2016)

Ainda nesse sentido, Herbe é enfática sobre a importância das oportunidades que cada pessoa experimenta em sua existência e sobre como é difícil ser travesti e enfrentar todas as barreiras, desde a permanência na escola até a opção por uma profissão como professora, por exemplo. Ela afirma,

[...] A gente trabalha, a gente estuda, a gente não vive de sexo 24 horas por dia. E eu também tento quebrar o paradigma de que toda travesti faz programa. Não faz. Toda travesti estuda se quiser, faz programa se quiser. Também eu tento o contraponto. As vezes nem todas tiveram a oportunidade que eu tive de estudar, porque aí você tem que enfrentar de peito aberto, saber que você vai entrar num lugar que as pessoas não vão

te querer e vão tentar te tirar de qualquer jeito. Você vai falar: “Não. Estou pagando, vou estudar e ficar aqui”. (SILVA, 2014, p. 16).

Relata que quer continuar estudando. Pretende realizar o mestrado e, para isso, pensa em retornar à rede estadual, pois a Secretaria de Educação concede bolsa para a realização do mestrado e do doutorado. Afirma, ainda, querer ser diretora de escola:

[...] quero ser diretora, pretendo mudar a visão da escola de que o professor sabe tudo. Existe diversidade. Não consigo mudar o currículo, porque vem do MEC, mas consigo mudar atitudes, preconceitos sexuais e raciais. A educação é capaz de mudar muitas vidas. O aluno pode ser o que quiser, desde que tenha o direito de escolha. Educar uma criança tem efeito multiplicador. (FREITAS, 2016).

Explana sobre os desafios da profissão docente, que não tem como apenas realizar uma primeira formação. Há uma cobrança pela atualização, para que o professor esteja sempre em formação, no entanto, não há tantas oportunidades para que se possa realizar uma boa formação e o salário é baixo para poder investir em cursos. Assim, conta que precisa correr atrás das raras ofertas, como a bolsa mestrado e doutorado que a rede estadual de educação de São Paulo oferece.

Narrativas subterrâneas do e no cotidiano escolar

A seguir, apresento quinze narrativas subterrâneas do e no cotidiano escolar, que elucidarão acontecimentos vividos ou observados nos cotidianos escolares por onde transitei ao longo de minha trajetória como estudante, professor e, agora, como diretor de escola, elas poderiam ter acontecido em qualquer escola e alguns fatos até fora dos muros escolares.

As narrativas possibilitarão ao leitor compreender como a pedagogia do subterrâneo se desenha ou se torna real no cotidiano escolar através de ações que são ativadas por diversos atores que convivem nos espaços da escola, seja em sala de aula, na sala dos professores, pelos pátios e corredores, na quadra, nos banheiros, na cozinha, no parque, na sala da direção, na secretaria, na calçada da escola, enfim, nos espaços onde há interação entre crianças e adultos, crianças e crianças, adultos e adultos.

Essas ações, em sua maioria, fogem dos prescritivos currículos oficiais, muitas não constam nos calendários da escola, ou, quando muito, querem logo dar o caráter de projeto para se adequar as normatizações e serem possíveis de serem realizadas, surtindo efeitos outros que não apenas os objetivos descritos nos papéis.

Percebe-se um movimento-vida no cotidiano escolar quando essas ações marginais e de resistência são desencadeadas, quando as crianças são incentivadas à leitura e inicia-se uma movimentação, por parte delas, que se organizam para a cada dia da semana, um grupo mais velho contar histórias para turmas mais novas, que nos trouxe a percepção de várias crianças que anteriormente se recusavam a fazer uma leitura oral em sua sala e hoje está compondo um dos grupos de contadores. O cotidiano escolar passa a ser movimentado por idas e vindas de crianças que querem escolher os fantoches, os livros, as fantasias. Elas sentem-se importantes pelo que fazem. Inúmeras vezes fazem questão de chamar a equipe da direção para vê-los. São espaçostempos criados por elas, sem a interferência dos adultos, afinal, como escrevem ALVES e GARCIA (2008, p. 82),

A riqueza de entrar na rede é que cada um pode escolher ou mesmo dar o seu nó, e quanto mais nós, mais surpresas. E se aprender não é se surpreender, então o que seria? Afinal, esses “diabinhos incontroláveis” que são nossos alunos são como rizomas que aparecem, desaparecem, retornam, se encontram, nos encontram, se afastam, se escondem, fogem, brincam todo o tempo, que o destino de quem aprende é a liberdade e não o deixar-se controlar. Neste jogo de descobertas os “diabinhos incontroláveis” – mesmo que não sejam tão pequenos – vão construindo novas formas de organização, não a ordem imposta de fora, mas novas organizações coletivas que os levam a aprender a beleza da cooperação.

Adentrem o cotidiano escolar de tantas experiências e sintam-se provocados por elas.

A gincana e a lição de Ciências

Eu sempre gostei da escola. Todos os anos não via a hora de chegar a tão sonhada gincana que as três escolas da cidade preparavam, ao estilo de olimpíadas e da qual os alunos podiam participar competindo e/ou, quem não era dado aos esportes, torcendo para sua equipe.

Não era uma competição entre escolas, mas os professores se reuniam e dividiam cada turma em grupos, que representavam os países do Continente Americano. Na gincana, poderia conhecer outros estudantes, alguns mais velhos e outros mais novos das outras escolas e criar novos vínculos de amizade.

Era um acontecimento. Eu vivia esse período como se fosse o mais importante de minha vida.

Adorava jogar queimada, voleibol, competir em algumas modalidades do atletismo, porém, não poderia participar de tudo, como gostaria. O professor de Educação Física –selecionava antecipadamente – quais alunos iriam participar desta e daquela modalidade. Nos dias da gincana, me esquecia até de voltar para a casa para comer.

A gincana funcionava assim: geralmente, havia uma ou duas aulas do dia, e na sequência, todas as turmas eram dispensadas para assistir ou participar das competições que aconteciam simultaneamente na quadra da escola e no campo de futebol.

Cada grupo (país) confeccionava suas bandeiras, combinava as cores das roupas e ensaiava inúmeros gritos de guerra. Muitas vezes, na ânsia de vencer a equipe oponente, eu e meus colegas chegávamos ao limite de nossas forças criando apelidos pejorativos para os competidores dos outros times. “Canhão”, “rolha de poço”, “quatro olhos”, “pau de virar tripa”, “macarrão”, eram alguns dos xingamentos que gritávamos das arquibancadas. Coisa de pré-adolescentes. E claro que, quando estávamos jogando, acontecia o mesmo em relação à gente. Eram estratégias para tentar desconcentrar aqueles que estavam na partida e derrotá-los na intimidação, aliás, isso sempre aconteceu e continua acontecendo em qualquer modalidade desportiva. Difícil é quando essas atitudes extrapolam para outros espaços como no trânsito, nas filas, nos clubes, na escola, etc.

Acredito que eu estava na sexta série. Tínhamos a professora Ângela, da disciplina de Ciências, eu gostava da matéria, mas ela era muito brava e exigente. Nas vésperas da gincana, passou um imenso questionário sobre o conteúdo estudado que teríamos que levar pronto na próxima aula. Porém, sua próxima aula cairia no dia dos jogos e, portanto, seríamos dispensados e não precisaria realizar aquelas atividades tão rapidamente, afinal, era preciso treinar, fazer as bandeiras,

enfeitar a placa com o nome do país... As questões de Ciências poderiam ficar para o final de semana.

Ledo engano. Dona Ângela fez questão de juntar a minha turma com a outra, de modo que não houve dispensa, e, sem pestanejar, passou de carteira em carteira vistando as atividades de todo mundo. Quando chegou minha vez, contei que não havia levado o caderno para a escola, pois acreditava que não teria aula com ela por causa da gincana. Ela me olhou com aqueles olhos azuis que me faziam estremecer na carteira e me disse: “Então vá até sua casa buscar o caderno”. Eu quase tive um treco. Suei frio e sai da sala de mansinho. Minha casa ficava na esquina da escola, fui com toda a demora do mundo, esperando que o tempo passasse rápido e aquela aula terminasse antes de eu chegar de volta, com o caderno em branco. Mas eu morava tão próximo que nem toda demora do mundo deram jeito.

Quando retornei para a sala e apresentei meu caderno com as atividades sem resolver, passei uma das maiores vergonhas da minha vida, pois ninguém ousava deixar de fazer as atividades da Dona Ângela. Levei uma bronca da professora na frente de duas turmas. Ela disse que eu era irresponsável, que era um absurdo não ter feito as suas atividades e que no final do período, ela passaria em casa para falar com a minha mãe.

Nunca precisei ser cobrado pelos meus pais em relação aos estudos. Quando cheguei em casa, não falei nada para minha mãe, meu pai estava trabalhando, no sítio. Pouco tempo depois Dona Ângela chama no portão, minha mãe sai para lhe atender e logo me chama. Meu rosto queimava de vergonha.

A professora novamente me desqualificou e minha mãe lhe pediu desculpas e disse que isso não iria mais acontecer. Quando entramos em casa, ela apenas me questionou o porquê de não ter feito as atividades. Não apanhei e não fiquei de castigo. Porém, a vergonha que passei diante dos colegas da escola e em casa foi suficiente para nunca mais deixar nenhuma outra atividade da professora de Ciências em branco.

Minha relação com essa professora era de amor e ódio. As melhores aulas práticas eram as dela. Com ela, cada estudante que possuía algum espaço de terra no quintal produziu uma horta que, a cada semana, era visitada por ela e os demais colegas, esses momentos eram riquíssimos de explanação dela sobre o correto uso do solo, a importância de fazer a rotação de culturas. Da mesma forma pude

experimentar com ela outras visitas como na estação de tratamento de água e num sítio onde se criava bicho da seda. Mas a maneira como nos tratava no cotidiano era muito agressiva e isso produzia marcas difíceis de apagar.

Mas nem isso mudou o fato de eu gostar da escola.

Os passarinhos

“Pessoal eu quero que vocês vejam o clipe da música ‘Passarinhos’, do Emicida, com participação da Vanessa da Mata, para que possamos discutir algumas das ideias que o compositor traz. Como primeira atividade para me entregar, vocês deverão escrever, desenhar ou criar uma paródia sobre o que mais lhes chamou a atenção”. Essa foi a proposta do professor de Geografia para a turma do 2º ano do Ensino Médio.

A turma viu o clipe uma vez, na sequência recebeu cópia da letra da música e pode ver o clipe de novo.

O professor tentou trazê-los para o debate, mas estavam resistentes. “Será por ser a primeira semana de aula? Os temas são tão atuais e fazem parte do contexto de cada um de nós” – refletia o professor consigo mesmo.

Mudou a estratégia, pediu que cada estudante escolhesse uma palavra da letra da música e comentasse sua escolha. Muitos continuaram resistindo. Assim, o professor passa a falar, para os poucos que estavam atentos, sobre as palavras que lhe chamaram mais atenção, fazendo referência também ao clipe.

“Vocês perceberam a ideia do clipe? Um adolescente que trabalha como engraxate nas ruas do centro de uma grande cidade resolve entrar num sebo, que tem o nome muito sugestivo ‘Liberdade’, o tema da própria música. Ele se encanta pelos livros e começa a roubá-los, sempre com o aval do livreiro – o próprio Emicida –, que muito provavelmente não o repreendia, por compreender a importância da leitura na vida das pessoas, uma possibilidade de se libertar, talvez, de tantos assujeitamentos a que estamos fadados em nossa existência”.

O professor traz para a cena uma série de questões, uma crítica aos meios de comunicação de massa e a influência do consumismo, os alertas do meio ambiente, que enfatiza que é constituído por cada um ali naquela sala de aula.

Faz uma extensa crítica à política nacional e internacional, ao crescimento dos conservadorismos e dos fascismos. Um ou outro estudante comenta, pergunta e há até quem defenda tais comportamentos, citando as manifestações pró-impeachment e a intervenção militar no Brasil.

A conversa, quase monólogo, segue por vários caminhos e acaba chegando na ideologia de gênero, e ele explica: “É importante entender que nos planos municipais, estaduais e nacional de educação, não havia uma defesa da ideologia de gênero, isso, aliás, foi criado pelos grupos conservadores que deturpam a ideia de que a escola possa discutir as questões de gênero – que são de extrema importância, visto que o papel da mulher deve ser problematizado – e que outras expressões de sexualidade devem ser respeitadas, pois o ser humano é muito complexo e não se encaixa no padrão preestabelecido socialmente como natural – a heterossexualidade. Cada um é um, e não podemos simplesmente dizer que é errado ser homossexual, transexual ou qualquer outra possibilidade de manifestação que possa existir”.

Diante do exposto, um estudante que, aparentemente, não estava interessado no que o professor vinha dizendo, e que estava o tempo todo manuseando o celular, endireita o corpo na carteira e passa a dizer de uma forma agressiva e raivosa: “Mas eu sou contra! Homem é homem e mulher é mulher! Não tem que dar atenção para esses veados. A escola não pode ensinar as crianças a serem travestis, gays e lésbicas.”

O professor até tentou argumentar explicitando que quando se discute gênero e sexualidade na escola, não há nenhuma proposta, como diz a tal ideologia de gênero, de que crianças devam crescer sem se identificar a algum gênero. Ele diz:

“A ideia é discutir que masculino, feminino e outras formas de expressar o gênero devem coexistir. Nenhum, no entanto, deve ser tido como principal ou privilegiado. Da mesma forma que há necessidade em parar de reforçar práticas e discursos que perduram de outras gerações sobre binarismos e diferenças entre os sexos, como por exemplo, cor rosa para meninas e cor azul para meninos, brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos.”

O estudante chega a se levantar e declara, “esses veados, tem que meter porrada mesmo”.

A aula acaba. O professor pega seus materiais e sai da sala.

Para que servem as filas?

Dia de convocação para reuniões causa alegria e aborrecimentos. Você encontra uma série de colegas que, por causa do corre-corre do dia a dia, não vê com frequência, por outro lado, você é obrigado a mudar toda a sua rotina para se deslocar até o local desses encontros, quase sempre cansativos e sem muitas novidades.

Foi numa dessas reuniões que, por ser no auditório de uma unidade escolar, teve uma abertura com a participação das crianças do primeiro ano. Elas cantaram a música “A paz”, de Gilberto Gil. Para chegar ao palco, vieram pelos fundos do espaço em filas de meninos e filas de meninas.

Cochichei com dois colegas ao meu lado, “por que é necessário as crianças sempre andarem em filas?”, ao que a Ana respondeu, “para que eu possa ver quem está fazendo bagunça”. Rimos.

Em 2013, em uma das reuniões de trabalho pedagógico com os professores da escola onde sou diretor, apresentei de forma breve as reflexões da minha pesquisa de mestrado. Nesta ocasião, fiz o mesmo questionamento ao grupo, acrescentando, “é necessário fazer filas de meninos e filas de meninas? O que vocês têm a me dizer sobre isso? De que outras formas se poderia caminhar pela escola e em outros ambientes em que levamos as crianças?”

Após essa reunião, algumas mudanças puderam ser notadas, no entanto a maioria continuou fazendo filas separadas de meninos e meninas.

Uma professora da Educação Infantil deu um depoimento interessante quando, em um outro momento de reflexão e questionamentos embasados no texto de Ruth Rocha, “A escola de vidro”, ela disse: “Gostaria de compartilhar com vocês que eu estou quebrando, aos poucos, os meus vidros. Já não organizo as crianças em filas e tenho orientado para que a gente caminhe juntos, com cuidado para não empurrar e machucar nenhum colega, e isso está dando certo. Sei que é um pequeno passo, mas estou me esforçando para mudar o que para mim sempre foi algo natural”.

A colocação da fala da professora deixa evidente o quanto é importante que falemos de gênero na escola, criando espaços para discussão e reflexão, apontando

caminhos outros que desconstruam a lógica do binarismo e o disciplinamento do gênero.

Problematizar as identidades

Quando entrei na sala de aula, para a primeira reunião anual de Pais e Mestres, não imaginava que enfrentaria um embate por causa de um conteúdo no livro didático de história.

A turma era do terceiro ano do Ensino Fundamental. Na ocasião, a sala estava sem professora, pois a que havia escolhido a turma se afastou para exercer um cargo de chefia na Secretaria de Educação, e a professora substituta teve um imprevisto e não conseguiu chegar a tempo para receber os pais e passar os principais informes do início do ano.

Após ler a pauta e explicar alguns pontos importantes, abri espaço para o diálogo, tirar dúvidas, acolher as sugestões dos pais e responsáveis. Um dos pais presentes pede a palavra e começa a dizer que não estava contente com um conteúdo de história passado pela professora: “Olha, sou contra a lição que a professora mandou as crianças fazerem no livro de história, eu sou pai e eu tenho o direito de ensinar a minha filha o que acho certo ou não”.

Sem entender do que se tratava, pedi ao pai para relatar o que havia no livro de história que causou aquele mal-estar. Ele diz: “Uma das atividades tem uma menina e um menino no banheiro juntos, isso vai contra a formação que eu dou para os meus filhos”.

Conversei brevemente sobre a construção histórica das questões de gênero e sexualidade e que averiguaria o livro e falaria com a professora para, num outro momento, esclarecer o fato para o pai.

Mal terminou a reunião, corri para pegar um dos livros de história do terceiro ano, e de fato havia uma ilustração com um casal de crianças dentro de um banheiro, olhando para o vaso sanitário, e uma poesia com um conteúdo tendencioso sobre a maneira como os meninos e as meninas usam o banheiro. O título da poesia é “Xixi”, de Guto Lins (2013) e, no corpo do texto, lia-se: “Menino faz xixi em pé. Menina faz xixi sentada. Só não pode molhar o assento, Nem a tampa da privada.”

O conteúdo do livro é sobre identidade e, em quase todas as atividades, as crianças devem preencher quais atividades são próprias de meninas e quais são de meninos. Algumas questões são: “meninas e meninos podem brincar juntos? Meninas e meninos podem praticar o mesmo esporte? Meninas e meninos podem gostar das mesmas coisas? Meninas e meninos podem se divertir como quiserem? Meninas e meninos devem ser tratados da mesma forma? Meninas e meninas podem chorar quando quiserem?”

Levei os livros para debater a ideia com os professores e ressaltar a importância de trabalhar as questões de gênero na sala de aula, principalmente para desconstruir as ideias machistas que as crianças trazem de casa.

O quintal de nossa escola é maior do que o mundo

Um edital de chamamento de projetos foi lançado pela Secretaria de Educação de Sorocaba, em meados de 2016, e, como diretor, vislumbrei a possibilidade de concorrer à verba pensando numa ideia que nutria a muito: colocar a arte das crianças no muro externo da escola, com auxílio de um grafiteiro.

Imediatamente, entrei em contato com algumas pessoas que poderiam me auxiliar no cumprimento do edital, que exigia cronograma, orçamentos, além de toda a estrutura formal e descritiva.

Apresentei a ideia para a equipe de professores, queria saber quais seriam suas impressões. Uma delas sugeriu que fizéssemos um projeto para amenizar a poluição sonora da escola, o que achei interessante, mas diante do tempo de que dispúnhamos para entregar os documentos, não seria viável, já que necessitaríamos de especialistas para pensar as ações que deveriam ser realizadas, caso fossemos contemplados.

Na preparação do projeto, fiz um entrecruzamento de oficinas de grafite e teatro com as poesias de Manoel de Barros, para que o encerramento coincidisse com a Festa da Família, no final do mês de setembro.

Dentro das possibilidades do trabalho na escola, pude acompanhar algumas das oficinas e me surpreendia com a inventividade das crianças. Numa das oficinas de teatro, ao entrar na sala para registrar através de fotos, o professor lia um verso de alguma poesia de Manoel de Barros e depois ia comentando com as crianças,

pedindo que elas dissessem quais impressões tinham. Quando leu “preso mais a velocidade das tartarugas do que dos mísseis”, discutiram sobre a importância dos seres vivos e a destruição provocada pelas armas e a tecnologia que as projeta. Na sequência, leu outro verso que abordava a ideia de um vôo, e um dos meninos disse: “os poetas podem voar sem entrar em um avião”.

Essa simples constatação me encheu de esperança e de vontade de criar mais momentos assim para essa molecada que pode dar um novo rumo para o que está por vir.

Como grande parte dos professores se dispôs a trabalhar a obra de Manoel de Barros, fizemos um bom investimento para que a Sala de Leitura da escola oferecesse um acervo do autor e que todos pudessem ter contato, adentrando no mundo das suas invenções e de sua poética do chão.

Os participantes da oficina do teatro trabalharam na interpretação de poesias de Manoel de Barros e na criação de intervenções para apresentarem no dia da festa. Em diferentes momentos, as crianças e o arte-educador utilizaram cantigas populares, brincadeiras folclóricas e as poesias de Manoel de Barros para sensibilizar o público presente nos períodos da manhã e da tarde.

Da mesma forma, as crianças e o grafiteiro que conduziu as oficinas criaram desenhos e, aos poucos, o muro já colorido da escola passou a conter uma ideia poética que dialoga com o sentido que faço da escola – um espaço vivo e que pulsa.

A própria poesia de Manoel de Barros dialoga com esse sentido da escola ao nos convidar a construir um mundo novo, diferente desse que encontramos nas páginas dos jornais, nos noticiários da TV. É um mundo onde o que importa é o ser, é o viver olhando para o que possa parecer simples e insignificante. Usar Manoel de Barros na escola é investir na formação humanista, sensível, estética e ética de nossas crianças. É criar elementos que só podem existir a partir de nossa imaginação – e criança é craque em imaginar o que, para nós adultos, muitas vezes é inimaginável, pois estamos sempre preocupados com os afazeres do dia a dia e quase não lemos mais poesia, e já não nos deixamos mais observar o trabalho de um batalhão de formigas pelo chão. É tornar o quintal de nossa escola maior do que o mundo, através da imaginação, da criatividade e do lúdico.

Eu vi vida brotando nos intervalos das aulas.

Olhos brilhando ao pegar a lata de spray.
 Potência ao encenar um verso da poesia.
 Compartilhamento de ideias.
 Alunos e professores misturados.
 Dividindo encantos,
 Cores.
 Criações livres.
 “Vai ter passarinho na gaiola?” perguntaram duas alunas.
 “Não, passarinhos devem estar soltos, livres, como nós!
 Os passarinhos fugiram misturados nos últimos raios do entardecer.
 As gaiolas hoje estão vazias,
 Só servem para brotar flores e poesias”, respondi.
 Desinvenções de objetos.
 Sensibilizar o olhar, o ouvir, o fazer, o falar, o tocar.
 A música escapa pelas frestas.
 E ao movimento do vento vai dizendo:
 Vai em frente!
 A escola pode ser diferente!
 (Diário de Bordo, 06/10/2016)

Está chovendo histórias

Quando fui removido para a Escola Municipal “Prof^a. Maria Domingas Tótor de Góes”, em 2012, sofri com a mudança.

A realidade da escola era bem diferente da que havia experimentado nos dois anos anteriores, em que fui diretor de um Centro de Educação Infantil, onde havia 200 crianças e a equipe era formada por pouco menos de 20 profissionais. Agora seriam mais de 800 crianças e um quadro de funcionários que ultrapassava 60 pessoas.

Como estava de férias em janeiro, meu início na nova escola se daria juntamente com a volta dos professores para os preparativos para o ano letivo. Estavam na escola a vice-diretora e a orientadora pedagógica, que realizaram um trabalho minucioso de preparar uma apresentação das avaliações do ano anterior

realizadas tanto em nível interno, pelos membros da equipe, quanto em nível externo, a partir dos resultados das avaliações. Assim, tínhamos um ponto de partida, e foi muito importante para as ações que propomos para a equipe nas reuniões de planejamento.

Entre outras questões, havia um desejo da comunidade escolar de que a escola se abrisse a sua participação, ou seja, não havia momentos em que os familiares e demais agentes do entorno da escola pudessem participar de eventos pensados para essa integração. Para isso, propusemos duas ações, a primeira seria a realização da Festa Junina, a que demos o nome de “Arraiá da Família”, da qual toda a comunidade poderia participar, e que possibilitaria arrecadar verbas para a Associação de Pais e Mestres da escola, para aplicar em melhorias dos espaços para as crianças. A segunda, a realização da “Festa da Família”, momento em que apresentaríamos para os pais e comunidade os resultados de nossos fazeres cotidianos, no formato de uma feira cultural.

Ambas as ações aconteceram e foram exitosas. O Arraiá arrecadou, naquele ano, uma quantia líquida próxima dos vinte mil reais. Foi um dia lindo, em que a grande maioria das famílias das crianças que estudavam na escola esteve presente e se confraternizou conosco e entre si.

A Festa da Família, apesar de não poder ser contabilizada em números, também foi positiva. O movimento que ela provocou nas crianças, professores e funcionários na preparação e a satisfação dos visitantes durante a sua realização foram suficientes para que a ação passasse a ser um dos pontos altos da escola, anualmente.

Durante os preparativos, sugeri que criássemos uma possibilidade para as merendeiras e as funcionárias da limpeza da escola, que são terceirizadas, também terem uma participação mais efetiva, além do que já estão habituadas a fazer. Cabe lembrar que considero educadores todos os que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem das crianças, e não apenas os que possuem diplomas para atuação na área do magistério.

Para as merendeiras, uma das funcionárias confeccionou saias de chita, elas combinaram que usariam uma camiseta branca repleta de fuxicos de tecido e laços coloridos, assim como no cabelo. Comprei sombrinhas coloridas que enfeitamos com fitas coloridas que escorriam desde seu ponto mais alto, dando um efeito de

chuva sobre elas. Separei uma série de histórias que continha uma moral, cada uma deveria decorar uma. Em saquinhos de tecidos, colocamos inúmeras quadrinhas que seriam distribuídas aos que se dispusessem a ouvir as histórias. Chamamos a intervenção de “Está chovendo histórias”, pois era a forma como elas abordavam as pessoas. Chegavam bem próximas do ouvido de um escolhido e diziam: “está chovendo histórias, você gostaria de ouvir uma?” E se a resposta fosse afirmativa, elas quase cochichavam aquela que haviam decorado e no final presenteavam a pessoa com uma quadrinha.

O efeito foi de uma belezura poética que encantou a todos.

Eu mesmo, quando estava passando para assistir a uma apresentação na quadra, fui interceptado por uma delas e, quando terminou de me contar a sua história, com delicadeza e muita calma, meus olhos marejavam pela sensibilidade com que elas abraçaram a proposta e deslizavam pelos espaços da festa abordando as pessoas e fazendo-nos esquecer, por frações de segundos, todo o caos que se passava fora daqueles muros.

Produção de aromas infantis

Após ver um fragmento do trabalho de Maria José Braga Falcão, então doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Uniso, que, em suas aulas de arte, criava possibilidades múltiplas de propostas para seus educandos, como as imagens-potes (FALCÃO, 2015, p. 126), passei a pensar em uma proposta parecida para desenvolver com as crianças da Educação Infantil da escola.

Fui até o centro da cidade e comprei uma série de embalagens para fragrâncias e algumas essências. Conversei com as professoras que permitiram que eu entrasse na sala para desenvolver a invencionice com as crianças. A ideia era que cada uma escolhesse a embalagem que mais lhe agradava, uma essência, e criasse uma arte para aquele vidro. Poderiam desenhar e depois colocar dentro. Capturar elementos pelo parque da escola – pedra, areia, folhas, flores, gravetos –, usar algodão, sementes e contas que levei para a sala de aula. No final, duas ou três gotas da essência escolhida e um nome para o seu aroma.

Elaborei uma etiqueta para cada um dos vidros e, com o auxílio dos inspetores da escola, fizemos uma instalação na entrada principal e também na

frente do pátio da Educação Infantil. Como usamos fios de nylon, o efeito produzido era como uma chuva de vidros, em diversas alturas, com as plaquinhas coloridas que indicavam o nome da criança que havia produzido e como cada uma nomeou seu aroma – havia cheirinho do feijão da mamãe, abraço da vovó, monster high (bonecas que faziam sucesso na mídia, na época), nuvens fofinhas e muitos outros títulos criativos e inventivos que só os pequenos são capazes de criar.

Quando chegavam à escola, iam logo procurar onde estava o seu cheirinho! Queriam mostrar para seus responsáveis, era uma alegria que contagiava a todos.

Escola não é prisão!

A cada ano, no mês de outubro, o diretor da escola onde eu era professor permitia que o grêmio estudantil organizasse um campeonato interclasses de futebol. Porém, todos os anos era a mesma briga interminável para que, pelo menos as turmas dos times que estivessem jogando, fossem liberadas, e nada. O diretor era irredutível em sua postura quase militar.

Em 2013 não foi diferente, porém, de repente, os estudantes estavam mais rebeldes e ousavam questionar. Eles questionavam os professores e nós já tínhamos nosso posicionamento a favor deles, mas o problema era o diretor, que achava que a escola ia virar bagunça e não liberava de jeito nenhum.

Porém, numa das noites, quando o sinal o sinal tocou anunciando o final do intervalo, enquanto nós professores estávamos nos dirigindo para as salas de aula, um acontecimento: a grande maioria dos estudantes não entrou! Ao invés disso, ocuparam a quadra de esportes e lá permaneceram. Nós professores vibrávamos, sem demonstrar, pois o diretor ficou furioso e quase nos obrigou a buscar nossas turmas. Dava ordens para que voltassem para a sala, e eles permaneciam na quadra. Chegou a chamar a polícia.

O diretor, em sua concepção, previa uma depredação do espaço escolar, talvez ele não tenha atentado que a manifestação era um pedido de diálogo, para que ele olhasse para os adolescentes e jovens que compunham aquela unidade, que percebesse que aquele espaço era deles, estudantes, mais do que dele, diretor.

Um adolescente escreveu numa folha de caderno “escola não é prisão” e colocou acima da porta de sua sala de aula. Consegui fazer uma foto e a utilizei para

externar minha satisfação em perceber que o nosso trabalho como educadores estava surtindo um efeito naquele espaço e mais rápido do que poderia imaginar.

Fiz um texto e postei com a foto na minha página do Facebook. Essa atitude gerou um mal estar entre o diretor, uma professora e eu. Era o início do meu desgaste neste espaço escolar.

Em momento algum fui desrespeitoso com o diretor, inclusive, sempre mantive uma boa relação com ele e pude conversar pessoalmente com o diretor sobre o evento e deixar claro que era preciso dialogar, pensar uma escola que extrapole as aulas entre as quatro paredes das salas. Que a escola é dos estudantes e que eles têm que se sentir parte do processo todo, não apenas receptores de um conhecimento decidido pelos burocratas da educação que sequer reconhecem as diferenças vividas em cada escola do estado de São Paulo.

Essa manifestação foi a melhor avaliação que poderia ter acontecido ao longo de minha carreira como professor de Geografia da rede pública.

No dia 18/10/2013, postei em minha página do Facebook:

Esclarecendo mais uma vez: eu não tenho nada contra a pessoa do diretor ou qualquer outro membro da liderança da escola! Eu só gostaria que houvesse diálogo, reflexão e todos os segmentos fossem ouvidos!

Não acho que escola tenha que ser oba-oba e qualquer pessoa que conhece o meu trabalho, sabe o quanto sou sério e me dedico à profissão que escolhi para minha vida; mas defendo que a escola tem que ser um espaço em que alunos e alunas se sintam bem, gostem, tenha atividades significativas e também prazerosas – não vejo nada demais um jovem levar um violão, poder usá-lo no momento do intervalo, da mesma forma que uma professora de arte levar os estudantes para o pátio para desenvolver jogos teatrais, afinal está dentro do currículo de arte.

Sei que muitos colegas vão me criticar e inclusive contar sobre meus posts à liderança da escola e sei também que é muito mais fácil quererem que eu me remova, afinal, sou o chato, sou briguento, questiono, não me deixo levar pela ilusão que um diretor autoritário faz a escola ser melhor.

Que a ação dos estudantes da EE. "João Rodrigues Bueno" ecoem e resultem em uma nova escola, onde os que devem ser os protagonistas cumpram seu papel e não achem que copiar tudo o que os/as professores/as passam na lousa é o mais importante para suas vidas! Leiam mais, questionem mais, reflitam mais! É disso que nosso mundo precisa! (PROENÇA, 2013).

O melhor momento do dia é a aula de Geografia!

Houve um tempo em que acumulei dois cargos de professor de Geografia na rede estadual de educação de São Paulo. Em uma escola, tinha cerca de trinta aulas semanais e, na outra, vinte.

Apesar de ter uma semana cheia de trabalho, as aulas eram concentradas nos períodos da manhã e da noite, ficando as tardes livres, momento em que estudava e preparava as aulas.

Na nova escola, localizada na periferia de Sorocaba, fui construindo minha identidade de professor junto com os colegas e com as turmas para as quais lecionava, e apesar dos muitos desafios que encontrava, sentia prazer em estar naquele espaço.

Havia uma turma, em especial, que me desafiava a estar sempre pronto a mudar todo o planejamento realizado para as aulas. Era o 1º A do Ensino Médio, no período da manhã.

Invariavelmente, as quartas e sextas, dias em que estava com eles em sala de aula, era um acontecimento. A maioria da turma já estudava a muitos anos juntos e, dessa forma, compunham um grupo muito unido, comunicativo, questionador e participativo.

Mal eu chegava à porta da sala, saudava-os com um animado “bom dia”, e a resposta vinha em coro: “Bom dia! Porque o melhor momento do dia é a aula de Geografia!” Ou alguma outra que faziam questão de ensaiar com a cumplicidade da professora Ana Paula, de História.

Aquilo era tão afetuoso que reverbera em uma saudosa alegria.

Na sequência, vários estudantes traziam uma enxurrada de questões que pensaram ao ver uma notícia na TV, uma discussão com outro professor, uma história pessoal.

Eles sempre achavam que estavam me enrolando para que não desenvolvesse aquilo que havia preparado, pois sempre lhes dava atenção e tentava, da melhor maneira possível, aproveitar o tema para desenvolver o assunto com toda a turma.

Em outros momentos, já havia reprimido estudantes por trazer questões fora do contexto do que estávamos estudando e, ali, passei a perceber que era muito

mais prazeroso para eles e para mim falar de coisas do cotidiano, daquilo que era emergente para eles, e eu sempre contextualizava com conceitos da Geografia. Ou seja, não estava deixando de atender ao currículo oficial, mas o fazia por outros atravessamentos, o que para os estudantes era mais interessante. Eu aprendia muito com eles.

Via o olho de cada um brilhar por lhes dar a atenção que de fato deviam poder receber e quase sempre voltava para casa com a sensação de ter feito bem o meu trabalho.

Mulheres da e na Educação

Segundo dados do Portal Brasil (2017), baseados em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres são a maioria da população brasileira e estão ocupando cada vez mais o mercado de trabalho. A educação é a área mais procurada para formação e atuação profissional, 83% das mulheres com 25 anos ou mais estão em cursos ou trabalhos que envolvem o ensino em todas as suas modalidades.

Na escola onde trabalho, a equipe toda – somando professores, inspetores, pessoal da merenda e da limpeza, pessoal da secretaria, estagiários, cuidadores e direção de escola – é formada por cerca de 60 pessoas, deste total, há apenas 4 homens, sendo 1 inspetor, 1 cuidador (recém-chegado), 1 professor e eu, diretor da escola, ou seja, 7% de funcionários homens e 93% de funcionárias mulheres.

Como ação para a reflexão sobre nossas práticas pedagógicas, procuro convidar profissionais que estejam ou que tenham desenvolvido pesquisas ou práticas exitosas em sua área de atuação para compartilhar com a equipe escolar, acreditando que as trocas de conhecimento e experiências podem contribuir para nossa formação em serviço.

Assim, tivemos o privilégio de receber na escola, para participar da Hora de Trabalho Pedagógico Coletiva (HTPC) ou das Reuniões de Avaliação de Ensino e Aprendizagem (RAEA) que realizamos a cada bimestre do ano letivo, algumas mulheres que compartilharam momentos de reflexão e aprendizagem.

Karen Castelli, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental da UNESP – Sorocaba, que esteve conversando com a equipe

sobre questões ambientais. Trouxe questões importantes sobre a obsolescência de objetos que consumimos em nosso cotidiano, a produção industrial mundial que consome matérias-primas numa velocidade assustadora e o nosso assujeitamento diante dos modismos reiterados exaustivamente pela publicidade.

A professora aposentada, Ana Angela Trombetta, trabalhou comigo no CEI 20 Victória Salus Lara, trouxe algumas das práticas de Yoga que realizava com as crianças da Educação Infantil, no sentido de explorar a calma, a delicadeza, a concentração. Alertou para o olhar sensível e o estímulo de atividades de relaxamento e meditação para diminuir os índices de ansiedade dos estudantes.

Camila Fontenele, artista visual, foi aluna minha no Ensino Médio, em uma escola estadual de Sorocaba/SP, convidei-a para realizar uma oficina de fotografias com as crianças da escola. E a experiência foi muito interessante, pois um dos alunos ficou encantado com uma máquina fotográfica analógica que a Camila apresentou a eles, que no final, ela até o presenteou. Ela desenvolveu atividades de passear pela escola para fotografar coisas corriqueiras, assim como realizar esses exercícios em casa e trazer para compartilhar com o grupo, eles deveriam observar os efeitos das luzes, tanto a natural quanto a artificial sobre os objetos, as formas, as composições. Ao final, realizamos uma exposição das fotos das crianças na Festa da Família.

A artista visual e design gráfica, Eliete Della Violla, que também foi aluna minha, no Ensino Fundamental, e sua visita à escola foi para apresentar à equipe o processo criativo que estava desenvolvendo através do projeto de iniciação científica da universidade em que estuda. A partir de um mergulho na vida e obra do poeta Manoel de Barros, Eliete estava criando ilustrações para uma das poesias do poeta.

Ana Godoy, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, esteve na escola para dialogar com a gente sobre bullying, pois estava acontecendo muitos casos de crianças serem encaminhadas para a direção sob a alegação de que estavam praticando essa ação contra colegas. Ana ajudou-nos a refletir que o bullying é uma construção do mundo adulto e é uma prática do adulto que a criança imita, sendo necessário diferenciar os momentos de enfrentamento próprios das crianças daqueles em que ela pratica o que vê o adulto fazer.

A professora Sílvia Lobo, doutora em Educação pela Uniso, apresentou sua pesquisa de doutorado que reflete sobre avaliação na Educação Infantil, a partir de

sua própria trajetória no cotidiano escolar – como aluna, professora, diretora e hoje pesquisadora em educação –, desconstruiu a imagem de escola punitiva elaborando uma ideia de escola em que as construções e o desenvolvimento de cada criança sejam levados em conta.

Roseli Garcia, doutora em Educação pela Uniso e diretora de escola da rede municipal de educação de Sorocaba, trouxe-nos um panorama sobre o Fórum de Educação Infantil de Sorocaba e nos convidou a pensar os avanços já conquistados e outras frentes que precisam ser trabalhadas, principalmente pensando a garantia do direito que todas as crianças têm de estar na escola.

Elaine Perez, doutora em Educação pela Uniso e também diretora de escola da rede municipal de educação de Sorocaba, explanou sobre sua pesquisa de doutorado que abordou a questão da medicalização da infância. Chamou-nos atenção a sua metodologia baseada em poesias que foi criando para responder às tantas leituras realizadas e, principalmente, em repensarmos nossas atitudes em relação aos encaminhamentos dados para as crianças, por as considerarmos agitada demais, apática demais, ou outros comportamento que entendemos como não adequados aos nossos olhos.

A vinda dessas mulheres na escola já é importante porque altera a nossa rotina. As contribuições que nos trazem, de suas experiências e pesquisas são importantes, pois nos ajudam a lançar outro olhar para questões de nosso cotidiano, que as vezes fica imerso nos afazeres burocráticos e nos perdemos ou deixamos passar oportunidades de crescimento pessoal e do ser/estar no grupo. Creio que da mesma forma a disponibilidade dessas mulheres virem até a escola é porque há troca, elas também ganham com aquilo que lhes narramos de nossas práticas e fazer pedagógicos.

As abelhinhas

A possibilidade de ter a presença de Bené Fonteles na escola surgiu em uma viagem à São Paulo, com os integrantes do grupo Ritmos do Pensamento, para participar da inauguração da Osso – exposição-apelo ao amplo direito de defesa de Rafael Braga, da qual Bené participaria com uma obra.

Na ocasião, sugeri para a professora Alda que poderia pedir alguma contribuição para empresas parceiras para arcar com as despesas da vinda do artista no mês de agosto, para participar de algumas ações na Floresta Cultural – uma iniciativa de jovens e moradores do entorno de um resquício de mata urbana no Parque Três Meninos, na Zona Leste de Sorocaba/SP. Em contrapartida, Bené realizaria uma oficina de sensibilização com as professoras da escola em que trabalho e duas oficinas com crianças representantes de cada turma.

O grupo concordou e, assim, no dia 9 e 10 de agosto, recebemos Bené Fonteles na escola.

No primeiro dia, ele nos convidou a entrar no mundo transcendental e afinar nossos sentidos, escuta e olhar, para o sensível. Utilizou um sino tibetano para explorar nossas sensações e proporcionar uma ligação com o que chama de inteiro ambiente e a essência do ser em grupo. Apresentou a proposta da Ágora: OcaTaperaterreiro, exposta na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, que algumas professoras haviam visitado, e propôs uma ativação para adiarmos o fim do mundo a partir de uma reflexão sobre o papel da abelha no inteiro ambiente, apresentando imagens e, ao final, nos propôs uma brincadeira cantada de roda, com a música Abelhinha, composta por ele.

Com as crianças, no segundo dia, Bené provocou um contato delas com o mundo das abelhas. Ensinou-as cantar a música da abelhinha e conversou sobre a importância delas para o equilíbrio ambiental – a importância da polinização, a produção do mel e outras propriedades medicinais, mostrando as caixas utilizadas pela apicultura, o favo de mel e o mel processado e inúmeras figuras de flores e abelhas.

Na sequência, distribuiu cartolinas para pares de crianças que deveriam, a sua escolha, realizar uma arte utilizando recortes, tecidos, lápis de cor, giz de cera, guache, linhas e outros materiais que levamos para as atividades.

Um pedido foi feito: que não interferíssemos na produção das crianças, que elas tivessem liberdade para fazer o que bem entendessem.

O resultado foi uma exposição de cores, texturas e criações mil.

Reigota e as crianças

Já tinha um tempo que desejava ter a presença do professor Marcos Reigota na escola onde trabalho. No início do ano de 2017, em uma de nossas conversas/orientações, propus a ele um encontro com professores e talvez com as crianças, dizendo que Marta Catunda, Alda Romaguera, Ana Godoy já haviam estado na escola e que foram encontros muito bons e agora era a vez dele de ir. Imediatamente, Reigota pegou sua agenda e propôs uma data para agosto, logo depois de seu retorno de uma viagem ao Japão.

A partir daí, comecei a pensar como realizaríamos esse encontro. A ideia de colocá-lo em contato com as crianças persistia e o tema poderia ser o livro ‘Hiroshima e Nagasaki’, disponível online, que relata as reflexões de Reigota sobre a temática nuclear e os efeitos das bombas lançadas, na primeira metade do século XX, sobre a população civil das cidades japonesas.

Tive o cuidado de imprimir uma versão do livro e sugeri aos professores dos quintos anos que o lessem e pensassem num trabalho com as turmas. Porém, após algum tempo, interpelei-os sobre isso e nada havia sido feito.

Assim, resolvi que eu mesmo iria propor algo às crianças. Numa tarde, ao notar algumas meninas do 5º ano E passando pelo corredor onde fica minha sala, chamei-as e comecei a falar sobre a vinda do professor Marcos Reigota na escola e as ideias de fazer um trabalho com o seu livro. Expliquei-lhes sobre a Segunda Guerra Mundial e as bombas de Hiroshima e Nagasaki. Percebi que os olhos de algumas delas brilhavam enquanto ia falando, no final, ao demonstrarem interesse em participar, disseram-me que, no momento em que as chamei, elas acreditavam que eu ia lhes chamar atenção por estarem fora da sala de aula e por passarem demais pelo corredor da minha sala.

Nos dias que se seguiram, chamei aquelas e demais crianças dos outros quintos anos que haviam demonstrado interesse, e enquanto distribuía fragmentos do livro para uma possível leitura, conversava sobre ele, mostrando-lhes a foto que o professor Marcos havia dado para a escola e que coloquei na Sala de Leitura.

Também lhes mostrei uma foto do professor Marcos no Facebook, pois estavam todos curiosos para saber como era ele.

Surpreendeu-me a expectativa que os pequenos criaram em torno do encontro que se aproximava. Comentavam com seus familiares, com professores e funcionários da escola. A mãe de uma das meninas, inclusive, postou em uma rede social que sua filha teria uma palestra com o professor Marcos Reigota.

Para o dia, não combinamos nada específico sobre como seria o encontro. O professor Marcos havia me enviado algumas fotos para que eu as imprimisse e elas deveriam circular enquanto a conversa acontecesse.

Ele iniciou contanto como foi a viagem ao Japão, sua visita às cidades de Hiroshima e Nagasaki, por ocasião da celebração pela paz, e o interesse em pesquisar os efeitos das bombas em espécies vegetais e animais que não o ser humano, relatando sobre a árvore que estava distante 1 quilômetro, aproximadamente, do local da explosão e que permaneceu intacta e foi transferida para o Parque da Paz.

As crianças quase nem piscavam os olhos ao ouvi-lo e, ao final, ele abriu espaço para que elas pudessem fazer as suas questões. Uma surpreendeu a todos que estavam na sala ao perguntar: “qual foi a sensação de estar ao lado de sobreviventes da explosão de uma bomba atômica?”.

Sofia foi quem perguntou e, desde o início, havia se mostrado a mais interessada no encontro. Ao final, após o encerramento, convidei a todos para irmos tomar um café, e ela me perguntou se poderia dar um abraço no professor Marcos, eu lhe disse: “não sei, pergunte para ele”.

Neste momento, além da Sofia, que lhe deu o abraço mais afetuoso que já pude presenciar, diversos alunos e alunas se reuniram em torno do professor, que autografou os fragmentos de texto trazidos pelas crianças, e alguns pediram inclusive que ele desse seu autógrafa na própria camiseta que vestiam e no braço.

O encontro não poderia ter sido mais intenso, prazeroso e significativo para todos que puderam experimentá-lo.

Um banquete de imagens

Quando fiz a disciplina Educação em conexões poético, político e estéticas, com a professora Alda Romaguera, ela nos contou sobre o coletivo Fabulografias⁶⁶

⁶⁶ Para saber mais acesse: <http://fabulografias.weebly.com>

do qual participava em Campinas, e que propôs entre outras ações, o Banquete de Imagens, a fim de refletir sobre a questão “Que Áfricas ventam por você?”.

Como achei a proposta interessante, pensei que poderia ser desenvolvida na escola, para, justamente, provocar um questionamento sobre quais referências temos sobre os povos originários da África e os negros com quem convivemos diariamente em nosso cotidiano. Assim, fiz a proposta para a Alda, que se prontificou a falar com os integrantes do grupo e analisar as possibilidades.

No dia 30 de setembro de 2014, recebemos o coletivo Fabulografias para desenvolver o Banquete de imagens na escola, com a equipe. Mas como a equipe era numerosa, foi dividida em três grupos, sendo que cada um realizaria uma oficina diferente, em forma de rodízio.

A primeira era a do Banquete de imagens – comandada pela professora Alda –, e se dava em volta de uma mesa preparada com fotos, tipo cartão postal, livros e outros textos. Além destes, alguns outros objetos foram espalhados ao redor da mesa, como instrumentos musicais, objetos afetivos que os participantes trouxeram de casa e que julgavam fazer alguma alusão à África e fotos em tamanho grande. Essa oficina consistia em, durante alguns minutos, transitar ao redor da mesa e apenas observar as fotos, os textos e os objetos nela dispostos. Num segundo momento, os participantes deveriam escolher um ou mais textos que mais os tivessem atraído para partilhar a leitura roubada – ou seja, um começa lendo, mas outro, quando percebe que o seu texto pode dialogar com aquele, inicia sua leitura, interrompendo o colega. O terceiro e último momento consiste em cada um produzir um texto a partir de sua experiência, usando ou não alguma das imagens.

A segunda oficina era de fotografia, e consistia em cada um utilizar seu próprio aparelho celular ou câmara particular, para registrar, pela escola, ao comando de Alik Wunder, imagens que apresentassem luz e sombra, formas retas, formas circulares, cores fortes, preto e branco. No final, deveríamos criar composições para fotografar a partir do tema “Que Áfricas ventam por você?” e partilhar com o grupo aquelas que considerássemos mais expressivas.

A terceira oficina, oferecida por Marli Wunder, era de produção de foto-poemas, cartões ou outros artefatos artísticos a partir de fotografias velhas e sem uso. Com uma técnica de raspagem feita com uma palha de aço, o participante

podia modificar a imagem da foto escolhida e, utilizando outros papéis e objetos, como linhas, agulha, botões, tintas e colas coloridas, compor a sua criação.

Foi um momento ímpar de formação/experimentação da e na equipe escolar. Cada um, a sua maneira, se entregou a essas oficinas e se permitiu vivenciar as muitas Áfricas que nos afetam através de histórias, imagens, sons, cabelos, olhares, peles e objetos. Ao final, criamos coletivamente uma roda de dança com os tambores.

Posteriormente, as fotos foram reveladas e expostas na Festa da Família daquele ano, numa sala onde uma das professoras ofereceu uma oficina de bonecas Abayomi, termo que, na língua lorubá, significa “encontro precioso”.

Os cinco sentidos como maravilhas do mundo

Houve um ano em que conseguimos realizar na escola estadual onde eu trabalhava, em Sorocaba/SP, a feira cultural.

Para o evento, cada professor ou grupos de professores, divididos pelas suas áreas ou afinidades, puderam criar um ambiente para expor as produções dos estudantes. Com as turmas do Ensino Médio, desenvolvi o corredor dos sentidos: cada turma ficou responsável por um dos cinco sentidos e deveria se mobilizar para criar um ambiente em que o sentido fosse evidenciado. Os visitantes entrariam num corredor, preparado dentro de uma sala de aula com lonas pretas, com os olhos vendados e descalços. A turma responsável pelo tato preparou uma série de materiais como folhas, areia, pó de serra, água, lixas e outros materiais com diferentes texturas para os visitantes experimentarem com os pés e com as mãos. A turma do olfato colocou algumas dezenas de produtos como canela, cravo, erva-doce e outros aromas dentro de pequenas trouxinhas de tule penduradas como móveis no corredor. A turma do paladar preparou uma boa quantidade de produtos que iam de frutas a sucos e temperos para que o convidado pudesse experimentar e adivinhar do que se tratava. A turma da audição, igualmente, preparou um espaço onde uma música suave, como as de meditação e relaxamento, podia ser ouvida e espalhou sinos do vento que soavam quando a pessoa passava. Finalmente, a turma responsável pela visão, último espaço do corredor e onde a pessoa poderia retirar as vendas dos olhos, criou um cenário onde muitas imagens de

revistas e jornais, além de uma televisão ligada, traziam uma série de boas e más sensações ao visitante. Quando cada um saía do corredor dos sentidos, ganhava um sabonete com uma mensagem e era convidado a registrar as suas sensações no livro de visitas.

Com as turmas do EJA, no período noturno, realizamos dois trabalhos diferenciados, o primeiro foi a construção de maquetes de pontos que eles, estudantes, consideravam importantes na cidade de Sorocaba, e o segundo foi uma peça de teatro que reproduzia um espetáculo circense. Porém, não era um circo comum. Apesar de haver os personagens típicos de um picadeiro, o malabarista tentava dar conta não de bolas, tochas, argolas, mas, sim, das contas mensais, como energia, água, gás, supermercado, farmácia etc. A equilibrista não passava por uma corda bamba, mas tentava se equilibrar por entre problemas que há muito enfrentamos em nossos cotidianos, como o preconceito, as injustiças sociais, o racismo e as violências. O domador não tinha feras à sua frente, mas todas as cargas tributárias dos impostos e taxas que somos obrigados a pagar – imposto de renda, IPVA, IPTU, taxas bancárias, entre outras. O palhaço não era engraçado, ele trazia uma mensagem de paz, amor e esperança na humanidade, contudo, todos riam dele, como se o que ele estivesse dizendo fossem as piadas mais engraçadas de todos os tempos.

Uma aventura por São Paulo com os estudantes da EJA

Em 2006, quando lecionava para as turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), decidi montar uma excursão para a cidade de São Paulo, seria num sábado, para facilitar a participação de todos os que quisessem. A ideia era conhecer dois espaços que eu acreditava serem importantes para o desenvolvimento dos educandos interdisciplinarmente: o Memorial do Imigrante – localizado no bairro da Mooca, e o Museu da Língua Portuguesa, no edifício Estação da Luz. Seriam dois momentos para viver e sentir os conhecimentos. No final, incluímos mais uma exposição, Deuses Gregos, que estava na programação da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP).

O ônibus lotou rapidamente, havia uma variedade de faixas etárias, e o que mais me motivava eram as senhoras e senhores com mais de sessenta anos que

iam se dar o prazer de fazer um passeio por São Paulo para conhecer lugares que sequer tinham ouvido falar, alguns nunca haviam ido para São Paulo, que fica a menos de 100 quilômetros de Sorocaba.

Na manhã daquele sábado quente, cheguei na escola e a maioria já estava lá com suas mochilas e sacolas, pois havíamos combinado que levaríamos o lanche e partilharíamos, para evitar perder tempo escolhendo um restaurante ou lanchonete.

A alegria de cada um e cada uma delas naquele momento ainda reverbera em minha memória. Tentava dar atenção para todos; eles queriam me contar suas histórias, o que haviam trazido de lanche, as preocupações dos familiares com essa ação do professor...

A primeira parada seria no Memorial do Imigrante, onde teríamos um guia para nos apresentar o acervo. Cada um fazia seus registros de formas variadas, escrevendo, fotografando, questionando o monitor ou a mim mesmo, quando não entendiam algo. Antes de deixarmos o Memorial, fizemos um pequeno passeio numa Maria Fumaça toda reconstruída para lembrar o início do século XIX, quando as grandes levas de imigrantes europeus começaram a ser levadas para o interior do estado de São Paulo

De lá, fomos para a Estação da Luz, e muitos não se contentaram em ir apenas ao Museu da Língua Portuguesa, quiseram passar, mesmo que rapidamente, pela Pinacoteca. Eu os acompanhei.

Estavam muito animados e queriam sempre compartilhar comigo e com outros colegas as descobertas que faziam.

A praça da língua com o show de luz e poesia produziu muitas viagens.

No final, quase sem energia, mesmo com tanta coisa deliciosa que compartilhamos, dentro do ônibus, chegamos na FAAP.

A exposição estava incrível e nos transportou para dentro de uma aula de História da Grécia Antiga e as suas mitologias. Os estudantes ficavam boquiabertos ao descobrir a riqueza de detalhes de peças feitas com tão poucos recursos, se comparados com nossos dias.

Na viagem de volta, apesar de todo o cansaço das andanças realizadas nas exposições, cada um queria contar o que mais lhe agradou. E para mim, sem dúvidas, foi poder contribuir com esse momento na vida de cada um e cada uma daqueles estudantes.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

O patrão nosso de cada dia

Secos & Molhados

Eu quero o amor
Da flor de cactus
Ela não quis

Eu dei-lhe a flor
De minha vida
Vivo agitado

Eu já não sei se sei
De tudo ou quase tudo
Eu só sei de mim
De nós
De todo o mundo

Eu vivo preso
A sua senha
Sou enganado

Eu solto o ar
No fim do dia
Perdi a vida

Eu já não sei se sei
De nada ou quase nada

Eu só sei de mim
Só sei de mim
Só sei de mim

Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia

Por uma pedagogia do subterrâneo

Início esse caderno, que busca apresentar as considerações finais desta pesquisa, com um relato anotado no meu Diário de bordo.

O meu horário de trabalho varia de acordo com o dia. Há dias que entro às 12 horas e outros que entro às 7 horas.

Chegar pela manhã tem um sabor especial! As crianças estão no pátio e muitas delas correm para me dar um abraço de bom dia.

As dos primeiros anos ficam próximas à porta do corredor que preciso passar para chegar a minha sala, então ali eu me demoro. Elas sempre têm boas histórias para me contar!

Ontem passei conversando com uma e com outra, perguntando para o Marcus se ele ainda estava dormindo – sua carinha mostrava que ali não era o lugar que queria estar naquele momento. Passei pela Jennifer e tentei “roubar” o seu lanche dizendo que não tive tempo de tomar café, e ela se recusou a me dar. Até que a Rebeca veio me dar um abraço e me perguntou se eu conhecia o Roberto, o menino de cabelo verde. Eu olhei

para ele e voltando-me para ela, exclamei: uau! O cabelo dele é verde! Que máximo! Como que pode isso? E ela, sem titubear, me respondeu: ele pinta o cabelo! (eu me divertindo com a conversa, continuei) Que legal e porque você não pinta o seu cabelo de verde ou de outra cor como ele? E ela: minha mãe não deixa e eu gosto do meu cabelo assim! Novamente eu provoco: eu tenho uma amiga, a Camila Fontenele que sempre pinta o cabelo com cores bem diferentes, às vezes rosa, outra azul e fica sempre muito lindo! E Jennifer interveio: diretor deixa eu te contar! Sabe o menino de verde? E eu, sei, o que tem ele? E ela responde: ele gosta de ser princesa! E eu, tentando ser o mais natural: sério? Que legal! É sempre bom brincar de faz de conta, porque a gente pode ser o que quiser! E nas brincadeiras, por que você não faz o príncipe dele? E ela: diretor, na escola não tem fantasia de príncipes! E eu: poxa, não tem fantasia de príncipe? Ah, esse diretor precisa arrumar uma grana para comprar um monte de fantasias de príncipes e outros personagens... E saio sorrindo com essa lógica infantil em que brincar é brincar e nada mais. Sem questionamentos, sem preconceitos, sem imposição do que é certo ou errado. Meu dia começou muito bem! Acho que nessa conversa no cotidiano escolar conseguimos, eu e a Jennifer, adiar um pouquinho, o fim do mundo (Diário de bordo, 17/10/2017).

Pode um menino de 7 anos pintar o cabelo de verde e gostar de ser princesa? Pode uma criança chegar à escola pouco antes das 7 horas da manhã e demonstrar sua insatisfação de estar ali? Pode um diretor atormentar as crianças, antes de entrarem na sala de aula, brincando que vai roubar os seus lanches, mochilas? Pode um diretor inventar que tem um cachorro voador em casa e deixar as crianças doidas para conhecê-lo? Podem as crianças vir com lista de livros, ou músicas, ou brinquedos, ou fantasias, ou ações que a direção e a equipe da escola deveriam adquirir ou realizar para deixar a escola melhor?

Sim, pode. A escola pode isso e muito mais. Pode alargar o seu horizonte, criando imagens caleidoscópicas, multicoloridas, multi(vidas), que se misturam e criam relações, e se você gira, experimenta outras sensações ao ouvir as histórias que as crianças têm para contar.

Se a OcaCaixaTese anunciava um desejo de ser um pequeno lampejo de lucidez política e poética, lançando luz sobre os cotidianos escolares para nos trazer inspirações e caminhos para transformar a nossa sonhada práxis pedagógica em realidade, acredito que tenha alcançado. Pelos caminhos percorridos e à compreensão de que o melhor encontro da vida é o que acontece com a gente mesmo, quando nos olhamos, nos percebemos e ouvimos a nós mesmos, sentindo nossos anseios, e, assim, passamos a suspeitar de nossos hábitos e rotinas como algo que segue uma lógica, sem lógica, e sentimos necessidade de mudar as rotas, desviar os traçados e nos permitimos transcorrer nossos desejos. Assim, não

precisamos mais ser os donos de nenhuma verdade, pois a verdade é sempre relativa e pontual, da mesma forma que não temos que ter controle sobre o que nos passa ou transpassa, consentindo-nos experimentar a vida e aquilo que ela nos oferece. Há que se ter o cuidado para não cair nas ciladas do poder, esse jogo que se dá na superfície, nas relações, no entre ser e estar em contato com o outro.

Chegar nesse estágio foi possível também pelos encontros com o outro. Como o que aconteceu, em 2006, com o professor Marcos Reigota, quando estava prestes a entrar no mestrado e que perdura até agora; e muitos outros, como a professora Alda Romaguera, o professor Lupicinio Iñiguez-Rueda, os demais professores da Espanha e Portugal o ativista Bené Fonteles, esse, especificamente, fortaleceu em mim a importância de voltar a ancestralidade e me conectar ao ambiente inteiro, encontrando outras maneiras de me relacionar comigo mesmo e com os grupos e espaços que habito. O encontro com Pedro Lemebel, nesta trajetória foi substancial.

Como também foi importante o encontro com as professoras trans que atuaram e/ou estão atuando em benefício de uma escola mais cidadã, democrática e que cumpra seu papel de formar pessoas que possam estabelecer boas relações e ter compreensão de que a vida é muito mais do que apertar um parafuso ou trocar um pneu, ou construir uma casa, ou lavar e passar, arrumar a casa e cozinhar; que vale ser vivida até as últimas consequências com liberdade, respeito e diálogo e, finalmente, por trazer a pedagogia do subterrâneo, anunciada desde o início, ensaiada ao trazer o mergulho realizado em Pedro Lemebel, exemplificada nas narrativas trans e que agora me permito avançar mais um tanto sobre o conceito sem esgotá-lo, já que outros poderão levar adiante ou desconstruí-lo para, na sequência, construí-lo de outra maneira.

A pedagogia do subterrâneo, aquela que acontece nos espaçostempos dos cotidianos escolares, não é, de maneira alguma, invisível ou imperceptível, pelo contrário, ela vaza pelas frestas da porta, por entre as grades dos portões, pelas janelas muitas vezes quebradas das salas de aula, pelos muros grafitados pelos estudantes. Se a escola pulsa, pelos poros do cotidiano escolar escorrem pistas de ações que só os pesquisadores no cotidiano conseguem enxergar, pois, para ver, há que ter disposição, sensibilidade e não estar preso a educação maior – aquela que dita os currículos, que estabelece metas, prazos e normas. Os pesquisadores no

cotidiano sabem que os melhores resultados podem ser obtidos nas práticas menores do cotidiano, práxis pedagógicas de resistência e de militância, a micropolítica que não quer examinar os mínimos detalhes da criança, mas que, num diálogo com o seu conhecimento de mundo, amplia sua própria visão, ao contribuir para a ampliação do campo de visão do estudante.

Quando me aproximei da escrita do chileno Pedro Lemebel e percebi a força de sua escrita e de sua existência para provocar a atenção e mobilizar os seus leitores – ele iniciou publicando textos panfletários, em jornais e revistas populares, e lia suas crônicas num programa de rádio –, nada sofisticado, pelo contrário, radical e militante, passei a compreender essas estratégias de resistência que não se enclausuram em si mesmas, mas irrompem, desde o subterrâneo, onde as forças normativas querem colocar aqueles que não se conformam aos padrões preestabelecidos histórica, social e culturalmente. Essas estratégias nos dizem que a vida vale ser vivida em sua plenitude, desde a sua homossexualidade, sua bichice, sua ascendência indígena, sua origem pobre, suas práticas sexuais, seus hábitos de alcoólatra. Seu corpo é o seu campo de batalha. Sua voz brada contra a corrupção de uma classe burguesa que se vende para permanecer exercendo o poder e os privilégios contra uma população que carece do básico para uma vida vivível.

A escrita de Lemebel é como uma espada afiada. Seus textos podem nos levar à reflexão sobre nossas próprias práticas cotidianas. Nos textos, vocifera pelo desaparecidos políticos da ditadura de Pinochet e contra a violência ratificada pelo governo que tem por alvo os gays afeminados, travestis e prostitutas; a homogeneização da homossexualidade, pasteurizando aqueles que assumem o comportamento de outros países capitalistas (onde ser gay é possível, desde que se mantenha um *status quo*, dentro de uma relação monogâmica, com um comportamento discreto, sendo consumidor da última moda nos vestuários, cultura e política), enquanto os demais continuam a ser estigmatizados e relegados a uma cidadania de segunda classe, afinal, “a carne mais barata do mercado é a carne negra” (como canta Elza Soares) e eu acrescento, é também a carne indígena dos miscigenados, dos estrangeiros, dos pobres das periferias, enfim, dos que estão nas margens.

Dessa forma, não dá para dizer que as populações LGBTs do Brasil, do Chile e do restante do mundo não estão nas margens ou nos subterrâneos das relações

sociais. Os números da violência contra elas estão estampados em muitos meios de comunicação, para quem quiser ver, e foram apontados quando comento a peça *O Evangelho segundo Jesus, a rainha do céu*⁶⁷. O Brasil continua sendo um dos países que mais mata travestis e transexuais. Assim, a resistência e a luta têm que continuar e, se possível, reinventando-se, para não ser cooptada.

Se, para o professor Rodrigo Barchi (2017), essas populações estão tendo visibilidade, como pontuou no parecer da banca de qualificação – “eles já estão muito expostos, estão andando em hordas pelas ruas (veja a Parada Gay), e deixaram o armário, ou as tocas de toupeiras do subterrâneo, há muito tempo” –, há que se preocupar com aqueles que ainda permanecem sendo mortos, perseguidos, violentados, inclusive dentro de casa, caso de Itaberli Lozano, encontrado morto em um canal, em Cravinhos/SP, no início de 2017, cuja morte, segundo as investigações, foi provocada pela própria mãe que era homofóbica. Quantos jovens como esse vivem a mesma situação?

Infelizmente, ganhar as ruas não é sinônimo de respeito, ter uma casa noturna e segura, onde os LGBTs possam se divertir, também não garante que, ao voltar para casa, não serão acertados com golpes de lâmpadas, em plena Avenida Paulista. Assim como há ainda muitos que não se encorajaram a sair do armário, afinal, as cobranças e o investimento das instituições como família, religião e escola, em sua maioria, seguem querendo formatar homens e mulheres tomando-os como modelos únicos e exclusivos para a sociedade.

É o que vem acontecendo desde 2015, em relação aos Planos de Educação, nos níveis municipais, estaduais e o federal. Houve uma pressão de grupos ligados às igrejas evangélicas e católica para a retirada da abordagem das identidades de gênero. O que isso significa? Não querem nos colocar nos subterrâneos para que vivamos uma vida às escuras, nos guetos de onde não deveríamos ter saído?

Recentemente, em 20/10/2017, a revista *Fórum* online veiculou a notícia sobre uma jovem estudante do Ensino Médio, em Lages/SC, que foi suspensa e teve a sua matrícula para o próximo ano letivo negada por não aceitar as condições da escola – particular – de que naquela instituição não se ensinava sobre sexo, “ideologia de gênero”, ativismo LGBT, comunismo, esquerdismo e religião. A estudante fez um post nas redes sociais criticando a postura da escola, recebendo

⁶⁷ Ver caderno *Diálogos atravessadores II: estéticas e poéticas outras para alargar as margens e fazer emergir os subterrâneos*.

milhares de curtidas e compartilhamentos, por isso, foi suspensa e seus responsáveis não puderam efetuar a matrícula para 2018. Ora os currículos oficiais de História, Geografia, Filosofia e Sociologia aparecem conteúdos, direta ou transdisciplinarmente, como é o caso da religião quando, em História, o professor vai trabalhar a Reforma e a Contrarreforma. Tais temas estão na escola, a compõe, porque fazem parte da vida dos sujeitos que estão na escola. Assim, eu pergunto: as questões das sexualidades e a orientação sexual estão todas resolvidas? Se sim, não teríamos Amara Moira dizendo da necessidade de pensar modelos de educação que rompam com o padrão de masculinidade que aí está, com a violência que sujeitos como ela sentiram na pele, afinal, como ela mesma diz, “nós somos aquelas para quem tudo pode ser dito. A gente está completamente à margem” (MOIRA, 2017, online).

Quando proponho uma pedagogia do subterrâneo não estou dizendo que é da ordem do que está submerso, nas profundezas ou escuridão dos armários – que, desgraçadamente, ainda muitos vivem, como já ressalté anteriormente –, o que estou dizendo é que essas forças normativas que teimam em reiterar padrões heteronormativos, acabam apresentando discursos que colocam nas margens os corpos que apresentam uma sexualidade diferente, cambiante ou fluída e os querem submeter a guetos, ao subterrâneo, e seguir fingindo que o mundo continua o mesmo, que nada mudou, e que a hegemonia deve estar sempre nas mãos de uma classe burguesa, branca, cristã, defensora da família como união de um homem com uma mulher, para continuar pagando a travesti para satisfazer, na calada da noite, as fantasias e prazeres que não pode realizar com a esposa que deve ser “linda, recatada e do lar”.

Ou seja, há um caminho longo e de muita luta, resistências e enfrentamentos para nós que estamos imersos nos cotidianos escolares, sejam eles quais forem – da Educação Infantil ao Ensino Superior. É necessário incluímos em nossas agendas de trabalho, nos cotidianos escolares, essas e outras questões: racismos, migrações, meio ambiente, e a vida em grupo.

As relações acontecem nos atravessamentos, a vida está na superfície, e é esse o lugar que todas as pessoas merecem estar, independente de seus credos, cultura, classe social, etnia, gênero ou sexualidade.

Os quatro pesquisadores convidados para diálogos marginais⁶⁸ estão neste trabalho para ajudar a pensar estratégias, ações e resistências para os cotidianos escolares cuidarem desses atravessamentos, sem permitir que haja apagamentos de vidas.

A estratégia de Murilo Moscheta, ao propor à turma que lhe apresentasse um ensaio ao final do curso sobre suas observações no cotidiano para marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade e classe social é, sem dúvida, um ato de resistência, no sentido de alargar o seu olhar e o olhar desses jovens estudantes, futuros psicólogos que perceberam que o apagamento do negro, a ênfase em papéis delimitados para homens e para mulheres, o reforço de estereótipos gays na TV, e a difícil missão de viver mensalmente com um salário baixo é mais perceptível do que se imagina.

Também vejo resistência na prática desenvolvida por Eduardo Silveira, em que os estudantes borram a Biologia, assim como o palhaço Verde Gaia Filho faz, e novas narrativas surgem aproximando literatura com as biodiversidades. A Biologia passa a compor o cotidiano ganhando novos sentidos ao ser ficcionalizada, e dessa forma abre espaço para novos diálogos, como as identidades de gênero que aparece na história do Nelson, um caracol hermafrodita que queria se chamar Chica, pois, pelas regras da moral e dos bons costumes dos caracóis, ele poderia apenas se reproduzir com caracóis com nomes de fêmeas, mas o que ele mais desejava era viver o amor com Teobaldo.

Há escolas em que as bichas fazem a festa, como aponta Thiago Ranniery, mas muitos profissionais, ainda sem se dar conta, pensam estratégias para orientar os adolescentes e jovens, a partir de um discurso normativo, e os estudantes riem da cara deles, afinal, em relação à sexualidade, são *experts*.

Ações micropolíticas, duvidar dos tratados assinados nos gabinetes e criar a militância no cotidiano, invertendo as lógicas, promovendo ruídos, “a educação menor como fazer político”, como diz Rodrigo Barchi (2016, p. 187), em que bandas de *hardcore*, por exemplo, denunciam o uso dos recursos naturais e a produção de energia nuclear, questionando as intenções de desenvolvimento e bem-estar social proclamadas pelos grandes conglomerados da produção mundial.

⁶⁸ Ver caderno *Diálogos atravessadores I: do panorama político brasileiro às perspectivas marginais*.

A pedagogia do subterrâneo acontece quando uma professora trans é eleita para a direção da escola, pelo voto dos segmentos que a integram. Também acontece quando uma estagiária trans chega à escola como participante do Projeto de Alfabetização e Letramento e é recebida como sujeito importante para o cotidiano e as práticas escolares. Ou ainda, na relação que a direção da escola estabelece com os funcionários, sem fazer distinção da função que desempenham, ressaltando que, ali, todos são educadores. Assim, cada uma das narrativas presentes no caderno *Narrativas trans: pedagogia do subterrâneo* traz os diferentes elementos que compõem esse subterrâneo que, ao sofrer pressão, é como os gêiseres ou as nascentes de água, acabam sempre transbordando para as superfícies.

Nas narrativas como *A gincana de Ciências, Uma aventura por São Paulo com os estudantes da EJA, O quintal de nossa escola é maior do que o mundo* e *Produção de aromas infantis*, temos exemplos de como a escola poderia explorar muito mais outras formas de produzir conhecimento, tornando-o significativo, colado à vida dos estudantes.. Quanto a escola que o Thiago Ranniery acompanhou para fazer a pesquisa poderia contribuir para a formação dos estudantes gays considerados violentos e que, apesar de tudo, ainda nutriam afeto pela escola, ao ponto de tê-la como seu referencial de bom lugar para estar? Que estratégias poderíamos adotar para incentivar o diálogo com os jovens estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior propondo-lhes reflexões que possam propiciar abertura da escuta para aquilo que diverge (do que cada um pensa e diz), cuidando para que aspectos apresentados nas narrativas como *Os passarinhos, Para que servem as filhas?* e *Problematizar as identidades* possam ser desconstruídos e constituam pontos para alargar o pensamento e as relações do micro para o macro?

Em *Está chovendo histórias, Escola não é prisão!* e *O melhor momento do dia é a aula de Geografia!*, pode-se evidenciar o papel de protagonistas que assumem os estudantes e outros agentes do cotidiano escolar, quando lhes é negado o direito de fala e se mobilizam para reivindicar o diálogo ou quando, em uma atitude de respeito e democracia, lhes é reconhecido o direito de (inter)agir no cotidiano, modificando-o, ao serem valorizados e considerados.

Também é possível promover provocações que exigem algum tipo de deslocamento de nossas zonas de conforto, como apresentado nas narrativas *Mulheres da e na Educação, As abelhinhas, Reigota e as crianças* e *Um banquete*

de imagens, em que a equipe escolar ou as crianças são interpeladas por alguém que vem de fora; muitas vezes a presença de um estrangeiro pode causar reviravoltas na ordem dos relacionamentos profissionais, na compreensão das diferenças, agindo na desconstrução de ideias canonizadas por uma instituição, problematizando o cotidiano para que de alguma forma, repensemos nossas práxis, em vista de uma escola mais democrática e menos formatadora.

As narrativas apontam transbordamentos do cotidiano escolar, que podem e que provavelmente acontecem em muitas outras escolas, muitas das quais vivem realidades mais complexas, com outros problemas e questões mais urgentes para enfrentar, mas são narrativas que carregam a força da práxis sugerida por Paulo Freire (2017), em *Pedagogia do oprimido*, e que podem promover alguma alteração para os sujeitos envolvidos.

A narrativa *Escola não é prisão!* ocorreu em 2013, logo após toda a onda dos movimentos que saíram às ruas, num primeiro momento protestando contra os valores da passagem de ônibus e que se estenderam para outras pautas, conforme outros grupos iam aderindo. Naquele instante, em que os estudantes se recusaram a retornar, após o intervalo, para a sala de aula e ocuparam a quadra, algo se rompeu, houve uma problematização e todos os envolvidos saíram diferentes daquela experiência. Até mesmo aqueles que, amedrontados por possíveis represálias, ficaram com os professores nas portas das salas. E o processo continua, as forças da macropolítica são diluídas em ações que visam capturar os sujeitos em seu cotidiano, porém, as micropolíticas resistem. É permanente a luta por libertação.

A pedagogia do subterrâneo é uma aposta em fazer emergir práxis libertadoras no cotidiano escolar, transbordando vida, desejante e repleta de resistência a tudo que pretende aprisionar a história singular/plural dos estudantes, dos professores, dos diretores e demais profissionais que povoam os cotidianos escolares com suas diferenças.

Preciso me encontrar
Cartola

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar

Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

Deixe-me ir preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Deixe-me ir preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar

REFERÊNCIAS



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

A CASA dos mortos. Dir. Débora Diniz. Anis - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. Brasil, 2008.

AITKEN, Doug. Sonic Pavilion. **Instituto Inhotim**. Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/sonic-pavilion>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

ALARCÓN. Rodrigo. Los mundos de Pedro Lemebel. Diario Uchile, **Radio Universidad de Chile**, Santiago, 25 jan. 2015. Disponível em: <<http://radio.uchile.cl/2015/01/25/los-dos-mundos-de-pedro-lemebel/>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. et al. Mulheres trans na escola: a política do nome social. In: KIND, Luciana. et al. (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 85-86.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. et al. Mulheres, travestis e transexuais: interseções de gênero em documentos de políticas públicas. In: KIND, Luciana. et al. (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 87-88.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da escola**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ANDRADE, Vitor Lopes. Entre direitos e invisibilidades: refugiados e refugiadas por orientação sexual no Brasil. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 117, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

A NOVA diva brasileira. Saullo Berck. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QaUSwwX2ICk>>. Acesso em: 4 set. 2015.

ARAÚJO, Igor Brasil de. et al. Redes de cuidado à saúde do homem: cartografias da saúde do trabalhador pelo SUS. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 85, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

A VIZINHANÇA do Tigre. Dir. Affonso Uchoa. Brasil, 2014.

AZUL é a cor mais quente. Dir. Abdellatif Kechiche. Genevieve Nema. França, 2012.

BACCHINI, Bruno. Pesquisa mostra que robôs aumentam polarização nos debates nas redes sociais. **EBC Agência Brasil**, São Paulo, 03 set. 2017, online. Disponível

em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/pesquisa-mostra-que-robos-aumentam-polarizacao-dos-debates-nas-redes-sociais>>. Acesso em: 17 out. 2017.

BALADA LITERÁRIA. Apresentação. Disponível em: <<http://baladaliteraria.com.br/#apresentacao>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BARBOSA, Ana Paula Tatagiba. O ingresso masculino como trabalhadores na educação infantil: a experiência dos agentes auxiliares de creche cariocas. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 83, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BARCHI, Rodrigo. **As pichações nas escolas: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária**. 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2006.

BARCHI, Rodrigo. **Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)**. 2016. 321 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2016.

_____. Qualificação de doutorado – Eder Rodrigues Proença. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 19 set. 2017.

BARRADAS, Efraín. Para travestirte mejor: Pedro Lemebel y las lecturas políticas desde los márgenes. **Iberoamericana**. *América Latina – Espanha – Portugal*. v. 9, n. 33. p. 69-82. 2009. Disponível em: <<https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/776/459>>. Acesso em: 15 set. 2016.

BATGUANO. Dir. Tavinho Teixeira. *Vã Ventura, Vermelho Profundo, Pigmento* Filmes. Brasil, 2014.

BELINASSO, Leandro. [E-mail]. 11 maio. 2016. Florianópolis/SC. [para] REIGOTA, Marcos. Sorocaba/SP. 3f. **Carta em resposta as palavras e imagens que marejam os olhos**.

_____. Como escrever com os ruídos do mundo? In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de (orgs.). **Formação, ciência e arte: (autobiografia, arte e ciência na docência)**. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 89-102, 2016b. Disponível em: <https://www.academia.edu/31279982/Como_escrever_com_os_ru%C3%ADdos_do_mundo>. Acesso em: 14 fev. 2017.

BIANCHI, Alvaro. Neoconservadorismo, neoliberalismo e neofundamentalismo. **Cult**, São Paulo, ano 19, n. 219, dez. 2016. p. 18-20.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. Performance hardcore, masculinidade e a emergência do corpo blindado. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 183, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BONONO, Letícia Ueno. A heteronormatividade em xeque: masculinidades na crônica de Eliane Brum e o ato de narrar como libertação e transformação. In: Gema/ufpe. Et al. Livro de resumo **do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 174, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BRAGA, Ruy. A herança do neoliberalismo: sementes da revolta. **Cult**, São Paulo, Ano 19, n. 219, dez. 2016. p. 14-17.

BRUM, Eliane. Pedro e João: a história de dois meninos gays e uma infância devastada. **Época**. 16 jan. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/01/pedro-e-joao-historia-de-dois-meninos-gays-e-uma-infancia-devastada.html>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BURDEN, Chris. Bean Drop Inhotim. **Instituto Inhotim**. Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/beam-drop-inhotim-2008>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

CABRUJA, Teresa. Encontro com Teresa. Girona, 25 jun. 2015.

CATRACA Livre. **‘Agreste’, de Newton Moreno, é encenado no Itaú Cultural**, 30/05/2017. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/sp/spetaculo/gratis/agreste-de-newton-moreno-e-encenado-no-itaucultural/>>. Acesso em: 16 out. 2017.

CHAMY. Constanza Hola. Adiós a Pedro Lemebel, la “yegua” literaria que rompió tabúes em Chile. **BBCMundo**. 23 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/01/150123_cultura_perfil_pedro_lemebel_chile_ch>. Acesso em: 9 ago. 2017.

CHAVEZ, Roland Álvarez. Las fallidas transformaciones al interior del movimiento LGBT en el Perú: una interpretación crítica desde la perspectiva interseccional. **The Postcolonialist**, v. 2, n. 1, jun. 2014. Disponível em: <<http://postcolonialist.com/academic-dispatches/las-fallidas-transformaciones-al-interior-del-movimiento-lgbt-en-el-peru-una-interpretacion-critica-desde-la-perspectiva-interseccional/>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

COLETIVO BISPO. **Bispo**. Disponível em: <<https://coletivobispo.wordpress.com/bispo>>. Acesso em: 18 out. 2017.

COLL-PLANAS, Gerard; VIDAL, Maria. **Dibujando el género**. Barcelona/Madrid: Egales, 2013.

CORDEIRO, Roseneide; KIND, Luciana (orgs). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba, PR: CRV, 2016.

COSTA, Flavia. Pedro Lemebel: la rabia es la tinta de mi escritura. Suplemento Ñ, **Diario Clarín de Buenos Aires**, 14 ago. 2004. Entrevista. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2004/08/14/u-813177.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

CRIOLO. Espelho. Episódio Criolo. **Canal Brasil**, São Paulo, 11 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eP86LuPwUYk>>. Acesso em: 1 out. 2017.

DANTAS, Marta. As visões de Arthur Bispo do Rosário. **Carta na Escola**, São Paulo, nov. 2012. p. 43-47.

ECHEVARRÍA, Ignacio. Prólogo. In: **Poco hombre**: crônicas escogidas. LEMEBEL, Pedro. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

ELA volta na quinta. Dir. André Novais Oliveira. Filmes de Plástico. Brasil, 2015.

EL DESCONCIERTO. Redes: El repudio twittero a comentarios machistas de Jorge Hevia en transmisión de Juegos Olímpicos. Santiago, 07 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.eldesconcierto.cl/2016/08/07/redes-el-repudio-twittero-a-comentarios-machistas-de-jorge-hevia-en-transmision-de-juegos-olimpicos/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

EL MOSTRADOR. "La puerta al infierno", adelanto exclusivo del libro "Don Francisco, biografía no autorizada de un gigante". Santiago, 24 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.elmostrador.cl/cultura/2016/01/24/la-puerta-al-infierno-adelanto-exclusivo-del-libro-don-francisco-biografia-no-autorizada-de-un-gigante/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Agreste**, 15 jan. 2004. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento392514/agreste>>. Acesso em: 16 out. 2017.

FAJARDO, Marco. "Cancioneiro", el programa radial que hizo famoso a Lemebel. **El Mostrador**, Suplemento Cultura + Ciudad, Santiago, 24 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.elmostrador.cl/cultura/2015/01/24/cancionero-el-programa-radial-que-hizo-famoso-a-lemebel/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

FAUSTO, Ruy. Reconstruir a esquerda. **Revista Piauí**, São Paulo, Edição 121, out. 2016. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/reconstruir-a-esquerda>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

FESTIVAL MIXBRASIL. Evento: Balada Literária. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://www.mixbrasil.org.br/2013/teatro/teatro.asp?lng=&descricao=balada>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FLORES do Oriente. Dir. Zhang Yimou. Edko Film, New Picture Company, Beijing New Picture Film Co. 2011.

FOLHA DE S. PAULO. Morre aos 62 anos escritor e artista plástico chileno Pedro Lemebel. São Paulo, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/01/1579402-morre-aos-62-anos-escritor-e-artista-plastico-chileno-pedro-lemebel.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FONTELES, Bené. Trajetória de artistas em rede. **Revista Brasileira de Educação Ambiental.** Brasília, p. 131-136, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.sbectur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/viewFile/4082/2436>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

_____. **Àgora:** Oca Tapera Terreiro. Material do artista. 2016a.

_____. Bené Fonteles. In: VOLZ, Jochen; PRATES, Valquíria (orgs.). **Incerteza viva:** processos artísticos e pedagógicos: 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016b. Caderno Cosmologia e incertezas.

_____. **Aromas da Terra.** Serra do Cipó - MG, 2016c.

FONTENELE, Camila. **Todos podem ser Frida.** Disponível em: <<https://www.todospodemserfrida.com/sobre>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. [E-mail]. 15 ago. 2017. Sorocaba/SP. [para] Proença, Eder Rodrigues. Sorocaba. 1f. Atravessiamo.

FÓRUM [portal]. Aluna é suspensa depois de criticar escola que proibiu discutir sexo, gênero e religião. 20 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2017/10/20/aluna-e-suspensa-depois-de-criticar-escola-que-proibiu-discutir-sexo-genero-e-religiao/>>. Acesso em 25 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 63 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Olívia. Sou travesti e não me prostituo. **Folha de S. Paulo.** 05 maio. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/minhahistoria/2016/05/1767302-sou-travesti-e-nao-me-prostituo-diz-professora-de-escola-publica-de-sp.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. O ensino fundamental: formação e transformação. **Quaestio,** Revista de Estudos de Educação, Sorocaba, v. 8, n. 2, nov. 2006. p. 89-104.

GAY Afeminados. Lorelay Fox. **Canal Para Tudo**, Youtube, Sorocaba, 16 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nSfuXJcbN4Y>>. Acesso em: 7 ago. 2015.

GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

GRAGNANI, Juliana. Autor Chileno Lemebel critica o preconceito em alto tom, apesar de câncer que afetou sua voz. Suplemento Ilustrada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1376025-autor-chileno-lemebel-critica-o-preconceito-em-alto-tom-apesar-de-cancer-que-afetou-a-sua-voz.shtml>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

GREC Festival de Barcelona. Programação. Disponível em: <<http://lameva.barcelona.cat/grec/es/programa/2015-com-possibilitat>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

GUEDES. Diogo. Afetos e política do escritor Pedro Lemebel. **Jornal do Comercio**, Recife/PE, 23 ago. 2014. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2014/09/23/afetos-e-politica-do-escritor-pedro-lemebel-147032.php>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

G1 [portal]. Pablo Vittar estreia em lista da Billboard em ranking semanal de artistas mais influente nas redes sociais. 04 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/musica/noticia/pablo-vittar-estreia-em-lista-da-billboard-em-ranking-semanal-de-artistas-mais-influentes-nas-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2017.

HATOUM, Milton. **Um solitário à espreita**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HERNÁNDEZ, Diana Catalina. La voz trans: violencia y resitencia. **Espacios Transnacionales**, n. 3, v. 5, p. 84-95, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2016/05/ET5_HERNANDEZ.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

IÑIGUEZ, Lupicínio. Prefácio. In: SPINK, Mary Jane Paris et all. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 7-9. (publicação virtual).

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA. Estudo mostra desigualdade de raça e gênero em 20 anos. 06 mar. 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526>. Acesso em: 2 jul. 2017.

INSTITUTO INHOTIM. Sonic Pavilion, de Doug Aitken, 2009. Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/sonic-pavilion>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

IULIANO, Giuliana. Conversa com Giuliana. Sorocaba, 11 jan. 2017.

JEFTANOVIC, Andrea. Pedro Lemebel: el cronista de las márgenes. **Lucero**, Universidad de California, Berkeley, 2000. Entrevista. Disponível em: <<http://www.letras.mysite.com/lemebel50.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

KIND, Luciana et al. (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas acadêmicas ou como contamos o que fazemos. In: _____. (org.). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016. p. 185-201.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

LA TERCERA. Muere el escritor nacional Pedro Lemebel a los 62 años. Cultura, Santiago. 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.latercera.com/noticia/muere-el-escritor-nacional-pedro-lemebel-a-los-62-anos/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

LEAL, Helena Gomes. **La esquina es mi corazón**: espacialidades performáticas nas crônicas de Pedro Lemebel. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.

_____. **Literatura e performance**: incursões teóricas a partir da escrita literária de Lemebel, Lispector, Pratas e Saer. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

LEMEBEL, Pedro. **Manifiesto** (Hablo por mi diferencia). 1986. Disponível em: <<http://lemebel.blogspot.com.br/2005/11/manifiesto-hablo-por-mi-diferencia.html>>. Acesso em: 14 set. 2016.

_____. Las Yeguas del Apocalipsis. Entrevista por Fabio Salas. **Cauce**, Santiago, n. 204, del 1 a 7 de mayo de 1989. p. 26-29. Disponível em: <<http://anarchivosida.org/relaciones/sites/default/files/documentos/Las%20Yeguas%20del%20Apocalipsis%20Revista%20Cauce.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

_____. **De perlas y cicatrices**. Santiago: Lom Ediciones, 1998.

_____. Pedro Lemebel: la yegua silenciada. Entrevista por Maureen Schaffer. **Hoy**, Santiago, n. 1072, del 9 al 15 de febrero de 1998. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2004/08/14/u-813177.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

_____. Pedro Lemebel: el cronista de las márgenes. Entrevista por Andrea Jeftanovic. **Lucero**, Universidad de California, Berkeley, 2000. Disponible em: <<http://www.letras.mysite.com/lemebel50.htm>>. Acceso em: 3 jul. 2017.

_____. **Tengo miedo torero**. Santiago de Chile: Anagrama, 2001a.

_____. El autor de “Loco afán” presenta su primera novela. Entrevista por Angélica Rivera F. **Las Últimas Noticias**, Santiago, 13 abr. 2001b. Disponible em: <<http://www.letras.mysite.com/lemebel11.htm>>. Acceso em: 2 jul. 2017.

_____. Pedro Lemebel y la loca del Frente. Entrevista por Faride Zerán. Rocinante. n. 30/04/2001c. In: **PROYETO PATRIMONIO**. Pedro Lemebel Disponible em: <<http://www.letras.mysite.com/pl180705.htm>>. Acceso em: 2 jul. 2017.

_____. Pedro Lemebel: o escribo o me enamoro. Entrevista por Jorge Gómez Lizana. **Publimetro**, Santiago, 03 mar. 2004. Disponible em: <<http://www.letras.mysite.com/pl060304.htm>>. Acceso em: 3 jul. 2017.

_____. Pedro Lemebel: la rabia es la tinta de mi escritura. Entrevista por Flavia Costa. Suplemento Ñ, **Diario Clarín de Buenos Aires**, 14 ago. 2004. Disponible em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2004/08/14/u-813177.htm>>. Acceso em: 3 jul. 2017.

_____. Pedro Lemebel: juego de máscaras. Entrevista concedida a Álvaro Matus. **El Mercurio**, Santiago, p. 6, 12 ago. 2005. (Revista de Libros, 849). Disponible em: <<http://www.letras.mysite.com/pl2609051.htm>>. Acceso em: 2 jul. 2017.

_____. Escritor y artista visual Pedro Lemebel: “es necesario liberar algunas perversiones”. Entrevista por Andrés Gómez. **La Tercera**, Santiago, 21 set. 2007, p. 44. Disponible em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0044739.pdf>>. Acceso em: 3 jul. 2017.

_____. Trazo mi ciudad. Capítulo 10: Pedro Lemebel. **Canal 13C**. Santiago, 2012a. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n21S1UQoMIA>>. Acceso em: 15 set. 2016.

_____. Pedro Lemebel: la voz de la periferia. Entrevista ao programa *Vuelan las Plumas*. **Radio Universidad de Chile**, Santiago, 01 jan. 2012b. Disponible em: <http://vlp-pro.altavoz.net/prontus_vlp/site/artic/20120101/asocfile/20120101215349/pedro_lemebel.mp3>. Acceso em: 24 jul. 2017.

_____. **Poco hombre**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

_____. Pedro Lemebel: “Mi escritura es estrategia de sobrevivencia más novelaría o letra de vitrina”. Entrevista por Hector Cossio. **El Mostrador**, Suplemento Cultura + Ciudad. Santiago, 23 jan. 2015. Disponible em: <<http://www.elmostrador.cl/cultura/2015/01/23/pedro-lemebel-mi-escritura-es->

estrategia-de-sobrevivencia-mas-que-noveleria-o-letra-de-vitrina/>. Acesso em: 3 jul. 2017. (Nota publicada originalmente em novembro de 2013).

_____. **Mi amiga Gladys**. 2. ed. Santiago de Chile: Seix Barral, 2017. (Biblioteca Breve).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. Campinas: Papyrus, 1989.

LIVRO DE RESUMO DO VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES. Gema/UFPE, Instituto PAPAI, IFF, Instituto Promundo e MenEngage Brasil. Recife: Editora UFPE, 2017.

LOPEZ MORALES, Berta. Tengo miedo torero, de Pedro Lemebel: ruptura y testimonio. **Estudios filológicos** [online]. n. 40, p. 121-129, set 2005. Disponível em: <http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17132005000100008&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0071-1713. Acesso em: 18 jan. 2017.

MACHADO, Laysa Carolina. Conversa pelo WhatsAap. 10 jun. 2016.

_____. **MoviMente: Mentas que Movimentam**. Quem TV Produções e Sindicato dos Bancários de Curitiba e região. Disponível em: <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=968933829916920&id=704295019714137&pnref=story>. Acesso em 9 jan. 2017.

MADAME Satã. Dir. Karim Aïnouz. Imagem Filmes. Brasil, 2002.

MARAMBIO, Soledad. Un día con Lemebel: Com Pedro por su casa. **El Mercurio**. Santiago, 15 feb. 2002, p. 26-30. (Suplement El Sabado). Disponível em: <<http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-215419.html>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

MASCULINIDADES. Orientações para apresentações nos GT. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=359>. Acesso em: 05 abr. 2017.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane Paris et al. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 273-294. (publicação virtual).

MELO, Bruno Leonardo Ribeiro de. O queer dá pinta no cinema: masculinidades abjetas expostas no cinema nacional. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 183, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MEMÓRIA CHILENA. Maquillaje, rabia y provocación: Pedro Lemebel (1952-2015). **Biblioteca Nacional de Chile**. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3651.html>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

MENEZES FILHO, Abel. **A trama da vida**. 2010. 228f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOIRA. Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo, 2016.

_____. A revolução precisa ser sexual. Entrevista por Milly Lacombe. **TPM**, #172, São Paulo, 25/09/2017. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-amara-moira-doutora-em-literatura-ex-prostituta-travesti-e-bissexual>>. Acesso em: 26 set. 2017.

MOLINA, Camila. Para adiar o fim do mundo. **Folha de S. Paulo**. 11/10/2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,bene-fonteles-resgata-ancestralidade-em-sua-ocataperaterreiro,10000081386>>. Acesso em: 22 maio. 2016.

MONSIVÁIS, Carlos. Pedro Lemebel: el amargo, relamido y brillante frenesí. In: LEMEBEL, Pedro. **La esquina es mi corazón**. Santiago de Chile: Seix Barral, 2004. p. 3-6.

MONTEIRO, Huarley Mateus do Vale. **Narrativas indígenas do Alto São Marcos/RR: diálogos para além das fronteiras do cotidiano escolar**. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, São Paulo. 2013.

MORALES, Alexis Cortés. La población La Victoria: Memoria heroica e identidad barrial. **Revista Rufián**. Santiago de Chile. Año 3. n. 13. Mar. 2013. Disponível em: <<http://rufianrevista.org/?portfolio=la-poblacion-la-victoria-memoria-heroica-e-identidad-barrial>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

MORALES T, Leonidas. Pedro Lemebel: gênero y sociedad. Aisthesis, **Revista Chilena de Investigaciones Estéticas**, n. 46. p. 222-235. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812009000200012>. Acesso: 15 set. 2016.

MORENO, Newton. Agreste. **Sala Preta**, São Paulo, v. 4, p. 97-104, 2004a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57140/60128>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

_____. Agreste: uma nostalgia das origens. Algumas/rápidas considerações sobre o processo criativo do texto Agreste. **Sala Preta**, São Paulo, v. 4, p. 93-96, 2004b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57139/60127>>. Acesso em: 16 out. 2017.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. **Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência a saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. 2011. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, 2011.

_____. Não tem volta! (Palestra). In: **Simpósio da rede de pesquisas em narrativas, gênero e política**, I. Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Mesa Redonda III, Narrativas e Cinema. Belo Horizonte, 2016.

MOVIMIENTO DE INTEGRACIÓN Y LIBERACIÓN HOMOSEXUAL – MOVILH.

Disponível em: <<http://www.movilh.cl/joven-es-atacado-e-insultado-por-su-orientacion-sexual/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. Programa do Museu D'ArtContemporani de Barcelona. La Bestia y el Soberano. Comisariada por Hans D. Christ, Iris Dressler, Paul B. Preciado y Valentín Roma. Exposición del 19 de marzo al 30 de agosto de 2015.

NOGUEIRA, Conceição. Conversa com a Conceição. Porto, 09 jun. 2015.

O CÉU de Suely. Dir. Karim Aïnouz. Videofilmes, Celluloid Dreams e Shotgun Pictures. Brasil, 2006.

OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caleira de. **Entre retalhos cotidianos, práticas discursivas e drogas: perspectiva ecologista de educação**. 2015. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2015.

OLIVEIRA, João Manuel. Conversa com João Manuel. Lisboa, 30 jul. 2015.

OLIVEIRA, Carolina Mesquita de. et al. Mulheres, travestis e transexuais: interseções de gênero em documentos de políticas públicas. In: KIND, Luciana. et al (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 87-88.

OLIVEIRA, Caroline. Atlas da violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas. **Carta Capital**, São Paulo, 05 out. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas>>. Acesso em 7 out. 2017.

OLIVEIRA, Francis Fonseca; SANTOS, Claudiene. Ser homem é ser machista... É pegar mulher? O que dizem jovens aracajuanos. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 85, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

OLIVEIRA, Ísis Fabiana de Souza. O significado do trabalho e do não trabalho na perspectiva masculina. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora

UFPE, p. 83, 2017. Disponível em:
<http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

OMELCZUCK, Rebeca Saldanha de Araújo et al. 200 anos de caleidoscópio. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 39, n. 3, e3602, 2017. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbef/v39n3/1806-1117-rbef-39-03-e3602.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

PELBART, Peter Pal. O terrorismo poético. Entrevista concedida a Heitor Ferraz. **Cult**, São Paulo, ano 18, n. 202, p. 10-15, jun. 2015.

PELBART, Peter Pál. Pelbart: tudo o que muda com os secundaristas. **Outras Palavras: Comunicação Compartilhada e Pós-Capitalismo**, 13/05/2016a. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

_____. Crises da democracia e insurreição. Entrevista com Peter Pál Pelbart. Entrevista concedida a Mário Francis Petry Londero, Luis Felipe Parise, Camila Braz da Silva e Simone Mainieri Paulon. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, 2016b. p. 4-11.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. In: **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2 p. 395-418 Jul.–Dez. 2012 – Dossiê Saberes Subalternos.

PEREIRA, Kátia Regina. **Cotidiano da creche Sabiá: ecologizando a educação infantil**. 2005. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo. 2005.

PLATERO, Raquel (Lucas). **Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada**. Temas contemporáneos. Edicions Bellaterra, Barcelona, 2012.

PLATERO, Raquel (Lucas). **Por um chato de vinho: historias de travestismo y masculinidad femenina**. Edicions Bellaterra, Barcelona, 2015a.

PLATERO, Raquel (Lucas). Lucas Platero: Antes los niños y niñas que rompían las normas eran mariquitas o marimachos. Entrevista a João França. **El diari del l'Educació**. Barcelona, 12 jan. 2015b. Disponível em: <http://www.eldiario.es/catalunya/Lucas-Platero-rompian-mariquitas-marimachos_0_344715843.html>. Acesso em: 23 jun. 2015.

POMAR, Clarinda. (coord.). **Guião de Educação Género e Cidadania**. 2º ciclo do ensino básico. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Lisboa, 2012.

PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga: a recuperação de matas ciliares**. 2004. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo. 2004.

PRECISAMOS falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero. Dir. Ian Leite, Luiza de Castro. ONU Mulheres, Papo de Homem. Brasil, 2015.

PROCURANDO Nemo. Dir. Andrew Stanton, Lee Unkrich. Pixar. 2003.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos**: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

_____. Pedagogia subterrânea: narrativas trans no cotidiano escolar. In: KIND, Luciana. et al (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 213.

PROYETO PATRIMONIO. Pedro Lemebel. Disponível em: <<http://www.letras.mysite.com/lemebel1.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

QUE horas ela volta? Dir. Anna Muylaert. Globo Filmes. Brasil, 2015.

QUINTEROS, Rodrigo Lara. Afectividad y corporalidad de varones jóvenes no heterossexuales que buscan vinculaciones sexoafectivas a través de aplicaciones de *dating gay*: primeros resultados de investigación. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 115, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2013.

RAMALHO, Fabio. A política do “desejo” de Pedro Lemebel. Pernambuco, Suplemento Cultural, **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, n. 103, p. 14-15, setembro de 2014. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_103_web.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2017.

RAMOS, Andréia Teixeira. O potencial político e pedagógico das narrativas das mulheres negras congueiras como prática de re/exis/tência ecologistas com os cotidianos escolares do congo de Roda D’água, Cariacica, ES. In: KIND, Luciana. et al (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 209-210.

RANNIERY, Thiago. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter**: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

_____. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, 2008. p. 61-69.

_____. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 1-06, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

_____. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016. p. 49-66.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

REUTLINGER, Christian. “Para mi la escuela significa amistad”, perspectiva de los niños sobre la escuela y el vecindario. Conferência de Encerramento. Trad. Cinthia Pacheco Moo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, I: (In)quietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais. Universidade de Sorocaba, 2016.

RIBEIRO, Leodir Francisco. **Por entre corpos, vidas e culturas: um (des)encontro entre a educação física escolar e a educação ambiental**. 2004. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo. 2004.

RIBEIRO, Marília Andrés. Bené Fonteles: um artista em defesa do “inteiro ambiente”. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 164-169, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20-2/07-bene-fonteles-um-artista-em-defesa-do-inteiro-ambiente-marilia-ribeiro.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

ROCHA, Pedro. Justiça cancela apresentação de peça que traz Jesus como mulher trans. **Estadão**, São Paulo, 16/09/2017. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,justica-cancela-apresentacao-de-peca-que-traz-jesus-como-mulher-trans,70002001631>>. Acesso em: 3 out. 2017.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini. Qualificação de doutorado – Eder Rodrigues Proença. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 19 set. 2017.

ROSA, Wendell Ferrari Silveira. et all. “Homem só atrapalha”: reflexões acerca do compartilhamento da decisão de abortar entre mulheres adolescentes de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p.120, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

RUFFATO, Luiz. **Entre nós**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. (Col. Língua Franca).

SANTHIAGO, Ricardo. À escuta de narrativas femininas: história oral e a expansão da experiência. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 85-100.

SANTOS, Érica Ramos Sarmet dos. **Sin porno no hay posporno**: corpo excesso e ambivalência na América Latina. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ. 2015.

SEMANA Internacional de Música de São Paulo. Mesa: Liberdade de gênero na Música. Youtube. São Paulo, 10/12/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ujsbS62ChI>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SILVA, Herbe de Souza. Realmente sou um livro aberto. Conte sua história. **Museu da Pessoa**. 16/12/2014. Disponível em <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/pessoa/herbe-de-souza-silva-98114>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SILVA, Sirley Vieira da. Trabalho, sexualidade e risco na vivência do pião trecheiro. In: GEMA/UFPE. et al. **Livro de resumo do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades**. Recife: Editora UFPE, p. 87, 2017. Disponível em: <http://www.masculinidades.org/download/download?ID_DOWNLOAD=8>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SILVEIRA, Eduardo. Encontros marginais: palhaço. Pesquisador. Sustentabilidade. **Linha Mestra**, Campinas, n. 24, p. 1062-1065, jan.-jul. 2014a.

_____. **Dissecações do corpo de um docente-artista em escrituras experimentais**. 2014. 395 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2014b.

SOUZA, Edgar. Sem título. 2000. In: **Instituto Inhotim**. Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/sem-titulo-2000-sem-titulo-2002-sem-titulo-bronze-5-2005-bronze>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

SOUZA FILHO, José Alves de. et al. As (trans)formações políticas de uma metamorfose: narrativas biográficas de Sílvia Cavalheri. In: KIND, Luciana. et al (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 181-182.

SPINK, Mary Jane Paris et al. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. (publicação virtual).

SPINK, Mary Jane Paris. O cotidiano como foco de pesquisa na Psicologia: o que há de novo nesse cenário? In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 173-184.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, Edição Especial, 2008. p. 70-77.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010.

TANGERINE. Dir. Sean S. Baker. Zeta Fimes. EUA, 2016.

TATUAGEM. Dir. Hilton Lacerda. Rec Produtores Associados. Brasil, 2013.

TÉLLEZ-PON, Sergio. Letras garabateadas com rouge. **Confabulario**, Santiago, 31 jan. 2015. Disponível em: <<http://confabulario.eluniversal.com.mx/letras-garabateadas-con-rouge/>>. Acesso em: 10 maio. 2017.

VIEIRA, Elisangela Aparecida. **A geografia e as representações sociais sobre o nordeste brasileiro**: um estudo com os/as estudantes do ensino fundamental de Sorocaba. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo. 2009.

VITÓRIO, Cristiane dos Santos de Souza; CATUNDA, Marta Bastos. Um/a adolescente infrator adentra o cotidiano escolar: um encontro ou desencontros? In: KIND, Luciana. et al (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 47-48.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O recado da mata. Prefácio. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015. p. 11-41.

VOLZ, Jochen; PRATES, Valquíria (orgs.). **Incerteza viva**: processos artísticos e pedagógicos: 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016b. Caderno Cosmologia e incertezas.

YEGUAS DEL APOCALIPSIS. Consejo Nacional de la Cultura y las Artes. **Gobierno de Chile**. 2015. Disponível em: <<http://www.yeguasdelapocalipsis.cl/>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

YANG, André Luiz Chaves. O processo de narrar-se como movimento de questionamento do tempo presente. In: KIND, Luciana. et al (orgs.). **Anais do I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política**: Narrativas com mulheres - experiências acadêmicas, profissionais e militantes. Belo Horizonte: PUC Minas/Clock-Book, 2016. p. 302.

YMÁ Nhandehetama. Dir. Armando Queiroz. Brasil, 2009.

ZIKA. Dir. Débora Diniz. Itinerantes Filmes. Brasil, 2016.

APÊNDICE A: imagens das idas e vindas da trajetória de pesquisa e do pesquisador



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Imagem 01. Escola não é prisão



Manifestação dos estudantes na escola em que lecionava – Sorocaba/SP – 16 out. 2013.

Imagem 02. Pedro Lemebel e Marcos Reigota



Pedro Lemebel e Marcos Reigota – Balada Literária – Centro Cultural de São Paulo, nov. 2013. Foto: Arquivo de Marcos Reigota.

Imagem 03. Cotidiano de um diretor de escola



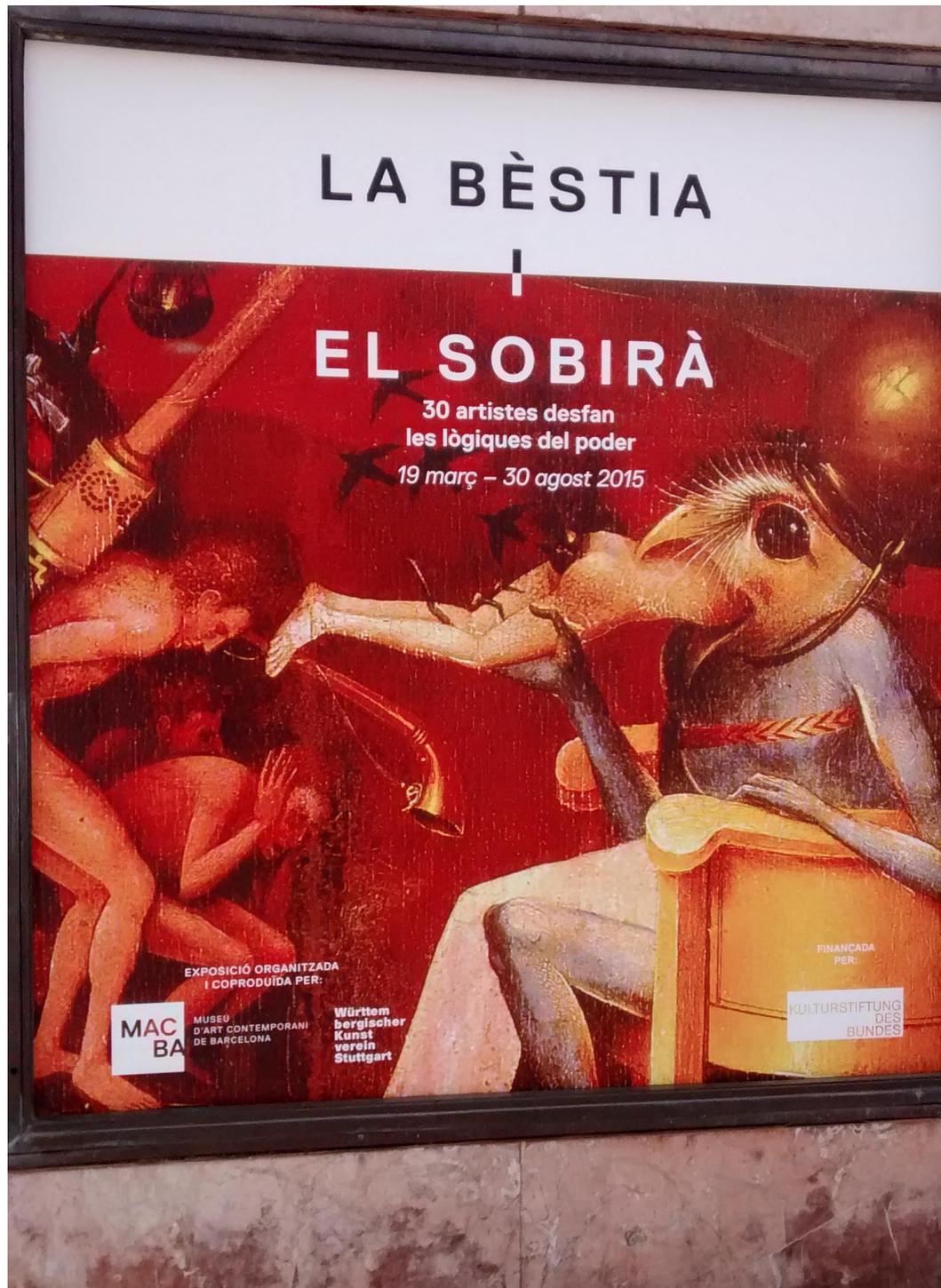
Cotidiano de um diretor de escola, apresentação no projeto “Circo”, CEI 20 “Victória Salus Lara” – Sorocaba/SP, mar. 2011. Foto: Vanessa Cristina Assumpção Bocardi.

Imagem 04. Nero



Nero em várias fases dos seus quatro anos. Fotos: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 05. Museu de Arte Contemporânea de Barcelona – Espanha



Cartaz da exposição “A besta e o soberano”, Museu de Arte Contemporânea de Barcelona – Espanha, 5 abr. 2015. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 06. Com o professor João Manuel de Oliveira



Encontro com o professor João Manuel de Oliveira, Café Noobai – Mirante do Adamastor – Lisboa – Portugal, 30 jul. 2015. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 07. Projeto “O quintal de nossa escola é maior do que o mundo I”



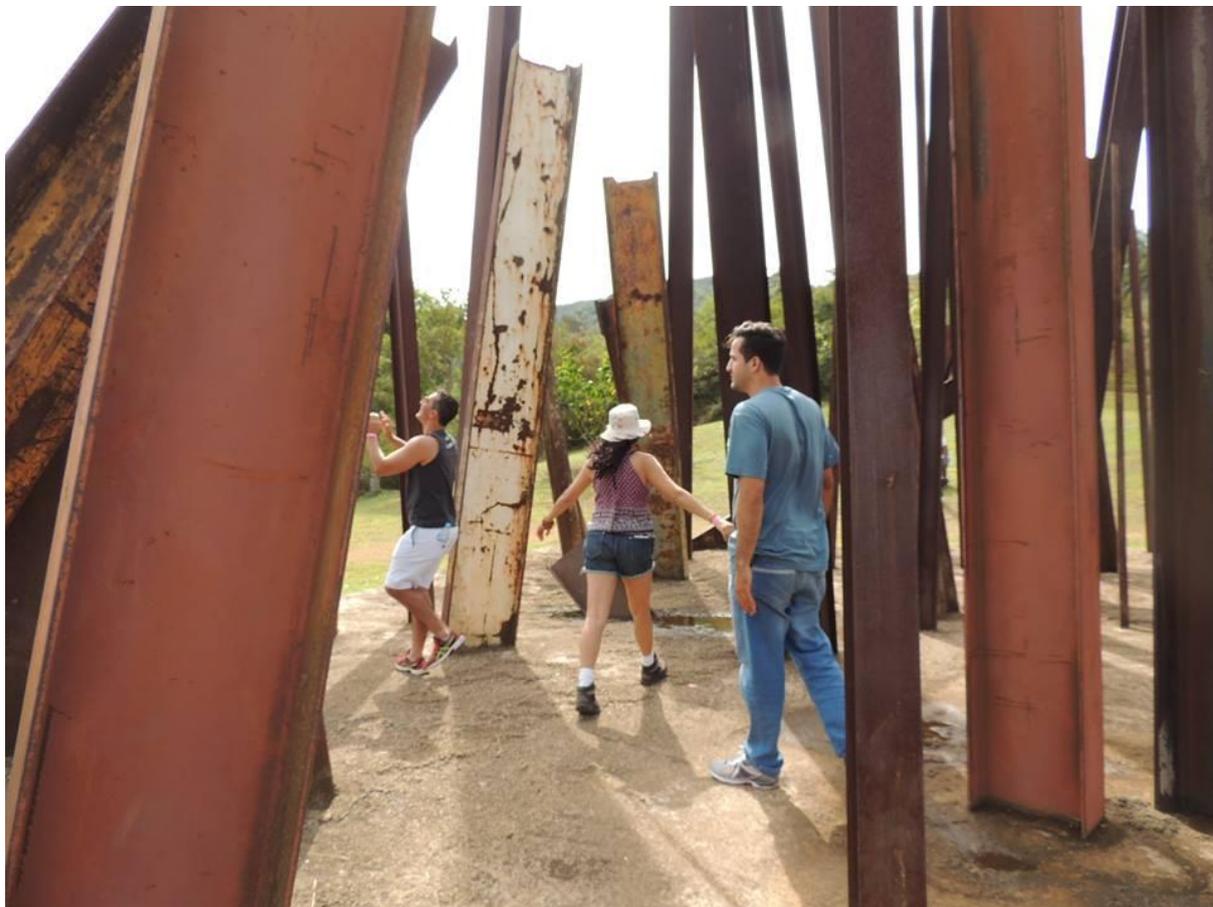
Crianças realizando a grafiteagem do muro da E.M. “Profª. Maria Domingas Tótor de Góes”, Sorocaba/ SP, no projeto “O quintal de nossa escola é maior do que o mundo”, realizado durante o segundo semestre de 2016.

Imagem 08. Projeto “O quintal de nossa escola é maior do que o mundo II”



Apresentação de teatro na E.M. “Profª. Maria Domingas Tótora de Góes”, Sorocaba/SP, na VI Festa da Família, conclusão do projeto “O quintal de nossa escola é maior do que o mundo”, realizado no segundo semestre de 2016.

Imagem 09. Instituto Inhotim I



Obra Bean Drop Inhotim, de Chris Burden, Brumadinho/MG, 3 set. 2016.
Foto: Cinthia Pacheco Moo.

Imagem 10. Instituto Inhotim II



Banco de tronco, Instituto Inhotim, Brumadinho/MG, 3 set. 2016.
Foto: estudantes que visitavam o parque.

Imagem 11. Instituto Inhotim III



Performatizando com a Obra de Edgard Souza, Instituto Inhotim, Brumadinho/MG, 3 set. 2016. Foto: Cristiane dos Santos de Souza Vitório.

Imagem 12. Ritmos de Pensamento na 32ª Bienal de São Paulo



Interagindo com as obras de Frans Krajcberg, Ritmos de Pensamento na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, 19 out. 2016.

Imagem 13. Professor Lupicínio Iñiguez-Rueda no I Congresso Internacional de Educação da Uniso



Conferência de abertura do I Congresso Internacional de Educação “Cotidiano Escolar: (in)quietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais” – PPGE/UNISO, Sorocaba/SP, 24 out. 2016.

Imagem 14. Sessão de conversa Minoridades no cotidiano escolar: experiências transnacionais no I Congresso Internacional de Educação da Uniso



Sessão de conversa mediada pelo Prof. Dr. Rodrigo Barchi, no I Congresso Internacional de Educação – PPGE/UNISO, Sorocaba, 25 out. 2016.

Imagem 15. Coruja pelo caminho



Uma das corujas buraqueiras no Centro Esportivo por onde passo nas caminhadas com o meu cachorro Nero. Sorocaba/SP, ago. 2017. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 16. Rodrigo Barchi



Ritmos de Pensamento: poéticas com as ecologias infernais e ruidosas, com Rodrigo Barchi no SESC Sorocaba, 17 maio 2017. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 17. Marcos Reigota, Bené Fonteles e Leandro Belinaso Guimarães



Ritmos de Pensamento, Movimentos de pensar: dimensão estética, ecológica e política da vida cotidiana, com Marcos Reigota, Leandro Belinaso Guimarães e Bené Fonteles, SESC Sorocaba, 24 maio 2017. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 18. Um olhar de criança no Quilombo Cafundó – Salto de Pirapora



Encontro com Bené Fonteles no Quilombo Cafundó, Salto de Pirapora/SP, 23 maio 2017. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 19. Cartaz da banda argentina Boom Boom Kid

Domingo 15 de Mayo
Puertas 19:00 Hs - Show 21:00 Hs

BOOM BOOM KID

"1er. show del año en capital!"

www.PalermoGroove.com

Cartaz doado pelo dono da livraria Metales Pesados, de Santiago do Chile ao professor Marcos Reigota, abr. 2017. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 20. Experimentações caleidoscópicas



Com Helder Floresta, testando imagens com o uso do caleidoscópio, Sítio Rosa dos Ventos, Distrito de Pocinhos, Caldas/MG, 18 ago. 2017. Foto: Márcio José Andrade da Silva.

Imagem 21. Linn da Quebrada na revista Vogue Brasil



LINN DA
QUEBRADA

Trans, drags, travestis, não binárias... tanto faz, embora muito faça. O importante, aqui, é ser quem se é. O movimento é poderoso. Música boa e representativa. "MPBT, de música popular brasileira trans, é apenas uma nomenclatura que a mídia criou para tentar nos enquadrar e deslegitimar a nossa música", pontua Linn da Quebrada, 27 anos, da Zona Leste de São Paulo. "Não falo apenas sobre gênero e sexualidade, eu grito sobre a nossa vida", continua, com o mesmo discurso embasado que permeia seus shows catárticos. Linn, voz e corpo de resistência, levanta bandeiras que nos são primordiais: inclusão, respeito, diversidade e diversão. "A minha pele preta é meu manto de coragem. Impulsiona o movimento. Envaidece a viadagem", canta em "Bixa Preta", música hino. As letras, que ela compõe e entoia, são provocativas e, por vezes, defendem as minorias das minorias. E o funk, ritmo principal, sua arma ritmada na quebra de paradigmas. "Minha música tem um vetor transfeminista, mas, qualquer que seja sua genitália, ela vale para o corpo. Quando me entendi corpo, me entendi trans. Não sou cantora, estou cantora, e uso a música como veículo. Atuo com meu corpo e falo de mim, mas quero que a mensagem ecoe em vidas que ainda não tenham noção de sua importância." Seu primeiro álbum, *Pujubá*, sai ainda este ano. Mas não só: *Corpo Elétrico*, filme do diretor Marcelo Caetano, estreia este mês com ela no elenco. Há ainda um documentário, *Bixa Travesty*, que tem Linn como atriz e roteirista. "Não somos pioneiras, apenas temos mais espaço porque tornou-se insustentável ignorar a nossa existência. A internet impulsionou o boom de artistas LGBTQ no *mainstream*."

De fato, é um boom. Ou você ainda não reparou no estardalhaço midiático que tem causado a drag Pablo Vittar, 22 anos? "Quando criança, eu pedia a minha mãe para me levar ao coral da igreja", relembra, com a mesma voz aguda que a fez cruzar todas as fronteiras do pop. Em 2016, tornou-se vocalista da banda do programa *Amor à Sexo*. Em 2017, "Todo Dia", dueto com o queer rapper Rico Dalasam, que entona o refrão chiclete "não espero o Carnaval chegar pra ser vadia, sou todo dia", foi a música mais executada do Carnaval. Some a isso um perfil recém-publicado na renomada revista americana *Billboard*, uma parceria com Preta Gil no clipe de "Respeita Meu Decote" e uma ida a Marrocos para estrelar "Sua Cara", clipe dela com Anitta e Major Lazer, sob direção de arte do carioca Giovanni Bianco, diretor criativo da *Vogue Itália*. "Nem o calor do deserto do Saara derruba a minha maquiagem", brinca ela, que assina o próprio make. Boa de performance, é rainha do YouTube - e dá-lhe milhões de views, com direito a séquito de fãs que se autointitulam os *Vittar Lovers*. No Instagram, com mais de 2 milhões de seguidores, ultrapassou RuPaul Charles, primeira artista drag a receber uma estrela na calçada da fama. Sucesso estrondoso para quem lançou apenas um álbum, o *Vai Passar Mal*, de 2017. Com rotina frenética, faz cerca de 20 shows por mês. Mas Pablo quer mais. Do alto dos seus 1,87 m (sem salto) e sobranceiras arqueadasíssimas, sonha em gravar com Ludmilla e Rihanna... "A 'lôka'! Nem tanto..." Sofri muito preconceito, mas conquistei meu espaço, comemora ela, que já trabalhou para marcas como Avon, Google, Chilli Beans, Skol, Apple, Absolut e Adidas.

Revista Vogue Brasil, ago. 2017, p. 184. Foto: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 22. Projeto “Parque da Paz”



Estudantes dos 5^{os} anos da E.M. “Prof^a. Maria Domingas Tótora de Góes”, intervenção no parque da escola após as reverberações da visita do professor Marcos Reigota na escola, out. 2017. Foto: Arquivo pessoal do autor.

ANEXO A: outras imagens



Foto: Camila Fontenele – Atravessamentos – 9 ago. 2017.

Imagem 01. Pedro Lemebel Manifesto *Hablo por mi diferencia*



Caracterização de Pedro Lemebel para a performance Manifesto *Hablo por mi diferencia*, realizada em 1986, na conferência dos movimentos de esquerda chilenos, em Santiago do Chile. Disponível em: <<http://www.latercera.com/noticia/arder-libro-reune-la-obra-visual-pedro-lemebel/>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Imagem 02. Pedro Lemebel em São Paulo



Ensaio de Pedro Lemebel para o caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*, 15 nov. 2013. Foto: Letícia Moreira. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1376025-autor-chileno-lemebel-critica-o-preconceito-em-alto-tom-apesar-de-cancer-que-afetou-a-sua-voz.shtml>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Imagem 03. *Las Yeguas del Apocalipsis*



As duas Fridas, 31ª Bienal de Arte de São Paulo, 2014. Disponível em:
<<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/28368-31-bienal-de-sao-paulo>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Imagem 04. OcaTaperaterreiro



Obra de Bené Fonteles, OcaTaperaterreiro, 32ª Bienal de Arte de São Paulo, 2016. Foto: Marcos Santos. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/cultura/as-incertezas-povoam-a-32a-bienal-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

Imagem 05. Bené Fonteles na OcaTaperaterreiro



Convidamos para o último ciclo de
“Conversas para adiar o fim do mundo”,
 rituais e vivências musicais e poéticas com
Bené Fonteles e convidados, em dezembro

Ágora: OcaTaperaterreiro

Térreo do Pavilhão da Bienal

INCERTEZA VIVA
 32ª BIENAL DE SÃO PAULO



Convite para as ativações da OcaTaperaterreiro, “Conversas para adiar o fim do mundo”, obra de Bené Fonteles na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/2016/12/questao-indigena-na-arte-contemporanea-conversa-com-jaidersbell-na-32a-bienal-de-sao-paulo/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

A questão indígena na arte contemporânea

com **Jaider Esbell** da etnia Macuxi e **Ana Leticia Penedo** falando sobre a obra de temática indígena de **Clécio Penedo**
 dia 6, terça, às 16h

Arte e comunidade III

com **Mônica Nador** e **JAMAC**
 dia 7, quarta, às 17h

Paulo Freire: Educação para libertação

uma homenagem a **Paulo Freire**
 convidada especial **Nita Freire**
 e a obra “Educação para adultos”
 de **Jonathas de Andrade**
 dia 8, quinta, às 17h

Arte e comunidade IV

Esteloi: uma experiência coletiva na
 Bienal da Bahia 2014 e Bienal de Montevideo 2016
 com **Maxim Malhado**
 dia 9, sexta, às 17h

O povo brasileiro: misturas e mestiçagens

Uma homenagem a **Darcy Ribeiro**
 com **Isa Grispum Ferraz**
 dia 10, sábado, às 17h
 Convidado especial **Álvaro Tukano**

“Poemas e canções para pescar almas”

Recital com **Bené Fonteles**
 dia 11, domingo, às 17h
 Convidado especial **Chica Sérgio**

Imagem 06. Professora Laysa Carolina



A professora Laysa Carolina e estudantes da E.E. "Chico Mendes, em São José dos Pinhais/PR, onde foi eleita por duas vezes consecutivas, diretora de escola. Foto: Arquivo do Facebook de Laysa Carolina. Disponível em: < <https://www.facebook.com/laysa.carol.>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Imagem 07. Professora Herbe de Souza



Professora Herbe de Souza. Arquivo do Facebook de Herbe de Souza. Disponível em: <<https://www.facebook.com/herbe.desouza>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Imagem 08. Estagiária Giuliana Iuliano



Estagiária Giuliana Iuliano visitando as crianças que acompanhou durante o ano de 2016. Arquivo do Facebook de Giuliana Iuliano. Disponível em: <<https://www.facebook.com/giulianai>>. Acesso em: 17 ago. 2017.